ARTUR H. F. BARCELOS

ESPAÇO & ARQUEOLOGIA NAS MISSÕES JESUÍTICAS

O CASO DE SÃO JOÃO BATISTA



ESPAÇO & ARQUEOLOGIA NAS MISSÕES JESUÍTICAS

O CASO DE SÃO JOÃO BATISTA

©Artur H. F. Barcelos, 2026

B242e Barcelos, Artur H. F.
Espaço & Arqaeologia nas missões jesuíticas: o caso de São João Batista / Artur H. F. Barcelos – 2. ed. – Santa Maria, RS : Rio das Letras, 2026.
400 p : il. ; 14 x 21 cm

ISBN: 978-65-5484-078-1

1. Arqueologia – Rio Grande do Sul 2. Missões jesuíticas 3. São João Batista (RS) I. Título

CDU 902

Ficha catalográfica elaborada por Eunice de Oliveira – CRB 10/1491

Contato com o autor: +55 53 8116-9449

400 anos Missões Jesuíticas Guaranis

Coletânea de livros clássicos missioneiros

Esta obra é parte da coleção de obras clássicas reeditadas sobre a temática missioneira numa iniciativa do governo do Estado do Rio Grande do Sul e integra as comemorações dos 400 anos das Missões Jesuiticas Guaranis, celebrados em 2026.
A coordenação é da Secretaria de Estado da Cultura (Sedac), por meio do Instituto Estadual do Livro (IEL) e do Sistema Estadual de Bibliotecas Públicas (SEBP).

Sistema Estadual de Bibliotecas Públicas

Instituto Estadual do Livro

GOVERNO DO ESTADO
RIO GRANDE DO SUL

editorariodasletras@gmail.com
Rua André Marques, 255 - Centro - Santa Maria - RS - CEP: 97010 041

Impresso no Brasil, 2026
Gráfica Pallotti - Santa Maria - RS

ARTUR H. F. BARCELOS

ESPAÇO & ARQUEOLOGIA NAS MISSÕES JESUÍTICAS

O CASO DE SÃO JOÃO BATISTA

2026

"As casas vivem e morrem
Há um tempo para construir
e um tempo para viver e conhecer
e um tempo para o vento estilhaçar as
trêmulas vidraças e sacudir o lambril
onde vagueia o rato silvestre..."

T.S. Eliot, East Coker

Agradecimentos

Após sete anos de envolvimento com as pesquisas do projeto Arqueologia Histórica Missioneira, é difícil fazer o reconhecimento devido a todos aqueles que auxiliaram em minhas atividades no campo da arqueologia e da historia. Porem, é preciso agradecer a algumas pessoas sem as quais a concretização deste trabalho não teria sido possível. Sendo assim agradeço imensamente:

Ao curso de Pós-Graduação em Historia da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul e suas Secretárias Carla e Rosana, e Márcia do CEPA, que extrapolam suas funções profissionais em nome da amizade.

Aos colegas Fernanda Severo e Cézar Killing, companheiros nas incursões pelo mundo das imagens e, principalmente, Newton Carneiro, além de colega, um amigo e companheiro de lutas.

À Prof. Drª. Lizete Dias de Oliveira, por compartilhar o gosto pela fotografia e a pesquisa histórica e pela localização da Ilustração BNPF em Paris, documento este fundamental para a execução deste trabalho.

Ao Prof. Dr. Moacyr Flores pelas informações e dicas de bibliografia e documentação.

Ao Prof. Dr. Klaus Hilbert pelo apoio e pelas aulas e trabalho de campo, que serviram para uma formação mais precisa para as reflexões espaciais.

Ao Prof. Dr. P. A. Mentz-Ribeiro por todas as dicas que seguiram após sua apreciação do trabalho de dissertação que deu origem a este livro.

Ao Prof. Dr. José Brochado por toda a paciência em me relatar suas campanhas de campo em São João Batista na década de 60, e pela possibilidade de aprofundar os conhecimentos sobre as culturas andinas.

Ao Prof. Dr. Rafael Carbonell de Masy, pelas importantes reflexões sobre o espaço das Reduções e as dicas para esta pesquisa.

Ao Prof. Arquiteto Norberto Levinton, pelo auxilio no acesso à documentação original sobre São João Batista constante nos arquivos históricos da Argentina e do Chile.

Ao meu amigo Leandro Boeira, que emprestou seu talento gráfico para os croquis e plantas elaboradas para a pesquisa.

Ao Sr. Elói, zelador de São João Batista, que acompanhou o Fieldwalking nos arredores desta Redução.

Ao colega Cláudio B. Carle, pela facilitação do acesso à documentação sobre São João Batista nos arquivos do IPHAN.

A minha mãe, Marilda Barcelos, e minhas irmãs Andréa e Rose e seus familiares, que me apoiaram integralmente em todos os momentos de minha vida acadêmica e profissional.

Ao Prof. Dr. Arno Alvarez Kern, que transformou a palavra professor em sinônimo da palavra amigo.

Àquelas pessoas que por ventura não foram lembradas, minhas desculpas acompanhadas do mais sincero agradecimento. Todos os pontos positivos deste trabalho são fruto da colaboração destes amigos, professores, colegas e familiares. Os erros, que com certeza existem, são de minha responsabilidade.

Artur H. Franco Barcelos.

Sumário

Sobre esta nova edição 13
Prefácio 15
Apresentação 19
Introdução 21

1. A Arqueologia nas Missões Jesuíticas 36
1.1. A Arqueologia Espacial e os sítios arqueológicos missioneiros .. 36
1.2. A Arqueologia Espacial: uma revisão necessária 36
1.3. A Arqueologia Espacial: o alcance da teoria 33
1.4. A Arqueologia Espacial e o contexto nos sítios missioneiros 48
1.5. A Arqueologia Espacial e o Patrimônio Histórico 52

2. Geografia e sociedade na construção do espaço 57
2.1. O espaço natural ocupado pelos Guaranis 58
2.2. Elementos do espaço natural ocupado pelos Guaranis 60
2.2.1. Relevo 60
2.2.2. Hidrografia 61
2.2.3. Hidro-climatologia 62
2.2.4. Vegetação 63
2.3. Guaranis: os conquistadores da floresta subtropical 69
2.3.1. A organização do espaço Guarani 70
2.3.2. Crise ecológica ou determinação cultural? 74
2.4. A Conquista religiosa e a construção de um
novo espaço geográfico para os Guaranis 77
2.4.1. As Reduções Jesuíticas 80
2.4.2. Jesuítas e Franciscanos: ações semelhantes,
resultados diferentes 87
2.4.3. Território e população 92
2.5. O espaço Missioneiro Jesuítico-Guarani 102

3. O espaço das Reduções 111
3.1. Condições para a localização 115
3.2. O urbanismo nas Reduções 121

3.2.1. Os povos franciscanos do Paraguai 122
3.2.2. A Doutrina de Juli..... 123
3.2.3. As Leis das Índias 130
3.2.4. Um urbanismo pragmático 135
4. Aspectos urbanos nas Reduções e o caso de São João Batista 145
4.1. Espaço urbano construído 156
4.1.1. A Igreja 156
4.1.2. O conjunto Pátio dos Artífices e Claustro 164
4.1.3. O Cemitério 172
4.1.4. O Cotiguaçu 177
4.1.5. O Cárcere 181
4.1.6. A Quinta 182
4.1.7. Casas dos índios 184
4.2. Espaço urbano de circulação 200
4.2.1. A Praça 200
4.2.2. Ruas 204
4.2.3. Subterrâneos 208
4.2.4. Saneamento Hidráulico 211
4.2.5. Áreas de deposição de dejetos 213
4.2.6. Bairros 215
5. Aspectos rurais nas Reduções e o caso de São João Batista 219
5.1. Recursos Hídricos 220
5.1.1. As Fontes de Água 220
5.1.2. O Arroio Lajeado do Moinho 226
5.1.3. Moinhos d'água 226
5.1.4. Açudes 227
5.2. Currais 229
5.3. Fornos e Olarias 238
5.4. Pedreiras 247
5.5. Tambos e Hospedarias 251
5.6. Armazéns 252
5.7. Hospitais 253
5.8. Caminhos 256
5.9. Pontes 268
5.10. Portos 270

5.11. Capelas 266
5.12. Hortas e Roças 275
5.13. Ervais 287
5.14. Vacarias e Estâncias 294
6. A desestruturação do espaço missioneiro 309
Conclusão 323
Anexos 331
Ilustrações 335
Referências Bibliográficas 387

Sobre esta nova edição

Em 1995 eu iniciei a pesquisa sobre o sítio arqueológico da antiga Redução Jesuítica de São João Batista. O lugar já havia sido objeto de estudos arqueológicos anteriores. Contudo, me parecia que faltava algo, uma outra forma de interpretar o que a paisagem atual revelava sobre a São João Batista do século XVIII. E foi por essa razão que optei por um estudo espacial. Os anos 90 do século XX foram marcados por algo que mais tarde ganharia o nome de spatial turn, o "giro espacial" ou "virada espacial".

Essa tendência representou uma importante mudança teórica e metodológica nas ciências humanas, especialmente na História, na Geografia, na Antropologia e na Arqueologia. Até então, muitos estudos históricos privilegiavam abordagens centradas no tempo, na cronologia e nos acontecimentos políticos ou econômicos, tratando o espaço apenas como um cenário passivo onde os fatos ocorriam. A virada espacial rompeu com essa perspectiva ao defender que o espaço, a paisagem e o território devem ser compreendidos como elementos ativos na construção das experiências humanas e das relações sociais.

O espaço passou a ser entendido não apenas como uma dimensão física ou geográfica, mas como uma construção social carregada de significados culturais, políticos e simbólicos. Assim, conceitos como "paisagem", "territorialidade", "lugar" e "memória espacial" ganharam centralidade nos estudos históricos e arqueológicos. A distinção entre "espaço" e "lugar" tornou-se fundamental: enquanto o espaço seria uma dimensão abstrata e geométrica, o lugar passou a ser visto como um ambiente vivido, marcado por experiências, identidades e memórias coletivas.

Na Arqueologia, a virada espacial contribuiu para o fortalecimento da chamada arqueologia da paisagem, que investiga de que maneira as sociedades do passado transformaram seus ambientes naturais e construíram territórios organizados segundo interesses po-

líticos, econômicos e religiosos. Monumentos, caminhos, sistemas agrícolas, aldeamentos e redes urbanas passaram a ser analisados não apenas como estruturas isoladas, mas como partes de uma organização espacial mais ampla. Dessa forma, a paisagem deixou de ser entendida apenas como pano de fundo e passou a ser interpretada como evidência histórica capaz de revelar relações de poder, formas de ocupação territorial e experiências sensoriais das populações antigas.

Minha pesquisa foi influenciada por essa reaproximação entre História e Geografia, ao ter contato com as ideias da Geografia Cultural. Me propus então a usar conceitos da geografia, aplicados sobre um objeto da paisagem atual, o sítio arqueológico de São João Batista. Na época, tratei de demarcar o que se discutia em termos de Arqueologia Espacial e Arqueologia da Paisagem. De lá para cá, revi muitas das ideias teóricas que utilizei. Mas optei por não alterar nesta nova edição minhas reflexões teóricas, pois elas refletem as leituras que fiz na época em que o trabalho estava sendo desenvolvido.

Agradeço a oportunidade de ter meu livro reeditado justamente quando ocorre a efeméride dos 400 anos da chegada do jesuíta Roque González de Santa Cruz ao antigo Tape, território Guarani situado em parte do atual Rio Grande do Sul. Depois de quase três décadas da publicação original desse livro, percebo que ainda há muito por ser pesquisado acerca da dimensão espacial e territorial que as Missões Jesuíticas com os Guarani alcançaram nos séculos XVII e XVIII na região platina. Espero que minhas ideias possam ainda incentivar a continuidade e o aprofundamento desse que foi um dos fenômenos mais instigantes entre as muitas transformações ocorridas com as sociedades indígenas no período colonial na América.

Artur H. F. Barcelos

Prefácio

A arqueologia tem dado origem a uma importante produção intelectual voltada para a reconstituição do passado histórico, a partir da revalorização dos elementos materiais da cultura, hoje considerados como importantes fontes documentais. Entretanto, esta produção tem também se ampliado ao explorar o espaço, não apenas do sitio arqueológico mas também de seu entorno. O presente trabalho de pesquisa, de Artur H. F. Barcelos, sobre a arqueologia espacial das Missões Jesuítico-Guaranis, é uma evidencia desta importante contribuição, no campo da arqueologia histórica da expansão ibérica colonial.

Um longo e complexo processo separa os dois extremos da série de operações técnicas, metodológicas e teóricas, desenvolvida pelos arqueólogos. Ela se inicia com as atividades de campo junto ao sitio arqueológico e se encerra com a publicação dos resultados. Esta longa seqüência de gestos técnicos, de penosos encaminhamentos metodológicos e de controversas posições teóricas, é que constitui este saber próprio que se denomina "Arqueologia". Este percurso não esta livre de debates e confrontos entre as posições que assumimos neste amplo e controverso território palmilhado pelos arqueólogos. Muitos de nós não admitem uma definição de arqueologia que não esteja intimamente associada à própria escavação do sitio arqueológico. Neste sentido, uma pesquisa sobre o espaço urbano e rural da redução de São João Batista que engloba a analise de centenas de metros quadrados de uma área que nunca foi integralmente escavada, poderia ser definida como arqueologia? Poder-se-ia aceitar então a idéia de uma arqueologia contextual, cujo objetivo é considerar toda a área ocupada por dezenas de sítios arqueológicos missioneiros?

A Arqueologia, na expressão unânime de seus praticantes, se julga hoje capaz de fazer muito mais do que escavar um sitio arqueológico. Não é, também, apenas uma serie de ações capaz de aplicar pura e simplesmente o seu conjunto de técnicas para o desenvolvimento do

patrimônio cultural do passado. Nem mesmo concorda em assumir um papel de ciência auxiliar e de limitar-se a ser uma fornecedora de evidencias culturais do passado que servirão de apoio às interpretações dos historiadores e antropólogos. Julgamos que nossas pesquisas são capazes de produzir um saber próprio e que a arqueologia é uma das ciências do homem, capaz de nos oportunizar uma abordagem coerente sobre as sociedades do passado, a partir das evidencias que estas produziram ao agir sobre materiais tão diversos como a argila, a pedra ou o próprio espaço. A publicação destes resultados das pesquisas realizadas sobre o espaço missioneiro o comprovam. Trabalhos científicos teoricamente orientados, como este, nos demonstram como a Arqueologia pode ser capaz de produzir um saber diferente daquele dos historiadores, dos antropólogos ou dos sociólogos, ao decodificar, organizar e interpretar as inúmeras e variadas informações que se materializaram como evidencias das ações sociais do passado.

Sabemos que uma pesquisa se caracterizará por escolhas e decisões teóricas e metodológicas que dependem dos objetivos definidos fundamentalmente pelo problema cientifico que pretendemos resolver. Isto significa não apenas procurar soluções para as questões ainda não solucionadas, mas também para as perguntas ainda não formuladas, como bem destaca Artur Barcelos na introdução de seu trabalho. Paul Veyne afirmou certa vez que o nosso primeiro dever, ao desenvolvermos uma pesquisa, não é a analise da temática mas a sua invenção[1]. "Inventer un sujet", na língua francesa, não é criar uma obra de ficção, mas sim definir um tema e precisar os limites de uma problemática. O presente trabalho de pesquisa, ao propor as abordagens da arqueologia espacial para esclarecer questões relativas ao espaço rural e urbano missioneiro, nos mostrou uma contribuição original nas possibilidades de interpretação destas sociedades do passado.

Uma constatação que podemos fazer hoje, é a de que os arqueólogos estão desbravando novos terrenos, abrindo novas perspectivas ao seu conhecimento, nesta jovem ciência em construção. Esta afirmação, é confirmada, quando percebemos a importância dos trabalhos de arqueologia histórica colonial. A busca de novos documentos

1. "*Lê premier devoir d'un historien n'est de traiter son sujet, mais de l'inverter*". VEINE, Paul. *Comment on écrit l'histoire.* Paris, Editions du Seuil, 1976.

e de uma nova erudição são passos fundamentais para a resolução dos novos problemas propostos. Não existiria assim apenas *uma* arqueologia, mas somente *um* oficio de arqueólogo, sendo *a Arqueologia* a soma de todas as arqueologias possíveis.

Justamente com o historiador ou o arquiteto, que se propõem a desvelar uma historia do povoamento da região, ou uma analise do urbanismo ibérico ou colonial americano, o pesquisador que se volta para os sítios arqueológicos históricos missioneiros, parte de uma nova erudição e uma nova documentação, para os seus estudos. Foi assim que se definiu esta nova temática e se abriu uma nova frente de pesquisas, sobretudo para a compreensão da ocupação dos espaços coloniais.

Edgar Morin nos alerta para o fato de que todo o conhecimento científico opera ora pela seleção de dados significativos, ora pela rejeição de dados considerados não significativos, ora hierarquizando, comparando, separando ou unindo as informações. Do ponto de vista metodológico, percebe-se no trabalho desenvolvido, as dificuldades encontradas para a realização destas operações de seleção, rejeição, separando e unindo informações. Os resultados são, entretanto, plenamente satisfatórios para a resolução dos problemas encontrados.

Fundada em 1697, a redução de São João Batista comemorou 300 anos. Este fato confere à presente pesquisa um valor inesperado.

Podemos perceber que, no mesmo momento em que a sociedade missioneira reinterpreta o sentido deste processo de 300 anos, em meio a algumas eventuais comemorações, o esforço científico da analise desta pesquisa termina se transformando em um poderoso auxiliar político da memória. O objetivo inicial da pesquisa foi o de cumprir um programa arqueológico segundo as normas estabelecidas pelo atual estado do desenvolvimento desta ciência. Entretanto, ao se inserir nos quadros da sociedade atual, estas páginas novas de uma memória ainda pouco conhecida, passam a ter um outro significado, na ação de rememoração deste passado de três séculos.

Os arqueólogos acreditam no rigor de suas classificações e na precisão de seus métodos. Não podem, entretanto, ignorar a dependência que temos de nossas experiências pessoais e nossas intuições. Afirma-se que, por serem elementos aleatórios e imprevisíveis, elas não podem ser explicitadas na publicação dos resultados. É necessário

reconhecer que este modelar trabalho de pesquisa que Artur Barcelos nos apresenta se limita a demonstrar as suas qualidades e sua competência na resolução dos problemas científicos propostos. É necessário, entretanto, reconhecer na pesquisa arqueológica a sua parte de emoção e o prazer da realização de alguns gestos técnicos e de ações metodológicas. O trabalho de pesquisa que temos diante de nós, deveria também registrar a fadiga das longas caminhadas pelo sitio arqueológico, em meio à vegetação e sob o céu azul; os receios do vôo arriscado para a obtenção de fotos aéreas e a alegria da descoberta do vestígio arqueológico em um lugar inesperado; a curiosidade da releitura da paisagem que se observa através das lentes da câmara fotográfica; a minuciosa leitura iconográfica de um documento colorido inédito que se desvela diante dos olhos; as pequenas alegrias das conversas intermináveis sobre o significado das informações encontradas nos documentos escritos ou materiais; e a reciprocidade satisfeita das trocas de idéias compartilhadas. Então são experiências e emoções que se registram na memória, mas que assinalam também os passos da investigação.

Algumas vezes o prazer da descoberta é pessoal, outras vezes compartilhado com os demais membros da equipe de arqueologia.

Um trabalho de pesquisa passa a ser, assim não apenas um volume de texto acompanhado por dezenas de documentos gráficos e fotográficos, mas também parte de nossa carne e de nosso sangue, eternamente registrado no interior de nossas circunvoluções cerebrais e na memória de nossos amigos e companheiros de jornada.

Arno Alvarez Kern

Apresentação

Os povoados que foram construídos pelos índios Guaranis junto aos missioneiros da Companhia de Jesus na região platina entre os séculos XVII e XVIII, significaram uma experiência impar na colonização européia da América do Sul. Estes antigos povoados, denominados Reduções, ocuparam uma extensa área em regiões que hoje compreendem os territórios do sul do Brasil, do noroeste argentino e leste de Paraguai, bem como parte do território uruguaio. Com uma distribuição espacial que combinava áreas urbanas e áreas rurais, seus vestígios arqueológicos são mais expressivos nos locais onde ocorreram estruturas arquitetônicas de caráter urbano. No entanto, suas áreas rurais constituíram importantes setores de produção e reprodução da vida material e social destas comunidades. Uma serie de trabalhos foram realizados em sítios arqueológicos de remanescentes destas Reduções jesuíticas, sobretudo nas áreas urbanas. Intervenções arqueológicas ocorreram também nos sítios arqueológicos localizados na Argentina e no Paraguai.

Atualmente, a arqueologia tem dado uma maior importância às preocupações de caráter espacial. Isto se dá pelo duplo aspecto, urbano e rural, da ocupação do espaço nestas Reduções. Neste sentido, o estudo das Reduções jesuíticas é visto a partir dos pressupostos teóricos e metodológicos da Arqueologia Espacial. Este livro tem por objetivo apresentar algumas possibilidades da Arqueologia Espacial no esclarecimento de questões relativas ao espaço missioneiro como um todo, visto a partir de suas unidades básicas, as Reduções. O estudo baseia-se no levantamento do espaço da Redução de São João Batista, cujo sitio arqueológico encontra-se na região noroeste do Rio Grande do Sul. Para realizar os levantamentos nas áreas urbanas e rurais propõe-se uma abordagem espacial, que leve em conta as contribuições das informações geográficas, topográficas, cartográficas, bibliográficas, etc. Desta forma, o trabalho busca uma visão mais abrangente e interdisciplinar do espaço missioneiro.

Este livro não contém toda a documentação iconográfica que foi utilizada para a realização da dissertação de mestrado "Espaço e Arqueologia nas Missões Jesuíticas: o caso de São João Batista." No entanto, esta documentação pode ser consultada no volume II da dissertação que encontra-se no CPGH – PUCRS. Algumas destas ilustrações encontram-se no final deste livro.

Introdução

Uma questão como ponto de partida: quais as perguntas sobre as missões jesuíticas não foram respondidas? Invertendo-se esta questão, pode-se vê-la sob outro ângulo: quais as perguntas sobre as missões jesuíticas ainda não foram formuladas? Com este caráter antes interrogativo do que conclusivo, apresenta-se este livro. Com efeito, há algum tempo, as mais diferentes áreas do conhecimento têm realizado estudos e analises sobre esta temática. Desta forma, historiadores, geógrafos, antropólogos, sociólogos, etc., têm dirigido suas atenções para aspectos diversos a este respeito. Também a arqueologia demonstrou um interesse particular no estudo dos sítios arqueológicos resultantes das antigas Reduções Jesuíticas. Isto ocorre não apenas no Brasil, mas também na Argentina, Uruguai e Paraguai, países diretamente ligados a este capítulo da história da região platina. A multiplicação de publicações acelerou-se nas duas últimas décadas nestes países, bem como a realização de congressos específicos a nível nacional e internacional.

No entanto, o conhecimento produzido até este momento permite a abertura de novas possibilidades de pesquisa. Sobretudo, no que diz respeito ao espaço missioneiro e suas relações com a arqueologia. Os integrantes do projeto Arqueologia Histórica Missioneira, desenvolvido desde 1985 (Kern: 1988), tem demonstrado uma preocupação constante com estas questões. Esta preocupação levou a uma aproximação com os aspectos teórico-metodológicos da Arqueologia Espacial. Nesta perspectiva insere-se a análise do espaço missioneiro, visto a partir do que se entende por suas unidades básicas, as Reduções.

A Arqueologia Espacial postula métodos que são apropriados à realidade atual dos sítios arqueológicos missioneiros. De certa forma, é possível identificar-se três tipos de situações para estes sítios. Algumas Reduções transformaram-se em municípios modernos, cujas estruturas se sobrepuseram aos vestígios arqueológicos, dificultando as intervenções arqueológicas. Este seria o caso de cidades como

São Borja, São Luis Gonzaga, Encarnación, Santo Tomé, etc. Outras se transformaram igualmente em municípios, no entanto conservaram parte dos vestígios arqueológicos expostos, como o caso de São Miguel das Missões, São Nicolau, Santa Rosa, no Paraguai, etc. um terceiro caso seria o de Reduções que passaram por um processo de desestruturação e, no entanto, não chegaram a constituir municípios.

Desta forma, os vestígios arqueológicos encontram-se ainda a descoberto, permitindo intervenções mais consequentes. Neste caso estariam São Lourenço Mártir, Santíssima Trinidad, Santana, São João Batista, entre outras. Mesmos nestes casos em que as pesquisas arqueológicas tornam-se mais visíveis, existe o problema da restauração e conservação dos remanescentes arquitetônicos. Sendo assim, ocorrem também limitações para as intervenções.

Esta situação faz com que projetos de pesquisa que pressupõem campanhas de campo em grandes áreas sejam de difícil implantação. Isto não significa, no entanto, que a arqueologia tenha sua atuação totalmente limitada. É neste particular que se enquadram os estudos espaciais. Buscar a interação entre diferentes fontes de informação, que não apenas aquelas resultantes de escavações, torna-se uma necessidade presente para a arqueologia nas missões. A atuação da arqueologia volta-se então, para outras formas de abordagem dos sítios arqueológicos. Abordagens que permitam analisar o espaço destes sítios com base em levantamentos de informações oriundas de diferentes matizes documentais.

Os limites deste livro impõem cortes em uma temática relativamente extensa. Diante do exposto, o objetivo deste trabalho é realizar um levantamento do espaço missioneiro ao nível das Reduções, tomando como estudo de caso o sitio arqueológico da Redução de São João Batista, a partir dos métodos propostos pela arqueologia espacial. Este sítio arqueológico, como dito acima, encontra-se em uma área pouco povoada, no interior do município de Entre-Ijuís, região noroeste do Estado do Rio Grande do Sul. Alem desta situação e das vantagens derivadas da mesma, seu estudo deve-se também à existência de fontes documentais apropriadas, tanto escritas, quanto iconográficas e arqueológicas.

Sendo assim, a metodologia empregada para esta abordagem baseia-se em levantamentos de informações constantes na documen-

tação escrita, dados geográficos, topográficos, cartográficos e iconográficos, alem daqueles resultantes de intervenções arqueológicas ocorridas em São João Batista nos últimos anos. As fontes escritas dizem respeito principalmente aos trabalhos de cronistas como o Padre Antonio Sepp (Sepp, 1958, 1973,1980), responsável pela fundação da Redução, e outros autores dos séculos XVIII e XIX, como José Cardiel (Cardiel, 1984, 1994) Félix de Azara (Azara, 1990), Auguste de Saint--Hilaire (Saint-Hilaire, 1974), Robert Ave-Lallemant (Ave-Lallemant, 1980), entre outros. Alem disto, conta-se com a documentação constante em arquivos latino-americanos[1] respectiva a São João Batista. Como subsidio à pesquisa encontram-se diversas publicações sobre a temática das missões em geral e o espaço missioneiro em particular.

A documentação iconográfica baseou-se, sobretudo, em duas ilustrações da Redução de São João Batista, constantes nos acervos do Archivo General de Simancas, Espanha,[2] e da Biblioteca Nacional de Paris, França.[3] Somam-se a estas duas, outras iconografias produzidas durante e após o período jesuítico das reduções. Inclui-se entre a documentação iconográfica, alguns exemplares da cartografia histórica missioneira, sobretudo no que diz respeito à localização espacial das Reduções, os caminhos, a hidrografia, as estâncias, etc.

Procurou-se utilizar as iconografias como fonte documental e ao como meros artifícios ilustrativos para o trabalho. Estas abordagens vêm sendo adotadas por pesquisadores do projeto Arqueologia Histórica Missioneira (Kern, 1996 e Oliveira, 1993). Da mesma forma, foram tratadas as fotografias, croquis e plantas incluídas no mesmo.

Os trabalhos de prospecção realizados em São João Batista, São Miguel Arcanjo, São Lourenço Mártir, entre outros, tiveram como objetivo principal a localização e identificação de estruturas situadas nos arredores dos antigos núcleos urbanos das Reduções. Os sítios arqueológicos de algumas Reduções localizadas em território de países

1. *Relación de lo adelantado a beneficio de esta comunidad en este año. San Juan, 31 de dezembro de 1791 e de fevereiro de 1792. Administrador Nicolás de Atienza*. ARCHIVO GENERAL DE LA NACIÓN AGN, sala IX, 17-3-6; e ARCHIVO GENERAL DE CHILE, fondo de jesuitas, vol 140.

2. ARCHIVO GENERAL DE SIMANCAS, *Mapas, plano y dibujos XXIX, años 1503-1805, Vol. 1, 1980.*

3. BIBLIOTECA NACIONAL DE PARIS: Rés: GE CL769. Esta ultima permaneceu desconhecida por um longo período e apenas recentemente foi dada a conhecer pelos pesquisadores Lizete Dias de Oliveira e Arno A. Kern, na seção de Mapas e Plano da Biblioteca Nacional de Paris, França, em 1995.

vizinhos, como Trinidad, Jesus e San Cosme e Damian, no Paraguai, e Santana e San Ignácio Mini, na Argentina, são apresentados com o objetivo de estabelecer estudos comparativos de determinadas temáticas. Buscou-se ainda uma revisão de trabalhos arqueológicos anteriores em São João Batista, São Nicolau, São Miguel e São Lourenço Mártir, além de outros realizados nas Reduções localizadas na Argentina (Snihur, 1988, Platini&Poenitz, 1994 e Poujade, 1995). Isto foi feito como forma de compreender a atuação da arqueologia nas missões ate o presente momento. A metodologia empregada em campo baseou-se nas propostas de *Fieldwalking* de Anthony Brown (Brown, 1987), bem como em outros pressupostos da Arqueologia Espacial, como se verá mais adiante.

A primeira etapa deste trabalho, constitui em uma revisão das intervenções arqueológicas em sítios missioneiros, priorizando os sítios do território brasileiro, e algumas referencias a trabalhos realizados nos países vizinhos. A partir disto, realizou-se uma discussão acerca d arqueologia Espacial, destacando as diferentes abordagens espaciais, tais como a Arqueologia Espacial, Arqueologia da paisagem e Arqueologia Extensiva. Procurou-se uma definição destas áreas enquanto metodologia, destacando as propostas referentes às etapas de prospecção e levantamentos espaciais. Também discute-se o porquê da necessidade de uma abordagem espacial nos sítios missioneiros, destacando as propostas do projeto Arqueologia Historia Missioneira, e explicitando-se os motivos da escolha do sitio de São João Batista. Fez-se ainda referencia às recomendações nacionais e internacionais quanto à forma de atuação arqueológica em sítios históricos. Estas recomendações, projetos e legislações trazem orientações para analises mais abrangentes, o que coaduna com as propostas da arqueologia espacial, como procurou-se demonstrar.

Embora o objetivo seja o de analisar o espaço missioneiro a partir do estudo de São João Batista, foi necessária uma revisão deste espaço como um todo. Neste sentido, buscou-se conceituar o Espaço Missioneiro a partir das idéias de espaço ecológico ou natural e espaço e espaço geográfico, entendendo este ultimo como condição de realização e resultado de um processo histórico de determinada sociedade. Sendo assim, apresenta-se o espaço natural e geográfico ocupando e construído pelos Guaranis antes das reduções, destacando as trans-

formações ocorridas na relação sociedade/espaço ao longo do tempo. Em seguida, fez-se uma revisão do processo histórico de ocupação/construção do espaço missioneiro como tal. Deu-se ênfase no estabelecimento das reduções sobre o antigo espaço Guarani e na etapa de reocupação efetiva da Banda Oriental, após 1680.

Num terceiro momento realizou-se a analise do espaço missioneiro ao nível das reduções. A analise esta estruturada em base na articulação do binômio urbano/rural. Neste sentido, incluiu-se uma discussão sobre a origem do urbanismo nas reduções, destacando-se as múltiplas influências verificáveis na constituição do mesmo e os critérios de situação e localização. Isto possibilitou a interpretação do núcleo urbano das reduções, a partir o caso de São João Batista, sua fundação, distribuição espacial e especificidades de localização e situação.

Ampliando-se a analise para além das estruturas urbanas, realizou-se o estudo da periferia das Reduções e seus elementos constitutivos, tais como roças, hortas, fontes, ervais de cultivo, rios, pontes, caminhos, pedreiras, etc. Além disto, incluiu-se a analise de áreas mais distantes do núcleo urbano, como ervais nativos; estâncias e vacarias. Finalmente, incluiu-se uma síntese do processo de desestruturação do espaço missioneiro e seus efeitos sobre a redução de São João Batista.

Ainda com relação às iconografias, estas serão abreviadas neste livro através das siglas AGS-E, para Archivo General de Simancas-Espanha e BNP-F, para Biblioteca Nacional de Paris-França.

1. A Arqueologia nas Missões Jesuíticas

Revendo a trajetória que seguiu a arqueologia nas Missões Jesuíticas, é possível constatar que esta confunde-se com a própria arqueologia brasileira. Passando por uma fase inicial bastante empirista, a arqueologia das Missões, foi gradualmente adquirindo aportes científicos. As iniciativas individuais foram dando lugar a projetos oficiais da esfera administrativa e, posteriormente, à integração de instituições de pesquisa e preservação do Patrimônio Histórico que visavam ações coletivas. Também as características dos sítios arqueológicos missioneiros, os quais têm como remanescentes mais representativos as ruínas de seus núcleos urbanos, determinaram muitas vezes a forma como foram abordados arqueologicamente. É o caso das escavações de "salvamento" e das intervenções concentradas, sobretudo, nos núcleos urbanos. O tombamento patrimonial também restringe as possibilidades de escavações mais amplas em função da preservação e conservação. É diante destas questões que se compreende melhor o processo de desenvolvimento da ação arqueológica nas Missões.

Os remanescentes materiais resultantes do processo histórico que acarretou na desestruturação destas antigas Missões Jesuíticas, tornaram-se alvo de intervenções arqueológicas apenas a partir da década de 50. Inicialmente, a preocupação dos pesquisadores dirigiu-se para a confirmação de dados bibliográficos e algumas questões pontuais. A orientação principal ainda provinha de cronistas do século XIX, como Saint-Hilaire e Robert Avé-Lallemant e de obras como as produzidas por Aurélio Porto (Porto,1954), Hemetério Velloso da Silveira (Silveira,1979), além dos jesuítas Cardiel (Cardiel,1984,1994), Sepp (Sepp,1958,1973,1980), entre outros. Apesar do recurso a estas fontes, utilizadas ainda na atualidade pela riqueza de suas informações, em muitos casos as interpretações eram literais e limitadas. Por outro lado, também se percebe a busca da confirmação das informações contidas em tais fontes, o que pode ter induzido a alguns equívocos.

O primeiro pesquisador que realizou intervenções nos sítios missioneiros e publicou seus resultados foi o Padre Luís Gonzaga Jaeger, do Instituto Anchietano de Pesquisas. No final dos anos 50 o Padre Jaeger realizou dois trabalhos importantes para as pesquisas futuras nas missões. Nos sítios urbanos de três antigas Reduções (São Luís Gonzaga, São Borja e São Nicolau) Jaeger dirigiu trabalhos de escavações em busca dos subterrâneos das Missões (Jaeger,1959a). Orientava-se pelas indicações da bibliografia e informações de antigos moradores locais. Além destes trabalhos, o Padre Jaeger demonstrava um interesse por áreas que não se localizavam nos núcleos urbanos das Reduções (Jaeger,1959a:16). Sendo assim, procurou identificar o local do antigo porto de embarque dos Sete Povos das Missões Orientais, nas margens do rio Piratini. As escavações do padre Jaeger não seguiram uma metodologia que procurasse preservar as camadas arqueológicas nos locais onde ocorrerem as intervenções. Esta atitude pode ter comprometido a estratigrafia destes locais. O próprio Padre Jaeger descreve a forma como escavou em São Borja:

> "*Sendo morosas as escavações a picareta e pá, pedimos um trator à prefeitura. Ainda nisso fomos atendidos com presteza. Começou o 'monstro' a abrir profundos e largos sulcos em diversos pontos onde se dizia encontrar o subterrâneo. Desafortunadamente, permaneciam frustradas nossas esperanças.*"
>
> (Jaeger,1959a:24)

Jaeger também realizou uma série de visitas à região do município de Lavras do Sul. Seguindo a cartografia e a bibliografia, buscava identificar remanescentes de postos da antiga estância da Redução de São Miguel Arcanjo, que abrangia uma grande área física na porção meridional do atual Estado do Rio Grande do Sul. Jaeger identificou o que considerou como sendo os vestígios do posto de Santo Antônio, além de um antigo curral, um forno e um valo de drenagem de uma área alagadiça. Estes trabalhos na região de Lavras do Sul foram as primeiras tentativas de buscar compreender a extensão do território ocupado pelas Missões Jesuíticas (Jaeger,1959b).

A primeira intervenção com metodologias arqueológicas nos sítios missioneiros ocorreu no final dos anos 60, em campanhas rea-

lizadas em 1967, 1968 e 1969. O responsável por estes trabalhos foi José J. P. Brochado. Entre os resultados das pesquisas com a cerâmica oriunda de sítios arqueológicos da região noroeste do Estado do Rio Grande do Sul, está a definição da fase Missões (Brochado,1969a). Inserida nas propostas do PRONAPA - Programa Nacional de Pesquisas Arqueológicas, a pesquisa de Brochado adotou como metodologia a análise quantitativa para derivar cronologias culturais (Brochado,1969b:171).

Por tratar-se de sítios arqueológicos relacionados a um período situado historicamente pela documentação escrita e, desta forma, associados à época da experiência missional dos jesuítas com os Guaranis, foi determinada a fase Missões. Os trabalhos consistiram em coletas superficiais e cortes estratigráficos em sítios arqueológicos dos antigos núcleos urbanos de três Reduções Jesuíticas, e quatro sítios localizados em propriedades particulares das áreas rurais da região. Nove sítios foram identificados como pertencentes à fase Missões:

RS-IJ-11: Reinaldo Meotti; RS-IJ-16: João de Conto; RS-IJ- 26: Erwino Boettker; RS-IJ-27: João Honorato Donadelli; RS-IJ-29: São João Velho (Povo de São João Batista); RS-IJ-37: São Miguel das Missões (Povo de São Miguel Arcanjo); RS-IJ-38: São Lourenço das Missões (Povo de São Lourenço Mártir); RS-SM-1 Dalla Lana (São Martinho); e RS-LC-46: Viamão. Onde RS designa o Estado do Rio Grande do Sul; IJ designa o vale do Rio Jacuí; SM designa a região de Santa Maria e a numeração cataloga o sítio arqueológico junto ao Patrimônio Histórico. Os nomes próprios que aparecem associados designam os proprietários das áreas onde se encontravam os sítios arqueológicos à época das pesquisas (Brochado,1969b:170).

Destes sítios, como se pode perceber pela catalogação, três correspondem às ruínas de reduções pertencentes aos antigos Sete Povos das Missões Orientais: O RS-IJ-37, o RS-IJ-38 e o RS-IJ-29. Este último interessa particularmente a esta investigação por tratar-se da Redução de São João Batista. Desta forma, os trabalhos de Brochado constituem-se na primeira intervenção arqueológica em São João Batista. Sendo assim, destacar-se-à mais adiante os trabalhos feitos neste sítio arqueológico em particular, sem desconsiderar os demais, por tratarem-se de outras Reduções Jesuíticas e também sítios das áreas rurais contemporâneos ou não à época missioneira.

Na década de 70 iniciou-se uma série de trabalhos autorizados por José Saia Neto, diretor da representação do SPHAN (que havia sido criado em 1938) para a região sul, nos sítios que não haviam sido ocupados pelo urbanismo dos municípios. Ocorreram levantamentos topográficos de São João Batista, São Nicolau, São Miguel e São Lourenço. Segundo La Salvia, apesar de os levantamentos dos remanescentes arquitetônicos estarem bastante corretos, ocorreram extrapolações das áreas construídas, com equívocos de localização de estruturas (La Salvia,1983:207). Também as perfurações do solo que buscavam identificar a profundidade dos pisos foram feitas com pouco critério e resultaram em confusões e perturbações nas camadas arqueológicas. Embora estes não constituíssem trabalhos arqueológicos, foram responsáveis por intervenções no solo das Reduções onde ocorreram os levantamentos.

Em 1974 o arquiteto Julio Nicolau Barros de Curtis realizou escavações na Missão de São Lourenço Mártir. Fez intervenções no solo da igreja e em uma área nos fundos da mesma. Não houve publicações e o destino de possíveis materiais arqueológicos não foi relatado. Ainda nos anos 70, Pedro Augusto Mentz Ribeiro realizou escavações no sítio arqueológico da Missão de Jesus Maria, da primeira fase missioneira no Estado. Seus trabalhos também estavam inseridos nas propostas do PRONAPA e representaram a primeira intervenção em uma Redução da primeira fase (Mentz Ribeiro,1979 e 1983).

Entre 1979/1980 e 1980/1981 tiveram início os trabalhos de escavação promovidos pelo IPHAN e prefeitura municipal de São Nicolau, no sítio desta redução e coordenados por Fernando La Salvia. Foram 4.500 m2 de área escavada. Também houve intervenções nas zonas periféricas ao núcleo urbano, com a escavação de um jardim e um silo (La Salvia,1983:209).

Em 1980 foi assinado o projeto "Diretrizes para o Desenvolvimento Físico de São Miguel das Missões" entre a Secretaria do Interior, Desenvolvimento Regional e Obras Públicas, o Município de Santo Ângelo e o SPHAN. A coordenação coube ao arquiteto Luís Antônio Volcato Custódio, da CEDRO (Companhia Estadual de Desenvolvimento Regional e Obras.) Este projeto criava também o Parque das Missões dentro de um complexo relacionado a área tombada pelo SPHAN. La Salvia apontou para a falta de solicitação ou reco-

mendação de um levantamento arqueológico preliminar às ações de restauração, consolidação e conservação propostas no projeto (La Salvia,1983:209). Os trabalhos iniciaram em 1981 e algumas ações prejudicaram as camadas arqueológicas.

La Salvia foi incumbido de redigir um projeto de arqueologia quando da assinatura da carta de intenções entre a então Secretaria de Cultura Desporto e Turismo do R.G.S. e a Fundação Nacional Pró-Memória. Para tanto fixou:

> "*Redefinir os sítios urbanos e de exploração econômica dos povos missioneiros com a denudação dos remanescentes, salvaguardando o material arqueológico, histórico e arquitetônico possibilitando sua utilização como elemento de informação turística e de formação cultural*"
>
> (La Salvia,1983:209).

A recomendação contida no procedimento inicial proposto por La Salvia já previa o uso de outras fontes que não apenas as bibliográficas:

> "*Preliminar - representado pelo levantamento da parte documental, quer bibliográfica como iconográfica, assim como os procedimentos utilizados durante os vários momentos de limpeza e preservação, realizados por técnicos do SPHAN ou por esta instituição contratados. Contato - será a avaliação "in loco" de cada sítio urbano e das possibilidades de realização para a consecução dos objetivos.*"
>
> (La Salvia,1983:216)

A seguir, estabeleceu etapas das quais destacam-se as primeiras, correspondentes a Identificação, Levantamento e Prospecção:

> "*Assim, para bem cobrirmos todos os momentos e para que haja coerência dentro do trabalho, dividimos em etapas, a saber:1. Identificação: Através da pesquisa bibliográfica e documental, do reconhecimento preliminar do terreno e da foto-interpreta-*

> *ção buscarse-à a identificação e o isolamento dos remanescentes e evidências ainda existentes, não só nos sítios urbanos como nas áreas de exploração agropastoril. 2. Levantamento e prospecção: Um minucioso levantamento fotográfico e planimétrico será acompanhado por prospecções em pontos determinados, para uma avaliação precisa das estruturas, profundidades e condição do material, sendo um elemento importante para a fixação das etapas seguintes.*"
>
> (La Salvia,1983:217)

Ainda nesta época La Salvia realizou um trabalho de levantamento nas áreas rurais da região sul do Estado do Rio Grande do Sul, no município de Bagé. Seu objetivo era identificar antigas estruturas das áreas rurais das Reduções. Os locais identificados por La Salvia fazem parte das estruturas que foram visitadas pelo Padre Luís Gonzaga Jaeger em 1958-59, embora La Salvia não faça referência às pesquisas de Jaeger. Para La Salvia, o espaço geográfico das Reduções estaria dividido em dois: um urbano e outro agropastoril. (La Salvia,1988:195)

As áreas agro-pastoris estariam divididas em estâncias, estas em fazendas e, guardando-as, os postos. Os postos são apresentados como "*a menor fração produtiva missioneira*."(La Salvia, 1988:197). Não fica claro o que o autor quer dizer com esta classificação. O trabalho de La Salvia foi realizado nos Postos de Santa Tecla e Santo Antônio, ambos pertencentes à antiga estância da Redução de São Miguel Arcanjo. La Salvia esteve na região em 1969 e em 1984. Na segunda ocasião os remanescentes destes Postos já se encontravam bastante destruídos. La Salvia identificou vestígios e remanescentes de casas, currais e de estruturas que denominou como silos de armazenamento de cereais. Nestas estruturas foram realizadas intervenções arqueológicas com cortes estratigráficos e estabelecida uma cronologia. Os problemas principais encontrados nos trabalhos de Fernando La Salvia são a falta de localização precisa dos sítios arqueológicos e as interpretações um tanto quanto apressadas. No entanto, como é possível perceber, La Salvia apontava já no início da década de 80 para a necessidade dos amplos levantamentos, e para os problemas futuros causados pelas intervenções de preservação que valorizavam, sobretudo, os remanescentes dos núcleos urbanos das Reduções em detrimento de áreas rurais.

A partir da segunda metade dos anos 80 teve início o projeto Arqueologia Histórica Missioneira, sob a coordenação geral de Arno Alvarez Kern (Kern,1988). Em 1985, dentro das prerrogativas do projeto, foi assinado um acordo de Cooperação Técnica entre a Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), a Pontifícia Universidade Católica (PUCRS), a Universidade Regional Integrada (URI) e o órgão federal do Patrimônio Histórico (na época SPHAN-PRÓ-MEMÓRIA). Este projeto apresentava como principais objetivos a integração das instituições de pesquisa e preservação do patrimônio histórico e arqueológico missioneiro; a ampliação das temáticas abordadas; a realização de várias intervenções nos sítios arqueológicos das Missões Jesuíticas; e a formação de pessoal especializado em arqueologia histórica e pré-histórica, através da realização de Sítios-Escolas nacionais e internacionais. Representava um esforço para unir os pesquisadores e definir as linhas comuns de atuação tanto nas pesquisas arqueológicas quanto nas atividades de preservação e restauração dos remanescentes arquitetônicos das Missões Jesuíticas.

Dentro das atividades do Projeto Arqueologia Histórica Missioneira (AHM), foram realizadas, entre 1988 e 1992, prospecções e escavações nos sítios arqueológicos missioneiros de São Lourenço, São João Batista e São Miguel (Kern, 1991). A integração com o patrimônio histórico fez com que as atividades de prospecção visassem reconhecer os limites das áreas urbanas, para fins de posterior cercamento das mesmas. Em São Lourenço as escavações concentraram-se na área do claustro, residência dos Padres e casas dos indígenas (Kern, 1989b, Mentz Ribeiro *et al,*1989). A localização de remanescentes de uma das antigas fontes de água da Redução ainda não era conhecido nesta ocasião. Sendo assim, não foi realizada nenhuma intervenção neste local. No entanto, foram feitas algumas prospecções nos arredores do núcleo urbano. A experiência adquirida nestas escavações, permitiu aos integrantes do projeto a elaboração de um estudo comparativo com a missão Carmelita de Vila Flor, no Rio Grande do Norte (Neumann *et al*,1990).

Em São João Batista foram realizados levantamentos em torno das ruínas do núcleo urbano, identificando a olaria, fornos, fontes de água, caminhos, etc. No entanto, os trabalhos de identificação destas áreas periféricas ficaram restritos à fase de prospecção. Um levanta-

mento topográfico realizado pela prefeitura municipal de Entre-Ijuis concentrou-se na área do antigo núcleo urbano. Porém, não foram feitas medições, localizações cartográficas ou croquis para os vestígios localizados em seus arredores.[4] Estas áreas também não puderam ser incluídas nas áreas cercadas pelo Patrimônio Histórico. Antes do estabelecimento das guaritas que iriam resguardar a entrada das áreas cercadas em São João e São Miguel, foram realizadas escavações de salvamento nas áreas onde se dariam as novas edificações.

Em São João foram ainda realizadas escavações na área do antigo templo e em casas indígenas no entorno da praça, além de uma série de coletas superficiais dentro do núcleo urbano e nos arredores deste (Souza,1991a). Em São Miguel, além da escavação de salvamento referida, ocorreu o I Sítio-Escola Internacional das Missões em 1992 (Kern,1994c). Naquela ocasião foi escavada uma estrutura localizada ao lado do pátio dos artífices e também foram feitas coletas sistemáticas em áreas em torno do núcleo urbano para identificação de sítios pré-históricos e missioneiros. O projeto Arqueologia Histórica Missioneira não esteve restrito apenas às etapas de campo. A pesquisa histórica foi elaborada por integrantes da equipe de pesquisadores e levantamentos temáticos foram realizados (Gallicchio,1994). Uma significativa bibliografia sobre a história missioneira e platina foi adquirida no Brasil e no exterior como subsídio à pesquisa. Um núcleo de documentação material foi criado e o acervo de iconografias, fotos, plantas, mapas, etc. constituiu-se em um amplo arquivo de imagens. Também foi desenvolvido um Softwear específico para o banco de dados do projeto (Guidotti,1994). A formação de recursos humanos foi possibilitada pela inclusão de novos pesquisadores oriundos dos cursos acadêmicos da UFRGS, PUCRS e URI - Santo Ângelo. Várias pesquisas desenvolveram-se como sub-projetos temáticos. (Como por exemplo: Oliveira, 1993, Tocchetto,1996, Carle,1993 e Scaramella et al, 1996). O presente trabalho também desenvolveu-se a partir de um subprojeto da Arqueologia Histórica Missioneira.

A arqueologia das Missões Jesuíticas, desde as primeiras escavações do Padre Jaeger, passando pelos trabalhos de La Salvia e atualmente nas mais recentes atividades do projeto Arqueologia Histórica Misioneira, tem se dedicado àquelas áreas relacionadas aos núcleos

4.Arquivos do IPHAN, 12ª Coordenadoria Regional: Relatórios de Campo São João, 1987/89/90/91

urbanos das Missões Jesuíticas. Isto deve-se a diversos fatores: a orientação da bibliografia, que de certa forma prioriza estas áreas; a aproximação com os órgãos de proteção do Patrimônio Histórico que, em geral, voltam suas atividades para os problemas de conservação dos remanescentes arquitetônicos; e, não menos importante, as incipientes experiências brasileiras em arqueologia histórica, que levaram os arqueólogos do projeto a experimentar métodos de campo e análise de material adequados às realidades com as quais se defrontavam. O direcionamento para a ampliação das temáticas e, conseqüentemente, para uma abordagem mais ampla dos sítios missioneiros é recente. Em que pese as preocupações demonstradas pelo Padre Jaeger e por Fernando La Salvia no que diz respeito à importância de amplos levantamentos, e na valorização de áreas situadas fora dos núcleos urbanos, foi dentro das discussões teóricas do projeto Arqueologia Histórica Missioneira que surgiram as abordagens teóricas relacionadas à contextualização e análises espaciais. Isto se deve ao amplo tratamento dado à temática missioneira e a integração de diferentes áreas nos trabalhos de campo, análise de material e pesquisas históricas, como visto acima. Em função desta preocupação com reconstituições mais amplas dos sítios e de levantamentos mais abrangentes que orientassem as futuras escavações, percebeu-se as possibilidades de abordagens baseadas nas práticas da Arqueologia Espacial. Isto implicava em uma aproximação com estes métodos e trabalhos anteriores que perseguissem os mesmos objetivos, bem como uma reflexão teórica a respeito da apropriação destas abordagens ao contexto dos sítios históricos missioneiros. A opção por realizar um levantamento do espaço da Redução de São João Batista insere-se nesta proposta como se verá mais adiante. No entanto, antes de iniciar a análise e interpretação do espaço das Missões Jesuíticas e do espaço de São João Batista em particular, é preciso fazer-se uma revisão das questões teórico-metodológicas da Arqueologia Espacial.

1.1. A Arqueologia Espacial e os Sítios Arqueológicos Missioneiros

Para uma compreensão do que se entende e do que se pretende com Arqueologia Espacial, faz-se necessária uma revisão da construção deste e de outros conceitos assemelhados dentro do rol das investigações arqueológicas. Desta forma, será possível determinar a relevância da aplicação desta proposta sobre a realidade atual dos sítios arqueológicos do período missioneiro na região platina da América colonial. Com efeito, é justamente a situação de tais remanescentes que determina a necessidade de uma abordagem arqueológica mais ampla, com a valorização dos trabalhos deprospecção e das pesquisas com as fontes documentais escritas e iconográficas entre outras. Sendo assim, torna-se igualmente importante apresentar as determinações nacionais e internacionais para o tratamento de patrimônios históricos e sua relação com a Arqueologia Espacial.

1.2. A Arqueologia Espacial:uma revisão necessária

De uma maneira muito genérica é possível afirmar-se que toda a arqueologia é "espacial". O registro arqueológico possui um sentido mais amplo quando analisado a partir de seu contexto espacial. Artefatos, obras de arte, estruturas arquitetônicas, restos ósseos (humanos ou não), amostras de flora, elementos de arte rupestre, enfim, todos os registros da cultura material produzida pelas sociedades do passado, bem como de elementos do ambiente, têm seu caráter informativo diminuído, quando dissociados de seus contextos espaciais. A localização precisa do registro, e suas relações com os elementos que o cercam, levam ao rigor necessário da elaboração de plantas, croquis, fotografias, gravações em vídeo, anotações, entre outros métodos que, presentes sobretudo nas etapas de prospecção e escavação arqueológica, permitem a reconstituição posterior do contexto espacial do objeto pesquisado. Estas informações que referem-se à localização espacial dos registros, ampliam-se com a busca de dados que permitam a delimitação temporal dos mesmos, mormente no caso da arqueologia histórica, onde há a ocorrência de uma base documental escrita. Neste

sentido, a preocupação com a relação entre o registro arqueológico e o espaço no qual este está inserido é inerente a atividade arqueológica. Claro está, que a análise de materiais que encontram-se fora de seu registro arqueológico, como por exemplo as coleções de museus, também possibilitam investigações por parte da arqueologia. Representativo desta possibilidade é o recente trabalho de Denise P. Schaan (Schaan,1997) onde, através da análise de coleções existentes em museus a autora demonstrou as possibilidades interpretativas da iconografia da cerâmica Marajoara.

Apesar da constatação desta necessária relação entre arqueologia e espaço, isto não significa que a definição de uma "Arqueologia Espacial" seja uma questão concluída. De forma geral, uma primeira aproximação com a arqueologia espacial vem acompanhada da noção de que trata-se de uma abordagem ligada a estudos de dimensão, distribuição e organização de um sítio arqueológico dentro de um determinado espaço. No entanto, isto não é suficiente para definir um conceito e dar conta da delimitação de um campo. Esta indefinição deve-se, em parte, a algumas diferenças existentes entre a arqueologia norte-americana e aquela desenvolvida na Europa, sobretudo na França. Neste particular, a arqueologia espacial enfrenta o mesmo problema de definição encontrado na arqueologia histórica. A visão de arqueologia histórica apresentada por Orser Jr. é essencialmente norte-americana e com ênfase nos períodos posteriores à descoberta e colonização da América (Orser Jr.,1992:17-23). Sendo assim, desconhece os trabalhos de arqueologia realizados na Europa em sítios históricos, pois não os inclui no campo da arqueologia histórica. Por certo nem todos os arqueólogos norteamericanos estão de acordo com esta posição. Contudo, ela exemplifica este afastamento dentro da arqueologia. Percebe-se que este problema de "diálogo" entre diferentes segmentos da arqueologia também está presente quando trata-se de buscar uma definição para a arqueologia espacial.

David Clarke (Clarke,1977), discute as origens das abordagens espaciais, destacando as diferenças existentes entre a Arqueologia anglo-saxã, à qual ele pertence, e a Arqueologia francesa. Inicialmente, por volta dos anos 40-50, a Arqueologia européia aproximou-se muito das temáticas geográficas. Esta era uma tendência geral daquele período para as ciências humanas. Já na década de 30, havia iniciado a

aproximação dos historiadores, sobretudo na França, com várias outras áreas, inclusive a Geografia. Este movimento deu origem a "Escola dos *Anales*", uma tendência historiográfica que teria uma repercussão muito grande no campo da história e, indiretamente, nas demais ciências humanas, incluindo-se a Arqueologia. Porém, isto não significa que todos os representantes da arqueologia francesa seguiram as orientações da "Escola dos *Anales*". De qualquer forma, a ampliação de temáticas e a aproximação com outras áreas cresceu consideravelmente.

Por outro lado, segundo Clarke, a arqueologia inglesa e, sobretudo, a norte-americana deram mais ênfase aos estudos de organização espacial e padrões de assentamento em sistemas fechados, do que aos artefatos e distribuições sistematizadas de sítios em mapas. A dimensão antropológica aumentou entre os arqueólogos anglosaxões, enquanto os aspectos geográficos tiveram um papel secundário. Em parte, esta postura norte-americana deve-se às influências da *New Archaeology*. Esta corrente teórica foi marcada por uma aproximação significativa com a antropologia, derivando daí a ênfase em problemas antropológicos (Orser Jr.,1992:25-29). Sendo assim, apesar da grande repercussão entre os arqueólogos, das idéias de uma valorização de informações mais gerais sobre o objeto de estudo, sua apropriação fez-se acompanhar de alguns problemas.

Estes problemas dizem respeito sobretudo a uma fragmentação dos estudos, causada por ênfases regionais e uma carência do desenvolvimento de comparações e cruzamentos de análises culturais. Priorizaram-se análises de interiores de sítios, em sistemas fechados, e não as análises entre os sítios. A pouca comunicação entre as diferentes escolas e correntes arqueológicas levou a um comportamento que Clarke chamou de "paroquial" (Clarke,1977:5).

Clarke procurou definir a prática de amplos levantamentos de dados da arqueologia espacial como sendo:

> "*...a recuperação de informações a partir das relações da Arqueologia Espacial e dos estudos dos resultados da ocupação espacial e dos antigos padrões de atividades humanas, e também das relações entre características e estruturas de organização e suas relações no interior dos sítios, nos sistemas de sítios e entre estes e seus habitantes*." (Clarke,1977:09)

Esta prática é proposta por Clarke a partir de um modelo que estabelece níveis de abordagens, que são: micro, semi-micro e macro (Clarke,1997:11-12). O nível micro diz respeito ao interior ou centro do sítio, às estruturas interiores, abrigos, casas, cemitérios, templos, etc. Neste nível são importantes os aspectos individuais e os modelos sócio-culturais são mais relevantes que os estudos econômicos. O nível semi-micro é aquele que compõe o conjunto das estruturas do interior do sítio e das suas relações com os arredores imediatos. Os modelos arquitetônicos e urbanísticos devem ser levados em conta, e os aspectos culturais e sociais assumem preponderância sobre os econômicos, tal como ocorre nas análises de nível micro. O nível macro atinge uma escala mais regional. Diz respeito às relações do sítio com a geografia, as paisagens, os relevos, o clima e às adaptações econômicas e culturais das sociedades com estes. Esta escala envolve as questões de tempo, distâncias e energia despendida para exploração do meio ambiente. Assim, os fatores econômicos predominam sobre os demais nos estudos deste nível.

Na realidade este é um modelo que permite ao arqueólogo determinar seus níveis de abordagem, indo desde a localização e contextualização de um artefato *in situ*, em uma escala micro, até grandes estudos geo-econômicos regionais e continentais. Este é um modelo que adapta-se a problemáticas específicas, desde que não acarrete discrepância de níveis ou análises as quais, sendo por demais abrangentes, não possibilitem lograr uma apropriação.

As propostas da Arqueologia Espacial contribuíram assim, para a ampliação da noção de prospecção, visto que, os levantamentos sistemáticos são feitos em função da aquisição de uma considerável base de dados para as intervenções arqueológicas. Os trabalhos de campo deixam de ser apenas aqueles da escavação propriamente dita, e passam a ser utilizados como prática de levantamentos cartográficos, topográficos, fotográficos, de coletas de superfície, de identificação de relevos, fontes de recursos, etc.

Esta prática é denominada por Anthony Brown (Brown,1987) como "*fieldwork*" e definida como sendo "*O estudo e o registro dos remanescentes das atividades humanas do passado sem escavação.*"(Brown,1987:09) O autor destaca ainda que o "*fieldwork*" constitui-se em uma dupla contribuição para a Arqueologia. Por um lado,

torna-se um caminho para avançar nas discussões de certos tipos de problemas arqueológicos, por outro lado, fornece informações vitais para escolher qual a aplicação de técnicas que deve ser adotada em uma escavação (Brow,1987:10). Desta forma, o trabalho de Brown destaca a importância do que chama de "*fieldwalking*", ou seja, aquela atividade realizada através de uma "caminhada pelo campo", levantando informações de fauna, flora, relevos, paisagens, solos, etc. Destaca também a importância do uso de mapas e levantamentos topo-fotográficos dos sítios e seus arredores, e também das diferentes fontes das quais o arqueólogo pode dispor para esta etapa.

Esta visão de uma atividade arqueológica voltada para a prospecção ampla das informações correspondentes ao objeto de estudo do arqueólogo, que encontramos também no trabalho de Philip Rahtz (Rahtz,1989). A preocupação de Rahtz é com a divisão de tarefas dentro da prática arqueológica. Entre as tarefas e seus executores destaca aqueles que denomina por "coletores de dados".

Segundo o autor:

> "*...são a principal mão-de-obra arqueológica. Entre eles estão fotógrafos aéreos(...) Há arqueólogos que caminham por todos os campos e montanhas de grandes áreas, marcando num mapa todas as descobertas de cerâmica, pedras, ossos, e outros materiais,(...) Outros pesquisam todos os montículos e covas do solo, e assim traçam planos de sistemas préhistóricos de campo ou de vilas medievais abandonadas.*"
>
> (Rathz,1989:67)

Estas tarefas descritas por Rahtz, apontam para atividades anteriores à escavação e que visam fornecer dados concretos sobre a área pesquisada ou elaborar sistemas de ocupação do espaço para compreender sítios que estejam localizados em regiões semelhantes.

A arqueologia francesa também dirigiu sua atenção para os levantamentos sistemáticos dos sítios arqueológicos, em uma prática definida como Arqueologia da Paisagem. No caso francês, verifica-se uma intensificação das discussões a respeito da arqueologia da paisagem na década de 80, com a realização de inúmeros colóquios, seminários e encontros sobre o tema. As atenções dos arqueólogos

franceses voltaram-se não apenas para a necessidade de obtenção de informações para as intervenções nos sítios, mas também para a necessidade da valorização dos mesmos, sobretudo daqueles onde as escavações já não são mais possíveis por uma série de motivos.

Isto se dá, em grande parte, naqueles sítios onde estruturas urbanas recentes não permitem uma escavação, ou em casos onde uma intervenção provocaria uma descaracterização do sítio, como ocorre hoje em dia, em muitos pontos históricos de centros urbanos. Os franceses consideram esta prática como uma "arqueologia sem escavação". Carrieri (Carrieri *et al*,1978), apresenta algumas análises que podem, e devem, ser feitas pelos arqueólogos quando ocorrerem situações como as mencionadas acima:

> "*-determination dês transformations qui on eu lieu; age de batiments; techniques de construction et classement dês différentes catégories (monuments, églises, residences bourgeoises, maison ouvrières, batiaments agricols, etc.);caracteristiques dês espaces libres ou historiquement libres (zones verts, potagers, jardins, bois, etc.) des routes, des places, des murailles romaines, des structures hidrauliques; structures de la population.*"
>
> (Carrieri et al,1978:23)

Os sítios arqueológicos missioneiros não correspondem a todas as situações sugeridas por Carrieri, mas, seguramente, encontram-se em algumas áreas do sítio, sobretudo naquelas protegidas pelo Patrimônio Histórico, situações onde as escavações já não são mais possíveis, restando todavia, todo um trabalho de levantamentos a ser feito.

Já E. Guille propõe uma reflexão sobre a compatibilidade entre os objetivos da Arqueologia e os métodos de organização do espaço (Guille *et al*,1980:135). Segundo o autor, esta problemática levou ao desenvolvimento de uma noção específica: os arquivos do espaço, que seriam o produto de uma aproximação mais global e mais sistemática que remeteria a uma impressão do que o espaço representa ou contém, tal como elementos físicos, significativos de um passado e de sua organização espacial. Segundo Guille, o estudo destes elementos não teria apenas como finalidade definir um valor arqueológico intrínseco

e elementar em termos de superfície, mas sim também, de ampliar o conhecimento sobre as áreas estudadas através de uma série de dados coletados dos arquivos do espaço, que são divididos em três categorias por Guille:

A primeira seria aquela dos remanescentes arquitetônicos e artísticos que constituem o Patrimônio Histórico, tais como estruturas arquitetônicas, monumentos, esculturas, etc. A segunda seria dos arquivos do solo propriamente ditos. Matéria-prima tradicional da Arqueologia, seriam todos os vestígios encontrados no subsolo dos territórios potencialmente arqueológicos, incluindo-se estruturas construtivas, artefatos, obras de arte, etc. A terceira categoria reuniria as estruturas históricas que constituem o meio rural e o meio urbano. Mais que os objetos ou que os lugares específicos, ela se refere a sistemas de objetos e sistemas de lugares que, através de sua significação histórica, acrescenta aos fatos as relações com os objetos e lugares e as relações entre estes (Guille et al,1980:136).

As discussões acerca da Arqueologia da Paisagem e da Arqueologia Espacial que ocorriam na França, na Inglaterra e nos Estados Unidos fizeram-se acompanhar de debates entre os arqueólogos de outras nacionalidades. Em 1984, ocorreu em Teruel, na Espanha, um encontro denominado "*Arqueología Espacial - Coloquio sobre distribución y relaciones entre los asentamientos*". Nas atas deste colóquio, Fernandez Martinez e Ruiz Zapatero publicaram um artigo intitulado "*El análisis de territórios arqueológicos: una introducción crítica*". (Martinez & Zapatero,1984)

A avaliação dos territórios circundantes do sítio é apresentada como uma prática de Arqueologia exterior (*off-site*) incorporada aos estudos da arqueologia interior (*on-site*). A Arqueologia interior corresponde a uma análise dos artefatos e das estruturas internas de um determinado sítio. Já a Arqueologia exterior, corresponderia ao levantamento de dados paleoecológicos (fauna e flora), tecnológicos (fontes de matéria-prima e recursos naturais) e dos aspectos econômicos e energéticos de exploração do território. Segundo os autores, estes últimos seriam os aspectos sobre os quais as análises territoriais teriam uma atuação mais decisiva. A proposta de Martinez e Zapatero é de uma união interdisciplinar entre estas duas abordagens, com vistas a ampliar as noções de território e ocupação nos estudos arqueológicos (Martinez & Zapatero,1984:56).

Apesar de se tratar de uma proposta que leva em conta essencialmente as relações das sociedades humanas com o meio ambiente, prevalecendo as bases materiais destas relações, Martinez e Zapatero procuram esclarecer, que não estão com isto sugerindo uma análise nos quadros do que Higgs e Jarman (Higgs & Jarman,1975) propuseram, através de uma arqueologia que desconsiderasse o "sobrenatural" nas análises de artefatos e estruturas. Para Higgs e Jarman o que importa é a base material das relações humanas com os meios nos quais estão inseridas. Martinez e Zapatero renegam tal postura e destacam a importância dos aspectos simbólicos, não só em relação aos artefatos, como também para com as relações estabelecidas com os ambientes em exploração. Assim, aproximam-se das propostas de Ian Hodder e da Arqueologia Contextual. Pedro P.A. Funari chama atenção para esta postura frente o objeto de estudo:

> "*Um levantamento que procure restabelecer 'fatos' arqueológicos catalogará o maior número possível desses artefatos fixos e móveis e definirá um conjunto de sítios arqueológicos. Por outro lado, mudando-se o centro de atenções das unidades arqueológicas para unidades sociológicas, a coleta de informações visará à obtenção de elementos que ocuparam esse espaço em determinada época*."
>
> (Funari,1988:27)

Funari refere-se ao caso de uma abordagem que parta de uma teoria sobre a sociedade estudada e não sobre as evidências materiais. Este não é o central da Arqueologia Contextual, porém esta propõe que se leve em conta as sociedades presentes no espaço arqueológico estudado e também suas relações. Assim, a Arqueologia estaria mudando seu enfoque, das "coisas" para "realidades arqueológicas contextualizadas".

Martinez e Zapatero destacam ainda, que as análises territoriais devem pautar-se por teorias de médio alcance (*middle-range theorys*) (Martinez & Zapatero,1984:56), tal como coloca Kern em suas reflexões sobre a aplicação da Arqueologia Contextual nos estudos dos sítios missioneiros (Kern,1996:23).

Outra importante contribuição para os estudos territoriais são s de Binford, quando este coloca suas concepções de aproveitamento e exploração das áreas circundantes de um determinado sítio arqueológico (Binford,1977). Segundo este autor, haveria uma tendência ao estabelecimento de níveis de exploração diferenciados por parte das sociedades estabelecidas em uma dada realidade geográfica, compreendidos em periferia, semiperiferia e interior do sítio arqueológico.

A periferia seria explorada sazonalmente, de acordo com os ritmos dos solos e do manejo da coleta dos alimentos. Na semiperiferia teríamos uma exploração voltada para o abastecimento imediato do sítio, como reservas de água e alimentos, cuja disponibilidade e aproveitamento se dariam o ano inteiro. Já no interior do sítio, estariam as áreas de processamento dos alimentos e da matéria-prima necessária à sobrevivência do grupo social.

Estes três níveis propostos por Binford, demonstram o tipo de abordagem em sistemas fechados, onde o alcance da análise espacial é restrito à área do sítio estudado. De qualquer maneira, apontam para a necessidade do reconhecimento das relações entre o sítio e seus arredores imediatos. Embora desenvolvidos para o estudo de sítios pré-históricos, têm muito a contribuir na compreensão da dinâmica que envolve as relações de sociedades como as que tiveram lugar nos povoados missioneiros, visto que estes, colocavam em contato e interação, sociedades saídas do neolítico e outras oriundas da Europa dos tempos modernos.

1.3. A Arqueologia Espacial: o alcance da teoria

Se por um lado a Arqueologia anglo-saxã definiu as práticas até aqui apresentadas como sendo uma Arqueologia Espacial, a Arqueologia francesa as definiu como sendo uma Arqueologia da Paisagem. Somando-se a estas duas posturas teórico-metodológicas, arqueólogos espanhóis, notadamente ligados à Arqueologia Social, trabalham no sentido de uma "Arqueologia Extensiva". Em termos práticos, suas reflexões assemelham-se àquelas expostas anteriormente, sobretudo às que dizem respeito às propostas da *New Archaeology* norte-americana, expressas através de D. Clarke.

Barceló, ao definir os métodos da Arqueologia Extensiva, apresenta esta como sinônimo da arqueologia espacial:

> "*En rigor, la prática y los métodos de la llamada arqueologia extensiva o espacial son una formalización refinada de la prática y métodos desarrolados por la geografia histórica y la arqueologia del paisage (landscape archaeology)*.
>
> (Barceló,1988:195)

Com princípios metodológicos claramente associados às correntes que impulsionaram as investigações de caráter espacial tanto na arqueologia anglo-saxã, quanto na arqueologia francesa, Barceló também concorda com a ampliação da noção de fonte histórica (Barceló,1988:195). Segundo o autor, a Arqueologia extensiva implica na mobilização de toda a informação, incluída a escrita, para identificar, relacionar e entender todos os aspectos dos assentamentos desaparecidos e dos arredores por eles produzidos e também desaparecidos. Também aquela documentação não contemporânea ao objeto da investigação, mas que possibilitam seu aproveitamento cronológico posterior, auxiliam para reconstruir os espaços sociais anteriores.

Em termos de metodologia e uso das fontes a arqueologia extensiva demonstra sua associação com a Arqueologia Espacial e a Arqueologia da Paisagem. No entanto, do ponto de vista teórico, a corrente arqueológica espanhola apresenta uma reflexão crítica da Arqueologia Espacial, pelo fato de algumas práticas desta não terem logrado romper com os princípios da New Archaeology.

Para autores como Lluró e Tabaczynski as explicações da *New Archaeology* provêm em sua versão americana, da antropologia funcionalista e neo-evolucionista e na versão inglesa da new geography (Lluró,1988 e Tabaczynski,1984). Em ambos os casos estas explicações se constroem em dois níveis: o primeiro se encarrega de atribuir correspondências entre o material arqueológico e as atividades sócio-econômicas que presumidamente implicam, ou seja, dotar de significado sociológico ao registro que se estuda; o outro tenta estabelecer a dinâmica própria deste registro estabelecendo seus processos de formação física, seu desgaste, as correspondências entre seus elementos, sejam estes objetos ou estruturas. O primeiro nível implica na elaboração

de teorias que dêem conta dos processos sociais que se expressam no registro que se estuda, sendo assim:

> "*Al rechazar la capacidad explicativa de las teorias surgidas en el campo de la historiografia, la N A. decanta la arqueologia hacia la antropologia, convertiendo a la primera en el tiempo pasado de la segunda, que es definida como el estudio nomotético del comportamiento humano.*"
>
> (Lluró,1988:54)

O fato de adotar aportes teóricos tomados de empréstimo de outras áreas do conhecimento teria enfraquecido a capacidade explicativa da *New Archaeology.* Esta postura teve como conseqüência uma orientação funcionalista que, para Tabaczynski:

> "*prioriza a la larga el ordenamiento sincrónico de la información sobre el ordenamiento diacrónico; de hecho, la vieja polémica entre aproximación dinámica y aproximación diacrónica, entre aproximación dinámica y aprocimación estática, entre cultura y función sigue en pie.*"
>
> (Tabaczynski,1984:11)

Em termos de análises espaciais, isto implica em uma visão estática do espaço, que a própria geografia vem tratando de abandonar.

A arqueologia social, por outro lado defende que a integração com a história, no objetivo de encontrar explicações para os processos de transformação espacial seria mais conveniente. Isto não implicaria em declinar das possibilidades explicativas da arqueologia, pois:

> "*...la arqueología ofrece un gran potencial explicativo desde el momento en que puede servir, con una sólida orientación teórica, para crear nuevos datos a partir del planteamiento de nuevos problemas; por otro lado ha de ofrecer una explicación conveniente de cómo se organiza un espacio productivo y social mediante el estudio intensivo y extensivo de la zona en cuestión. Esto es importante por lo que se refiere a aquellos espacios y a*

aquellas relaciones que no quedan explicitadas en las documentaciones,..."

(Lluró,1988:54)

Esta crítica é procedente na medida em que atenta para os limites de trabalhos espaciais meramente descritivos e funcionalistas, caminho ao qual os arqueólogos voltados para preocupações de cunho espacial são tentados a trilhar. Também chama atenção para o fato de que as propostas de utilização de múltiplas fontes muitas vezes fica restrita ao campo da arqueologia, com pouca ou nenhuma concessão às fontes documentais escritas, iconográficas, geográficas, etc. No caso específico das missões jesuíticas, os aspectos históricos e sobretudo os sócio-culturais, assumem um papel destacado nas tentativas de elucidar suas resultantes espaciais. O convívio do diverso nas relações estabelecidas entre guaranis e jesuítas implicou em algo mais do que um processo de aculturação dos indígenas. As múltiplas concessões abertas pelos religiosos aos guaranis na organização espacial dos povoados podem ser melhor compreendidas levando-se em conta as informações históricas e antropológicas já elaboradas sobre esta temática. Kern demonstrou os problemas de limitar o estudo dos sítios arqueológicos missioneiros apenas ao campo da história ou da arqueologia em separado, propondo uma integração de diferentes áreas do conhecimento em uma abordagem interdisciplinar (Kern,1989c:363-67).

Apesar das críticas e dos diferentes encaminhamentos, as diferenças apontadas entre a Arqueologia Espacial, Extensiva e da Paisagem permaneceram restritas sobretudo à terminologia adotada por uma e outra escola arqueológica. Na realidade tratam-se de reflexões sobre um mesmo campo, com variações de ênfase. A Arqueologia Espacial, com sua origem anglo-saxônica, demonstra uma aproximação maior com a antropologia; a Arqueologia da Paisagem é nitidamente influenciada pela escola geográfica francesa; e, a Arqueologia Extensiva estaria mais próxima do Materialismo Histórico Dialético por sua vinculação com a Arqueologia Social. Entretanto, de maneira geral, as três propostas estão preocupadas com as possibilidades da aplicação de estudos mais amplos e interdisciplinares para as pesquisas arqueológicas. Desta forma, o conceito "Arqueologia Espacial" é mais abran-

gente e torna-se assim, mais adequado a esta proposta de trabalho, embora a questão teórica levantada por Barceló e Lluró permaneça válida e instigante. O que aparece claramente em todas as propostas é uma noção de contextualização dos objetos de investigação.

Ian Hodder (Hodder,1986), ao referir-se ao contexto dos artefatos, estruturas, sítios, sistemas de sítios e sociedades existentes, encontra uma prática estabelecida na Arqueologia Espacial, pois esta propõe justamente a relevância, não apenas dos levantamentos, mas também do estabelecimento das relações entre os diversos elementos pesquisados. A Arqueologia Espacial corresponderia assim, às abordagens teóricas do tipo *middle-range theorys*, como é o caso da Arqueologia Contextual. A Arqueologia Histórica Missioneira já apontou as possibilidades da interação com o contextualismo de Hodder e sua aplicação na reflexão teórica sobre os sítios arqueológicos missioneiros (Kern,1996).

1.4. A Arqueologia Espacial e contexto nos sítios missioneiros

A complexidade do processo histórico que envolveu as Missões Jesuíticas tem demonstrado a impossibilidade da adoção de modelos explicativos fechados, sejam eles no campo da história ou da arqueologia. Também torna-se difícil a aplicação desordenada de princípios teóricos incompatíveis dentro do mesmo quadro explicativo, apenas para equacionar esta ou aquela problemática específica. Estas preocupações também se fizeram presentes nas reflexões de Kern para a Arqueologia Histórica Missioneira. Partindo do reconhecimento da inadequação da adoção de "reducionismos" e concepções limitadas, Kern apresenta uma posição frente aos aspectos teóricos da seguinte forma: "*A 'pertinência' e a 'adequação' entre métodos, teorias, e o objeto de estudo é o fio condutor que norteia nossas considerações de ordem metodológica e teórica*" (Kern,1995:78).

Assim, fica claro que as postulações teóricas da Arqueologia Histórica Missioneira são adotadas de acordo com sua adequação ao objeto em estudo, ou seja, são os problemas científicos que surgem no decorrer da pesquisa que irão determinar a postura teórica pertinente. A reflexão teórica desenvolve-se ao longo da investigação, auxiliando-

-a, complementando-a e não determinando-a, como ocorre em muitos casos, não apenas na arqueologia como em muitas outras áreas da ciência.

A adoção de tal postura partiu de uma concepção que considera mais pertinente a aproximação da problemática missioneira através de teorias de médio alcance, sem perder de vista as teorias de cunho universal (Kern,1994a:6). Isto implica em uma ampliação das abordagens arqueológicas, para além dos próprios sítios, visando uma compreensão maior da complexidade histórica na qual estão inseridos:

> "*Esta nova produção científica emerge da documentação material oriunda das intervenções da Arqueologia de campo e das análises realizadas em laboratório. Ela estabelece uma base de referências novas que possibilita uma compreensão maior e mais substancial, por ser mais abrangente e completa, do processo de desenvolvimento histórico local.*"
>
> (Kern,1996:23).

Desta forma, a Arqueologia Histórica Missioneira não só nega modelos teóricos que possam tornar-se elementos que limitem novas abordagens ou formas de interpretação, como também busca, até mesmo em função desta postura inicial, uma ampliação dos horizontes da pesquisa, reconhecendo a necessidade e a importância de abordagens e temáticas mais abrangentes. Esta concepção é que permite a aproximação com a Arqueologia Contextual.

A Arqueologia Contextual pretende ver o fazer arqueológico como uma reflexão que leve em consideração, em uma primeira abordagem, os contextos ambientais e as relações das sociedades presentes nestes com os mesmos e, em uma segunda abordagem, os contextos dos aspectos arqueológicos da cultura material e seus significados simbólicos (Hodder,1986:118-46). Com relação ao contexto ambiental, ou o *meio ambiente*, este não pode ser considerado sinônimo de um *corpus* de informação básica estática e descritiva, mas sim como um fator dinâmico na análise do contexto arqueológico. O termo, con-

texto, tem múltiplos significados, porém, sua origem deve-se ao termo latino *contextere*, que pode ser traduzido como "entrelaçar" ou "conectar"(Butzer,1982:04). Desta forma:

> "*Definido en esos términos, el contexto es un tema central para distintos enfoques dentro de la arqueología. Por ejemplo, la arqueología espacial lo mismo se ocupa de una configuración horizontal de agregados en el interior de un yacimiento, que de las interconexiones entre distintos sitios.*"

Esta definição de contexto não distancia-se da importância dada por Hodder ao contexto ambiental, o contexto espacial das estruturas e dos artefatos e as relações destes com as sociedades. Há uma aproximação com as práticas da Arqueologia Espacial, como se pretende demonstrar mais adiante. Ao referir-se a questão do contexto ambiental, Kern destaca:

> "*O meio ambiente se caracteriza pelas diversas paleopaisagens do passado e sua evolução até à situação atual, levando-se em conta o relevo, o clima, a fauna e a flora.*"
>
> (Kern,1996:23)

Esta concepção, que leva em consideração o meio ambiente como cenário, não passivo, para as sociedades nele atuantes, implica uma postura diferenciada das intervenções arqueológicas:

> "*Do ponto de vista teórico, buscou-se explicar, numa primeira abordagem, as relações entre as diversas e diversificadas sociedades em presença e as paisagens naturais, bem como as ações-reações-interações das adaptações culturais a meios ambientes variados, com diversos microclimas locais, relevos contrastantes, flora e fauna com multiplicidade de espécies e tipos característicos, vivendo em um mosaico de florestas, campos, várzeas, rios e banhados.*"
>
> (Kern,1996:28)

A Arqueologia Contextual não se resume unicamente aos macro-contextos ambientais. Sua abordagem diz respeito também ao contexto dos artefatos resgatados pela escavação arqueológica. Assim, em um nível micro, interessa-se também pela localização tridimensional e cartesiana dos artefatos, com o objetivo de relacionálos ao seu contexto, levando em consideração, não apenas os aspectos funcionais mas, sobretudo, os aspectos de natureza simbólica dos artefatos. Em linhas gerais, a utilização desta abordagem contextual tem permitido à Arqueologia Histórica Missioneira uma compreensão de significados tanto materiais como simbólicos, tanto estruturais como funcionais. Esta preocupação com o contexto ganhou mais importância na Arqueologia Histórica Missioneira, em função das intervenções arqueológicas realizadas até o presente momento nos sítios missioneiros terem sido pautadas por ações de salvamento e valorização de estruturas arquitetônicas. O fato de constituírem estes sítios patrimônios históricos nacionais e da humanidade inviabilizam intervenções arqueológicas de grande porte, com amplas áreas postas em descoberto, como ocorre em outros sítios arqueológicos históricos e pré-históricos do Brasil e do exterior. Os debates em torno da possível incompatibilidade entre conservação e valorização dos remanescentes arquitetônicos e as escavações arqueológicas, determinaram intervenções pontuais em áreas específicas dos povoados, sobretudo em seus núcleos urbanos, como ocorreu em São Miguel (1989, 1992), São Lourenço e São João (1989,1990 e 1991). No entanto, como se procurará demonstrar adiante, os sítios arqueológicos caracterizados como patrimônio histórico oportunizam outras formas de investigação e apresentam outras problemáticas, que não estão restritas unicamente às escavações arqueológicas. As recomendações nacionais e internacionais apontam para outras formas de abordagem destes patrimônios e encontram assim uma associação com as práticas de uma arqueologia de tipo espacial.

1.5. A Arqueologia Espacial e o Patrimônio Histórico

O Patrimônio Histórico, sobretudo aquele que passa por um processo de "tombamento" legal, requer uma atenção especial no que diz respeito à sua conservação e valorização. Desta forma, intervenções arqueológicas que venham a descaracterizar estruturas ou até mesmo destruí-las, são desaconselháveis e, em certos casos, proibidas. Contudo, como apresentado anteriormente, a ação da arqueologia não limita-se apenas às atividades de escavação. A própria Arqueologia Espacial recebeu um estímulo de situações onde justamente as escavações já não eram mais possíveis. Esta realidade levou à determinação de legislações específicas visando conciliar os interesses dos órgãos que possuem a gerência dos patrimônios históricos e as instituições de pesquisa, sobretudo os seus departamentos de arqueologia.

No contexto internacional, existe uma série de documentos oficiais que tratam de regulamentar a ação arqueológica. Entre eles destacam-se: "*Recommendations définissant les principes internationaux à appliquer en matière de fouilles archéologiques*"[5], *e também: "Charte internationale pour la gestion du patrimoine archéologique*".[6]

Analisando este documento, Kern (1994b:08) faz um apanhado geral das recomendações da carta, que para efeitos de simplificação, denomina de Carta Internacional da Arqueologia. Destaca-se aqui o artigo 4º da Carta, que determina os seguintes pontos:

> "*Somente através de inventários completos se pode ter o maior conhecimento possível sobre a existência, a extensão e a natureza dos sítios arqueológicos que compõem o patrimônio arqueológico. Os inventários do patrimônio arqueológico, existente ou em potencial, são instrumentos de trabalho essenciais para que se possam elaborar as diversas estratégias de proteção, nos inúmeros sítios arqueológicos. A obrigatoriedade dos estudos e pesquisas arqueológicas sobre o patrimônio, faz com que os inventários possam fornecer as fontes primárias necessárias, pois são bancos de dados fundamentais. Todas as informações possíveis devem integrar esses bancos de dados, sejam elas de diferentes*

5.*Conventions et recommendations de l'Unesco relatives à la protection du patrimoine cultural,* Paris, Unesco, 1987.
6.Chartes, Paris, Icomos, 1990.

> *graus de precisão ou de fiabilidade, e por mais genéricas que possam ser algumas delas, todas as informações reunidas nos inventários são o ponto de partida para as medidas de proteção.*"

No âmbito federal, o IPHAN e o Ministério da Cultura, foram responsáveis pela execução de dois documentos importantes para a proteção do patrimônio histórico. São eles, "O Compromisso de Brasília" e o "Documento de Salvador". Estes dois documentos escritos na década de 70, propõem uma série de recomendações para a ação sobre o patrimônio. Destacam-se alguns dos artigos que parecem relevantes para este trabalho:

O Compromisso de Brasília (Telles,1977:98), assinado em abril de 1970, recomenda em seu parágrafo 15º:

> " *15 - Com o mesmo objetivo, é desejável que pelos Estados seja confiada a especialistas a elaboração de monografias acerca de aspectos sócio-econômicos regionais e valores compreendidos no respectivo patrimônio histórico e artístico; (...)*"

Já o Documento de Salvador (Telles,1977:102), assinado como ratificação ao Compromisso de Brasília, recomenda em seus parágrafos 19º e 21º:

" *19 - Recomenda-se que sejam criados, no âmbito das universidades brasileiras, centros de estudos dedicados à investigação do acervo natural e de valor cultural em suas respectivas áreas de influência, (...) 21 - Recomenda-se que seja complementada a legislação vigente, com vistas a disciplinar as pesquisas e trabalhos arqueológicos.*"

Estes documentos, embora voltados mais para a valorização do patrimônio e para as formas de obtenção de recursos para tal, deixam clara a importância dos levantamentos e pesquisas de níveis regionais, sobre aspectos naturais e culturais, incluindo-se as pesquisas arqueológicas.

O sítio arqueológico de São João Batista é considerado patrimônio histórico brasileiro, ao lado dos outros sítios arqueológicos da região como São Lourenço Mártir e São Miguel Arcanjo, sendo que

este último, encontra-se entre os Patrimônios Históricos da Humanidade por resolução da UNESCO, órgão da ONU para assuntos culturais. Desta forma, São João Batista está protegido pela legislação e as determinações que regem o patrimônio histórico, tanto na esfera regional, como federal e internacional.

A nível regional destaca-se o "*Projeto integrado de valorização dos sítios arqueológicos missioneiros do Brasil*"[7], de autoria da 12ª Coordenadoria do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional - IPHAN , responsável pelo Estado do Rio Grande do Sul. Nele encontram-se algumas determinações importantes quanto aos seus objetivos, operacionalização e necessidades. Neste documento, quanto aos objetivos, destaca-se o ponto 5:

> " *5 - Desenvolver as atividades de preservação aplicando métodos científicos, tecnologias e critérios de intervenção contemporâneos.*"[8]

Com um número maior de informações acerca das estruturas que compõe o núcleo do sítio, e com a determinação do alcance da área real do sítio, são possíveis intervenções de preservação mais qualificadas.

Quanto à operacionalização, destacam-se os pontos 3 e 4:

> " *3 - Integrar as diferentes áreas de trabalho e parcerias, organizando equipes responsáveis pelas ações de identificação, proteção e promoção dos remanescentes missioneiros; 4 - Promover encontros teórico-práticos durante a execução das ações programadas, nas áreas de antropologia, arqueologia, arquitetura, educação patrimonial, música, documentação, difusão, história, informática e preservação ambiental;*"[9]

Quanto às necessidades apontadas pelo projeto, destaca-se no

7.Docuento: Projeto Integrado de Valorização dos Sítios Arqueológicos Missioneiros do Brasil, Ministério da Cultura, 12ª Coordenadoria Regio al do IPHAN. 1994.
8. *idem*, p. 2.
9. *Idem,* p. 3.

caso de São João Batista o seguinte ponto: "*4 - São João Batista: 4.1 - Identificação: Inventário, registro e reconhecimento de estruturas remanescentes do antigo povoado.*"[10]

Alguns destes "encontros teórico-práticos" foram realizados em 1995 e 1996 e constituíram-se em intervenções na área urbana do povoado. Quanto aos "inventários", a Arqueologia Espacial pode contribuir para a ampliação do conceito de sítio, abrangendo outras análises e outras temáticas, em conformidade com o proposto para o patrimônio histórico pela 12ª Coordenadoria Regional do IPHAN.

Percebe-se que, tanto a nível regional, como federal e sobretudo internacional existe um consenso em relação a necessidade de abrangentes estudos sobre os patrimônios históricos, incluindo os sítios arqueológicos. Este consenso corresponde na prática arqueológica às propostas da Arqueologia Espacial. No entanto, a temática das Missões Jesuíticas implica em uma análise mais ampla do contexto histórico e geográfico no qual estavam inseridas as mesmas. Sendo assim, é necessário inicialmente uma determinação do espaço missioneiro no que diz respeito ao território ocupado pelo conjunto dos Trinta Povos. Compreendendo-se a dimensão e as características deste território, ampliam-se as possibilidades de apreensão do espaço organizado nas Reduções enquanto unidades, bem como das implicações espaciais da formação do conjunto dos Trinta Povos Jesuítico-Guaranis.

10. *Idem,* p. 4.

2. Geografia e sociedade na construção do espaço

O espaço ocupado pelas Reduções jesuíticas de indígenas do grupo Guarani só pode ser compreendido a partir das relações que este grupo estabeleceu com o ambiente ecológico característico de seus assentamentos. O "espaço" neste caso deve ser entendido como algo não estranho à sociedade, mas sim como parte da mesma e de sua cultura. Observando a forma como os Guaranis relacionavam-se com a natureza que os cercava é perceptível a interação e a adaptação ao ambiente e aos recursos nele disponíveis. Desta interação e dos desdobramentos culturais da mesma, resulta a necessidade de uma concepção de espaço que demonstre a relação entre a sociedade e um determinado ambiente ecológico que se torna característico da mesma. Sendo assim, o espaço deve ser visto como:

> "*...uma instância da sociedade, ao mesmo título que a instância econômica e a instância cultural ideológica. Isso significa que, como a instância, ele contém e é contido pelas demais instâncias, assim como cada uma delas o contém e é por ele contida. (...) Isso quer dizer que a essência do espaço é social. Nesse caso, o espaço não pode ser apenas formado pelas coisas, os objetos geográficos, naturais e artificiais, cujo conjunto nos dá a Natureza.*"
>
> (Santos,1992:01)

Nesta perspectiva o espaço passa a ser algo além do visível, sendo compreendido como uma totalidade entre a sociedade e a paisagem. Para Milton Santos o conjunto de objetos distribuídos sobre um território, constitui sua configuração geográfica. A paisagem significaria a maneira como estes objetos visíveis se dão aos nossos olhos em sua continuidade visível. No entanto, o que dá vida a esses objetos,

sendo seu processo ativo, são todos os processos sociais representativos de uma sociedade em um dado momento. Daí a concepção de espaço como a soma da paisagem (ou melhor ainda, da configuração geográfica) e da sociedade (Santos,1992:02) Estes dois elementos são indissociáveis e sua relação é dialética. O espaço contém e é contido pela configuração geográfica ao mesmo tempo em que contém e é contido pela sociedade. Falcade e Bachi (Falcade & Bachi,1994:405) apontam para a distinção entre espaço geográfico e espaço natural, pois o primeiro seria:

> "*aquele construído por uma sociedade a partir de suas relações, existentes numa determinada área. Assim, o espaço é ao mesmo tempo condição de realização e resultado da sociedade.*"

O espaço natural estaria composto pelo conjunto de aspectos permanentes do espaço. Apesar disto este espaço também sofre alterações causadas pela ação das sociedades que o ocupam. Porém alguns elementos tendem a uma permanência mais longa. É este espaço natural dos territórios ocupados pelos Guaranis antes da colonização ibérica que torna-se importante para uma análise do espaço das Missões Jesuíticas das quais participaram os índios desta parcialidade.

2.1. O espaço natural ocupado pelos Guaranis

Os Guaranis realizaram uma série de migrações e conquistas de territórios a partir da região da Bacia Amazônica, em direção ao sul do continente. Estas migrações intensificaram-se por volta 2000 A.P.[11]. Uma das causas destas migrações poderia estar em um episódio climático seco importante, cuja ocorrência estima-se entre 3000 A.P. e 2000 A.P., e que teria provocado uma crise na floresta equatorial amazônica e nas restantes massas florestais do continente (Kern,1994d:104). Diante da perspectiva de condicionantes ecológicos, o papel das lideranças messiânicas é redimensionado.

11. A datação aqui considerada é arqueológica (A.P.= Antes do Presente).

Com relação a estas constantes migrações dos Guaranis, Meliá refere-se a um comportamento ecológico ligado à necessidade de manutenção de um padrão de exploração dos recursos naturais. Baseia-se na documentação dos primeiros contatos entre Jesuítas e Guaranis, no caso dos relatos do Padre Roque Gonçalves (Meliá,1981:51). Nestes relatos há várias referências às intensas atividades agrícolas, que demonstravam-se através de extensas capoeiras nas matas da região do Tape. Isto significa que eram trabalhadas superfícies consideráveis de matas e bosques. Melía acredita que a procura de terras novas, ainda não cultivadas, pode ter dinamizado muitas das migrações Guaranis. Esta procura de uma terra "sem estragos" chegou a ser confundida com a procura de uma terra "sem mal" e isto significaria mito e economia confundindo-se em um único momento: "*Es el tema del yvy marane'y tan significativamente polisémico en la etnohistoria guarani*" (Meliá,1981:51).

Desta forma, seguindo incentivos mitológicos ou econômicos, quando não ambos, os Guaranis teriam descido da Amazônia para o sul, pelos caminhos hidrográficos da Bacia Platina. A área por eles ocupada estendeu-se desde o sul do Mato Grosso e do Trópico de Capricórnio, até a foz do rio da Prata. Ocuparam, sobretudo, os vales dos grandes rios Uruguai, Paraguai e Paraná, e de seus afluentes. O limite de sua penetração neste território deu-se justamente nas matas de araucária do planalto, limitando-se as áreas cuja a altura não ultrapassava os 700 m. Da mesma forma não incursionaram pela região do Pampa. Verifica-se assim a intenção de permanecer em áreas onde estivessem garantidas determinadas condições de calor e umidade (Kern,1994d:106). Como praticantes de uma horticultura em meio a floresta, buscavam ambientes propícios à reprodução desta forma de abastecimento, sem abrir mão da caça e da coleta.

A área que foi ocupada pelos Guaranis tem um espaço natural muito diversificado em seus aspectos geológico-geomorfológico, hidro-climáticos e biogeográficos (Bachi & Falcade,1990). O relevo, o clima, a hidrografia e a vegetação apresentavam uma diversidade que contemplava as expectativas culturais dos Guaranis e a manutenção de um padrão amazônico de instalação das aldeias. Tomando o Rio Grande do Sul como área de referência, pode-se ter uma idéia do ambiente natural ocupado pelos Guaranis antes da conquista e daquele sobre o qual instalaram-se as Reduções Jesuíticas.

2.2. Elementos do espaço natural ocupado pelos Guaranis

2.2.1. Relevo

Em termos de compartimentação geomorfológica as áreas de planalto, possuem variações significativas de altitudes que podem alcançar desde 200 até 1300 m., cujas altitudes maiores encontram-se localizadas na parte oriental e setentrional, a leste do Paraná, Santa Catarina e norte do Rio Grande do Sul. Estes planaltos, com origens geológicas diversas, diminuem lentamente de altitude em direção às calhas dos rios Paraná, Uruguai e Paraguai, a partir das quais estende-se uma planície que ocupa toda zona centro-oeste, na qual viviam inúmeros grupos indígenas, especialmente os Guaranis (Bachi & Falcade,1990:35).

Na região do Rio Grande do Sul, onde foram instalados mais tarde os Sete Povos da Banda Oriental, entre eles São João Batista, o planalto gaúcho é relativamente baixo, tendo altitudes que variam de 200 a 300 metros, em média. Tanto nesta região como nas áreas vizinhas do Uruguai, Paraguai e Argentina predominaram na paisagem as coxilhas de forma colinosa, que foram esculpidas em clima úmido e os cerros são as formas salientes do conjunto. Estes são os resíduos de antigas cristas, de formação litológica mais resistente, tendo sido soerguidos pelo movimento tectônico do Escudo Uruguaiosul-rio-grandense (Bachi & Falcade,1990:35). Dentro desta paisagem de coxilhas, ao longo dos rios, estão estabelecidas as coberturas vegetais de florestas onde se instalaram os Guaranis.

Este relevo, associado à quantidade e distribuição das precipitações, forma a bacia hidrográfica do Prata, com uma extensão de cerca de 4.000.000 km². Esta bacia drena as águas das regiões centro-oeste, sudeste e sul do Brasil, bem como de vastas áreas do Paraguai, Uruguai e Argentina. As bacias dos rios Paraná, Uruguai e Paraguai, e seus afluentes, compõem o conjunto que forma a Bacia Platina.

2.2.2. Hidrografia

A bacia do Paraná, que é formado pelos rios Grande e Paranaíba, recebe os tributários Paranapanema, Ivaí e Iguaçu. A navegação nestes rios de planalto é comprometida pela presença de quedas e corredeiras. Já a bacia do Paraguai é formada por rios de planície, onde ocorre um regime de cheias no verão. O Rio Paraguai tem suas nascentes no Planalto Central brasileiro e recebe tributários desta região e da Cordilheira dos Andes. Azara (1990), no final do século XVIII refere-se ao Rio Paraguai:

> "*Se forma en la latitud austral de 14º 20' con varias vertientes de la sierra llamada del Paraguay, donde se hallan las minas de oro y diamantes que posuen los portugueses desde el año 1736 en que las descubrieron. Su curso es al sur desde la boca del río Yauru, situado en 16º 25' de latitud, hasta la de 27º 25', en que confluye com el río Paraná, no tiene obstáculo para la navegación con embarcaciones de ocho a diez mil arrobas de carga. Su álveo o caja es angosta, honda, regular y sin la menor catarata ni arrecife, de forma que aunque se pueblen sus costas no por ello será mejor acondicionado. Estas circunstancias le hacen singular entre todos los ríos conocidos en países incultos y despoblados*"
>
> (Azara,1990:57).

A menor bacia entre as que formam o rio da Prata é a do Uruguai. Este rio possui inúmeras quedas e percorre uma grande área do Planalto Meridional. Seu curso divide-se em duas áreas distintas: o curso superior, que é estreito e sinuoso, e está encaixado em um vale escavado na rocha basáltica; e o curso médio e inferior, onde alarga-se a partir de um relevo mais plano. Seus tributários da margem esquerda nascem nas áreas mais elevadas do planalto.

A bacia do Uruguai torna-se importante neste trabalho por sua relação com o estabelecimento dos Sete Povos da Banda Oriental. Junto com o sistema Vacacaí-Jacuí, ela forma uma densa malha hidrográfica que drena o território do Rio Grande do Sul. O sistema Vacacaí-Jacuí é um sistema complexo que combina a rede hidrográfi-

ca (Vacacaí-Jacuí, Camaquã, Piratini e Jaguarão) com a ação lagunar exercida pelo lago Guaíba, a laguna dos Patos, a lagoa Mirim e o canal São Gonçalo. As águas drenadas alcançam o oceano Atlântico através da barra do Rio Grande. O Rio Uruguai constitui um sistema de drenagem simples, com os tributários alcançando diretamente o coletor principal. A extensão total do Rio Uruguai é de 2.046 km. Destes, 1.516 km costeiam terras rio-grandenses por sua margem esquerda. Seus tributários drenam cerca de 149.000 km2 do território do Rio Grande do Sul, e mais uma vasta área de terras argentinas e uruguaias. O rio de maior extensão no trecho norte e noroeste é o Ijuí, com 220 km. Em toda a bacia do Uruguai, o mais longo é o Ibicuí, com 450 km. As chuvas regulares mensais da região, com médias acima de 150 mm e até superiores a 200 mm, principalmente nas bacias do Ijuí, Turvo, Várzea e Santa Maria, determinam um regime equilibrado para os rios que compõem a bacia do Uruguai. O tipo de relevo da região faz com que, por ocasião de chuvas mais intensas, ocorra um aumento rápido no nível das águas dos rios. O rio Uruguai se torna navegável em quase toda a sua extensão apenas nos períodos de cheia, e mesmo assim, apenas 600 km prestam-se a navegação. Nos períodos em que ocorrem fracas precipitações o nível do Rio Uruguai baixa, podendo inclusive observar-se o fundo de alguns de seus afluentes, como ocorre no Quaraí, que revela um leito pedregoso (Vieira,1984).

2.2.3. Hidro-climatologia

A presença desta malha hidrográfica de grande porte, com rios principais como Uruguai, Paraguai e Paraná, e o conjunto de inúmeros pequenos e médios afluentes, combinada à hidroclimatologia da região, foi importante para o desenvolvimento de formações florestais ao longo de seus cursos. Ollero considera que esta região está submetida a um clima de caráter tropical (Ollero *et al,* 1989). Entretanto, se distinguem duas variantes bem definidas: uma de tipo tropical chuvoso clássica, com precipitações quase permanentes; e outra com um marcado caráter estacional, com chuvas distribuídas em diferentes épocas do ano. A primeira afeta a todos os territórios compreendidos pela bacia média do rio Paraguai e pelo curso inferior do Paraná, e a segunda afeta as extensas planícies do alto Paraguai (Planalto do Mato

Grosso), assim como a uma ampla faixa que acompanha a margem direita do Paraguai até latitudes próximas aos 30º S (parte oriental do Chaco) (Ollero et al, 1989:142).

Segundo Bachi, a maior parte da região antigamente ocupada pelos guaranis sofre a influência da massa de ar polar atlântica (Bachi & Falcade,1990). Esta massa penetra na região através do corredor formado pela extensa planície do Prata, entre a Cordilheira dos Andes e o Planalto Meridional Brasileiro. Ela é responsável pelos distintos comportamentos climáticos e as precipitações diferenciadas. Provoca as geadas, as esporádicas quedas de neve e os ventos frios do inverno; o contato com massas de ar quente ocasiona os intensos temporais e as pancadas rápidas de chuva da primavera e do outono (Bachi & Falcade,1990,p38). Este clima temperado é responsável por mudanças bruscas de temperatura. No verão, os ventos alísios de sudeste, quentes e úmidos, incidem sobre a região, provocando altas temperaturas e chuvas freqüentes. A temperatura média anual é de 18º C. Sobre o clima na região do Paraguai, Félix de Azara comenta:

> "*Se debe reputar el clima de la extensión de la adjunta carta por cálido, pues se compreende entre 23 ½ 39 grados de latitud y está apartados de la mar y de las cordilleras. He observado en la Asunción, situada en la latitud media entre las mencionadas, que en los días comunes del verano se mantiene el mercurio del termómetro de Fahrenheit en los ochenta y cinco grados y un tercio. Esto se entiende en mi cuarto, porque en el corredor, donde sólo da el sol al salir, lo he visto subir a los noventa y tres grados y medio a las dos de la tarde. En los días de invierno, que llaman fríos, bajó el mismo mercurio a cuarenta y cinco grados. Donde se infiere que el invierno, sobre ser poco dilatado, es una primavera de Europa.*"
>
> (Azara,1990:53)

2.2.4. Vegetação

A variabilidade de solos e clima, combinada e relacionada com a presença da rede hidrográfica determinam diferentes formações vegetais. Maeder procura fazer uma síntese das formações vegetais da

região da antiga Província Jesuítica do Paraguai, apresentando três grandes formações.

Na porção setentrional da região encontram-se as formações arbóreas. Localizam-se entre o ocidente seco da planície chaqueña, subindo as serras periféricas, e o oriente, no domínio tropical e úmido, onde ocorrem as formações mais densas. No centro da região, encontram-se as formações mistas, alternando formações herbáceas com arbóreas e arbustivas. Apresentam-se como uma extensa franja, acompanhando os setores baixos, a leste e a oeste do vale dos rios Paraguai e Paraná. Daí, em direção ao sul, predominam as formações de gramíneas, relacionadas com as temperaturas menores e precipitações mais baixas. Maeder destaca ainda que os bosques ribeirinhos, sobretudo os dos territórios mesopotâmicos, constituem uma exceção a este esquema geral (Maeder & Gutierrez, 1996:26).

Vieira relaciona esta formação de bosques no Rio Grande doSul com a associação entre campo e floresta na região do planalto basáltico, que contribui para a formação dos campos com capões e dos campos e matas galerias. Os bosques ou capões são matas de contorno arredondado e fisionomia compacta. A região de ocorrência é responsável pela estrutura desses matos nativos. Os capões e matas galerias devem-se à presença de uma importante malha hidrográfica com rios, arroios e córregos, associados à bacia do rio Uruguai (Vieira,1984:158).

Referindo-se também a vegetação desta região Ollero destaca que desde de um ponto de vista florístico, este território e bastante homogêneo, predominando famílias como Leguminosas, Zigofiláceas, Anarcadiáceas, Celastráceas, Rhamnáceas, Caparidáceas, Santaláceas, Ulamáceas, Cactáceas y Bromeliáceas. A paisagem apresenta uma diversidade de formações vegetais, destacando-se por sua extensão, os bosques xerófilos caducifólios e as estepes herbáceas. (Ollero et al,1989:158)

Florestas

Uma das características da vegetação da região onde estabeleceram-se os Guaranis, como pode ser visto nas caracterizações de Maeder e Ollero, é a transição de uma formação vegetal à outra. Isto ocorre tanto entre as áreas de campo e floresta, com a presença de bosques e capões, quanto entre as próprias formações florestais diferentes. Ao sul do divisor Ivaí-Piquiri ocorre a passagem da floresta Subcaducifolia Tropical para a Floresta Caducifolia Subtropical. Bachi (Bachi & Falcade,1990:41) destaca que esta passagem é quase imperceptível. A floresta Caducifólia Subtropical estende-se em direção ao sul ao longo dos vales dos rios, envolvendo a floresta de araucária.

A floresta Caducifólia Subtropical envolve basicamente áreas caracterizadas pela presença de araucárias, mas é uma mata exuberante; aparecem ai três tipos básicos de vegetação: um estrato arbóreo, um arbustivo alto e um arbustivo herbáceo. No estrato superior aparecem o alecrim (*Holocalyx glaziovii*), o umbu (*Phytolacea dioica*), o cedro (*Cedrela fissilis*), a cangerana (*Cabralea oblongifliola*), o louro (*Cordia trichotoma*), o angico (*Piptadenia rígida*), a grápia (*Apuleia praecox*), a guajuvira (*Patagonula americana*), o espinilho (*Fagara sp*), o guatambu (*Aspidosperma ramiflorum*), o tarumã (*Vitex montevidenses*), a timbaúva (*Enterolobium timbouva*), o jerivá (*Arencastrum romanzoffianum*), o palmito (*enterpe edulis*), o bambu (*Bambusa sp*), epífita e samambaias, além de fístulas, cabriúnas, guatambrés e canela. Também aparecem nos estratos mais altos, em função da associação com a floresta subtropical com araucária, os pinheiros, que podem alcançar até 40 m de altura.

No segundo estrato, ou estrato intermediário, apesar de os pinheiros dificultarem a passagem da luz solar, se desenvolve uma vegetação arbórea do tipo sub-bosque, onde destacam-se: o camboatá (*Cupania vernalis*), o ipê (*Tecoma sp*), a erva mate (*Ilex paraguaiensis*), o açoita-cavalo (*Octea puberula*), o jacarandá (*Dalbergia nigra*), a caviúna (*Machaerium sp*), a guabiriba-da-serra (*Britoa sellowianor*) e a grapiapunha (*Apuleia praecox*). Encontram-se também limoeiros, limeiras e laranjeiras do mato. No arbustivo baixo existe uma certa riqueza em orquídeas e samambaias, ocorre ai também, nos limites do campo, a erva-mate. Esta que teria um papel destacado na cultura Guarani e na economia das Missões Jesuíticas.

No Rio Grande do Sul o quadro fitogeográfico mostra-se equilibrado entre as áreas de cobertura florestal e os campos. A vegetação pioneira também tem uma participação ativa. O quadro clímato-botânico-sedimentar rio-grandense, tem na floresta nativa, nos campos nativos e na vegetação pioneira seus três grandes itens, reservando-se as particularidades de cada um (Vieira,1984:147). Levando em conta as condições climáticas, o ciclo vegetativo, os processos pedogenéticos e sedimentares, Vieira classifica a vegetação do Rio Grande do sul em: Florestas Nativas: a) floresta ombrófila perinifólia, b) floresta ombrófila caducifólia, c) floresta subtropical com araucária e d) floresta galeria; Campos Nativos: a) campos e matas nativas, b) campos com capões, c) campos com parques e d) campos e matas galerias;Vegetação Pioneira: a) campos inundáveis e banhados, b)campos em mantos de dispersão eólica com capões, c) vegetação de dunas e d) vegetação de terras recentemente emersas (Vieira,1984,147).

Na região noroeste do Estado, onde estabeleceram-se os Sete Povos Orientais das Missões, predomina a formação da floresta ombrófila caducifólia, ou floresta subcaducifólia subtropical. A área de domínio da floresta ombrófila caducifólia é na região da encosta meridional do planalto basáltico, curso médio e superior dos rios Taquari-Antas e inferior do Jacuí. No alto planalto basáltico a floresta ombrófila caducifólia aparece acompanhando os cursos dos rios, tornando-se assim, floresta de galerias. Isto ocorre porque a vegetação se concentra nas margens dos rios, arroios ou córregos. Constituem assim as florestas, matas ou capões galerias ou ciliares. Estão representadas ao longo dos rios Icamaquã, Piratinin, Ijuí, Jacu, Taquari-Antas e em muitos outros rios do planalto (Vieira,1984:153).

Na região das Missões, a vegetação ciliar cresce nas margens dos arroios e córregos e forma uma cobertura de uma margem a outra. Na região noroeste a floresta ombrófila caducifólia aparece associadas aos pinheiros característicos da floresta subtropical com araucária. Os pinheiros apresentam-se espalhados, deixando a floresta menos densa. Encontram-se em quase todo o território rio-grandense. Em algumas áreas aparecem em pequenos grupos ou mesmo indivíduos isolados. "*Muitas vezes fica difícil definir se sua origem é devida a meios naturais de dispersão ou se foi cultivada.*" (Vieira,1984,p152). No entanto, por razões ambientais, o habitat natural da araucária no Rio Grande do Sul

é o geossistema do planalto basáltico. Descrevendo a vegetação local em 1820-21, Saint-Hilaire comenta:

> "De Montevidéu a Ibicuí somente encontrei matas às margens dos arroios e rios, mas aqui começo a encontrar esses bosquetes chamados capão. Como sempre ocupam as terras baixas e os lugares úmidos e abrigados. Sua verdura não oferece as colorações alegres e doces dos bosques de Montevidéu, não são sombrios como os capões dos campos gerais, mas sua folhagem tem já o verde escuro característico da vegetação das matas da zona tórrida."
>
> (Saint-Hilaire,1974:119)

Campos

Além das formações de floresta, como já foi destacado, encontram-se em grande parte da área ocupada pelas Missões Jesuíticas de Guaranis formações vegetais campestres ao lado de lugares com Floresta Estacional Decidual, que no conjunto florestal está identificada como parte de espécies caducifólias. Essas formações estão relacionadas com o relevo de uma suave topografia.

Segundo Bachi:

> "*Embora esta área apresente diferenças fisionômicas e florísticas decorrentes das condições ecológicas locais, os subtipos podem ser englobados sob a denominação genérica de Campos.*"
>
> (Bachi & Falcade,1990:42)

A vegetação campestre é predominantemente herbácea, embora ocorra a presença de capões, matas e capoeiras. A maior parte da área rio-grandense é ocupada por campos. No entanto, algumas distinções são necessárias. No planalto basáltico verifica-se um processo onde a cobertura vegetal evoluía em direção à floresta, até o início da colonização humana. Havia uma tendência a diminuição dos campos pelo avanço da floresta. Porém, ação do homem conteve as florestas nativas causando sua regressão. No estágio atual, desconsiderando-se a ação humana, haveria uma expansão da floresta nativa. No desenvol-

vimento da vegetação em transição à floresta o campo é uma etapa. As condições climáticas de cada área serão responsáveis pelas variações das características campestres (Vieira,1984:155-56).

É preciso pensar nesta transformação que a ação antrópica, iniciada com a ocupação indígena guarani e posteriormente pela introdução da agricultura em grande escala, e nas conseqüências para a cobertura vegetal da região. Qual a relação que foi estabelecida pelas populações das missões jesuíticas com o meio e que medida contribuiu para o refluxo do avanço florestal. Sabe-se do intenso uso das madeiras florestais nas construções, instrumentos, embarcações, fornos, etc. nas Reduções. No entanto, qual seria também a influência do sistema de plantio guarani, com queimadas, que foi mantido durante o período missioneiro. A técnica de horticultura guarani previa o plantio apenas dentro de clareiras abertas na mata e não em campo aberto. A concentração de uma população média de 3000 pessoas em uma determinada área e a produção horticultora para alimentar esta população pode ter contribuído para a diminuição da cobertura florestal. A própria técnica de horticultura em meio a floresta, que nas aldeias guaranis servia para alimentar um número máximo aproximado de 200 habitantes, nas reduções necessitava ampliar as áreas de ação frente a uma população dezenas de vezes maior. O período missioneiro marcaria uma primeira aceleração do processo de avanço do campo sobre a floresta, que se incrementaria na fase posterior das grandes propriedades agrícolas e no avanço sobre os bosques e matas. Mais adiante, ao tratar da relação entre as Reduções e o ambiente se voltará a esta questão.

A convivência de duas formações distintas e as possibilidades de exploração econômica de ambas foi observada em 1820-21 por Saint-Hilaire:

> "*As terras compreendidas entre o Ibicuí, o Uruguai e o Camaquam são excelentes para a criação de gado. As que se estendem entre Camaquam e os limites da Província, do lado da Serra, não possuem boas pastagens, mas em compensação mostram-se muito próprias para culturas e podem produzir, abundantemente, trigo, milho, arroz e algodão. Escolhendo-se lugares abriga-*

> *dos, e terras melhores, pode ser cultivada a cana-de-açúcar nas partes mais quentes da Província.*"
>
> (Saint-Hilaire,1974:137)

2.3. Guaranis: os conquistadores da floresta subtropical

Neste grande território, composto por uma diversa cobertura vegetal e com uma portentosa rede hidrográfica penetraram e instalaram-se os Guaranis. Desta forma, este espaço natural transforma-se em um espaço geográfico Guarani. Sobre a possível origem do grupo Guarani, Schmitz destaca:

> "*Os arqueólogos e também os linguístas acham que as raízes últimas, tanto do Guarani, como do Tupi, devem estar no oeste do Brasil, em direção à borda oriental dos Andes, onde numerosas outras culturas foram desenvolvidas; mas o modo como ela se gestou aí, reunindo elementos andinos e elementos tropicais, até hoje as pesquisas arqueológicas não revelaram.*"
>
> (Schmitz,1979:57)

Seguindo um ambiente que permitisse a reprodução de suas bases materiais, estes indígenas buscaram as encostas e os vales recobertos por capas de floresta subtropical. Os verões frescos e invernos frios do planalto constituíam um clima que não possibilitava a horticultura de vegetais tropicais, tal como os Guaranis vinham praticando há séculos. Conseqüentemente não ocuparam as áreas mais altas, que tornaram-se domínio de caçadores e coletores, com padrões de assentamento distinto, podendo ocorrer algumas formas de cultivo de vegetais. As florestas de galeria que envolvem as margens dos rios da Bacia Platina foram sendo ocupadas. Espalhando-se pelas matas e florestas atingiram o vale do rio Jacuí e chegaram aos litorais do Rio Grande do Sul e Uruguai, onde ocuparam também as áreas de mata próximas às lagoas. Nestes limites da floresta tropical dava-se o contato com caçadores-coletores pampeanos e com sambaquianos do litoral norte do Rio Grande do Sul.

Schmitz considera que os Guaranis foram colonizadores do mato subtropical entre os séculos V e XVI. Nesta época eles teriam ocupado estas áreas que ladeiam e separam o planalto da região dos campos abertos do pampa. Nestes dois ambientes: o planalto e o campo estariam os grupos que dividiram e disputaram o espaço com os Guaranis. No Planalto estavam os grupos de caçadores e coletores que viviam de um cultivo rudimentar entre os matos de pinheiros dos campos altos. Sua sobrevivência dava-se através de uma sazonalidade de busca de recursos entre as áreas dos rios do planalto e a planície costeira do oceano Atlântico. Já nos campos da região pampeana, ao sul, viviam os grupos de caçadores nômades. Na costa atlântica denominados Minuanos e sobre o rio Uruguai os Charruas. Habitando a região há pelo menos 5 séculos a.C., exploravam os recursos das lagoas, dos banhados, dos campos e do mar. Junto com os Guaranis e os índios do Planalto, compunham os três grandes grupos culturais que se instalaram nestes três ambientes distintos. (Schmitz,1979:55-56)

2.3.1. A organização do espaço Guarani

É preciso ter-se em conta a forma como este espaço característico era dividido, vivido e interpretado pelos Guaranis. A visão de um espaço natural, tal como a concebida pela geografia, remete para uma paisagem composta de objetos materiais como antes foi apresentado. Esta oposição entre objetos materiais visíveis, e o mundo social das ações humanas não parece ocorrer na concepção e espaço dos Guaranis. A floresta, o ambiente cultural Guarani por excelência, era vista como habitada por entidades sobrenaturais, que na realidade Guarani eram a própria floresta. Daí a noção de Tekohá.

Este pode designar a aldeia como também todas as localizações consideradas próprias pelos guaranis. É a localização onde é possível realizar o ñande reko, ou o "modo de ser" Guarani (Meliá,1988:100). Lugares que permitam sua sobrevivência física e cultural. Segundo Medrano, a análise do espaço Guarani deve confrontar os dados obtidos, em função desta visão particular. A abrangência do Tekohá inclui todo o território, com a floresta, as roças, as aldeias, etc. Isto implica na falta de um significado visual. As características físicas e sociais do

território são consideradas em conjunto. A mobilidade das aldeias é compreendida não em função de um determinado lugar geográfico, mas sim do Tekohá

> "*...referente à posição do observador, poderíamos dizer, sem muito rigor, que enquanto o que nós vemos são aldeias, com a selva em volta, vêem os Guaranis a selva, com as aldeias dentro.*"
>
> (Medrano,1992:44)

Meliá também refere-se ao Tekohá como lugar de modo de ser, de cultura. Ele significa e produz ao mesmo tempo relações econômicas, relações sociais e organização político-religiosa. Todas estas, essenciais a vida Guarani. A categoria de espacialidade torna-se assim fundamental para a cultura Guarani, na medida em que ela assegura a liberdade e a possibilidade de manter a identidade étnica. (Meliá,1988:105) Baseado em Lévi-Strauss, Méliá aponta para os problemas que uma mudança na distribuição espacial dos elementos que compõem um povoado indígena podem causar em termos de desorientação. (Meliá,1988:106) Os elementos e sua organização espacial estão intimamente ligados às tradições culturais e à cosmovisão da população. Em uma escala mais ampla. Pode-se inferir que não apenas uma mudança na distribuição das casas, alterando sua orientação com os pontos cardiais, com os elementos naturais que as cercam, causaria uma desorientação. Também uma maior concentração de indivíduos e, conseqüentemente, a exploração de recursos em uma área mais abrangente, como ocorreu no período das Reduções, concorreriam para a desorientação espacial e cultural dos indígenas.

As aldeias Guaranis instalavam-se em clareiras naturais ou abertas entre a floresta subtropical. A presença de águas correntes era uma condição sempre buscada. Kern destaca que a escolha do local de instalação das aldeias pressupunha também um lugar mágico. A combinação dos primeiros raios do sol pela manhã com a neblina que subia dos rios compunha um cenário propício para as palavras inspiradas de pajés e caciques (Kern,1994d:110). As aldeias eram o Amundá, conjunto de casas que abrigam as famílias extensas (Soares,1997:122). Estas famílias constituíam a Teýy que seria célula mínima da organização social guarani. (Parentes sangüíneos e agregados. Pais, filhos,

genros, noras, sobrinhos, primos (Soares,1997:139). Habitavam casas coletivas, no interior das quais o espaço de cada família era balizado pela presença de redes e de fogueiras. Também as traves de madeira que faziam parte da estrutura das casas faziam as vezes de divisor invisível. O material construtivo era composto de madeira e palha, conseguidas fartamente na floresta Caducifólia subtropical. O Padre Nicolas Techo indica que:

> "*as casas são construídas de uma matéria composta de lodo e palha, são redondas ou alargadas e de tal magnitude que, às vezes, uma só constitui uma aldeia. Quando aumentava o número de inquilinos, alargavam a casa existente. Esta não possuía nenhuma separação*"
>
> (Techo, apud, Furlong, 1962)

As casas guaranis podiam variar a distribuição interna no comprimento, abrigando diferentes configurações familiares. Em geral, com uma mesma largura, os comprimentos podiam variar para dar lugar a mais famílias, ou haver rearranjos internos, já que não havia paredes a serem removidas. A relação entre estas casas Guaranis e as produzidas no contexto das Reduções será discutida mais adiante.

A manutenção das aldeias estava garantida pelas atividades de caça e coleta e pela horticultura em meio às clareiras na floresta. Suas roças eram cultivadas a partir da técnica de queimada:

> "*...es gente labradora, simpre siembra en montes y cada tres años por lo menos mudan chácara; el modo de hacer su sementera es: primero arrancan y cortan los árboles pequeños y, después, cortan los grandes, y ya cerca de la sementera como están secos los árboles pequeños (aunque los grandes no lo están mucho) les pegan fuego y se abrasa todo lo que han cortado, y como es tan grande el fuego quedan quemadas las raíces, la tierra hueca y fertilizada com la ceniza y al primer aguacero, la siembran de maíz, mandioca y otras muchas raíces y legumbres que ellos tiene muy buenas: dáse todo com gran abundancia.*(...)[12]

12.MCA- Jesuítas e Bandeirantes no Guairá 1594-1640. p.166.

Estas roças garantiam a produção de milho, mandioca, batata doce, favas, feijão, abóbora, amendoim, algodão e fumo. A produção destes gêneros dava-se em quatro estações, de acordo com a adequação do produto ao clima. A produção de alimentos visava dois objetivos: O cultivo para obter carbohidratos e a caça e a pesca para as proteínas (Schmitz,1979). O cultivo de raízes tropicais, especialmente a mandioca amarga; o uso e embarcações para navegação em rios; a utilização das redes de dormir; e a manufatura de utensílios cerâmicos, são características que os colocam entre as culturas da floresta tropical (Brochado:1977). Brochado analisou os hábitos alimentares das culturas tropicais, com base no cultivo e consumo da mandioca, estabelecendo relações entre estes e a morfologia dos vasilhames de cerâmica produzido por estes grupos (Brochado,1977). Seu trabalho demonstrou as possíveis correlações entre hábitos alimentares e cultura material, além da importância da mandioca para a reprodução destas culturas. Entre os Guaranis, a distribuição de tarefas seguia uma divisão sexual do trabalho. Às mulheres cabia o cultivo e artesanato doméstico, enquanto os homens dedicavam-se ao corte do mato e caça e pesca, atividades que tinham rendimento apenas de forma coletiva (Schmitz,1979).

As diferentes aldeias Guaranis encontravam-se unidas por uma intrincada rede de caminhos pelo interior das matas e florestas. Também os rios exerciam um papel importante como rotas aquáticas ligando diferentes áreas dentro de um Tekohá, ou mesmo diferentes Tekohá em um mesmo grande território. O conjunto dos Tekohás poderiam formar uma região, chamada de Guará. Os Tekohás estariam ligados por laços sociais, de reciprocidade, de aliança e identidade grupal, sendo ao mesmo tempo espaço físico, social e político (Soares,1997:146). Os Guaranis não submeteram apenas seus inimigos ao terror da conquista territorial, com base na guerra e nos rituais antropofágicos. Também difundiram por vastas regiões as inovações que haviam adquirido e desenvolvido como a cerâmica e a horticultura. (Kern,1994d:124)

2.3.2. Crise ecológica ou determinação cultural?

Os guaranis mantiveram uma unidade e uma continuidade da reprodução da cultura material e da subsistência de sua sociedade durante pelo menos 16 séculos conforme indicam as datações de rádio-carbono dos sítios arqueológicos Guarani. A cerâmica é o maior marcador desta continuidade, pois permanece praticamente sem alterações ao longo do tempo e de uma extensa área geográfica.[13] No entanto, as informações sobre a situação na qual encontravam-se os Guaranis nas épocas imediatamente anteriores à conquista européia ainda não são suficientes para afirmar que a cultura Guarani continuaria a reproduzir-se nos mesmos moldes.

Pesquisas arqueológicas realizadas em sítios Guaranis levaram a hipótese dos dois períodos distintos da colonização dos matos subtropicais defendida por Schmitz. No Primeiro período, situado entre os séculos V e XII os Guaranis estariam nas várzeas dos rios, em terras ricas e profundas do Alto Jacuí e dos cursos médios dos seus afluentes, do Alto Uruguai e das lagoas litorâneas. Os sítios seriam grandes, distanciados e com materiais bem-acabados. Utilizariam áreas de rendimento máximo visando uma permanência prolongada no mesmo local.

Já no segundo período, este entre os séculos XII e XVII os guaranis apareceriam ao longo de corpos de água cada vez menores ou nas encostas das várzeas e topo dos morros. As aldeias seriam pequenas e apertadas e os materiais mal-acabados. "*...dando a impressão de um empobrecimento progressivo e desequilíbrio com a natureza;...*" Utilizariam áreas de baixo rendimento e freqüentes trocas de local de assentamento (Schmitz,1979:58).

Esta hipótese de Schmitz remete para uma questão ecológica segundo a qual os Guaranis encontravam-se, no segundo período, frente a uma diminuição de espaço físico a ser ocupado e, conseqüentemente, de um esgotamento de recursos alimentares. De ser correta esta hipótese, isto se daria justamente na época da chegada dos conquistadores europeus, encontrando estes, uma parcela indígena com seu espaço comprometido. Schmitz reconhece que os Guaranis ha-

13.SOARES, André L.R. Guarani: organização social e arqueologia. Porto Alegre, EDIPUCRS, Coleção Arqueologia, nº 4, 1997, p.20.

viam ocupado uma imensa área nas matas e florestas subtropicais. No entanto, acredita que a falta de recursos técnicos impediu-os de avançar sobre as regiões vizinhas do planalto e dos campos meridionais. Schmitz não refere-se ao fato de que estes eram ambientes nunca antes habitados pelos Guaranis. A questão tecnológica pode não ser a única explicação, pois também é preciso refletir sobre os hábitos culturais de adaptação ecológica. De qualquer maneira, diante desta situação estariam os Guaranis quando da chegada dos europeus.

Para Schmitz a saída para os Guaranis seria uma reestruturação de sua cultura, visando novas respostas tecnológicas ou uma estratégia de controle da população que estabelecesse um convívio diferenciado com o meio ecológico. No entanto:

> "*Qual destas duas alternativas seria adotada, não nos foi dado observar por que neste momento se processa uma reestruturação de fora por conquistadores de tecnologia muito mais desenvolvida e totalmente desproporcional à do colonizador indígena.*"
>
> (Schmitz,1979:64)

A hipótese dos dois períodos é aceita por Meliá quando este analisa a demografia da região do Tape com base nos relatos dos Jesuítas no início de seus trabalhos missionários na região. Estes relatos parecem identificar a localização nas encostas e topo de morros no século XVII:

> "De todo este número de índios los que pertenecem al rio Ivicuitî(que havia tanta fama eram inumerables), serán cinco mil; pero poblados no sobre el rio, sino a las faldas de una cordillera montuosa, que se estiende quarenta leguas de la reduccion de los Reyes hasta la mar sobre el rio Mbiaça, y algunos otros que alla corren"[14]

Meliá, ao apresentar este relato baseia-se em Schmitz e acres-

14.CA Cartas Anuas de la Provincia del Paraguay, Chile y Tucumán, de la Compañia de Jesús. (vol.II:1615-1637) Buenos Aires, Documentos para la Historia argentina, t. 20, p. 375-376. In MELIÁ, B. *La demografia del Tape: una evaluación In*: Anais do IV SNEM, Santa Rosa, Fac. Dom Bosco, 1981,p 49

centa que "La arqueologia moderna assume estas circunstâncias." (Meliá,1981:51)

Medrano também aceita a hipótese de Schmitz ao analisar a passagem dos Guaranis para uma vida sedentária. O autor afirma que este período de crise ecológica imediatamente anterior à chegada dos conquistadores europeus e, junto com estes a dos jesuítas, explicaria, em parte a aceitação da passagem da vida das aldeias à outra forma e vida, notadamente a das Reduções Jesuíticas. (Medrano,1992:50)

Contrariando esta idéia de um esgotamento dos recursos, proposta por Schmitz, Soares (1997) e Noelli (1993) trabalham com conceitos ecológicos e sociais respectivamente. Concordando com Noelli, Soares entende o território Guarani como sendo ocupado de forma lenta e manejada e defende uma interpretação social para as diferenças de ocupação. Soares parte da influência dos caciques em formar territórios baseados em seu prestígio pessoal. Demonstra as falhas do método adotado para o estabelecimento das seqüências cronológicas por entendê-las como conseqüência da adoção das propostas do PRONAPA. (Programa Nacional de Pesquisas Arqueológicas) A controvérsia principal dá-se através do pouco material arqueológico e da pequena extensão das áreas prospectadas e eventualmente escavadas. (Soares,1997:48-50).

Em substituição à hipótese dos dois períodos distintos, e partindo da análise das relações estabelecidas entre as chefias guaranis e a resultante espacial das mesmas, Soares propõe a possibilidade de:

> "*diversas aldeias contemporâneas de dimensões diferentes ou, ainda, uma aldeia maior com uma chefia mais poderosa, que mantém sob sua vassalagem uma (ou mais) aldeia menor, 'empurrada' para a área de recursos mais pobres que a várzea*."
>
> (Soares,1997:48)

Nesta perspectiva, os ocupantes mais antigos estabeleceriam suas aldeias nos lugares mais estratégicos, como os rios principais, e controlariam os recursos do ambiente. Ao mesmo tempo, ampliariam sua rede de parentesco com a chegada de novos grupos instalando-se em seus territórios. O menor 'prestígio' da chefia levaria a um território de menores recursos. Isto explicaria a diferença de recursos en-

contrados nos sítios das várzeas e nos sítios das encostas e morros. A diferença de recursos, oriundos do prestígio das chefias, se refletiriam na cultura material encontrada nos sítios arqueológicos. Desta forma, a cultura material, notadamente a cerâmica, ao invés de demonstrar escassez generalizada de recursos, que obrigaria a deslocamentos para áreas menos rentáveis, apontaria para uma distribuição diferenciada de territórios e recursos. (Soares,1997:51)

Este é um tema sobre o qual arqueologia e antropologia deveriam dedicar-se mais detidamente. O esclarecimento de questões ligadas ao estado em que encontravam-se os Guaranis no momento dos primeiros contatos com europeus poderia auxiliar na compreensão do processo destes contatos e, de certa forma, de aceitação por parte dos Guaranis, de uma transformação de sua cultura no sistema das Reduções. No entanto, as incertezas acabam por permitir a possibilidade de hipóteses como a de que as Reduções poderiam ter significado uma alternativa aos Guaranis diante de uma crise ecológica.

2.4. A conquista religiosa e a construção de um novo espaço geográfico para os Guaranis

A conquista e colonização ibérica da América, deflagrada em 1492, inicia de fato para os Guaranis da região platina a partir do final do século XVI e princípios do século XVII. A não existência de recursos econômicos lucrativos fez com que tanto espanhóis como portugueses desviassem suas atenções para outras áreas do continente como a América Central, o Alto Peru e o nordeste do Brasil. Daí provinham ouro, prata e cana-de-açúcar, altamente valorizados no contexto do Mercantilismo e do Sistema Colonial. Na porção espanhola da América do Sul, a região do Paraguai foi sendo lentamente ocupada e tornou-se subsidiária das áreas mineradoras do Alto Peru. Os portugueses, por seu lado, tardaram em investir nas regiões meridionais, iniciando efetivamente sua expansão para o sul a partir o final do século XVII.

Apesar da relativa pouca importância relegada à região platina como um todo, estabeleceram-se ali centros urbanos como Assunción, Buenos Aires, Santa Fé, Cordoba, etc. Entre estas, Assunción aca-

bou sendo o centro irradiador de uma paulatina conquista das populações indígenas da região, entre elas, a da parcialidade Guarani. Esta conquista deu-se sobretudo, por iniciativas de ordens religiosas como os franciscanos e os jesuítas.

Entre as peculiaridades da conquista espanhola na América em geral, e a dos religiosos na região platina em particular, destaca-se o caráter urbano que imprimiram às suas fundações. Estas constituíram vilas cidades e pueblos de índios, onde procurou-se a concentração dos novos povoadores e das administrações civil e eclesiástica. A população indígena não escapou deste propósito ordenador que concebia a cidade como o lugar natural de governo, de desenvolvimento da fé e da promoção da vida social (Maeder&Gutierrez,1996:07).

A proposta de adaptar as comunidades indígenas à vida urbana deu-se, no caso da região do Rio da Prata, sobre uma realidade onde os diferentes grupos nativos conheciam distintas formas de organização social no tocante à fixação em determinadas áreas do território. Divididos entre grupos aldeões, com práticas de horticultura em meio às florestas, como eram os Guaranis, e grupos de nômades caçadores-coletores, os indígenas ofereceram resistências à urbanização, em maior ou menor grau de acordo com suas experiências anteriores no que diz respeito aos assentamentos.

A preocupação em reunir os indígenas manifestou-se na legislação das Índias e nas missões religiosas. Diversas medidas oficiais procuraram regulamentar a urbanização de indígenas, entre elas as de Ramirez Velazco (1597); Hernandarias (1598 e 1603); Sínodo de Assunción (1603); Legislação de Francisco de Alfaro (1611-1618). Nestas últimas ordenanças se verifica:

> "*porque los índios encomendados están divididos y apartados unos de otros, a dos y tres leguas de distância, mando que los encomenderos los reduzcan y pongan a los dichos sus encomendados en un pueblo, en partes cómodas que tengan tierras suficientes para sus labranças, para que así juntos en un cuerpo, puedan mejor los sacerdotes doctrinar y enseñarles la doctrina y administrarles los sacramentos*"[15]

15.Extrato das Ordenanzas de Francisco de Alfaro. In: MAEDER, Ernesto. Atlas Historico e Urbano del Nordeste Argentino, Resistencia, Univ. del Nordeste, IIGH, 1994, p.07.

O resultado destas legislações foi a determinação de localizações específicas para as novas povoações; quais os edifícios necessários; a proibição da presença de espanhóis, mestiços e mulatos nos pueblos de índios; etc. Também foram definidas as condições de trabalho dos índios; as obrigações dos senhores espanhóis que aplicavam o sistema de *Encomienda*; e as funções dos caciques e fiscais na administração política e econômica. Ocorreu assim a criação de cabildos indígenas e foi ordenada a presença de padres para os serviços religiosos.

Paralelo a estas legislações, sugestões e determinações oficiais dos séculos XVI e XVII, ocorria a penetração de missionários franciscanos nas florestas subtropicais da região, para estabelecer contato com grupos indígenas que ainda não haviam sido "integrados" ao mundo colonial espanhol. Diversas foram os pueblos estabelecidos pelos franciscanos na região do Rio da Prata. Suas fundações iniciaram no final do século XVI e início do século XVII no Paraguai e em Buenos Aires. Entre os freis que promoveram as missões franciscanas destacaram-se Luis de Bolaños, Alonso de Buenaventura e Gabriel de la Anunciación. No Paraguai foram fundadas: Altos, Ipané ou Pitum e Guarambaré em 1580 na área de Assunción; São Francisco de Átira, La Limpia Concepción de Tobatí, entre 1580 e 1600, ao norte de Assunción; São Blás de Itá (1585), São Buenaventura del Yaguarón (1586), São José de Caazapá e Natividad de Nossa Senhora de Yutí (1611), localizadas a sudeste da província paraguaia.

Nem todos os *pueblos* franciscanos perduraram. Muitos foram atacados pelos bandeirantes portugueses vindos de São Paulo e suas populações se dispersaram em 1676. Alguns indígenas seguiram para a cidade espanhola de Villa Rica em busca de segurança. Tobatí e Átira sofreram incêndios e ataques e trocaram sua localização inicial. La Limpia Concepción de N.S. del Itatí foi fundada na região de Corrientes em 1615. Mais ao sul, seguindo o curso do Paraná, fundaram Santa Lucia de Astos, na mesma época. Os pueblos franciscanos eram habitados por parcialidades diferentes de índios Guaranis. Estavam organizados com chácaras e estâncias de gado. A administração era similar à das reduções jesuíticas, porém os índios estavam submetidos ao regime de *Encomienda* onde os homens adultos tinham que prestar um mês de serviço aos senhores *encomenderos*. As dimensões demográficas destes pueblos oscilaram entre 1000 e 2000 habitantes, salvo

momentos excepcionais. No final do século XVIII e início do XIX os franciscanos deixaram de atender aos *pueblos* e estes foram desestruturados (Maeder&Gutierrez,1996:07).

Na região da antiga província de Buenos Aires, em lugares como Concepción del Bermejo, Corrientes, Santa Fé, na própria Buenos Aires e na Banda Oriental se estabeleceram também *pueblos* de índios. Eram assentamentos de *encomiendas* e possuíam padres, mas sua existência foi instável e efêmera. Em Concepción fundaramse Matará e Guacara, que foram abandonadas na evacuação da cidade em 1613. Em Corrientes: Candelária de Ohoma e Santiago Sánchez que durou até 1739, quando houve ataques de Guaicurus. Em Santa Fé: São Miguel de Calchines e São Bartolomé de Chanaes também extintos no século XVIII. Em Buenos Aires: São José del Cacique Bagual, Santiago del Baradero e Isla del Santiago ou del Cacique Tubichaminí. Duraram pouco, mas agregou-se a elas o *pueblo* de Santa Cruz de los Quilmes com índios Calchaquíes, vindos de Tucumán, e que perdurou. Os quatro *pueblos* da Banda Oriental foram também efêmeras. Existem poucas informações e também há falta de planos urbanos destas. Não puderam se manter sobretudo por estarem ligadas ao regime de *Encomienda*, que causava inúmeros transtornos ao trabalho evangelizador dos religiosos. A constante movimentação dos índios, a proximidade com centros urbanos espanhóis, e a dispersão dos encomendados inviabilizavam a fixação da população e o desenvolvimento destes *pueblos*.

2.4.1. As Reduções Jesuíticas

A ação dos jesuítas na região platina inicia no princípio do século XVII, também a partir de Assuncíón. A primeira metade deste século é marcada por uma expansão dos jesuítas em três frentes evangelizadoras: a região do Guairá, que compõe parte do atual estado brasileiro do Paraná; a região do Itatim, localizada em áreas hoje pertencentes ao estado do Mato-Grosso do Sul; e a região do Tape, que compreendia a antiga Banda Oriental do rio Uruguai e hoje é parte do território do Rio Grande do Sul. Estas frentes de evangelização foram responsáveis pela fundação de diversos *pueblos* de índios.

Os jesuítas foram responsáveis por popularizar o termo Redução para referir-se aos *pueblos* de índios. No entanto, esta denominação não foi uma criação dos jesuítas. Já em 1546 uma Cédula Real de Felipe II determinava: "*Que los índios fuesen reducidos a pueblos y no vivisen divididos y separados por las sierras y montes*".[16]

Desta forma, o termo Redução criou uma falsa impressão de referência espacial, devido ao fato de que alguns pesquisadores passaram a referir-se a Redução como uma diminuição do espaço ocupado pelos índios, que passariam a concentrar suas aldeias dispersas em um único assentamento de dimensões maiores. É o caso de Coimbra:

> "*Temos claro que a idéia de redução está vinculada à questão do espaço, enquanto o termo missão está vinculado com a idéia de função, encargo ou incumbência.*"
>
> (Coimbra,1992:19)

Mesmo no Período missioneiro havia confusão quanto à denominação correta dos pueblos. Segundo o Padre José Cardiel, na Espanha os católicos chamavam os pueblos de Guaranis vulgarmente de Missões do Paraguai, e também nas cidades espanholas da América meridional eram chamadas de Missões. No entanto se chamavam Missões aos povos novos que ainda não possuíam um pároco com renda e que não pagavam tributo. Ao pagar tributo e ter pároco, passavam, por apresentação real e canônica instituição no Ordinário, a se chamar Reduções ou Povos ou Doutrinas. Mas genericamente, eram chamados Missões, Povos, Doutrinas, Reduções sem distinções e os portugueses os chamavam de aldeias (Cardiel,1984:73-74).

A Cédula Real de 15 de junho de 1654 determinava que as reduções passassem a ser chamadas de Doutrinas. Os missionários passaram a ser Curas, estando sujeitos ao real patronato em troca de subsídios enquanto paróquias. Portanto, o cura passou a estar sob a jurisdição e visita do bispo. A escolha e nomeação do bispo era realizada pelo Governador mediante a apresentação de três religiosos (Furlong,1962:362). O Padre Sepp refere-se ao sentido religioso do termo Redução:

16.Cédula Real de Felipe II de 1546.

> "*Agora, meus reverendíssimos Padres, caríssimos Frades, queridos irmãos e pacientes leitores, agora vamos considerar um pouco a situação destas nossas reduções, assim chamadas porque todos esses índios são por nós 'reduciret' (conduzidos) à fé cristã.*"
>
> (Sepp,1980:124)

Rabuske também reconhece a dificuldade de determinar uma denominação correta para os *pueblos* de índios. Aos termos Missão, Redução, Doutrina, ainda podem ser acrescidos Residência e catequese. As catequeses eram os momentos iniciais da fundação de um *pueblo*. Estes, depois de uma fase inicial catequética, se tornavam paróquia em sua estrutura. Para os jesuítas, havendo três ou mais missionários em um *pueblo*, este pode vir a chamar-se de Residência. Segundo Rabuske, os três diferentes tipos de povoados indígenas podiam ser genericamente chamados Reduções (Rabuske,1977a:87). Tanto aqueles mantidos por encomenderos; aqueles atendidos também por clericos, religiosos que davam aos índios a assistência espiritual, ficando a administração a cargo de leigos espanhóis; e aqueles estabelecidos por franciscanos e jesuítas, onde estavam unida a administração religiosa e temporal. Estas assumiam com o tempo o duplo caráter de paróquia (doutrina) e município espanhol. Não parece correto reunir sob uma mesma denominação categorias de assentamentos indígenas tão distintas entre si, tanto em propósitos como em populações. É o próprio Rabuske quem destaca a especificidade do termo Redução:

> "*A finalidade das reduções era a mesma que, desde os inícios da descoberta e da conquista, queriam os Reis Católicos de Castela, justificandoa assim diante do foro e sua consciência:Reduzir os índios à Igreja e vida civil ou de acordo com o teor latino, 'ut essente ad ecclesiam et vitam civilem reducti*"
>
> (Rabuske,1981,p67).

Durante estes primeiros momentos dos trabalhos evangelizadores, tanto de franciscanos quanto de jesuítas, vários aspectos contribuíram para aproximar os índios dos religiosos e aceitar a vida em

pueblos. Os jesuítas apresentaram-se como defensores da liberdade dos índios ao colocarem-se contra a prestação de serviços pessoais, sobretudo a *Encomienda*. O desgaste das comunidades indígenas era muito grande diante das guerras travadas contra os espanhóis. As próprias epidemias trazidas pelos europeus auxiliaram na aproximação entre índios e religiosos. A vida nos pueblos, que previa, a princípio, o isolamento de contatos com espanhóis, poderia ser uma garantia, pois contra as enfermidades importadas pelos brancos, os tratamentos tradicionais das culturas locais eram praticamente inúteis. Os indígenas viam-se também colocados entre a frente colonizadora espanhola, baseada na *Encomienda*, e as investidas de bandeirantes paulistas que provinham de terras portuguesas para realizar a captura de índios como escravos. Haubert acredita que, apesar de ser difícil compreender todos os motivos que levaram a aproximação entre índios e religiosos, é possível que muitos missionários tenham sido recebidos de forma calorosa e hospitaleira. Isto se daria pelo fato de que a colonização ainda não havia predisposto os índios contra a totalidade dos brancos (Haubert,1991:65).

Fora da área paraguaia os jesuítas estabeleceram Reduções entre os índios Chiquitos. Localizadas a noroeste de Santa Cruz de La Sierra, Bolívia, constituíram um conjunto de 10 *pueblos*, fundados a partir de 1692 com diferentes parcialidades indígenas do oriente boliviano.

Do ponto de vista da organização espacial, as primeiras Reduções com Guaranis ainda não apresentavam características nitidamente urbanas, como assumiriam a partir do final do século XVII. No entanto já buscavam um reordenamento que contribuísse para a cristianização e civilização dos indígenas. Os Relatos do Padre Roque Gonzales deixam claro a intenção de estabelecer um urbanismo nestes novos assentamentos:

> "*Está, pues, el pueblo en nueve cuadras: la una sirve de plaza, cada cuadra seis casas de cien pies y cada casa tiene cinco lances de a veinte pies y en cada lance de estos vive un indio con su chusma. En una de estas casas, la más vistosa y acomodada, y*

> *junto a laplaza, se señala el sítio para la iglesia, que esperamos ahora con la venida de Vuestra Reverência se dará orden cómo se ha de hacer, según la cédula de su majestad.*"
>
> (Meliá,1978:160)

As afirmações de Roque Gonzales apontam para o problema da origem deste plano urbano o qual estava implantando, sobretudo pela referência dada a uma Cédula Real. No entanto, as questões referentes à origem deste plano urbano serão retomadas mais adiante, quando tratar-se do urbanismo das Reduções. Entretanto, é possível acreditar que estas Reduções mantiveram muito da organização espacial das aldeias indígenas. Em geral, podem ter constituído inicialmente apenas uma igreja de taipa em meio às ocas Guaranis. Estas inferências podem ser feitas pois o material construtivo destas Reduções eram os mesmos utilizados nas aldeias: madeira, palha e barro. (De Curtis,in:Weimer,1983:29) Seus vestígios não sobreviveram dificultando a identificação arqueológica de suas estruturas.

Conquistando cada vez parcelas maiores de índios, os Jesuítas buscaram três objetivos desde o princípio: A conversão religiosa, a família monogâmica e a auto-suficiência econômica. No entanto, estes objetivos tiveram que ser adiados, pois a frente paulista de captura de índios desviou seus interesses para as concentrações de populações indígenas já cristianizadas e pacificadas que se encontravam nas Reduções. Desta forma, durante as décadas de 30 e 40 do século XVII as Reduções do Itatin, Guairá e Tape foram paulatinamente atacadas e destruídas. Estas investidas portuguesas nas regiões onde estavam estabelecendo-se os jesuítas recebiam o nome de malocas e, de certa forma, em seus primeiros momentos acabaram auxiliando o esforço dos missionários em concentrar os guaranis. As primeiras malocas no Guaíra não atingiram diretamente aqueles indígenas que estavam reunidos em aldeias através da conversão, pois os paulistas inicialmente:

> "*só faziam suas malocas aos infieis comarcanos, e muitos destes, para não cair em suas mãos, vinham aos povos e se batizavam*" *(...) Posteriormente destruíam os povos.*"[17]

17.CARDIEL, *Compendio de la Historia del Paraguay*, 1984, p. 71 Os comarcanos aqui referidos eram aqueles que ainda não haviam aceitado a conversão.

As entradas dos paulistas passaram a assumir um caráter mais violento ao dirigir seus ataques para as aldeias que já se caracterizavam como Reduções. Tornou-se comum a eliminação de índios idosos, que não podiam acompanhar os longos deslocamentos até São Vicente, em território português. Isto era feito para que os índios cativos não fossem estimulados a retornar para suas aldeias (Montoya,1985:248-249). Alguns cálculos apontam para a cifra de 300.000 índios levados como cativos entre 1612 e 1638, incluindo-se índios reduzidos e não reduzidos, conforme uma Cédula Real de 16 de setembro de 1639. As aldeias que estavam se constituindo em Reduções eram queimadas e destruídas como forma de amedrontar as populações indígenas e intimidar os missionários (Furlong,1962:120). Estas expedições portuguesas em território espanhol devem ser entendidas no contexto da unificação das duas coroas, espanhola e portuguesa, que ocorreu entre 1580 e 1640, sob hegemonia da Espanha e que teve graves conseqüências para o império colonial português.

Como estratégia de sobrevivência os jesuítas retiraram-se das regiões atacadas e concentraram-se na mesopotâmia dos rios Paraguai e Paraná, onde já havia Reduções estabelecidas. Desta forma, as Reduções jesuíticas ficaram reduzidas a vinte povoados localizados no atual sudeste do Paraguai e no nordeste da Argentina. Destes, apenas seis eram originários da região, enquanto que os outros 14 haviam sido transmigrados do Guairá e do Tape. Ainda em 1668 mais dois povos uniram-se a estes, vindos da região do Itatin (Maeder, 1994:93).

Esta região constituía uma certa segurança por estar fora do alcance das penetrações bandeirantes. Quando os jesuítas retiraram-se da região do Tape e transmigraram os indígenas para a margem oeste do Uruguai, viram-se obrigados a abandonar milhares de cabeças de gado, que haviam estabelecido nos vastos campos que se estendem rumo ao sul. Mais adiante retomar-se-á esta questão ao tratar-se das Vacarias das Reduções.

As Reduções da mesopotâmia Paraguai-Paraná conheceram uma relativa instabilidade até o final do século XVII, quando a expansão portuguesa rumo ao sul estabeleceu um conflito territorial de grandes proporções entre as duas Coroas ibéricas. Em 1680, portugueses instalaram-se na margem oposta a Buenos Aires, no Rio da Prata. Este assentamento foi batizado como Colônia do Santíssimo

Sacramento e significou uma penetração avançada de Portugal na região colonial espanhola. Sacramento passou diversos reveses na luta estabelecida por sua posse. Também passou por várias transformações em sua configuração espacial, consolidando-se como uma cidadela fortificada, cuja população explorava os arredores com uma pequena agricultura e sobrevivia economicamente de um intenso contrabando de aguardente de cana, açúcar, melado, pólvora e negros escravos. O conflito causado pelo estabelecimento de Sacramento era a culminância de um desafio mútuo existente entre Portugal e Espanha na região platina desde as investidas bandeirantes da primeira metade do século XVII.

Uma das conseqüências destas disputas territoriais foi o retorno dos jesuítas para a Banda Oriental do rio Uruguai. Na realidade, esta área não havia sido plenamente abandonada. As terras da margem leste do Uruguai continuaram sendo exploradas como estâncias de criação de gado. Em 1657, a Redução de San Javier recebeu a concessão de terras para estabelecer uma estância na margem oriental do Uruguai. A concessão foi dada por D. Juan Blázquez de Valverde, Governador do Paraguai:

> "*...para as suas estâncias lhes dou e assinalo por terras as que há da outra banda do rio Uruguai, que são as que estão desde o dito rio até Ijuí acima, com todos os seus matos, entradas e saídas que de direito lhe pertencem e mando que nenhum outro que não for deste mencionado Povo entre nas ditas terras, etc.*"[18]

A exploração destas terras manteve-se restrita praticamente às estâncias em territórios situados próximos às margens do Uruguai, além de esporádicas entradas na região onde concentravam-se os rebanhos bovinos. No entanto, após o início das disputas entre Portugal e Espanha pelas terras meridionais, sobretudo a Banda Oriental do rio Uruguai, os missionários optaram por estabelecimentos mais efetivos e duradouros. Não há uma exatidão quanto ao ano de fundação da primeira Redução na Banda Oriental neste retorno dos jesuítas. A fundação de São Francisco de Borja pode ter ocorrido apenas em 1687

18. In: PORTO, Aurélio. História das Missões Orientais do Uruguai - I parte. Porto Alegre, Ed. Selbach, 1954, p. 322.

e não em 1682, como é tradicionalmente aceito. Os registros de batizado do povoado não conferem com as datas de fundação de 1682, e algumas cartas de missionários de Santo Tomé, localizada na margem oposta do Uruguai e de onde partiram os indígenas para fundar São Borja, dão conta de que em 1682 e 1683 não havia uma nova Redução estabelecida na Banda Oriental (Sempé, 1979 e 1981). No entanto, esta indefinição não invalida a relação existente entre a investida portuguesa de Sacramento e o retorno dos jesuítas para a Banda Oriental do Rio Uruguai.

Este período que se inicia com as fundações de Reduções na Banda Oriental, marcaria uma nova fase na construção do espaço das Missões Jesuíticas. Esta fase é caracterizada pela consolidação dos núcleos urbanos; utilização de materiais construtivos mais duradouros e por um florescimento econômico das Reduções. O século XVIII passa a ser importante para uma análise do processo missioneiro e sobretudo da construção do espaço porque a partir da última década do século XVII as transmigrações e novas fundações consolidaram as Missões Jesuíticas, estruturando o sistema e limitando a área de ocupação e exploração ecológica. As fundações dos Sete Povos entre a última década do século XVII e primeira do século XVIII confluem nestas duas densas décadas para dar forma definitiva aos assentamentos. Esta etapa fundacional abriu margem para novas experiências, acumulação de conhecimentos e desenvolvimento de novas modalidades em diversas ordens (Gutierrez,1974:84).

2.4.2. Jesuítas e Franciscanos: ações semelhantes, resultados diferentes

Apesar desta retração territorial a que foram submetidos os jesuítas na primeira fase de sua ação evangelizadora, suas reduções alcançaram um relativo sucesso, principalmente se confrontadas com os trabalhos que estavam sendo realizados pelos membros da ordem Franciscana. Do ponto de vista demográfico, é possível perceber que houve uma estabilização populacional nas Reduções franciscanas, enquanto ocorria um crescimento importante no número de habitantes das Reduções jesuíticas.

Em um comparativo entre as populações de ambos conjuntos missionais Maeder demonstra esta diferença nas taxas de população. Sua seleção dá-se através de quatro Reduções Franciscanas (Caazapá, Yutí, Itá e Itatí.) e quatro Jesuíticas (San Ignacio Guazu, Encarnacion de Itapua, Corpus e S. F. Javier). Esta escolha decorre de algumas semelhanças entre estes povoados jesuíticos com os franciscanos (Maeder,1994:97).

Desenvolvimento das populações em Reduções Franciscanas e Jesuíticas a partir do comparativo de Maeder

Quadro 01

Franciscanos:	Jesuítas:
entre 1653 e 1799	entre 1641 e 1799
Ano .....População	Ano ..... População
1653 .....5.087 índios	1641 ..... 6.243 índios
1682 .....5.925 índios	1682 ..... 10.048 índios
1760 .....3.046 índios	1730 ..... 17.957 índios
1799 .....2.749 índios	1760 ..... 13.086 índios
	1770 ..... 12.278 índios
	1784 ..... 8.003 índios
	1799 ..... 6.496 índios

Maeder conclui que pela ocorrência de um descenso constante de população entre as Reduções franciscanas e um crescimento da população nas Missões Jesuíticas. Entre os jesuítas a população só foi abalada por epidemias ou crises alimentares, e finalmente com o Tratado de Madri e a posterior expulsão dos jesuítas. Alguns fatores podem ter levado a esta diferença demográfica, como a baixa média de indivíduos jovens, o que sugere a dificuldade para o crescimento da população; o sistema de *encomiendas* que atingia sobretudo os povoados franciscanos, pois no caso dos jesuítas, apenas San Ignacio Guazu se formou com índios encomendados; e a aproximação das Re-

duções franciscanas com a sociedade colonial espanhola e os excessos de *mandamientos*, ou ordem de envio de índios para prestação de serviços públicos. No caso dos jesuítas, seu maior distanciamento e também a organização da ordem fizeram com que a maioria das solicitações fosse de serviços militares. Mesmo nestes casos, a distribuição da prestação de serviços entre os jovens vindos dos 20 ou 30 povos amenizava o impacto da saída de homens jovens, não desequilibrando a comunidade.

Estas diferenças demográficas podem ser entendidas levando-se em consideração a estrutura das Reduções franciscanas e jesuíticas; suas relações com a sociedade paraguaia as quais pertenciam; e as analogias e diferenças que havia entre ambos conjuntos missionais (Maeder,1994:91-109). As Reduções franciscanas foram fundadas próximas a Assunción, a uma distância mínima de 30 ou 40 km e máxima de 150 a 200 km deste centro, e também na região sudeste do território paraguaio, com índios do atual Paraná, entre 1580 e 1615. Desta forma, a influência da sociedade colonial espanhola e as constantes requisições de mão-de-obra foram sempre mais constantes. Sendo assim, muitas não sobreviveram em função de estarem os índios destas Reduções submetidos à prestação de serviço pessoal e também pela proximidade com tribos não convertidas como os Guaicurus.

No caso jesuítico, as reduções localizavam-se nas fronteiras rio-platenses, longe dos núcleos urbanos espanhóis, além da isenção da *encomienda*. Este isolamento fortaleceu as Reduções e conferiu certa independência às mesmas frente a sociedade colonial espanhola. Claro está, que havia contatos com o mundo espanhol. Os guaranis prestavam serviços militares e seus barqueiros faziam viagens constantes a Buenos Aires, Assunción, etc. Já os guaranis reduzidos por franciscanos, como tinham uma população menor e, de certa forma, menos especializada, prestavam serviços na esfera local de Assunción.

As Reduções jesuíticas, como referido acima, passaram por duas fases distintas. A primeira fase deu-se entre 1610 e 1680, foi marcada por uma rápida expansão, com a fundação de aproximadamente quarenta povoados, que reduziram-se para vinte em 1640, devidos as investidas paulistas. O intervalo de aproximadamente quatro décadas serviu para uma consolidação do sistema reducional jesuítico. A segunda fase é aquela iniciada pelo retorno à região do Tape a partir de

1687 aproximadamente. Esta segunda fase corresponde a um avanço e crescimento espacial da área total de atuação. Embora não tenha sido possível recuperar todos os territórios anteriormente explorados, houve um crescimento considerável. As Reduções jesuíticas conseguiram manter seu conjunto atuante até a crise estabelecida por ocasião do Tratado de Madri.

Apesar desta trajetória comum, alguns aspectos foram muito importantes para caracterizar rumos históricos diferentes. Com relação à legislação colonial, é preciso destacar o fato de que as Ordenanças de Francisco de Alfaro, em 1611, determinaram uma série de normas para as Reduções e para o trato com a mão-de-obra indígena. Regiam a organização política, os direitos dos encomenderos e indígenas, as formas de doutrinas religiosas e as condições para o estabelecimento dos povoados. Estas ordenações visavam, entre outras coisas, enquadrar legalmente as missões na estrutura colonial espanhola (Maeder,1994:94).

As Missões Franciscanas foram fundadas antes desta legislação ser confirmada e neste caso, os guaranis que foram reduzidos haviam sido submetidos à exploração das encomiendas dos paraguaios. Isto trouxe uma série de problemas para a consolidação dos povoados franciscanos. No caso dos jesuítas, com exceção das primeiras missões do Guairá e do Paraná, onde os índios estavam submetidos à encomienda, as outras Reduções foram criadas com índios livres que estavam protegidos pelas ordenações através da liberação de tributos e da encomienda por dez anos. (Maeder,1994:94)

Ambas ordens religiosas procuraram resistir aos abusos de exploração de mão-de-obra dos indígenas por elas cristianizados. No entanto, as formas de atuação foram diferenciadas devido as especificidades organizacionais de cada ordem. Os franciscanos, embora muito atuantes na defesa de seus neófitos, não dispunham de uma hierarquia em sua ordem que servisse como intermediadora das questões legais. Também não tinham peso político junto à autoridade metropolitana. Os jesuítas faziam-se valer de sua bem organizada hierarquia, tanto colonial como na Europa, para burlar e dificultar as ações da administração colonial em suas tentativas de desfrutar dos bens e serviços das Reduções. Os jesuítas também se mantinham muito ativos junto à Coroa, reivindicando diretamente alguns direitos, sem atrelar-se politicamente às autoridades locais.

Com relação a economia e a organização política, havia mais semelhanças do que diferenças. Instituições como cabildo, alcaides, fiscais, caciques, etc. foram utilizadas em ambas Missões. A exploração de chácaras e estâncias também esteve presente nos dois casos. No tocante à estruturação urbana dos povoados, as diferenças não eram marcantes, no entanto, a falta de planos das Reduções franciscanas, a parte alguns casos isolados, não permite uma comparação criteriosa. Quanto à inserção no mercado interno colonial, percebe-se que os franciscanos procuraram ter uma atuação semelhante a dos jesuítas, colocando seus produtos no comércio, embora não com a mesma quantidade e organização da Companhia.

> "*...los curas disponen la especie de sementeras del territorio del pueblo, gobiernan despóticamente las estancias en que hay 20, 25 o 30 mil cabezas de ganados mayores (incluso 60.000 en Caazapá). Mandan hacer crecidas partidas de yerba del Paraguay... mandan construir barcos y preparan crecidas porciones de maderas destinadas al contrato público. Venden ganados de todas especies cuando a el le sobran, y compran igualmente cuando faltan...venden por si mismos copiosas partidas de yerba, tabaco, maderas, cueros, azúcar, lienzo de algodón y otros efectos del país. Envían embarcaciones a Buenos Aires cargadas con esos mismos efectos y dirigidas a sus apoderados, a quienes dan sus órdenes para regular las ventas. Mandan emplear su productos en aquello que el pueblo necesita y en algunos géneros destinados a revender-los con algún aumento...*"[19]

Como é possível perceber, foram muitos os condicionantes históricos que determinaram as diferenças entre as Reduções franciscanas e jesuíticas e acabaram por levar a uma distinção no tocante a abrangência espacial de ambas as ordens religiosas. O resultado para a Companhia de Jesus foi a construção longa e gradual de um grande território, explorado através da agricultura e da pecuária e interligado por uma extensa malha de caminhos terrestres e fluviais.

19.Extrato da carta do Padre Visitador Frei Pedro José de Parras, de Buenos Aires, para o Padre Comissário Geral da Ordem Franciscana nas Índias, Frei Matias de Velasco, de 26 de fevereiro de 1753. In: MAEDER, E. *Analogias y diferencias entre las reducciones guaranies de franciscanos y jesuitas. Un ensayo de evaluacion demografica de sus resultados.* In V Jornadas Internacionales - Misiones Jesuíticas - Anais, Montevideo, 1994, p. 95, nota 4.

2.4.3. Território e população

A população das Reduções distribuída sobre este vasto território era majoritariamente composta de índios guaranis, embora houvesse contingentes significativos de outras parcialidades, sobretudo na periferia do espaço missioneiro, como é o caso dos caçadores-coletores nômades da região pampeana. A presença da população guarani não significou apenas o material ao qual dirigia-se a cristianização jesuítica, embora tenham sido condição fundamental para a ação missionária devido as relações entre população e território existente na cultura guarani, o que contribuiu para a instalação das várias Reduções em um espaço anteriormente ocupado por estes indígenas. Esta população representou também a manutenção deste espaço e o controle do mesmo frente as investidas de espanhóis e portugueses. As cifras apontam para uma população nas Reduções que chegou a ultrapassar cento e cinqüenta mil indivíduos.

O controle dos índices demográficos do conjunto das 30 Reduções jesuítico-guaranis era uma preocupação constante da Companhia de Jesus. Os apontamentos anuais realizados pelos padres responsáveis por cada povoado incluíam informações variadas sobre idades, sexos, nascimentos, mortes, casamentos, comunhões, etc. (Cardiel,1984:84). Destinavam-se ao controle destes aspectos sobre os quais incidiam os tributos pagos à Coroa espanhola, mas também forneciam informações sobre os sucessos e insucessos do trabalho catequético. Estas listas, incluídas nas "cartas anuas" que eram produzidas anualmente e enviadas ao Padre Provincial, servem de base para uma compreensão da dimensão populacional que atingiram estes povoados. Elas demonstraram que a população missioneira sofreu notórias oscilações a partir do início do século XVIII. Até este momento, desconsiderando-se a fase inicial das Reduções e os reveses populacionais e espaciais sofridos no Tape, no Guairá e no Itatin, a população missioneira tendeu a um crescimento contínuo. Estas oscilações foram conseqüência de ações exógenas à vida dos povoados e que apontam para cinco períodos claramente identificáveis. Estes períodos correspondem a problemas econômicos e políticos enfrentados pelos povoados, inseridos que estavam no mundo colonial espanhol (Gutierrez,1974:96).

O primeiro período seria entre os anos 1700 e 1732. Foi marcado por um crescimento sustentado e pela fundação e consolidação de novos povoados, principalmente os Sete Povos da Banda Oriental, atingindo a população um topo máximo em 1732 com 141.182 habitantes no total dos 30 povos. Levantamentos da população de São João Batista para este período apontam para um relativo equilíbrio, com um pequeno crescimento. A referência principal é o número de batizados.

População de São João Batista para os anos de 1719 e 1720
(Sempé,1983:195)
Quadro 02

Ano 1719	1720
Batizados 3.722	3.996
Casais 892	922
Solteiros 55	53
Solteiras 162	173
Rapazes 130	120
Moças 120	183
Meninos 719	739
Meninas 752	790

O segundo período estende-se por somente sete anos, entre 1733 e 1740 e apresenta um decréscimo que chega ao mínimo populacional de 73.949 em 1740, quase metade da população atingida no período anterior. Isto foi conseqüência de uma elevada mortalidade causada por fatores externos, como por exemplo: o levante comunero no Paraguai entre 1731-1735 combatido por guaranis missioneiros que permanecem anos longe de seus povos causando queda de produção, fome, doenças e deserções; secas que causaram a morte de animais no campo e uma epidemia de varíola que atingiu grande parte das

Reduções.[20] No terceiro período, entre 1741 e 1755 ocorre um novo crescimento sustentado com recuperação da população de 76.690 em 1741 a 104.483 em 1755. É possível que tenha havido uma política de regulamentação diferenciada para casamentos por parte dos jesuítas, liberando para união casais mais jovens e com maturidade sexual para estabelecerem matrimônios. O fim da crise generalizada dos sete anos anteriores levou a uma natural retomada da população. O quarto período é caracterizado por grandes oscilações, onde não há uma tendência linear como os anteriores. A população cai em 1756 (89.536) em conseqüência da guerra guaranítica, mas volta a crescer em 1759:

> "*El processo de transmigración, resistencia indígena, traslados a los pueblos com dispersión de los cacicazgos, los alborotos y finalmente el alzamiento de los guaraníes significó un nuevo período de incertidumbre que, si bien localizado en un área, repercutió en la totalidad del sistema 'nacional' guaranítico.*"
>
> (Gutierrez,1974:97)

As conseqüências do Tratado de Madri sobre a população foram apontadas pelo Padre Cardiel:

> "(...) *nas revoltas da linha Divisória, no ano de 1755 e 1756 morreram muitos com as transmigrações e os infortúnios de modo que das trinta mil famílias do ano de 1732 restaram no ano de 1767, 21.036 e das 141.252 almas, sobraram 88.864.*"
>
> (Cardiel,1984:101-102)

A atitude guarani e as políticas diplomáticas lograram a anulação do Tratado de Madri em 1761 e houve então uma situação mais estável por alguns anos. O quinto período demonstra um decréscimo relacionado ao empobrecimento das Reduções, com a introdução de serviços pessoais e com o gradativo abandono dos povoados pelas populações guaranis. É a etapa posterior a expulsão dos jesuítas em 1768.

20.Em carta do padre Lozano ao Padre Rico de 19 de dezembro de 1740 estão indicadas as vítimas da varíola entre 1732 e 1739 que chegavam 36.546 (14.048 de crianças). Gutierrez calcula que as mortes por outros fatores como os anteriormente citados chegassem a casa dos 30.000 indígenas. Gutierrez, R. Op. Cit., p. 96, nota 23.

A precariedade da população da região dos Sete Povos da Banda Oriental do Uruguai, como conseqüência deste período, foi observada por Saint-Hilaire no século XIX. Sobre a Redução de São Borja destaca:

"*(...) Entretanto depois da dominação do português nesta província [Missões] ela se empobrece cada dia, a sua população decresce de modo assustador. (....) Quando os portugueses se tornaram donos das sete aldeias da margem esquerda do Uruguai aí se encontraram apenas 14.000 almas.(...) Atualmente, a guerra muito contribuiu para acelerar a sua decadência. A população das Missões portuguesas é hoje ainda de 14.000 almas. (...) a população total da região conhecida pelo nome de Missões do Paraguai ficou reduzida ao décimo do que era ao tempo dos jesuítas*".

(Saint-Hilaire,1974:126-127)

Saint-Hilaire refere-se ainda à população de São Lourenço, que contava com o menor número de habitantes, todos em péssimas condições de instalações e sustento. Em Santo Ângelo a população ultrapassava 80 pessoas, salvo crianças de oito a dez anos. Deste total, apenas uns dez homens estavam em condições de trabalhar. São João Batista contava com 200 habitantes aproximadamente, dos quais uma ínfima minoria era composta por homens adultos. Além disto, esta população havia sido aumentada em cerca de 60 indivíduos que retornaram da margem oeste do Uruguai no início do século XIX.[21]

No século XVIII a conformação populacional das Missões Guaranis não mostra modificações substanciais por obra de migrações internas ou novos recrutamentos, mas sim um crescimento de tipo natural alterado por fatores externos que originaram períodos de crise com elevada mortalidade (Gutierrez,1974:96-98). As transmigrações e divisões causavam impactos populacionais de forma isolada em algumas Reduções. A população da Redução de São Miguel no ano de 1675 contava com 3.640 habitantes; em 1702 possuía 2.197 habitantes. Esta queda foi decorrente da fundação da Redução de São João em

21. SAINT-HILAIRE, A.Viagem ao Rio Grande do Sul, p.126, 127, 150 e 159.

1697 (Furlong,1962:141-142). Já no século XIX observa-se, como destacado acima, um rápido decréscimo, fruto do contexto pós-expulsão dos jesuítas e das disputas territoriais entre Portugal e Espanha.

As doenças epidêmicas, os recrutamentos internos e as lutas pelos tratados de limites e as conseqüentes oscilações populacionais fizeram-se sentir no território do Uruguai. Esta região é normalmente desconsiderada quando se trata de analisar a totalidade do espaço missioneiro. Isto deve-se, em parte, ao fato de não encontraram-se aí assentamentos de vulto como foram as Reduções estabelecidas no Paraguai, Argentina e sul do Brasil. No entanto, os contingentes humanos deslocados para a margem oeste do Uruguai foram significativos e relacionam-se com as oscilações demográficas dos 30 povos jesuítico-guaranis. As epidemias que atingiram as Reduções entre 1690 e 1732, causaram o abandono das Reduções, como forma de evitar o contágio. Muitos indígenas instalaram-se na Banda Oriental. O Tratado de Limites de 1750 entre Espanha e Portugal e a Guerra Guaranítica, também levaram muitos a abandonar seus povos e buscar refúgio no território uruguaio.

> "*(...) Esta corrente migratória foi persistente, contínua e constante(...)No transcorrer do tempo, a corrente migratória guaranimissioneira, longe de diminuir, foi se incrementando até chegar a constituir a base demográfica da população rural do Uruguai*"
>
> (Rissotto,1989:197)

O impacto das doenças epidêmicas nem sempre é considerado no tocante ao espaço missioneiro. No entanto, seus efeitos sobre a população acarretam em queda de níveis de produção, falta de recursos humanos para as atividades mais gerais das Reduções e, como visto acima, migrações para áreas distantes. Desde os primeiros momentos da ação missionária jesuítica as doenças endêmicas "importadas" pela população branca espanhola se fizeram presentes nas Reduções. Entre 1641 e 1643, uma moléstia atingiu os povoados obrigando os padres missioneiros a "sangrar" os índios e curar suas enfermidades, ensinando os mesmos índios para se tornarem enfermeiros nestes casos (Furlong,1962:604). Estas doenças surpreendiam os próprios jesuítas:

> "*assaltou-o a morte e de tal forma, que na própria soleira caísse morto. Deixou sua alma o corpo hediondo, inchado e feio, e foi a tal ponto, que suscitou horror e até escarnamento*".[22]

A varíola foi uma das moléstias mais significativas que atingiu os povoados missioneiros. No ano de 1737, teve início uma epidemia de varíola que manteve-se por três anos e causou a morte de cerca de trinta mil pessoas. Somando-se a outras enfermidades decorrentes da varíola este número pode ter chegado a cinqüenta mil pessoas (Cardiel,1984:101).

> "*Para evitar o contágio, quando um índio adoecia era levado para outra cabana, sendo queimada a primeira e feita outra nova, evitandose o contágio aos outros membros da casa.(...)*"
>
> (Furlong,1962:612)

Cardiel refere-se ainda à dificuldade de evitar o contato entre os doentes e seus familiares, pois estes iam escondidos visitar os doentes isolados e contraiam a doença (Furlong,1962:617). O Padre Sepp também enfrentou a varíola na Redução de Nossa Senhora de Fé:

> "*A força do mal se manifestava por pequenas pústulas, como as que na Europa costumam atacar as crianças, ou melhor, as que se verificam nos que têm febre alta. Estas pústulas aqui no Paraguai são uma peste terrível, que invade todo o corpo de tal maneira que não deixa quase nenhum membro intacto. Melhor se chamaria acumulação de doenças do que peste. Pois primeiro ataca a garganta e logo a seguir o estômago, queima os intestinos com ardores intensíssimos, depois seca por completo o humor e causa fastio e fraqueza de estômago. Daí o fluxo contínuo de sangue e, com o sangue, produz finalmente a corrupção e evacuação dos próprios intestinos. Nem mesmo os olhos e ouvidos são poupados: uns perdem a vista outros o ouvido.*"
>
> (Sepp,1980:120)

22.Montoya refere-se a um caso ocorrido na Redução de Caaró, no Tape. MONTOYA. A.R. Conquista Espiritual, 1985, p. 205.

Referindo-se a esta descrição, Harsnich comenta que os índios ainda não haviam desenvolvido anti-toxinas para a varíola, e caíam como vítimas em massa. A afecção da cavidade bucal e gutural, referida pelo Padre Sepp seria um indicador do estado agudo destas epidemias.[23] Em São Borja, no ano de l796, o médico de Yapeyú curou uma peste de varíola com a inoculação. Dos 126 inoculados, 15 não sobreviveram. O cirurgião Ramirez atribuiu as mortes a outras complicações como doenças venéreas, que provavelmente eram decorrentes do enfraquecimento causado pela varíola e das precárias condições de vida nos povoados neste período (Furlong,1962:609). A varíola permaneceu presente na região das Missões jesuíticas mesmo após a desestruturação das mesmas. A intensidade diminuiu, pois as concentrações de quatro a cinco mil índios por Redução não era mais uma realidade. Saint-Hilaire refere-se ao descaso do governo do Império do Brasil com esta região no século XIX. A vacina para varíola já era conhecida no Brasil. Entretanto o Marechal Chagas não introduziu seu uso entre os índios das Missões, mesmo após constatar os estragos causados pela bexiga não foram tomadas medidas preventivas contra o retorno da doença (Saint-Hilaire,1974:148).

Entre as complicações decorrentes das epidemias está a fome, que depois da varíola contribuiu para a redução da população dos guaranis, que em 1732 era de 144.252, caindo para 74.159 em 1739 (Haubert,1991:306-308). Acompanhando este quadro de má alimentação, surgem as desinterias. Em 1705, quando do cerco da Colônia de Sacramento, houve muitos enfermos de desinteria. O tratamento desta moléstia deu-se à base de ingestão de goiabas, além beberagens amargas (poções de tabaco, limões exprimidos em leite com arruda e menta) (Furlong,1962 e Haubert,1991).

Outra doença que passou a aparecer com freqüência nas Reduções foi o sarampo. Em São João Batista a epidemia de sarampo obrigou a construção de um hospital temporário, fora do povoado, que era visitado diariamente pelo Padre Sepp, que dedicava-se mais que tudo a aplicar a extrema-unção. Morriam de nove a dez índios a cada dia, um número significativo para um povoado que contava com 900 famílias (Furlong,1962:612). No ano de 1734, morreram de peste de sarampo 18.773 pessoas nas Reduções (Cardiel,1984:101).

23.Nota de W. Harnisch in: SEPP, A. Viagem às Missões Jesuíticas e Trabalhos Apostólicos, 1980, p.121.

As doenças epidêmicas provocaram um desequilíbrio nas relações entre os índios. As infecções pulmonares, varíola, sífilis apareciam como verdadeiros cataclismas metafísicos, dos quais os brancos eram "milagrosamente" salvos. Desta forma, eram vistas como vindas não para salvar os homens, mas para consumar sua destruição. Quando ocorria uma epidemia, caso os pajés se mostrassem incapazes de proteger a tribo, eram considerados impostores e, eventualmente, massacrados. Nestes momentos impunha-se a presença do missionário como responsável pela sobrevivência de alguns índios (Haubert, 1991:37).

As epidemias tiveram assim, influências sociais nas relações estabelecidas nas Reduções, ao mesmo tempo em que provocavam desequilíbrios demográficos com implicações sobre o espaço missioneiro. Estas implicações refletiam-se nos deslocamentos constantes, que levavam contingentes humanos e, conseqüentemente, técnicas aprendidas nas Reduções, para a periferia do espaço missioneiro, e na falta de mão-de-obra para controlar e manter o domínio sobre o território como um todo[24]. A importância da mão-deobra residia na distribuição das tarefas entre a população: para um povoado de 5.000 índios por exemplo, calcula-se que 3.000 estariam dedicados a tarefas produtivas, destes 200 a 300 atendiam postos e rodeios nas estâncias; 100 cuidavam da manutenção das plantações espantando aves e combatendo pragas; 1.000 trabalhavam nos ervais e o restante nas plantações de algodão, canaviais, hortas, sistema hidráulico, obras públicas, oficinas artesanais e funções políticas (Gutierrez,1974:102). No entanto é difícil estabelecer esta distribuição, pois as tarefas também estavam relacionadas à sazonalidade da produção com os tempos de plantio, colheita, obras e etc. As quedas demográficas tendiam a desorganizar esta distribuição do trabalho e isto acelerou-se após a expulsão dos jesuítas em 1768. Os números para momentos imediatamente anteriores à expulsão confirmam a quantidade significativa de indígenas que estavam vivendo em Reduções jesuíticas em toda a região platina. Segundo o P. Anton Huonder, a Província Jesuítica do Paraguai comportava, em 1767, quatro grupos principais de missões indígenas, assim distribuídos (Huonder,1979):

24.Sobre a saída de mão-de-obra das Missões após a expulsão de 1768: CORTESÃO, Jaime. Do Tratado de Madri a conquista dos Sete Povos, RJ, Biblio. Nac. 1969, p. 431

Missões indígenas da Província Jesuítica do Paraguai segundo o P. Anton Huonder. (Huonder,1979):

Quadro 03

Região	Reduções	Cristãos
1. Paraná - Missões guaranis	13 Reduções	32.738
2. Uruguai - Missões guaranis	17 Reduções	69.983
Tarumã - Missões guaranis	2 Reduções	2.597
Chiquitos	10 Reduções	23.288
Gran-Chaco	15 Reduções	7.411
Pampas	2 (efêmeras)	-
Total	57 (- Pampas)	133.806

A partir desta época a queda da população foi constante. Os censos populacionais permaneceram. Para o departamento de San Miguel, criado neste período e no qual estava incluído o Povo de São João Batista, Maeder apresenta levantamentos feitos entre os anos 1768 e 1801:

População de São João Batista entre 1768 e 1801

Quadro 04

Ano	População	Total dos 30 Povos
1768	17.633	88.828
1772	15.859	80.801
1783	14.677	56.092
1793	13.267	51.991
1787	10.404	50.280
1798	10.327	47.730
1799	9.760	45.720
1801	10.267	45.639

Percebe-se por estes censos um decréscimo populacional da ordem de 50 %. Apesar destes levantamentos regulares realizados pela administração espanhola dos povoados as fontes demográficas pós-1768 são numerosas, mas menos regulares que as do período jesuítico e são heterogêneas como reflexo dos diferentes interesses que orientavam os censos, dificultando assim possíveis comparações. A população após 1768, sofreu uma redução de aproximadamente 50.000 indivíduos. Esta redução de habitantes tem como causa as fugas, mortes e êxodos, que trouxeram perda de força de trabalho, fome, enfermidades, etc. Maeder destaca que:

> "*De tal manera, las fugas, contrariamente a lo que se cree, posee en un papel subordinado en la disminución de los guaraníes. En*

> *cambio, es la mortalidad el factor dominante de la decadencia. La muerte de los más jóvenes (incluso los niños) y la fuga de quienes están en edad de procrear habría conducido a una creciente incapaciad para el reemplazo de las generaciones.*"
>
> (Maeder,1981:155)

> "*La mortalidad refleja las condiciones de vida de los siglos XVII y XVIII y las peculiaridades de los guaraníes en particular, pero sus modificaciones más profundas se deben a la incidencia 'catastrófica' de factores externos a la vida de los 30 pueblos y que tienen su origen en problemas de la política colonial española o en cuestiones iternacionales*"
>
> (Maeder&Bolsi,1980.)

Durante o período jesuítico, enquanto a maioria das populações indígenas na América decresciam, os guaranis, ao menos durante um século, conseguiram dois momentos de crescimento sustentado. O choque de interesses entre as missões e o mundo colonial no qual estavam inseridas provocou profundas crises entre 1732-1740 e 1756 e 1768. A expulsão dos jesuítas foi o marco para a aceleração deste declínio populacional que vinha ocorrendo à medida que acentuavam-se as contradições.

2.5. O Espaço Missioneiro Jesuítico-Guarani

O espaço aqui referido é aquele estabelecido após o início do século XVIII, quando então a Província Jesuítica do Paraguai já contava com 30 Reduções. Definir os limites deste vasto território ocupado e explorado por jesuítas e guaranis apresenta diversas dificuldades. A imprecisão cartográfica da época, em que pese os importantes trabalhos de elaboração de mapas, não permitem estabelecer corretamente a extensão do espaço total que esteve sob influência e controle das Reduções. Também há que se considerar as sobreposições ocorridas entre diferentes instâncias políticas e religiosas do período colonial na região platina, tais como as Províncias religiosas, os Vice-reinados, as governações, etc. Gadelha, por exemplo, considera que:

> "*A governação do Paraguai abrangia todo o território do Rio da Prata, a Província de Buenos Aires, o Uruguai, o Rio Grande do Sul, Santa Catarina, e Paraná, o sudoeste do Mato Grosso e, primitivamente, parte do Tucuman, que foi perdida.*"
>
> (Gadelha,1979:28)

No que diz respeito à divisão política e organização administrativa das Províncias, Cardiel considerava que a Província do Paraguai se estendia de norte a sul, entre os 13 e os 26 graus, que perfaziam 260 léguas, e de leste a oeste todo o espaço compreendido entre os rios Paraná e Paraguai, extrapolando suas margens opostas. Lembra ainda que estas áreas mais periféricas não estavam assinaladas em termos fixos por estarem habitadas por índios infiéis, como ocorria em outras províncias. A Província de Buenos Aires iniciava nos 26 graus, fazendo limite com a do Paraguai, estendendo-se até as terras patagônicas e o Cabo Horn. A Província de Tucumán iniciada nos 22 graus incluindo as terras até a área considerada "de Magalhães". Ambas as províncias de Buenos Aires e Tucuman eram maiores que a do Paraguai. Chamavam-se também Governos estas três Províncias porque cada uma possuía um governador, o qual estava sujeito ao Vice-Rei (Cardiel,1984:04).

Paralela a estas definições político-administrativas estabeleceu-se a Província Jesuítica do Paraguai, cujos limites incluíam os territórios do atual Paraguai, o nordeste da Argentina até o Rio da Prata, o território do Uruguai e parte do noroeste do Rio Grande do Sul. Estes limites carecem das mesmas imprecisões que os anteriormente citados. No entanto, aproximam-se da área de abrangência das Reduções jesuíticas. De forma geral, os limites acompanhavam acidentes geográficos imutáveis, como o leito dos rios e relevos mais acentuados de serras, cerros e montanhas. Alguns cálculos atribuem à área dos 30 Povos em torno de 600 ou 700 mil quilômetros quadrados (Bruxel,1959:31) Segundo Maeder, este espaço missioneiro achava-se distribuído ao sul do Paraguai, entre os rios Tebicuarí e Paraná; no nordeste argentino e além de uma parte considerável do Rio Grande do Sul, no Brasil. Determina o espaço missioneiro como todo o território compreendido entre os 26 e 27 graus de latitude sul e os 57 e 54 graus de longitude oeste (Maeder,1992:122).

O aproveitamento econômico deste espaço não era absoluto, pois as manchas de terra que permitiam a agricultura não eram de todo exploradas, sobretudo devido ao costume Guarani de praticar a horticultura em meio a floresta, em lugar do plantio em campo aberto da agricultura. Nem toda a extensão deste território era propícia para a pecuária. As áreas que localizavam-se entre as Reduções e as zonas ervateiras e os campos de criação extensiva de gado compreendiam caminhos, pequenas estâncias, e porções de terra desocupadas. Apesar de não exploradas, eram de alguma forma necessárias para garantir a posse dos ervais e dos campos de pecuária. Bruxel considera que estes solos intermediários desocupados poderiam perfazer mais ou menos a metade ou dois terços do terreno realmente aproveitado por estâncias, moradias, plantações e ervais nativos. Bruxel faz ainda uma tentativa de estabelecer os limites da antiga Província Jesuítica do Paraguai com base em referenciais contemporâneos, como cidades e rios (Bruxel,1959:31-32).

Para o autor, a Província Jesuítica do Paraguai poderia ser dividida em três zonas distintas com relação aos recursos para a vida humana. A zona ganadeira, que encontrava-se na região sul, ao sul da linha Ibicui-Jacui. Esta zona estava habitada desde 1634-1636 pelo gado oriundo das Reduções que se estabeleceram no Tape até a transmigração na primeira metade do século XVII. Mais tarde as Reduções fixaram estâncias com limites mais claros, assinaladas para cada povoado individualmente. A zona ervateira, é localizada ao norte e sua superfície é calculada em uma área de 300 por 800 km, ou seja, uns 240 mil quilômetros quadrados. Os ervais nativos não ocupariam mais do que uma parte mínima. No entanto, mesmo que conjunto da área não fosse de todo aproveitável, era necessário garantir o controle para preservar a posse dos ervais.(Bruxel,1959:33) E finalmente a zona populacional. Estranhamente, Bruxel considera como zona populacional apenas aquela situada ao norte da Zona Ganadeira numa faixa de 100 por 600 km. Por suas definições, esta corresponderia a uma área no atual território do Rio Grande do Sul, estendendo-se desde o noroeste, pela depressão central, até o lago Guaíba. Esta Zona teria sido totalmente ocupada apenas na 1ª fase das missões. Também inclui outra faixa estreita, perpendicular à primeira, que descia em ambas as margens do rio Uruguai até o rio Ibicuí. Esta delimitação demonstra uma

preocupação apenas com as Reduções do Rio Grande do Sul. Também acrescenta que ao redor das sedes de cada um dos 30 Povos estariam as estâncias menores, potreiros, currais, plantações comuns e particulares, das mais variadas espécies, necessárias para a manutenção dos povos, ocupando uns mil a dois mil quilômetros quadrados, que estariam incluídos na zona populacional. (Bruxel, 1959:31)

Este território das Reduções parece ter sido estabelecido, levando-se em consideração as questões ligadas à segurança das mesmas e o afastamento dos guaranis em relação à sociedade colonial espanhola. Isto provocou um relativo isolamento geográfico, antes proposital do que prejudicial a proposta missional:

> "*Esta queda do rio, com seus recifes estreitos e ásperos, o Criador previdente da natureza a fez só e unicamente e ali a colocou para maior benefício de nossos pobres indígenas. Todos os padres Missionários estão firmemente convencidos disso. É que até aqui já vieram os espanhóis em seus navios, em sua insaciável cobiça de dinheiro. Mas quando chegam aqui, ouviram: 'Non plus ultra', nem mais um passo! Tinham, por isso, que voltar para Buenos Aires, e até o dia de hoje não puseram pé em nossas reduções, não podem realizar nenhuma comunhão, nenhum negócio, nenhum tráfico com os nossos indígenas, e isto constitui um benefício indescritível.*"
>
> (Sepp,1980:119)

A construção de barragens no rio Uruguai tem feito desaparecer diversos saltos, inclusive estes ao qual refere-se o Padre Sepp. Com os saltos desapareceram também cavernas, grutas e cânions. Desta forma perdem-se as informações sobre estes acidentes geográficos que significaram a interrupção dos caminhos para a chegada de espanhóis por vias fluviais até as Reduções.[25]

A questão dos limites e da preservação da posse sobre os territórios não era um problema que envolvia apenas as relações das Reduções com o mundo colonial espanhol e português. Também as próprias Reduções disputavam áreas limítrofes e demarcavam seus limites. Isto poderia levar inclusive à rivalidade entre duas Reduções.

25.Correio do Povo, 25/5/1997. *Uma atração que vai desaparecer,* p. 01.

Em alguns casos esta rivalidade era reforçada pelos Padres responsáveis, avivando as querelas, o que acabava exigindo a interferência do Padre Provincial (Haubert,1991:227). Informações contemporâneas às missões dão conta da existência de fossos e valas que poderiam ter sido utilizados para estabelecer os limites entres as Reduções:

> "Los pueblos jesuíticos tenían preparadas sus tierras y estâncias com zanjas anchas, por lo común tres varas y hondas la mitad, las cuales hoy están abandonadas y casi ciegas. Estas obras, por su vasta extensión, son sin duda las mayores y más útiles que hicieron dichos padres. Con ellas embarazaban la interpolación de los ganados, economizaban las gentes que debián cuidarlos, impedián la fuga de sus neófitos y la introducción de españoles. En los caminos precisos había lo que llaman tranquera o vallas, custodiadas por ancianos de confianza que detenían a cuantos llegaban dando parte al padre del sujeto y de sus ideas."
>
> (Azara,1990:247)

Por este relato é possível concluir que caberia aos índios de cada Redução realizar ditas valas (zanjas) para as finalidades descritas, que não resumiam-se apenas a determinar os limites entre esta ou aquela Redução. Azara relata a existência destas valas entre San Ignacio Guaçu e Santa Maria de Fé: "*En la mitad de la distancia hallamos un foso o zanja que divide las tierras de ambos pueblos*." (Azara,1990:242) E também entre Santa Maria de Fé e Santa Rosa. Além dos valos, refere-se ainda aos rios como demarcadores de limites entre os territórios das reduções, como o que encontrava-se no caminho entre San Tiago e San Cosme e Damian: "*A las dos leguas de la salida cortamos el arroyo Tapecurú-nay, que desagua en el Paraná y es lindero de San Cosme e San Tiago.*" E o rio existente entre San Cosme e Ytapúa: "*De aquí seguimos al norte 87º este dos leguas y hallamos el río Tacuary, que como el anterior da en el Paraná (...) Este río divide las tierras de San Cosme y de Ytapúa.*" (Azara,1990:251-253) Os valos referidos por Azara são de difícil comprovação arqueológica, devido ao fato de que, segundo

indica o autor, não havia outras estruturas além do fosso escavado, e com o tempo a sedimentação natural pode ter encoberto ditos marcadores de limites.

Além da demarcação de limites precisos entre as Reduções, a busca de áreas de cultivo e criação de gado também provocou algumas celeumas que envolveram a intermediação de autoridades superiores. É o caso da disputa de terras entre San Francisco Xavier e outros povos. Esta disputa envolveu a posse de terras na Banda Oriental do rio Uruguai no final do século XVII. Estas terras seriam exploradas pela pecuária e a horticultura da Redução de San Xavier:

> "*Por quanto haviendo visitado este pueblo y Doctrina de S. Francisco Xavier desta provincia del Uruguay y hecho el padron y numeracion de todos sus havitadores me hizo relacion Dom Thomas Potira Cacique principal (...) que para los yndios de dicho Pueblo tenia necessidad se le señalassen tierras sufficientes para tener en ellas estancias de ganados, chacaras y sembrados porque de tenerlas en comunion com los indios de los demás pueblos sircunvecinos era ocasion de disgustos y discordias entre ellos ...*"[26]

Além dos problemas causados pela exploração conjunta de determinados territórios, como referido acima, as Reduções tinham que enfrentar a questão do esgotamento dos recursos à medida que as populações apresentavam um crescimento positivo superior às possibilidades de manutenção das mesmas. Uma das soluções encontrada foi a divisão dos povoados dentro das condições que o território apresentava. Estas divisões davam origem a "colônias" temporárias, que com o passar do tempo alcançavam sua autonomia em recursos e produção. No entanto, nem sempre o crescimento populacional acarretava em uma obrigatória fragmentação da Redução. Houveram Reduções que superaram os 7.000 habitantes sem nunca dividir-se, enquanto outras eram desmembradas com uma população menor. A explicação poderia estar no sistema econômico que buscava o auto-sustento, e o limi-

26.Manuscritos da Coleção de Angelis. Tomo IV, Jesuítas e Bandeirantes no Uruguai, p. 31. Carta do Ouvidor D. Juan de Blazquea de Valverde ao P. Provincial P.Ygnacio de Frias, informando o pedido do corregidor do cabildo da redução de San Xavier que solicitava a determinação de terras específicas para o seu povoado na banda oriental do Uruguai em 1699.

te de crescimento poderia estar vinculado assim, às disponibilidades de terras produtivas na área circunscrita a um determinado povoado (Gutierrez,1974:138). No caso da Redução de São João Batista, esta foi fruto de uma divisão da Redução de São Miguel Arcanjo, cuja população ultrapassou às capacidades de auto-sustento. A disponibilidade de terras em territórios próximos possibilitou o estabelecimento de um novo povoado, garantindo os recursos necessários para um rápido crescimento.

Ocupando as terras da Banda Oriental do rio Uruguai, as Reduções Jesuíticas alcançaram o número de trinta povoados e conheceram um período de relativa estabilidade política e econômica. Desta forma, conformava-se um vasto território sob controle da Companhia de Jesus, que estava submetido ao vai-e-vem das disputas dos impérios ibéricos na região platina. Desconsiderar esta relação implica em uma compreensão limitada do espaço missioneiro. Tanto Portugal quanto Espanha buscavam assegurar a extensão de suas áreas coloniais como forma de consolidar suas possessões ultramarinas e seus poderes enquanto Estados Nacionais em formação. Assim, as Reduções estavam totalmente envolvidas nas relações entre território e Estado das Coroas lusa e hispânica.

Um Estado não se configura sem um território. Este território é o espaço no qual ele exerce sua soberania. Dele provêm seus recursos e nele é necessário manter uma população. No caso da região platina, esta busca por garantias territoriais implicou em um intrincado processo de geopolítica, onde esta assumia o caráter de fundamentação geográfica das linhas de ação política (Couto e Silva,1967:66). Neste caso a fronteira passa a exercer um papel de limite até onde o Estado pode exercer sua força administrativa (Bellotto,1983:60). A fronteira "*com seus aspectos políticos, econômicos, culturais, etc. metaforicamente é uma situação-limite, já que nela se extremam as circunstâncias, os interesses e os problemas comuns a ela e ao seu interior...*" (Kern,1982:152) A fronteira espanhola com os portugueses na região dos Sete Povos da Banda Oriental, mesmo após a expulsão dos jesuítas permaneceu com um caráter "aberto" ao norte do rio Jacuí. Ao referir-se a Santo Ângelo, Azara destaca:

> "*Como no hay que comer y és el pueblo más oriental de Misiones o más próximo a los portugueses, sus habitantes se pasan al Brasil com facilidad, pues no hallan arroyo ni guardia que los detenga y en doce jornadas muy llegan a Vaccaria, donde los lusitanos han formado dos pueblos de los desertores de éste y otros pueblos.*"
>
> (Azara,1990:273)

Estabelecer os limites fronteiriços exigia um conhecimento do território, sobretudo quando da realização de acordos e tratados de trocas, como o ocorrido na segunda metade do século XVIII na região platina. A escolha de características físicas visivelmente reconhecíveis foi a estratégia usada quando faltavam conhecimentos mais precisos do terreno. Porém, a ocultação de conhecimentos prévios foi um expediente utilizado por ambas Coroas no decorrer dos processos de demarcações. Foi assim que alguns erros apresentaram-se mais políticos do que cartográficos, como no caso da passagem da fronteira do Tratado de Madri pelo Rio Uruguai. Interessava aos portugueses uma navegação comum com os hispano-americanos, isto para que o acesso fluvial ao extremo-oeste não fosse prejudicado (Bellotto,1983:63).

Inseridas neste contexto de disputas territoriais e de fronteiras em movimento, as Reduções puderam valer-se deste processo ao assumir, de certa forma, o caráter de fronteira do Império espanhol. Atingiram assim, na primeira metade do século XVIII, condições estáveis com relação aos estabelecimentos, recursos e funcionamento:

> "*...los puestos más cómodos para la vida humana, con aguas muy saludables, tierras bastantes para coger todos los frutos de que es capaz aquella región, y dehesas para todo tipo de ganado, con que puedan conservarse los indios y vivir en república racional; gustosos con la abundancia...Esto hace que todo el dicho territorio se vea bien poblado, pues aun los campos, que entre las reducciones median, están llenos de caserías, en que viven los labradores y pastores, con todas las cosas necesarias para guardar sus cosechas, vivir toda su familia, sin que se vea casa o rancho, ni cabaña, que no la señoree una grande e hermosa cruz...Es aquel país comunmente húmedo y poco frío; abunda de muchos manantiales de aguas, casi todas muy cristalinas, conformes a la*

> *salud e gusto. El suelo es, por la mayor parte, no llano, ni fragoso, sino compuesto de lomería tendida; desde cualquier collado que un caminante vuelva los ojos al contorno, registra cincuenta y más fuentes de las dichas, cuya humedad alimenta dos o tres docenas de hermosísimo árboles, más altos y copados que álamos de Europa, que abrazados entre sí, y con otras yerbas y flores olorosas, en contorno de su fuente, conserva tan fresca el agua, como si saliera de la cueva más profunda y causa sumo recreo, estando el resto del campo alfombrado de yerba, que en todo el año no pierde su verdor, como ni los dichos árboles sus hojas y lozanía.*"
>
> (Jarque,1687:298)

Este relato define, em linhas gerais, as condições nas quais encontravam-se as Reduções, espalhadas sobre uma vasta área e constituindo um conjunto integrado. As relações de intercâmbios de produtos entre diferentes reduções e trocas comerciais com as cidades coloniais espanholas garantiam a busca por um auto-sustento. O espaço missioneiro integrou assim condições geográficas, projetos expansionistas ibéricos, interesses comerciais e trabalhos de catequização, criando possibilidades de crescimento populacional e econômico no interior do mundo colonial. No entanto, a compreensão do funcionamento deste espaço implica na análise de suas unidades básicas, as Reduções. As relações estabelecidas ao nível macro do espaço missioneiro como um todo passa pelas relações ocorridas ao nível micro, no interior das Reduções. Desta forma, é preciso buscar o estabelecimento de noções mínimas do funcionamento destas, a extensão de seus territórios e as especificidades que se opõem às visões generalizantes e padronizadoras.

3. O espaço das Reduções

Qual seria o território de uma Redução? Segundo Bruxel o território reducional seria a propriedade que não pertencia nem a indivíduos, nem a famílias, nem a cacicados em particular, mas era propriedade comum de todo o povo da redução, tomada em conjunto (Bruxel,1959:100). As reduções constituíam seus territórios na medida em que agregavam ao povoado áreas de domínio de caciques. Poderiam ocorrer casos de interpenetrações de territórios quando caciques vizinhos destinavam-se a povos diferentes. Era necessário fixar claramente os limites dos povos entre si para evitar as contendas entre os mesmos. Não havia, tão somente, o bloco compacto de aproximadamente mil quilômetros quadrados ao redor de cada núcleo urbano. Diversos outros componentes constituíam o espaço de uma Redução. Para classificar as diferentes partes do território da Redução, Bruxel segue o critério da classe de utilidade que oferecia determinada área do território de uma Redução. Segundo o critério da utilidade, divide as terras de uma Redução em cinco categorias: terras de pura extração; terras de cultura agrícola e ganadeira; terras de moradia; terras de circulação e terras baldias (Bruxel,1959:106).

As terras de pura extração seriam aquelas destinadas à captação simples de recursos, sem investimentos de trabalho especializados além da coleta de bens, não necessitando assim o cultivo. Havia diferença de atuação dependendo do produto. No caso da extração de mel e da cera, esta era secundária na região do Paraguai e do Uruguai, enquanto que na Bolívia (Chiquitos) e no Peru, esta exploração resultava em lucros e foi ampliada. Bruxel não inclui os matos como lugares de extração de lenhas e madeira de construção porque a lenha era retirada sempre por ocasião das derrubadas feitas para roças novas, momento em que também se faziam reservas de madeiras de lei para os casos de necessidade. O autor pode estar equivocado ao considerar

que a extração de lenha estava necessariamente relacionada à abertura de clareiras para horticultura. Não há bases para tal afirmação. Já os ervais nativos seriam áreas de pura extração alcançadas por vias fluviais e terrestres. Situavam-se, na maioria, na zona ervateira do alto Paraná e alto Uruguai, ocorrendo também em outras áreas. São Borja, por exemplo, possuía um erval próximo à lagoa dos Patos, o que poderia representar quase mil quilômetros de distância (Bruxel,1959:108). Os ervais podiam ser agregados à Redução como terras de caciques que se juntassem à comunidade, ou então descobertos por expedições de procura e explorados pelo povo ao qual pertencessem os exploradores. As pedreiras de arenito e basalto, os barreiros de argila, bem como os banhados com diversas qualidades de palhas e juncos, também poderiam ser incluídos nas terras de pura extração. Bruxel não refere-se à extração de ferro por entender que esta é apenas citada por Sepp, e acredita que era mais vantajoso produzir erva e comercializá-la para adquirir ferro importado.

As terras de cultura incluiriam as áreas de criação de gado; as estâncias maiores, que, em geral, localizavam-se a grandes distâncias dos Povos proprietários; e as estanzuelas menores em que se guardava o gado trazido das estâncias maiores. Pela necessidade do aprovisionamento de pastos, estas não estariam próximas à Redução. Também incluí os currais que serviam de cercamento para o gado que seria abatido e consumido no povoado. As áreas utilizadas para o cultivo, além da quinta localizada atrás da Igreja e do claustro, também seriam terras de cultura.

As terras de moradia compreendiam os solos do cemitério, da igreja, do claustro, das oficinas e da quinta, que apesar de ter sido considerada terra de cultura se inclui sob o ponto de vista do conjunto central, porque estava provavelmente relacionada à clausura, ou seja com exclusão de acesso às mulheres. Além destes elementos incluía também os solos em que estavam todas as demais moradias, subdivididas em moradias públicas: cotiguaçu, oficinas, cabildo, cadeia, hospedaria ou tambos, fábricas de ladrilhos, telhas, cal, açougues, e moradias particulares dentro da sede do povo, ou seja, as casas dos índios (*idem*:114).

As terras de circulação, como ruas, praças, caminhos, pontes, etc. eram trabalhados pelos povos individualmente. Cada povoado tratava de organizar a circulação dentro de sua área. Como exemplo estariam as capelas que ficavam dos dois lados de um rio assinalando os limites entre dois povos e o controle deste limite. No caso de um limite como um arroio ou rio podia ocorrer o trabalho conjunto na construção ou na manutenção dos acessos.

As terras baldias seriam aquelas que nem ofereciam matéria para extração, nem possibilidades para cultura 'ganadeira' ou agrícola, nem serviam para moradia ou circulação. Seria o caso dos pedregais estéreis, banhados, tremedais, encostas íngremes e várzeas sujeitas a enchentes. Estas terras constituíam áreas de indecisões quanto à jurisdição de qual Redução pertenceriam. Esta situação aplicava-se também à zona ervateira do norte em que algumas pequenas manchas ervateiras apareciam dispersas em uma área de centenas de quilômetros quadrados (Bruxel,1959:117).

Embora estas definições de Bruxel tenham sido realizadas com o objetivo de determinar o sistema de propriedade existente nas Missões Jesuíticas, representam um esforço de reconhecer as dimensões do espaço de uma Redução, dividindo seus componentes e interpretando sua funcionalidade. Bastante esquemático, aponta para a importância de compreender os diversos elementos que compunham uma Redução. Uma separação entre elementos urbanos e elementos rurais também aparece no trabalho de Bruxel, na medida em que estabelece as terras de moradia e as terras de cultura. No entanto, não define as moradias como apenas aquelas pertencentes ao núcleo urbano, o que demonstra a complexidade da organização espacial das Reduções.

As Reduções representaram as unidades básicas do espaço missioneiro. Ao estabelecer estes povoados com os indígenas guaranis os jesuítas davam segmento às propostas de concentração da população em centros que assumiram gradativamente características urbanas. Propostas estas, colocadas em prática tanto por jesuítas como por representantes de outras ordens religiosas na América, como é o caso dos franciscanos. Apesar do caráter urbano destes assentamentos, as Reduções estavam intimamente relacionadas às atividades rurais, o que não encerrava uma contrariedade ou oposição urbano/rural, mas sim, criava uma complementaridade que atendia os propósitos de re-

dução à vida cristã e civilizada, através de uma manutenção econômica dos aspectos materiais de sua reprodução. É nesta perspectiva de complementação entre as áreas urbanas e as áreas rurais que se insere a análise do espaço missioneiro ao nível das Reduções. Com efeito, é nas Reduções que se percebe a interação entre o ambiente de "cidade" existente no núcleo urbano e a ocupação e exploração dos recursos naturais locais que possibilitassem a fixação efetiva dos assentamentos. Partindo do reconhecimento de aspectos urbanos pode-se entender as Reduções como "cidades", pois este não é um conceito fechado:

> "*El concepto de ciudad es esencialmente dinámico y evoluciona con el tiempo y el lugar, estando condicionado por el medio ambiente, la estructura socio-económica y el nivel tecnológico de la sociedad a la cual pertenece el observador.*"
>
> (Hardoy,1964:18)

Entretanto, as Reduções não podem ser vistas apenas como cidades. Isto poderia levar a idéia de isolar as Reduções de todo o contexto do espaço missioneiro, o que pode redundar em erros de interpretação. Perceber a dinâmica interna destes povoados, compreendendo-os para além de suas estruturas urbanas, permite uma aproximação de sua resultante espacial. Os aspectos urbanos e rurais das Reduções estão relacionados à situação e localização destes assentamentos. Os termos situação e local não são sinônimos para designar uma cidade:

> "*O primeiro refere-se a posição da cidade em relação aos grandes conjuntos habitacionais, região e vias de comunicações. O segundo referese ao lugar onde a cidade é assentada. A localização exata do espaço construído nas suas relações com a topografia local.*"
>
> (Miorin, 1975:162)

Neste sentido, os aspectos urbanos estariam mais relacionados com a situação do assentamento, pois as Reduções constituíram núcleos de ocupação de um vasto território e estavam interligadas por uma

rede de caminhos terrestres e fluviais que as comunicavam entre si e com as principais cidades coloniais espanholas. Isto se deve sobretudo à presença de uma malha hidrográfica de pequeno, médio e grande porte. Atingiam assim condições favoráveis de comunicação; navegação e fontes de proteínas resultantes da pesca. Não é uma casualidade o fato de que praticamente todas as Reduções fixaram-se junto aos formadores de primeira, segunda e terceira ordem do Rio da Prata. Já os aspectos rurais relacionam-se com a localização das Reduções, pois os recursos hídricos e de matérias-primas, bem como a presença de solos aráveis terão um papel importante na escolha do assentamento.

3.1. Condições para a Localização

A localização foi um dos elementos fundamentais para o desenvolvimento das Reduções. Desde as primeiras instruções e recomendações percebe-se a importância destinada a determinadas características que o local do futuro assentamento deveria possuir. A legislação para as Índias de 1523 estabelecia:

> "P*rocurem tener el agua cerca, y que se pueda conducir al Pueblo y heredades, derivándola si fuere posible, para mejor aprovecharse de ella, y los materiales necesarios para edificios, tierras de labor, cultura y pasto, con que excusarán el mucho trabajo y costas, que se siguen de la distancia. No elijan sitios para poblar en lugares muy altos, por la molestia de los vientos y dificultad del servicio y acarreto, ni en lugares muy bajos, porque suelen ser enfermos: fúndese en los medianamente levantados, que gocen descubietos los vientos del Norte y Mediodia: y si hubieren de tener sierras, ó cuestas, sean por la parte de Levante y Poniente.*"[27]
>
> " *Ordenamos que el terreno y cercanías, que se ha de poblar, se elija en todo lo posible el más fértil, abundante de pastos, leña,*

27. De la población de las ciudades, villas y pueblos, Libro III, Tit. VII, p. 19. Ordenanza II. Recompilación de leyes de los reynos de las Indias. Madrid, Impresora de Dicho Real y supremo Consejo, 1971.

> *madera, metales, aguas dulces, gente natural, acarreos, entrada e salida, y que no tengan cerca, lagunas ni pantanos, en que se crien animales venenosos, hi haya corrupción de ayres, ni aguas*."[28]

O padre Cardiel destaca que as instruções do Padre Torres, que em muito se assemelham a estas das Leyes de Indias, não foramtotalmente observadas pelos primeiros jesuítas:

> "*Al principio no reparaban mucho los Padres en estas conveniencias; y por eso casi todos los pueblos antigos tienen dos o tres mudanzas, buscando lo mejor en fuerza de los daños que experimentaban por la poca advertencia.*"
>
> (Furlong,1953:153)

Além destes "descuidos", na primeira fase dos trabalhos missionais entre os guaranis, a escolha e implantação dos aldeamentos sofreu impactos externos significativos, sobretudo com as constantes incursões de bandeiras vicentinas para o apresamento de mão-de-obra indígena. Estas bandeiras provocaram constantes deslocamentos. Também havia uma preocupação com relação ao aumento de povoados de forma desorganizada:

> "*El fervor apostólico inicial atendía más a reunir los grupos indígenas dispersos, respetando en lo posible sus preferencias. Tal planteamiento multiplicaba la necesidad de los jesuitas*"
>
> (De Masy,1984)

As autoridades de Roma também instruíam os missionários quanto à realização calculada da 'redução' dos indígenas:

> "*no permita se cargue esa província con más reducciones de aquellas para que tienen ministros a propósito*"[29]

28. Idem, Ordenanza III.

29. Carta del p. Vitelleschi al P. Vazquez, Trujillo, 12 de marzo de 1634, ARSI, Paraq. 2, Epist. Gen, F. 88 In: De Masy, Rafael C. *Las reducciones como estratégia del desarrollo rural*. Folia Historica del Nordeste, nº06,1984, p.65.

Percebe-se desta forma que tanto as pressões externas (bandeiras) como a falta de experiência foram responsáveis pelas constantes mudanças de localização das primeiras reduções. Cento e trinta anos mais tarde, a escolha do sítio para a instalação de uma redução já segue orientações mais precisas. Critérios como dimensões, topografia do terreno, recursos hídricos são levados em consideração, pois as experiências anteriores haviam demonstrado as vantagens da presença de determinadas características:

> "*Para formar un pueblo, se procura escoger una llanura de las calidades siguientes: 1)ancha como un cuarto de legua y cerca de una milla para la extensión de las calles. 2)Algo eminente, así por huir la humedad, dañosa en estas tierras, como por gozar de aire más puro. 3)Que no tenga pantanos, de los cuales se engendra multitut de molestos mosquitos y víboras ponzoñosas. 4) De buenas aguas cerca, así para beber, como para lavar y bañarse, a que es aficionado todo indio, y lo necessita para la salud. 5) De buenos bosques, no distantes, para leña y para edificios. 6) Que esté despejada por la parte sur, para desembarazo del viento fresco...y es necesario en tierra de tantos calores...*"
>
> (Furlong,1953:153)

Estas determinações relacionam-se a todas as qualidades buscadas pelos jesuítas para o assentamento, tais como topografia suave; presença de depósitos aluviais férteis; zonas de mata e campos relacionados com diferentes estruturas e cursos d'água possíveis de serem canalizados e devidamente utilizados pela população. Ao analisar a geografia da região onde instalaram-se os Sete Povos da Banda Oriental, entre eles São João Batista, percebe-se que esta é claramente marcada por zonas de contato entre estruturas diferentes. Situação verificada sobretudo no relevo e na vegetação, pois esta é uma região de transição do planalto ao pampa e da floresta ao campo. Onde então encontrariam os jesuítas condições mais aproximadas às recomendações da legislação se não justamente nesta região? A preocupação em atingir tais condições está presente nos relatos do Padre Sepp quando da escolha do local para instalar São João Batista:

> "*Explorar o Sítio era tão necessário a nós como todos os de Europa, antes de povoarem uma terra, e aos romanos antes de tomarem posse das colônias. Inquiriam bem a situação do lugar, se era palustre, arenoso, etc..., a que ventos estava exposto, se rodeado de montes e bosques, se irrigado por riachos e rios aprazíveis; além disso a abundância de águas e fontes, a salubridade, claridade; cópia de pedras e rochas para fender, ou a falta delas; a qualidade do solo e da argila para o fabrico de telhas e tijolos e mil outras cousas necessárias para fundar uma aldeia ou uma povoação*"
>
> (Sepp,1980:139-40)

Com efeito, o local escolhido para o novo povoado encontra-se sobre uma suave elevação de terreno, na cota de 200 m, onde as vertentes formadoras do arroio Lajeado do Moinho constituem fontes de água, a uma distância de aproximadamente 1.000 m ao norte e ao sul da Redução. A cobertura vegetal atual não representa aquela que deveria haver na época da fundação, há trezentos anos, onde então 100 havia bosques e capões com farta quantidade de vários tipos de madeiras. Os levantamentos de campo identificaram um afloramento de basalto, utilizado nas construções, a 2.500 m do núcleo urbano. A situação do sítio também era adequada, pois encontra-se a menos de trinta quilômetros do rio Ijuí, a partir do qual, em embarcações de pequeno e médio porte, era possível atingir o rio Uruguai. Mais adiante se voltará a fazer referência a estes locais.

Outros elementos também ganhavam importância além dos já relacionados. É o caso das posições estratégicas que nem sempre apresentavam todas as qualidades sugeridas, mas que tinham que ser ocupadas.

> "*Não havendo fontes nem regatos nos arredores de São Borja a água utilizada é a dos brejos, de gosto insípido e adocicado. Se os jesuítas preferiram este lugar a outros mais favoráveis, v.g. os belos campos de Rincão da Cruz, foi talvez porque já encontraram os índios estabelecidos neste distrito. Também podia ter sido pela*

> *abundância da madeira ou ainda devido à sua situação entre o Uruguai e os pântanos, estratégica para a defesa à infiltração dos brancos*".
>
> (Saint-Hilaire,1974:128)

A localização foi um fator determinante para o sucesso dos estabelecimentos jesuíticos e, no caso das Reduções da Banda Oriental do Uruguai, as condições locais foram extremamente favoráveis. No entanto, perceber esta questão espacial na atualidade encontra algumas dificuldades, devido às profundas transformações a que a paisagem local foi submetida ao longo dos últimos 150 anos. Segundo Santos, os processos históricos através do tempo alteram a localização de acordo com a importância que lhe é atribuída por determinada sociedade em determinado momento histórico:

> "*Por isso mesmo, cada lugar está sempre mudando de significação, graças ao movimento social: a cada instante as frações da sociedade que lhe cabem não são as mesmas. Não confundir localização e lugar. O lugar pode ser o mesmo, as localizações mudam. E lugar é objeto ou conjunto de objetos. A localização é um feixe de forças sociais se exercendo em um lugar.*"
>
> (Santos, 1992:02)

O que determina a importância das localizações é o momento histórico, ou seja, a importância que determinada sociedade atribui a um lugar, enquanto conjunto de objetos, em um momento histórico. Por exemplo, as características de um lugar procuradas por jesuítas e guaranis para o estabelecimento de uma nova Redução eram condicionadas por seu momento histórico, e que em outro momento não seriam determinantes da escolha do lugar. Estas características do lugar permaneceriam, porém ele não se tornaria a "localização", tal como o havia sido no período das Missões Jesuíticas. Daí a importância da visão de periodização e de processo histórico no estudo do espaço, pois como a mesma variável muda de valor segundo o período

histórico, a análise exige uma periodização, para evitar ou amenizar equívocos. As diferentes escalas do objeto analisado também determinam a importância das periodizações históricas:

> "T*al periodização é tanto mais simples quanto maior a escala do estudo e tanto mais complexa e capaz de subdivisões quando mais reduzida é a escala. Quanto mais pequeno o lugar examinado, tanto maior o número de níveis e determinações externas que incidem sobre ele. Daí a complexidade do estudo do 'mais pequeno*'.
>
> (Santos,1992:03)

Isto torna-se claro no caso da análise do espaço missioneiro no tocante as suas unidades básicas que foram as Reduções. A abordagem remete para os problemas de determinação da abrangência do espaço das Reduções enquanto unidades, reconhecendo as diferenças entre os aspectos urbanos e rurais. A especificidade do binômio urbano/rural implica em uma necessária fragmentação dos elementos do espaço nas Reduções. Desta forma, análise em separado das áreas urbanas e rurais é uma necessidade interpretativa. A arbitrariedade desta divisão visa possibilitar a noção de conjunto e vem sendo aplicada pelas práticas da Arqueologia Espacial. Isto não é feito apenas como referência mas sim como reconhecimento da importância destes elementos na dinâmica de todo o sistema que se articulou sobre um território determinado. É preciso partir do reconhecimento do núcleo central destes assentamentos como área urbana. Isto leva a uma discussão sobre os elementos urbanos identificáveis; as origens da organização urbana, destacando múltiplas influências históricas; semelhanças e diferenças entre a organização urbana dos diferentes povoados; etc.

As Reduções não podem ser definidas unicamente como assentamentos urbanos. No entanto, também não podem ser vistas apenas como assentamentos rurais. Gutierrez considera que as missões eram centros urbanos no que ao social se refere, pois possuíam uma estrutura político-administrativa voltada para preocupações internas. Também a estrutura urbana insere-se no projeto de introduzir o indígena em um mundo novo: o colonial (Gutierrez,1974:88). É preciso

analisar esta dupla característica urbana e rural para poder estabelecer as relações entre ambos aspectos na composição do espaço nas Reduções.

3.2. O urbanismo nas Reduções

O aspecto urbano que as Reduções foram assumindo ao longo de mais de um século de existência possui características bastante marcantes, cujas origens provêm de uma complexa rede de influências verificadas na constituição das plantas urbanas. Identificar estas influências pressupõe encontrar os elementos que as caracterizam. Isto se deve ao fato de que os traçados urbanos das Reduções Jesuíticas do Paraguai apresentavam uma similaridade em seus planos. A organização da disposição dos elementos arquitetônicos foi relacionada inclusive com o plano quadrado, ou plano hipodâmico, criado pelo geógrafo e urbanista grego Hipodamus e que foi popularizado pelos romanos. A praça seria a ágora dos gregos e o forum dos romanos, espaço central de todas as atividades desenvolvidas na cidade[30]. Isto estaria na origem do plano urbanístico renascentista espanhol que foi trazido para o Novo Mundo (Palacios,1991:131).

Atualmente, quatro elementos têm sido aceitos como "matrizes" ou influências da constituição do traçado urbano nas Reduções: as experiências anteriores dos povos franciscanos formados ainda no século XVI no Paraguai; as Doutrinas estabelecidas no Peru pelos próprios jesuítas, principalmente a Doutrina de Juli; as Leyes de Indias, de 1523 e 1573, e as recomendações do provincial Diogo de Torres Bollo, de 1609 e 1610; e a forma de distribuição e organização espacial dos índios guaranis em suas aldeias antes do contato. Mais recentemente, algumas propostas têm buscado relacionar ainda as Reduções com experiências anteriores da ordem jesuítica na Europa com tradição na constituição de mosteiros e abadias oriundas do período medieval (Kern,1998). A complexidade destas postulações remete para uma análise em separado de cada um destes elementos e de como os mesmos se refletem no urbanismo das Reduções.

30.Este tema foi sistematizado na publicação Colóquio Forum et Plaza Mayor dans le monde hispanique. Publications de la Casa de Velazquez, Série "Recherches en Sciences Sociales", Fascículo IV, Paris, Ed. E. De Boccard, 1978.

Recentemente, um estudo sintético e apurado sobre elementos urbanísticos e arquitetônicos das Reduções jesuíticas foi realizado por Norberto Levinton. (Levinton, 1998) Neste trabalho o autor analisa as origens e influências do traçado urbano e da arquitetura dos povoados através da identificação dos arquitetos envolvidos na trajetória histórica das construções de São João Batista, em especial da igreja da Redução. Infelizmente, o trabalho de Levinton foi finalizado após o término deste livro, o que não permitiu uma inclusão mais específica de seu estudo neste momento.

3.2.1. Os povos franciscanos do Paraguai

Entre as Reduções estabelecidas pelos franciscanos no Paraguai e as Jesuíticas existem diferenças marcantes, como já referido anteriormente.[31] A igreja no centro da praça no esquema perípteroextenso diferia do sistema axial missioneiro; o colégio e as oficinas ficavam na periferia sem articulação com o templo. As casas dos índios não adotavam o esquema de "*manzana-islã*", definido por Gutierrez, mas sim o de longos "*tirones*" de rua coberta que circundavam a praça e atrás das quais se originam eventuais "*tirones*" paralelos ou ranchos disseminados (Gutierrez,1974:116-117).

Dentre os povoados franciscanos é conhecido um plano de San Francisco de Átira. É um plano que acompanha um manuscrito de Félix de Azara e possui fundamental importância para entender o sistema de organização dos povoados de índios originados no Paraguai. San Francisco de Átira constituiu uma das primeiras doutrinas dos franciscanos e sua configuração demonstra a definição de uma grande praça rodeada de casas de galeria. Esta disposição, que segundo Gutierrez, denota a idéia defensiva de plaza cerrada, possui um núcleo residencial dos irmãos franciscanos em um dos extremos e a particularidade da igreja instalada no centro da praça. Este sistema que mantinha uma característica defensiva afastava-se das propostas de urbanismo espanholas para as Índias e foi uma particularidade das reduções franciscanas. Os jesuítas adotaram formas mais flexíveis de estruturação do espaço no caso dos povoados fundados no século

31. Ver Cap. 2 em 2.4.2 sobre a diferença entre jesuítas e franciscanos.

XVIII, ao norte de Santa Fé com outras parcialidades não Guaranis, no caso índios Mocobis, como pode ser verificado pela documentação iconográfica do Padre Florían Paucke sobre a Redução de São Francisco Xavier. (Maeder&Gutierrez,1996:11-14).

3.2.2. A Doutrina de Juli

A doutrina de Juli no Peru representou uma das primeiras experiências dos jesuítas em assumir a direção de uma comunidade indígena através do trabalho paroquial. Rabuske considera que a aceitação da Doutrina pelos jesuítas foi realizada sob diversos condicionantes, o que demonstrava a dúvida que os inacianos depositavam sobre o trabalho paroquial:

> "*Numa palavra, Juli foi aceita, mas somente 'experiendi causa' ou a título experimental e 'ut plene perículo facto judicet Societas quantum in hoc genere fructificandi Indos ipsa adiuvare possit' (para que, uma vez realizada a experiência, a Companhia julgue o quanto possa ajudar aos índios segundo este método)*"
>
> (Rabuske,1977:17)

Iniciada por dominicanos em 1565, em 1568 a Doutrina de Juli já possuía um convento com 12 religiosos. A ordem dominicana enfrentou problemas de organização e perdeu o direito de missionar em Juli em 1572, quando o Vice-Rei Toledo se deu conta da incapacidade dos dominicanos em gerir a doutrina. Toledo encarregou padres seculares de assumir Juli, enquanto procurava fazer com que os jesuítas assumissem a doutrina. Estes eram contrários a tal atividade:

> "*Sin embargo, los jesuítas dudaban en tomar el sistema de doctrina por los pocos felices resultados que éstos habían tenido y porque preferían el trabajo cotidiano a nivel urbano y misiones esporádicas a los indígenas*."
>
> (Gutierrez, 1986:54)

Em 1576, foi obtida a autorização da Companhia de Jesus para conduzir os religiosos jesuítas às Doutrinas. Mesmo assim, eles o fizeram relutantemente:

> "*A esto se les respondío que la Compañia de Jesús no se encargará absolutamente de doctrina alguna por no tener licencia del padre General para ello; pero que para probar si las dificultades que se han experimentado éstan remediadas con la nueva reducción, que la Compañia se encaragará de alguna doctrina a prueba por algún tiempo y viendo lo que en ella muestra la experiencia dará cuenta al General.*"[32]

Os jesuítas assumiram Juli e logo se deram conta das vantagens que isto significava. Desde o início buscaram uma certa autonomia em relação as autoridades seculares, sobretudo os Bispos, o que foi motivo de muitos conflitos e desentendimentos. No entanto, apesar dos problemas de ordem religiosa e política, a doutrina de Juli conheceu um certo desenvolvimento e os jesuítas aproveitaram para aprofundar os conhecimentos sobre as crenças religiosas do altiplano, sobretudo aquelas que apresentavam semelhanças com o cristianismo. Também aproveitaram para conhecer melhor os idiomas locais. No Peru a língua indígena dominante era o Quechua, no entanto, na região de Juli, além deste, era necessário conhecer a língua local, o Aimara. Esta preocupação converteu Juli em um "seminário de línguas". Ludovico Bertonio publicou em Juli, em 1612, *os vocabulários e arte da língua Aimara.* Estes avanços só foram possíveis graças à estada longa dos jesuítas à frente da doutrina de Juli, pois, de outra forma, em missões volantes e esporádicas entre os indígenas, não teriam alcançado o conhecimento necessário em tão pequena margem de tempo.

Passada a fase das desconfianças com o trabalho de assumir doutrinas, em parte causadas pelo exemplo presente do que havia ocorrido aos dominicanos e também pelos conflitos com os seculares, inicia-se uma etapa de consolidação da presença jesuítica em Juli. A questão da convivência direta com a comunidade, que tanto preocupava os jesuítas, pois poderia levar a desagregação dos religiosos, foi resolvida pois:

32.Resposta do Padre Juan de la Plaza as solicitações de Toledo. In : Gutierrez,1986:54.

> "*en este pueblo hay un monasterio edificado con iglesia y bastante aposento para doce, porque los padres de santo Domingo estuvieron alli algún tiempo encargados de aquel pueblo e edificaron este monasterio*"[33]

Juli contava com aproximadamente 10.000 indígenas. Isto permitia que a ação doutrinal se desenvolvesse intensamente no âmbito urbano, sem a necessidade de uma mobilidade constante dos missionários. Isto constituiu uma novidade para os jesuítas. Apesar desta concentração, os indígenas não viviam todos no mesmo povoado, mas sim em bairros que correspondiam aos antigos ayllus[34] do período incaico. Isto demonstra que a idéia de concentração em uma única redução ainda estava em seu período de maturação:

> "*Otro elemento de interés que surgirá del epistolario original será el mantenimiento de la antigua estructura de los ayllus, de los cuales habría cuatro sectores principales (...) Ya en 1578 se indicaba que los jesuitas 'los mandavan venir por barrios a confesar que acá llaman de ayllos*"
>
> (Gutierrez,1986:58)

O povoado de Juli situava-se na província de Chucuito, entre quatro cerros, a 60 léguas de Cuzco e 100 de Potosi. Havia sete povos nesta província, dos quais Juli era o maior. A proximidade do Lago Titicaca e a altitude determinavam um clima frio e seco. A produção dedicava-se ao cultivo de batatas, 'chuño'(féculo da batata) e 'quinua' (quinoa). As condições ambientais da serra peruana dificultavam o cultivo destes produtos e também de erva-mate. A pesca nos lagos da região não era abundante como nos demais povoados da província. No entanto, apesar destas condições, a doutrina de Juli era um atrativo para a Companhia de Jesus, bem como para outras ordens religiosas, pelo grande contingente de índios a serem cristianizados na região. Quando os Jesuítas chegaram em Juli no início do mês de novembro de 1576, contavam com apenas quatro padres e três irmãos. O plano

33. Carta do Padre Juan de La Plaza, Gutierrez, Op. Cit. p. 57.

34. Os Ayllus representavam unidades sociais andinas que permaneceram dentro do império Inca e estavam definidos por um determinado território com chefias locais.

urbano de Juli era muito distinto daquele adotado posteriormente pelos jesuítas no Paraguai:

> "*El paraje de la Misión es al mismo tiempo un gran pueblo en que solo indios viven. Tiene anchas a rectas calles, y en el centro una plaza, retangular, grande y capaz, donde las indias venden los domingos y dias de fiesta sus mercadorias...*"[35]

Com relação às jurisdições, Juli estava politicamente subordinada ao Governador de Chucuito, que administrava a justiça. As questões religiosas estavam submetidas ao Bispo de La Paz, situada a quarenta léguas de distância. Juli era rota de passagem para os viajantes do Peru e daqueles que vinham do Paraguai. Os forasteiros só podiam permanecer em Juli por três dias. Em caso de doença seriam internados no Hospital. As batatas e quinoas eram plantadas em *andenes*, estruturas de terraços nas encostas das montanhas, numa clara concessão ao sistema agrícola local anterior ao contato. A região, cercada de cerros, já havia sido rica em veios de prata e outros metais que foram explorados tanto pelo império Inca como pelos espanhóis.[36]

Os jesuítas enfrentaram alguns problemas na Doutrina de Juli. Esta não estava sujeita à *encomienda,* mas sim à *mita*. Desta forma, muitos indígenas tinham que forçosamente viajar às minas de Potosi ou Yungas para pagar este tributo. Juli estava localizada no caminho da serra, por onde passavam inúmeros espanhóis. Além disto, havia a diversidade de localidades em volta de Juli que deveriam ser atendidas pelos jesuítas: índios Uros pescadores do lago; os criadores de gado da "puna"; etc.

> "*És dicir, la dispersión y diferentes formas de producción y por ende de sistema de vida condicionaba formas pastorales diversas que el reducido número de religiosos no alcanzaba a satisfazer*"
>
> (Gutierrez,1986:59)

35.P. Bayer, a partir de P. Hernandez, p. 434. Rabuske, *O Modelo das Reduções Guaranis: Brasileiro ou Peruano?*In: Anais do II Simpósio Nacional de Estudos Missioneiros, Santa Rosa, Fac. Dom Bosco, 1977, p. 87-98.

36. Descrição feita pelo padre Wolfgang Bayer de 1767, quando da expulsão promovida por Carlos III. In: HERNANDEZ, Pablo, *Organización Social de las Doctrinas Guaranies de la Compañia de Jesús.* Barcelona, 1913. Vol I, p. 432-433.

No final do século XVI Juli se consolida. Havia já nesta época dez sacerdotes e três irmãos na Doutrina. Contava com mais de 15.000 habitantes e já se realizavam missões aos índios de outras zonas da comarca. Construiu-se um hospital em função de uma peste que atingiu a região em 1578. Havia duas escolas que atendiam até mesmo índios de fora de Juli. Também instalaram casas de "recolhimento" para isolar índios faltosos e sobretudo feiticeiros. As autoridades religiosas, percebendo o crescimento econômico de Juli, tentavam desviar recursos desta para outras instituições do clero no Peru, como os Colégios da Ordem em Arequipa e La Paz. O Superior Diego de Torres tentava argumentar que a produção pouco alcançava para manter a Doutrina. Somavam-se a estes problemas, aqueles de ordem eclesiástica com o Bispo secular.

Apesar de Juli estar alcançando alguns progressos significativos, tanto no material como no espiritual, alguns membros da Companhia que lá se encontravam acharam que já havia chegado o momento de entregar a Doutrina para outras mãos, pois estar ali contrariava o "*verdadeiro espírito da Companhia, que deve ser antes de tudo de pioneirismo, ponta de lança ou postos avançados*". (Rabuske,1977a:20) O Padre Diego de Torres Bollo, que havia assumido como superior de Juli no ano de 1581, teve destacado papel ao contornar esta situação. Torres achava que a doutrina de Juli podia servir de "praça de armas", onde os missionários deveriam aprender o idioma local e só então partir para seus postos de Missão. Também seria o contato com a vida missional que daria experiência aos novos religiosos que chegavam.

O Padre Diego de Torres Bollo é normalmente aceito como o principal responsável pela introdução das experiências adquiridas no Peru no trabalho missional no Paraguai. De certa forma, destacou-se como articulador da consolidação dos jesuítas como padres párocos entre índios reduzidos, que pressupunha fixar residência e acompanhar o desenvolvimento espiritual e material de seus neófitos. Suas ordenações para os Padres Cataldino e Mazeta, no tocante a forma urbana dos povoados que se deveria fundar no Guairá a partir de 1609, quando já era Provincial do Paraguai, tornaram-se referência para identificar a influência do traçado de Juli nas novas Reduções. Isto deve-se sobretudo à passagem: "*El pueblo se trace al modo de los del Peru, ó como más custaren los indios y pareciere al licenciado Melgarejo, con sus calles e quadras*"

No entanto, a própria determinação de Diego de Torres abre a possibilidade de adaptar a configuração dos povoados às condições materiais e culturais dos índios em contato. Sobre esta questão das recomendações de Diego de Torres, Gutierrez considera esta referência ao Peru como casuística e generalizante. Uma carta do Padre Andrés de Rada, de 1667 recomenda aos jesuítas que edifiquem as casas: "*en cada pueblo por sus familias como se acostumbra en las demás partes así del Perú como de Nueva España*." Para Gutierrez esta referência ao Peru pode significar o objetivo de agrupar os índios a partir da unidade familiar-cacicado, mais do que respeitar a um traçado urbano definido.[37]

Para Rabuske, a influência da Doutrina de Juli nas reduções do Paraguai, provavelmente só serviu como uma experiência inicial do trabalho catequético em Doutrinas. As características dos guaranis, muito diversas das dos índios do Peru, levou os jesuítas a usar com eles meios apropriados, guiando-se mais por observações próprias do que imitações ou reproduções de modelos alheios. A contribuição da experiência peruana para os jesuítas parece consistir no fato de eles terem percebido que não bastava as excursões e avanços em busca da conquista espiritual. Era preciso fixar, "reduzir" os índios e dar uma continuidade assistencial. Isto era igualmente necessário, indispensável, útil e compensador. Em função disto teriam os jesuítas assumido paróquias e residências estáveis com os índios reduzidos (Rabuske,1977:29-30).

Rabuske aprofunda a questão da influência de Juli no que diz respeito à posição contrária de alguns historiadores, cuja opinião é a de que as aldeias dos jesuítas do Brasil estariam na gênese das reduções do Paraguai. Coloca como posições oponentes na historiografia das Missões o Padre Serafim Leite, entre outros, representando uma corrente luso-brasileira e Pablo Hernandes e Guillermo Furlong, representando uma corrente espanhola. A posição de Serafim Leite baseia-se sobretudo na experiência dos padres Ortega e Fields que foram missionar no Paraguai. Para o autor, estes levaram ao Paraguai a experiência dos aldeamentos de índios realizados no Brasil. Já autores de

37.Carta de Andrés de Rada. 19 de dezembro de 1667, inciso 27. Biblio. Nac. de Madrid, manuscrito Nº 6976.In: GUTIERREZ, Ramón. *Estructura socio - política, sistema productivo y resultante espacial en las misiones jesuíticas del Paraguay durante el siglo XVIII*. Asunción, Estudios Paraguayos, vol. II, nº 2, 1974, p.116-117.

língua espanhola como Pablo Hernandez e Furlong procuram a matriz de um sistema reducional na experiência dos jesuítas na Doutrina de Juli no Peru pelos motivos apresentados por Rabuske acima.

Rabuske relaciona o sucesso dos jesuítas ao grupo indígena com o qual estabeleceram Reduções no Paraguai, os guaranis, e seu ambiente natural. Segundo, o autor, os jesuítas só tiveram sucesso com estes índios das matas subtropicais. Com índios de outros ambientes não foi possível realizar a catequização efetiva. Isto demonstra que a obra missional dos jesuítas esteve restrita ao mesmo espaço geográfico já habitado e conhecido pelos guaranis e não havia condições de propor-se uma mudança de hábitos e ambiente geográfico:

> "*E mesmo aqui, na bacia do La Plata, estavam eles diante de ao menos três tipos de índios diferentes: o do campo, o da beira das matas e o das matas. Notamos que os jesuítas missionários conseguiram muito pouco em relação ao charrua (índio do campo). Este não o conseguiram 'reduzir', como antes não haviam conseguido frutos estáveis com os guaicurus do Chaco, no Paraguai. "foi seu segredo limitar a obra ao material humano apto para tanto".*
>
> (Rabuske,1977,97)

O "*material humano apto para tanto*" eram os guaranis adaptados às florestas subtropicais e horticultores, características que se aproximavam da proposta de assentamentos mais duráveis. Ao limitar a obra ao material humano apropriado, os jesuítas também estavam limitando o espaço geográfico sobre o qual estenderiam seus trabalhos.

Apesar das diferenças, algumas experiências foram adquiridaspelos jesuítas em Juli: O aprendizado das línguas indígenas como elemento fundamental da evangelização; a imprensa, com a divulgação para os missionários de vocabulários e dicionários de língua nativa; e a necessidade do afastamento, tanto da sociedade colonial espanhola, como de formas de exploração da mão-de-obra indígena, como a *encomienda* e a *mita*. Os espanhóis apenas podiam comerciar nos "Tambos", palavra de origem quechua que foi introduzida nas reduções do Paraguai e que demonstra a procedência do sistema. Outra experiência veio com as tentativas de alcançar a auto-suficiência eco-

nômica através da exploração de recursos próprios e fomento à produção e desenvolvimento de artes e ofícios (Gutierrez,1986:53-64).

Estas experiências serviram de base para as Reduções no Paraguai. No entanto, havia grandes diferenças entre os dois sistemas como o número da população; a divisão em quatro zonas por etnia no Peru com quatro templos; o hospital permanente e a ermida externa ao povoado. Desta forma, as tentativas de relacionar o plano urbano das Reduções do Paraguai com a Doutrina de Juli não se sustentam, embora inúmeras outras influências, para além das questões urbanísticas se verificam entre as duas experiências jesuíticas, como visto acima.

3.2.3. As Leis das Índias

As *Leyes de Indias* têm sido constantemente referidas como principal influência do traçado urbano das Reduções jesuíticas. Estas Leis de Índias foram reunidas na *Reconpilación de Leyes de los Reinos de las Indias* de Felipe II, de 1573, que legislava sobre uma grande quantidade de temas e nas quais estavam incluídas as Ordenanças de Descobrimento e População, específicas sobre o povoamento dos novos territórios (Medrano,1992:18). Sua relação com as Reduções deve-se sobretudo às recomendações contidas em seu *Livro IV, título VII, Ley primera sobre las nuevas poblaciones, de las Leyes de Indias*:

"...cuando hagan la planta del lugar, repartánlo por su plazas, calles y solares a cordel y regla, comenzando desde la Plaza Mayor y sacando desde ella las calles a las puertas y caminos principales y dejando tanto campos abiertos, que aunque la población vaya en gran crecimiento, se pueda siempre proseguir y dilatar en la misma forma,"[38]

Estas Ordenanças marcam uma passagem do período de conquista para o período de colonização da América:

"*Las Ordenanças de 1573, tienen apartado específico sobre el modo como debe efectuar-se esta empresa, y el documento - con-*

38.De la población de las ciudades, villas y pueblos, Libro III, Tit.VII, p. 19, Recompilación de leyes de los reynos de las Indias. Madrid, Impresora de Dicho Real y supremo Consejo.

> *viene no olvidar - va dirigido, precisamente, en esta dirección, en la de la ocupación pacífica, versión opuesta al que, hasta esse momento, había caracterizado la ocupación del território, siempre con ayuda de las armas. La ciudad, partiendo de este esquema, adquiere papel fundamental, porque con la vecinand, la laboriosidad, el mismo ejemplo arquitetónico, son elementos capaces para captar a los aborígenes. La ciudad, avanzada en frontera cultural, suponía bastión (aunque pacífico) para la ocupación y expansión hispánicas.*"[39]

Gutierrez procurou estabelecer as principais diferenças entre as Reduções e a "Cidade das Leis das Índias" (Maeder & Gutierrez, 1996:12). Considera que as Reduções respondiam a uma conceitualização do uso do espaço mais identificada com o pensamento barroco que com o traçado de damero renascentista da legislação indiana. Sendo assim, a proposta missioneira se diferencia em alguns aspectos essenciais.

O primeiro deles era sua relação com o território imediato, visto que, a Redução jesuítica planteava um limite de crescimento em um de seus lados. Este limite estava determinado pelo conjunto Claustro-Igreja-Cemitério e, eventualmente, o Cotiguaçu. Atrás deste conjunto encontrava-se a quinta, como uma transição da natureza cultivada para a floresta autóctone. O crescimento podia realizar-se apenas nos outros três lados da Redução, e isto se as condições do ambiente assim o permitissem. Outra diferença importante seria a Praça. Mesmo mantendo as características de núcleo gerador que acumula as condições e simbolismos do povoado, nas Reduções aparecem alguns elementos que modificam sua forma de valorização espacial. Estes seriam a rua de acesso, que forma um eixo com o templo; as capelas na entrada da praça por esta rua; e as cruzes angulares situadas nos extremos de algumas praças. O uso ritual do espaço estaria vinculado a idéia barroca de teatro do mundo, onde a praça seria o grande cenário da vida da comunidade. O templo e os demais prédios ao seu lado seriam o fundo do cenário. Uma questão fundamental diz respeito à quadra nas Reduções e à estrutura de solares, conforme recomendado

39.SOLANO, Francisco de. Urbanización y municipalización de la población indígena. In: MEDRANO, Ricardo H. O Projeto Jesuítico e a Organização do Espaço nas Missões do Paraguai. USP, Faculdade de Arquitetura,1992.(Trabalho de Conclusão.), p. 19.

pela Lei das Índias. A quadra nas Reduções era a própria casa. Segundo Gutierrez, esta foi a modalidade que os jesuítas conformaram, após um processo de ensaio-errocorreção, para transformar as antigas ocas coletivas dos guaranis em casas com definição de espaços unifamiliares.

> "*És justamente aqui donde la propuesta misionera se aparta definitivamente del posible modelo, pues la inexistencia de manzanas y solares com huerta en los términos hispánicos supone una respuesta original cuyas raíces no pueden ser otras que aquello de que se hiciesen 'como gustasen los indios'*".
>
> (Gutierrez,1974:118)

Gutierrez refere-se a um trecho das "Instruções" do Provincial Diego de Torres Bollo. Estas instruções constituem dois conjuntos de recomendações: em 1609, dirigidas aos padres José Cataldino e Simão Mazeta, enviados ao Guairá; e em 1610, dirigidas a todos os missionários jesuítas do Guairá, do Paraná e dos Guaicurus. As recomendações contêm as preocupações do Provincial em instruir seus missionários sobre os mais diversos aspectos de como realizar o trabalho de conversão e "redução" dos indígenas. Nelas aparecem preocupações religiosas, sociais, culturais, econômicas, geográficas, entre outras. Destacam-se determinados temas que aparecem nas Instruções e que remetem para preocupações espaciais e ambientais, bem como outras temáticas relacionadas às experiências acumuladas pelos jesuítas, sobretudo no Peru, onde Diego de Torres havia sido Superior da Doutrina de Juli. A primeira Instrução de 1609 está dividida em 18 pontos. Neles aparecem preocupações com o local dos assentamentos, o urbanismo, aspectos arquitetônicos, o isolamento geográfico e social, abastecimento, etc.

A escolha do local para a instalação de novo povoado demonstra a importância das condições geográficas:

> "*Tendo-se informado nos dois povoados (Ciudad Real del Guairá e VillaRica del Espiritu Santo) de pessoas desapaixonadas e de bom exemplo onde acham que poderão fixar-se Vossas Reverências e sedear a principal Redução na Tibajiba, irão lá e darão uma volta pela região, para escolher o posto que possuir maior*

> *e melhor terra e melhores caciques. No sítio mais perto e apto façam a Redução e povoação, como acaso será na boca do Ribajiba ou perto dela. Nisso advertirão primeiro que tenha água, pescaria, boas terras e que estas não sejam todas alagadiças nem muito quentes, mas tenham bom clima e se apresentem sem mosquitos e isentas de outros incômodos, onde possam manter-se e fixar até 800 ou 1.000 índios: no que eles mesmos darão o melhor parecer. Seguindo a demais o do Licenciado Melgarejo, espero que se acertará neste ponto e em todos os restantes.*"[40]

Estas recomendações estão de acordo com aquelas contidas nas Leyes de Indias relativas a localização. Quanto à organização urbana do Povoado, aparece a referência aos antecedentes peruanos, já discutida acima, mas também recomendações quanto às prioridades nas primeiras construções:

> "*O povoado se trace segundo o modelo dos do Peru ou como seja mais do agrado dos índios e conforme o parecer do licenciado Melgarejo, com as suas ruas e quadras, dando uma quadra a cada quatro índios, uma residência a cada um, e que cada casa tenha sua hortazinha. Situem-se a igreja e casa de Vossas Reverências na praça, dando à igreja e à casa o terreno necessário para o cemitério. E a casa se ache pegada à igreja, de modo que por ela se passe à igreja. fazendo isto pouco a pouco e segundo o gosto dos índios, depois de eles terem feito primeiro suas casas e uma residência pequena para Vossas Reverências, bem como uma eramada que sirva para dizer missa, faça-se aquela outra (casa e igreja) quando eu o disser*"[41]

O isolamento em relação aos espanhóis foi um dos elementos que certamente contribuiu para o relativo sucesso dos jesuítas e já era um pressuposto claro nas instruções:

> "*Admoestá-los-ão para que não se ausentem para longe sem licença do Padre Superior. Saindo eles para alguma meta dos povoados espanhóis ou para resgate, procurem que isto não se*

40.Ponto 7 das Instruções. (Rabuske,19977b:174)
41.Ponto 8 das Instruções (Rabuske,1977b:174).

> *dê nos começos e voltem a seu tempo. Quando se demorarem voltar, façam diligências. O melhor é que durante uns dois ou três anos não saiam do povoado, ou seja até que estejam sabendo bem as coisas de sua salvação (...) Com toda a energia, prudência e diligência possível se impeça que espanhóis não entrem no povoado e, entrando, não façam agravos aos índios e em breve tornem a sair. De maneira nenhuma os deixem tirar índios ('peças') para escravos, defendendo a estes em tudo como verdadeiros pais e protetores*"[42]

No tocante a previsão de espaço para um crescimento populacional, nota-se que Diego de Torres previa a possibilidade da transformação das reduções em residências da Companhia, tal como era Juli no Peru:

> "*Aparecendo caciques de outras regiões, para ouvirem sobre as coisas de Deus e tratarem de ser cristãos, persuadam-nos que se fixem perto da primeira Redução e povoado. Assim torno a insistir muito na escolha e acerto do lugar, porque vem a ser de suma importância, na suposição de que se torne a casa e Doutrina fixa da Companhia, nela habitando com o tempo de 5 a 6 dos nossos. Desta forma, quanto mais se apresentar, mais a propósito será, mesmo que comporte 1.500 índios, por que dali haverá de acudir-se às demais partes.*"[43]

A exploração do espaço visava sobretudo o abastecimento para facilitar a fixação, não havendo referências a produção para o comércio, visto que tratava-se da fase inicial do processo reducional:

> "*A seu tempo faz-se preciso conseguir que eles se metam a fazer as suas chácaras, a tecer, semear algodoais, plantar árvores frutíferas e a todos os legumes, para que não lhes falte o sustento e vestido. Da mesma forma, para que passem a criar porcos, galinhas e pombas, bem como façam açudes de pescado e se apliquem em granjas, resgates e policiamento. Passando algum tempo e gostando disso os índios, façam Vossas Reverências para*

42.Pontos 14 e 15 das Instruções (Rabuske,1977b:174).
43.Ponto 16 das Instruções (Rabuske,1977b:176).

> *si uma chácara e horta de todos os legumes possíveis, e criem para si galinhas e porcos, tanto para o sustento próprio e dos serviçais, bem como para os pobres e transeuntes.*"[44]

As orientações para a construção da igreja demonstram a importância do templo no conjunto do povoado, embora a prioridade inicial fosse destinada as casas como visto acima:

> "*Em todas as igrejas que passarem a edificar, procurem fazer capela de Nossa Senhora de Loreto, de 40 pés de comprido, 20 de largo, 25 de alto, com o altar e demais como nela se encontra. E ponham no altar principal imagens de nossos Beatos Padres Inácio e Xavier, embora sejam de estampas, tendo-se também alguma para os doentes.*"[45]

As instruções enviadas em 1610 repetem aquelas recomendações contidas nas primeiras. Estas determinações do Padre Diego Torres emitem diretrizes sobre qual deveria ser o assentamento dos povos que fossem fundados. Nelas estão estabelecidos três princípios: A busca de condições ideais no relativo a ocorrência de recursos naturais e terras suficientes para estabelecimento de chácaras. Fundar o povo seguindo um traçado ordenado das ruas, reservando espaço para as hortas dos índios. Instalar a casa dos padres e a igreja em um lugar central e a casa dos caciques ao redor destas.

3.2.4. Um urbanismo pragmático

Considerando as múltiplas influências presentes nas origens do urbanismo das missões é possível concluir que nenhum dos elementos referidos foi determinante na constituição do plano urbano. Como visto, as Reduções de franciscanos possuíam um traçado muito distinto daquele adotado pelos jesuítas no Paraguai. A experiência peruana de Juli significou um importante aprendizado para os jesuítas no trabalho missional com concentrações de indígenas. No entanto, com relação ao plano urbano, as diferenças não permitem uma

44.Ponto 17 das instruções (Rabuske,1977b:177).
45.Ponto 3 das Instruções (Rabuske,1997b:174).

aproximação. As determinações das Leis de Índias para povoamento e as recomendações do Padre Diego de Torres também não podem ser consideradas como matriz do urbanismo nas Reduções. Embora, no caso das Leis de Índias, estivessem determinadas uma série de normas de urbanismo, estas não foram adotadas em seu conjunto nas Reduções, tal como se verifica em algumas cidades coloniais espanholas. Apesar do plano quadriculado recomendado ter sido adotado nas Reduções, o limite em uma das extremidades da praça constituiu um diferencial e as casas isoladas substituíram os solares com pátio interno aos quais a legislação se referia. As recomendações do Padre Diego de Torres não representam um modelo a ser seguido e adotado em todas as novas Reduções para seus planos urbanos. Mas deixam antever a concessão feita aos guaranis que se concretizou principalmente na forma que as casas assumiram.

Baseado nesta concepção, Gutierrez desenvolve a idéia de que as missões constituíram um urbanismo pragmático. O traçado urbano buscava adequar as recomendações à realidade do convívio com os indígenas, cujos hábitos culturais deveriam ser em parte contemplados. Isto levou a uma certa liberdade para os missionários em organizar a estrutura dos povoados nos primeiros contatos e reduções. A experiência foi impondo um traçado urbano que atendia as necessidades do trabalho de catequização e a inserção dos indígenas no mundo colonial. Esta mesma liberdade de traçado deve ter sido mais freqüente nos povoados durante o processo de fundação. Os indígenas, nestes primeiros momentos viviam em casas de palha trançada enquanto construía-se o povo definitivo.(Gutierrez,1974:119) Durante o processo fundacional de São João Batista o Padre Sepp refere-se às casas de palha utilizadas provisoriamente.

As plantas das Reduções jesuíticas conhecidas atualmente permitem constatar a existência de uma vontade planificadora do conjunto. Desde o século XVII desenvolve-se uma estrutura urbana que se repete no conjunto das Reduções representando um modelo de referência que visava impedir uma tipologia aberta para os traçados urbanos. Apesar da possibilidade de planos alternativos nos primeiros anos da ação jesuítica no Paraguai, visto que as recomendações e a legislação não apresentavam modelos fechados, a partir da segunda metade do século XVII, um traçado urbano foi impondo-se as novas fundações. Gutierrez considera que importância deste modelo de pla-

no urbano, além de seus valores intrínsecos, consistia no fato de ser o único modelo alternativo ao definido por Felipe II nas Ordenanças de Povoamento de 1573 (Maeder&Gutierrez,1996:12). Apesar da similaridade dos traçados, havia particularidades em alguns povoados, sem com isto, descaracterizar-se o modelo.

Günter Weimer ao analisar a planta dos povoados missioneiros acrescenta um elemento que não verifica-se no traçado urbano, pelo menos na forma como encontra-se no trabalho deste autor.

> "*Em sua implantação física, as missões apresentavam uma significativa uniformidade. O elemento centralizador da vida urbana era uma praça quadrada de cerca de 130 m de lado. Sob um deles era construído um longo e alto muro que marcava a separação entre o espaço sacral do civil. Atrás deste muro e no eixo da praça ficava a construção mais imponente do conjunto: a igreja. (...) Num ou em ambos lados do muro havia um corredor que, de esto, circundava os pátios internos. (...) Existiam somente duas passagens através do muro: uma dava acesso à igreja (a qual possuía uma ou três portas) e a outra levava ao primeiro pátio, através de um grande pórtico guarnecido pela portaria.*"
>
> (Weimer,1992a,p21)

O conjunto formado pela igreja, o cemitério, o claustro e o pátio dos artífices encontrava-se realmente separado do restante da malha urbana e constituía um setor onde a circulação estava restrita a uma parte da população. No entanto, a estrutura de um muro em toda extensão do conjunto em seu lado contíguo à praça central não existia. O muro do pátio dos artífices e do claustro, em alguns casos, poderia ser um só. Isto já não ocorria em São João Batista, onde havia um desalinhamento entre estes dois setores. A fachada da igreja não fazia parte de um prolongamento de um suposto muro e nem tampouco verifica-se na documentação escrita ou iconográfica a existência de um "grande pórtico" no acesso da praça ao pátio dos artífices ou claustro. Existia, isto sim, uma porta de dimensões pequenas, ligando a praça ao claustro. O autor incorre ainda em outro equívoco ao referir-se a quinta dos padres:

> "*Atrás desse complexo (Igreja-claustrooficinas e cemitério), junto aos aposentos dos padres, ficava o tupambaé, a horta comunitária, na qual os índios trabalhavam durante dois ou três dias na semana. A colheita era armazenada em salas especiais no segundo pátio ou numa construção especial para tal fim.*"
>
> (Weimer,1992:21)

A área da quinta era destinada a suprir algumas necessidades dos padres, fornecer uvas para o vinho e também como experimento de cultivos de frutas e outros vegetais. Nada indica que fazia parte do Tupambaé. As terras destinadas a este sistema tinham uma extensão correspondente as do Avambaé e localizavam-se em áreas de cultivo fora do núcleo urbano. Mesmo que a quinta se destinasse a complementar alimentação de velhos e doentes ou em épocas de emergência, como diz Weimer, ainda assim não seria a única área utilizada como Tupambaé.

Com relação às casas, Weimer destaca a importância das "varandas" estabelecidas pelas coberturas dos telhados que avançavam sobre a rua. Isto estaria relacionado às divisões internas que foram sendo estabelecidas pelos jesuítas na arquitetura das casas dos índios:

> "*As casas dos indígenas nas Reduções apresentavam uma conformação semelhante, na qual, todavia, foram introduzidas algumas transformações fundamentais: a 'maloca' foi dividida internamente por paredes (com o fim de evitar a inaceitável 'promiscuidade' da casa comunal' o que forçou a colocação de uma porta de acesso a cada 'oca' e a adoção de uma varanda circundante como substitutivo do ancestral corredor central.*"
>
> (Weimer,1992:24)

O plano urbano jesuítico se consolidou no século XVIII. Isto permitiu inclusive que o Padre Sanchez Labrador realizasse um "Plano Tipo" que se encontra nos arquivos jesuíticos de Aispetía e Roma. Este plano tem singularidades que não se encontram em alguns povoados e por ter permanecido inédito por muito tempo, não assumiu um papel tão importante no "imaginário iconográfico" quanto o plano de

Candelaria, dado a conhecer através do Padre Peramás em 1791. Este modelo referencial adotado pelos jesuítas não descarta a existência de propostas de povoados missioneiros com conformações urbanas distintas.

Os povoados de San Estanislao, San Joaquín e Belén, fundados com índios Moyas no final do século XVIII, adotaram a praça e o templo já usuais nas missões. Porém, as casas estavam dispersas à maneira indígena. Isto se dava para evitar incêndios pois os índios Moyas tinham o costume de incendiar suas casas quando abandonavam o local, o que já havia ocorrido com os primeiros povoados da região. Outras fundações que apresentaram diferenças do plano jesuítico foram as dos franciscanos de Propaganda Fide, que missionaram entre os Chiriguanos da selva boliviana. Destaca-se o traçado do povoado de San Francisco de Mositenes de forma circular, único conhecido com esta forma na América. Nele se aproveitou a organização espacial indígena localizando os edifícios simbólicos mediante a tradicional superposição. Gutierrez chama a atenção para uma das conformações mais interessantes que seria a de instalar a igreja no centro da praça, que estaria rodeada de galerias de casas contínuas. Isto se diferencia das Ordenanzas de Población, pois estas previam a igreja ocupando solares adjacentes à praça e não o próprio terreno desta. O plano de San Francisco de Átira, referido anteriormente, documenta esta modalidade que se verifica também em Itá, Capiatá e Yaguarón. Gutierrez remete esta configuração espacial a medidas defensivas. Em função desta diversidade, Gutierrez destaca que as possíveis diferenças não significam estágios evolutivos dos planos urbanos:

> "*No siempre podemos leer estas propuestas diferenciadas como estádios diferentes de un processo que tiende a perfeccionar-se en el tiempo y en el cual el modelo de las misiones jesuiticas puede ser considerado como la máxima consecución para los pueblos indígenas de la región. En rigor los diferentes modos de vida de las parcialidades indígenas dejaron huellas profundas en las resultantes espaciales de estos pueblos y ello no implica en absoluto su globalización en un proceso de supuesto perfeccionamiento hacia una traza idealizada.*"
>
> (Maeder&Gutierrez,1996:14)

Também as diferenças de planos urbanos entre os próprios povoados podem ser explicados através das diferenças culturais entre s parcelas guaranis que viveram nas reduções. A cultura guarani não era homogênea e estava sujeita a variações regionais. As próprias questões religiosas refletem esta diversidade:

> "*...há fixidez e uniformidade notáveis no conjunto das doutrinas secretas, privativas dos sacerdotes, ao passo que as representações religiosas públicas estão sujeitas a grande variação.*"[46]

O contato com a sociedade colonial ibérica fez com que estas diferenças fossem amenizadas, em busca de uma normatização dos indígenas, visando o aproveitamento de sua força de trabalho. Um exemplo disto são os pueblos de índios ligados à Encomienda. Podem ter influído de alguma forma nas diferenças urbanas dos povoados, não sendo, no entanto, suficientes para diferenças mais significativas. Questões como recursos materiais (como a falta de cal ou arenito por exemplo) e a topografia seriam mais elucidativas destas diferenças, porém não exclusivas. A idéia de que o traçado dos pueblos tenha sido uma continuidade da proposta do "damero" é por demais simplista, pois não leva em conta as mudanças estruturais e de uso que estão incluídas nas missões. A idéia de um modelo referencial que se impõe lentamente nas Reduções fundadas pelos jesuítas, sem impedir soluções locais, defendida por Gutierrez, representa a reflexão mais adequada para o traçado urbano das Reduções. O "pragmatismo" referido pelo autor parece ter sido a solução seguida pelos missionários diante da diversidade de grupos indígenas e das condições topográficas e de recursos encontradas na região da antiga Província Jesuítica do Paraguai.

Apesar de não ser possível considerar as diferenças dos traçados urbanos como indicadores de estágios na evolução dos povoados missioneiros, a arquitetura destes passou por distintas fases. Gutierrez estabelece três etapas arquitetônicas reconhecíveis na forma que assumiram as estruturas internas das Reduções. A primeira etapa corresponde aos primeiros assentamentos onde se utilizam os sistemas

46.COSTA, Carlos R. Z. Habitação Guarani - Tradição construtiva e mitologia. São Paulo, FAUUSP, 1989. In: MEDRANO, Ricardo H. O Projeto Jesuítico e a Organização do Espaço nas Missões do Paraguai. USP, Faculdade de Arquitetura,1992.(Trabalho de Conclusão.).

habituais de estruturas de madeira e as paredes de taipa e adobe. A segunda etapa seria a da consolidação dos núcleos missioneiros nas últimas décadas do século XVII. Nela surgem a estrutura independente de madeira e as paredes realizadas com pedra. A carência de elementos ligantes determinou a impossibilidade portante dos paramentos e a cobertura seguiu sendo sustentada por colunas de madeira. A terceira etapa está relacionada à disponibilidade de cal, que resultou na existência de muros portantes que permitiram a substituição das coberturas tradicionais e a realização de abóbadas e cúpulas (Gutierrez,1987:20).

Gutierrez considera válida a seqüência mas aponta para o problema da determinação do eixo tecnológico como marcador da evolução da arquitetura missioneira. O autor apresenta então a seguinte questão: porque a Companhia de Jesus, após tanto tempo utilizando-se de aspectos da cultura indígena e adaptando-se às condições do meio, marca de seu pragmatismo, adota em sua última fase uma alternativa européia?

É possível identificar-se uma "linha de força" que perpassa a experiência missioneira durante todo o processo até 1735, que culmina na expulsão de 1767, e que determina o caminho percorrido, do ponto de vista arquitetônico, pelas missões jesuíticas. Como exemplos desta inversão de proposta arquitetônica seriam as obras inconclusas de San Cosme e Damian, Jesús, a torre de Santa Rosa e de Trinidad. Mas por que esta inversão? A disponibilidade de cal não seria razão suficiente para explicar este fenômeno e Gutierrez pensa encontrar tal explicação e uma "vontade conceitual".

Várias hipóteses podem tentar dar conta desta mudança conceitual. Uma delas seria a da existência de uma "concorrência" de prestígio arquitetônico com as cidades coloniais espanholas. No entanto, cidades como Assunción ou Corrientes possuíam templos de qualidades inferiores às missões mesmo antes da mudança de orientação. Além disto, boa parte dos ornamentos destas igrejas eram realizados nas missões e os jesuítas estavam construindo em Corrientes um templo com fachada e torre de pedra na época da expulsão (Gutierrez,1987:20).

Outra hipótese seria aquela relacionada a ação dos arquitetos jesuítas. Muitos deles estão vinculados a obras que seguiram o tra-

dicional sistema jesuítico de estrutura portante de madeira, como Brasaneli, Petragrassa, Schmidt, etc. Também há o fato da presença e atuação de Juan Bautista Primoli, com trabalhos em San Miguel e Trinidad, e que poderia ter influenciado a mudança para uma vigência de um novo modelo teórico. Porém, Primoli atua mais como um "construtor" do que como um "teórico" ou "desenhador". A prova disto estaria em seus fracassos como a cúpula de Trinidad que foi finalizada pelo catalão Grimau (1756). Segundo Gutierrez, o templo de San Miguel é chave para entender esta mudança. Seu projeto pode ser "europeu", mas as técnicas construtivas ainda apresentam formas anteriores como por exemplo:

> "*Si bien utiliza paredes portantes, su cubierta era de madera y fueran realizadas con una cal muy pobre, lo que es evidencia de una voluntad formal previa e dominante antes de la transformación tecnológica que se ha considerado hasta ahora como determinante. Es dicir que la intencionalidad europea del templo jesuítico de San Miguel indica una actitud de cambio formal desligada de la lectura tecnológica.*"
>
> (Gutierrez, 1987,p21.)

Como exemplos de transplantes europeus anteriores pode-se citar a capela que Sepp realizou no cemitério de São João Batista, copiando o traçado octogonal de Altoettingen, seu povoado da Baviera, ou ainda as obras rococó do Padre Schmidt entre os Chiquitos no século XVIII, que entretanto conservavam sua estrutura de madeira.

> "*No hay pues una línea cronológica, ni una voluntad uniforme, pero lo cierto es que la última fase jesuítica en las misiones del Paraguay se desprende de la línea de perfeccionamiento del modelo vigente para abrir nuevos caminos...*"
>
> (Gutierrez, 1987:21)

Há ainda que se levar em conta a participação de arquitetos jesuíticos de origem espanhola neste processo de mudança, como é o caso de Grimau, Forcada e Ribera, este último com uma contribuição

importante nos vãos dos arcos mixtilíneos de influência mudejar nos portais do templo de Jesús. Também a presença de literatura arquitetônica clássica nas bibliotecas missioneiras é significativa. Obras do século XVI e XVII de Vitrúvio, Serlio, Palladio, Alberti, Vredeman de Vries, Scamozzi, Vignola, etc., não deixam clara sua influência mas podem estar entre as referências dos arquitetos em ação nas missões. Outros aspectos arquitetônicos serão referidos ao discutir-se as estruturas urbanas em separado.

Os aspectos arquitetônicos não dizem respeito apenas a questões de formas, estilos, técnicas e materiais construtivos. A distribuição espacial dos elementos está diretamente imbricada com a sociedade que os produziu e com as relações estabelecidas no interior desta. O espaço urbano reflete com mais intensidade as diferenças sociais presentes em determinado assentamento:

> "*En rigor, el registro arqueológico, de uma forma más directa que el textual, hace evidente que la estratificación - bien reconocidble en el espacio por ella producido - és el factor fundacional de toda la estrutuctura social y de todo el movimiento histórico*"
>
> (Barceló,1988:12)

Em suas reflexões geralmente críticas à Companhia de Jesus e seus missionários, Félix de Azara já observara esta separação social demonstrada pela distribuição espacial para o caso das reduções jesuíticas.

> "*Para dar crédito a sus personas se mantenían encerrados en sus colegios, donde no se dejaban ver las mujeres sino de los hombres precisos, y para dar elevación al culto tenían grandes templos llenos de ornatos, de sacristanes y músicos, hacían las funciones y sacrificios religiosos con extraordinario apartado, de forma que no había pueblos mas puercos y pobres en el vestido y lujo ni más ricos y ostentoso en las iglesias. Con esto miraban los indios con inexplicable respeto a los padres, y éstos tenían la ventaja de gobernar lo temporal y el espíritu.*"
>
> (Azara,1990:154-155)

4. Aspectos urbanos nas Reduções e o caso de São João Batista

Buscando compreender como estavam distribuídos e relacionados os aspectos urbanos e rurais nas Reduções a partir de métodos da Arqueologia Espacial, optou-se por realizar o estudo do caso de São João Batista. Isto se deve, em parte, pelo fato de que esta Redução encontra-se bem documentada do ponto de vista de fontes escritas e iconográficas, sobretudo os textos do responsável por sua fundação, Padre Antônio Sepp; por que possuí um caráter diferencial de ter sido resultado de uma divisão de outra Redução; e também pelo fato de o sítio arqueológico hoje resultante encontrar-se em grande parte a descoberto, e também ter sido local de importantes intervenções arqueológicas. Estes elementos possibilitam uma aproximação razoável dos problemas espaciais ensejados pelas Reduções jesuíticas.

São João Batista pode ser considerada como uma Redução tardia no processo de constituição do espaço missioneiro. Sua fundação deu-se no contexto da reocupação da Banda Oriental do Rio Uruguai, ocorrida a partir do final do século XVII. Este é um período destacado da consolidação do território das missões jesuíticas. O próprio ritmo relativamente rápido no qual ocorrem sete novas fundações na Banda Oriental aponta para uma intenção de ocupar e garantir o território. A relação com a investida portuguesa rumo à região platina, com a fundação da Colônia do Santíssimo Sacramento, em 1680, é inegável. O retorno jesuítico às margens da porção leste do rio Uruguai encontra-se, assim, marcado por um comportamento geopolítico. Sem a pretensão de discutir as questões geopolíticas deste processo, o que foge aos limites deste trabalho, é preciso, no entanto, reconhecer que a preocupação com a condição de fronteira do mundo colonial espanhol que estas Reduções assumem, esteve presente na escolha dos

territórios a serem ocupados. Note-se que, desde o estabelecimento de São Francisco de Borja, as novas Reduções passam a ser instaladas em direção ao interior e ao norte. Isto se dá em função do caráter geopolítico. Geográfico, pois as áreas ao norte da Banda Oriental apresentam as condições de recursos naturais buscados nas fundações, sobretudo pela ocorrência de matas e rede hidrográfica, enquanto que em direção ao sul, estendem-se os campos abertos. Político, pela penetração em áreas valorizadas pela presença portuguesa que começava a impor-se na região meridional em direção ao rio da Prata. Como se verá mais adiante, no momento do estabelecimento de São João, a presença portuguesa será lembrada pelo Padre Antônio Sepp.

Além desta questão geopolítica, o período em que ocorrem estas novas fundações também reflete o acúmulo de experiências anteriores que os jesuítas adquiriram ao longo do século XVII. Com efeito, por volta das duas últimas décadas deste século, os missionários já haviam percebido a real importância de questões como a situação e a localização das Reduções. Também a presença jesuítica na região platina já era uma realidade para a população indígena não inserida na vida colonial. Embora as novas fundações tenham sido realizadas em sua maioria com guaranis oriundos de Reduções da Banda Ocidental do Uruguai, isto não significa a não-ocorrência de populações indígenas dispersas pelo território. No entanto, com relação à constituição do espaço para uma Redução, a experiência já havia criado as bases para as ações futuras. Experiências estas, tanto materiais, quanto sociais e políticas, aprendidas ao longo do convívio com os guaranis e seu território característico. Contudo, ainda havia possibilidade de novas adaptações às realidades locais que se apresentavam.

Em 1697, a Redução de São Miguel Arcanjo, fundada sete anos antes, encontrava-se diante de um crescimento populacional positivo e do conseqüente problema de solos aráveis e pastagens necessárias à sua manutenção. A solução apontada foi a do desdobramento do povoado, transmigrando parte da população para outra área, liberando assim espaço e recursos. A procura de um novo local foi dirigida para o norte, em parte pelos motivos geográficos expostos acima. Os textos de Antônio Sepp constituem um relato importante, quiçá único, de um processo de fundação. Desde os primeiros momentos, a experiência com a cultura guarani esteve presente. O discurso do Padre

Sepp, ao propor a transmigração, aproxima-se de uma fala similar à dos xamãs:

> "*Emigremos, pois, para onde Deus nos chama, e nos foi adiante o glorioso precursor de Cristo, convidando-nos a segui-lo*"
>
> (Sepp, 1980:172)

Convincente, este discurso levou 21 caciques e suas 750 famílias a associarem-se a Sepp na transmigração. A escolha do local teve início em 13 de setembro de 1697, com a saída de Sepp e dois religiosos de São Lourenço Martir, acompanhados de alguns caciques guaranis, para explorar a região (Sepp,1980:138-39). É possível que a contribuição dos guaranis na escolha do local tenha sido relevante, dado o conhecimento que possuíam da região e as expectativas em relação ao novo assentamento. O local escolhido parece refletir as recomendações anteriores para novas fundações:

> "*...una colina paulatinamente ascendente povoada de bosques risueños, cuya leña en el suelo serviria de madera de combustión para la cocina sino también para la construción de las casas del futuro pueblo.(...)No habría podido encontrar un lugar más sano, pues los cuatro vientos soplan sobre él. Y no nos falta el agua indispensable que el buen Dios hace correr, como si el lugar fuera otro paraíso, en cuatro arroyos cristalinos que no secan nunca, ni siquiera en los meses más calurosos, en diciembre y enero, pues nacen en la sombra perpetua de gruesos árboles frondosos.(...) En cuanto a los bosques y praderas tenéis todo a vuestra disposición, intacto y sin deterioro, con abundante madera para hacer lumbre en la cocina y para construir, pues hay muchos cedros cuya madera es imperecedera y mantiene viva la fama del arquitecto para siempre. No me voy a referir a otros árboles de distintas especies que producen a sazón frutos agrestes, pero dulces y sabrosos; ni a las abejas infatigables que me proveen de la cera que necesito para las velas de mi altar donde celebro missa.*"
>
> (Sepp,1973:193,203-204)

Fica clara a preocupação com a topografia do relevo e a ocorrência de recursos naturais. Em seguida, nota-se que a distribuição espacial da trama urbana foi a primeira medida tomada por Sepp:

> "*La primera condición con la cual debía cumplir fue la medición y el amojonamiento de los terrenos para la construcción de las casas con el cordel de agrimensor. Tuve que assignar a cada grupo de casas el mismo número de pies a lo largo y a lo ancho como a los otros. En el centro debía alinear la plaza, dominada por la iglesia y la casa del párroco. De aquí debían salir todas las calles, siempre equidistantes una de la otra. (...)La plaza principal era de cuatrocientos pies de ancho y quinientos pies de largo. A ambos lados de la iglesia se elevan, como en un anfiteatro, las casas de los indios, formando largas filas bien ajustadas. Cada grupo de casas ubicado al lado opuesto de la iglesia se dividía en doce casas viviendas, cada una com su propria entrada. Los otros, a la derecha y izquierda de la iglesia, contenían solamente seis viviendas. De la plaza salen las cuatro calles principales, construidas en forma de cruz, que miden a lo ancho sesenta metros y a lo largo más de mil, y llevan al campo en todas las direccciones. Esta distribución de las casas y calles embellece el aspecto del pueblo particularmente, pues de todos los puntos cardinales cuatro avenidas anchas y hermosas llevan adentro de la villa y se encuentram en la mitad de la plaza, frente al portal de la iglesia*".
>
> (Sepp,1973:223-226)

Este relato tras implicações espaciais na medida em que demonstra uma aparente contrariedade. O autor refere-se à previsão de um espaço organizado a partir de quatro ruas que formam uma malha em cruz, dividida em quatro blocos. As ruas levariam ao centro da praça, em frente à igreja. No entanto, faz menção apenas a três grupos de casas, sendo um em frente à igreja, no lado oposto da praça, e os outros dois à esquerda e à direita da mesma. Apesar disto, prevê as quatro ruas principais em cruz. Werner Hoffman, ao comentar esta questão, destaca:

> "*La forma de cruz fue algo irregular, porque solamente las dos calles transversales nacieron en el medio de los lados oeste y este; de las verticales nació la del norte en el medio de la banda de su lado, pero no la del sur, pues a este lado de la plaza se encontraban el Colegio, la iglesia y el cementerio y únicamente en la esquina del cementerio quedó lugar para una calle*."
>
> (Nota de Hoffmann in:Sepp,1973:226)

Hoffman aponta para uma diferença entre o traçado descrito por Sepp e aquele existente em São João Batista. Desta situação podese chegar a algumas inferências. O traçado previsto e descrito por Sepp pode ter sido distinto daquele que realmente foi estabelecido, podendo o texto significar um equívoco do próprio autor ou, até mesmo, da tradução dos originais em suas versões em alemão e latim. Por outro lado, o traçado original implantado por Sepp pode ter sido inicialmente em cruz, com a igreja em situação central, junto à praça. As modificações verificadas podem ter sido resultado de uma ordenação posterior. Em um caso e outro, é preciso reconhecer que as fontes relativas a São João Batista possuem um hiato de tempo entre estes relatos de Sepp, datados do início do século XVIII, e as iconografias e crônicas posteriores1, que em geral, datam da segunda metade do século em diante. Desta forma, é difícil precisar se houve ou não novas ordenações no traçado de São João Batista neste intervalo de aproximadamente cinqüenta anos. A distribuição espacial contida nas iconografias e nas crônicas, bem como a conformação do sítio arqueológico atual são ainda as principais referências para a definição do traçado urbano desta Redução. No entanto, o relato de Sepp parece indicar novas problemáticas.

Sendo real esta polêmica, ela apresenta questões arqueológicas significativas. Caso tenha ocorrido uma modificação no traçado original, como esta poderia aparecer no registro arqueológico? E mesmo considerando-se o fato de não haver ocorrido nenhuma mudança, sendo o traçado de Sepp realmente constituído de três conjuntos de casas, limitando-se o crescimento ao lado da praça onde situava-se a igreja, isto não impede questões espaciais para a arqueologia. Considerando-se que as primeiras construções podem não ter sido definitivas quanto à sua localização, os vestígios arqueológicos deste período

inicial podem estar presentes em áreas utilizadas posteriormente para circulação. A importância arqueológica desta questão do traçado inicial reside em sua transformação ao longo do tempo. Seja por uma transformação mais significativa, no caso de o 1 Como por exemplo os relatos de Auguste de Saint-Hilaire, Hemetério Veloso, Avé-Lallemant, entre outros. traçado original ser distinto do subseqüente. Seja pelas reconstruções ocorridas ao longo do processo histórico, com possíveis reordenamentos espaciais. Ambas hipóteses parecem não ter sido ainda planteadas pela arqueologia nas Missões em geral e em São João Batista em particular. É preciso destacar ainda, que as iconografias conhecidas sobre São João Batista demonstram uma regularidade em seus alinhamentos que não se verificam na planta real da Redução. As estruturas restantes e os levantamentos topográficos permitem visualizar um traçado bastante irregular. Isto se deve em parte a duas questões. Em primeiro lugar a falta de conhecimentos arquitetônicos do Padre Sepp, responsável pela distribuição espacial dos elementos urbanos. Os missionários jesuítas possuíam diversas especializações:

> "*Para este gobierno no basta en los curas el tener virtud y letras. Es menester además de esto entender de cosas temporales, de labranzas, de pastoreos de ganados, de fábricas de iglesias y casas, de oficios mecanicos, como herreros, carpinteros, plateros, pintores, tejedores, etc., y de economía doméstica y externa, y de música y otras cosas, porque de todo esto há de cuidar como sobrestante y director, y si sabe cuidar bien, tendrá el pueblo muy abastecido y a sus feligreses muy prontos para todo lo espiritual...*"
>
> (Cardiel, 1984:85)

No entanto, isto não significava que missionários como Sepp, possuíssem todos os conhecimentos necessários e algumas improvisações tiveram que ser realizadas no tocante ao urbanismo. Em segundo lugar, a topografia do terreno onde se instalou a Redução é marcada por alguns declives abruptos. Desta forma, algumas estruturas tiveram que ser construídas respeitando este relevo, o que obrigou um desalinhamento do conjunto. Apesar destas diferenças, o plano característico foi mantido, embora Saint-Hilaire comentasse que:

> "*De todas as aldeias das Missões, São João é a que menos se assemelha às demais. A praça é muito mais larga que comprida, o convento é construído com muita elevação sobre o solo, obrigando a construção de várias escadas; o curralão fica à direita do convento e a igreja à esquerda.*"
>
> (Saint-Hilaire,1974:159)

O fato de as primeiras construções levantadas pelos guaranis em São João Batista serem bastante distintas daquelas verificadas posteriormente indica a situação provisória, senão do traçado, pelo menos do conjunto de prédios erguidos sobre o mesmo. O material construtivo constitui a principal diferença entre as primeiras instalações, como a igreja, a casa dos padres e as casas dos índios, e aquelas ocorridas posteriormente:

> "*El techo era de paja, las cuatro paredes de trenzado de paja y la puerta que dejaba entrar libremente los vientos, igualmente de paja. Había sólo de un lado una pequeña ventana que dejaba entrar la luz del sol, para que pudiera rezar el breviario. Éste era mi refectorio o comedor, mi dormitorio y mi gallinero, donde cuatro gallinas se ponían cluecas (...) A la derecha de este soberbio palacio construí otro, con la misma maestría arquitetónica, para mi Padre asociado o coadjutor que no había llegado todavía, a causa de ciertos impedimentos. Y en el medio, entre las dos chozas, erigí una capilla, también trenzado de paja y caña de bambú, que me hizo las veces de iglesia parroquial. (...) Los domingos reunía a todo el pueblo para la catequización tocando la campanilla, y como la capilla no era suficientemente grande, di orden a la gente de sentarse a campo abierto, de un lado los hombres en una fila, larga, del otro las mujeres, los niños y niñas en el mismo oreden.(...)También de paja y caña levanté luego todo el pueblo, pues no tenía materiales para construir verdaderas casas y el tiempo no me permitió demorarme en la obra, así que levanté la nueva aldea de acuerdo con las necesidades imperantes.*"
>
> (Sepp,1973:213-214)

Extrai-se deste relato a provisoriedade das instalações e a utilização de materiais pouco duráveis como palha e bambu. Também é interessante o uso da praça como local de celebração da missa, respeitando desde o início uma distribuição espacial para homens mulheres e crianças, e a separação da morada dos padres em relação às dos indígenas. Sepp deixa claro que sua preocupação em estabelecer com alguma pressa as casas novas devia-se a outras necessidades que se impunham. Estas diziam respeito à distribuição dos solos de cultivo para as novas roças. Sobre a forma que esta distribuição ocorria se fará referência mais adiante. Do sucesso destes primeiros cultivos dependia a permanência da nova Redução. Sepp havia conduzido apenas homens adultos e alguns meninos para realizar os trabalhos mais pesados (Sepp,1980:172). Em conseqüência disto, deveria transmigrar em uma etapa posterior as mulheres e crianças. Para tanto, era preciso garantir o sustento da população que seria acrescida:

> "*Antes de poner mano a la obra de la división del pueblo y organizar la emigración de los indios, particularmente de las mujeres y niños, había que tomar ciertas medidas. Debía empezar con todos los padres de familia a arar y cultivar los campos que veníamos de distribuir; había que sembrar para que no les faltara ni comida ni ropaje*".
>
> (Sepp,1973:209)

As primeiras medidas foram no sentido de plantar pés de algodão. Inicialmente 100.000 pés e posteriormente 300.000 pés.

> "*em misisones habian algodonales antes de 1698 ya que el Padre Sepp al fundar el pueblo de San Juan Bautista comenzó su labor sembrandoles y llego a tener grandes plantaciones.*"
>
> (Furlong,1984:153)

Estaria Furlong referindo-se ao algodão cultivado de cuja origem viriam as sementes utilizadas por Sepp? Provavelmente as sementes seriam oriundas de San Miguel, da qual São João era um desdobramento, ou de São Lourenço, de onde partiu Sepp para escolher o

local de assentamento do novo povoado. De qualquer forma, nota-se a importância dada ao algodão como forma de dispor de fios para confecções variadas.

Durante esta fase inicial, Sepp deparou-se com um problema de limites territoriais que traduziu-se em uma ordem de troca do local escolhido para a nova fundação. As plantações já haviam sido iniciadas com o cultivo de milho e algodão quando, segundo Sepp:

> "*...recibí orden de mis superiores de abandonar la nueva morada y buscar otro sitio para la nueva reducción: debía cruzar con mis indios el gran río Itshui y fundar la colonia en la orilla opuesta. La razón de esta orden fue que los pueblos de San Miguel y San Juan eran casi adyacentes; de ahí resutaría que los vecinos se robarían mutuamente y recogerían lo que los otros habían sembrado. Para evitar este mal no habría mejor remedio que separar los dos pueblos terminantemente. El argumento parecía a primera vista concluyente, pero se habría causado otro daño peor, aceptándolo*."
>
> (Sepp,1973,218-19)

Em seguida Sepp alerta para o perigo da proximidade com os portugueses recordando as campanhas bandeirantes. No seu entender, a proximidade das Reduções era benéfica, pois permitiria uma ajuda mútua em caso de ataque dos portugueses. Contudo, o autor parecia ter bem claro o problema da situação de fronteira na qual encontravam-se na Banda Oriental e sugeriu inclusive uma expansão das Reduções que o processo histórico impediu de ver-se concretizada. Sepp reconhece, entretanto, também o perigo que esta expansão representaria caso tivesse sido implementada:

> "*Hay que tomar en cuenta además outra emergencia; que en el curso del tiempo será necesario fundar otras colonias al otro lado del río arriba mencionado y que pronto no habrá más tierra disponible. En este caso habría que ampliar el dominio de las misiones hasta la costa del gran acéano e instalar nuevos semilleros cristianos en el país de los antropófagos brasileños. Y eso sería contrario al sentido común y a la caridad cristiana y*

> *de ninguna manera compatible con las obligaciones de un misionero que debe tratar de evitar que las ovejas entregadas a su cuidado pastoreen demasiado cerca de los lobos.*"
>
> (Sepp,1973:219)

Sepp logrou dissuadir a ordem recebida e manter-se no local escolhido. Além disto conseguiu que o Padre Provincial ordenasse às outras Reduções a participarem do novo estabelecimento, prestando ajuda necessária. Desta forma, recebeu contribuições das Reduções de Santa Maria, Três Mártires do Japão, Yapeyu, entre outras, que auxiliaram a construção inicial de São João com mão-de-obra, materiais, animais e sementes.

Conforme Hoffmann, houve quatro etapas na fundação de São João. Na primeira havia sido cultivado os campos, construído as casas provisórias, uma capela de palha e uma casa para o padre. Na segunda a capela foi substituída pela igreja de pedra e de madeira de cedro, mas ainda com teto de palha. Se construiu o colégio e as casas dos índios foram solidificadas. Já funcionava o forno de ladrilhos e telhas e a fundição de ferro. Quanto ao templo:

> "*Una vez que las columnas se habían colocado, se construían las paredes hechas de una piedra parecida a la toba, segun los escasos restos que se han conservado. Después de poner un techo provisório de paja, la iglesia fue consagrada en el mismo año 1698, durante el cual los primeros ranchos de la nueva colonia se habían levantado. También el Colégio se construyó de piedra.*"
>
> (Sepp,1973:67)

Nesta época Sepp foi designado para assumir as duas Reduções de São Miguel e São João. Isto fez com que não pudesse dedicar-se integralmente a consolidação de São João. Em seu lugar ficou seu Padre Companheiro José de Tejedas. No ano de 1700 foi feita a descoberta da possibilidade de extrair ferro das rochas de basalto Itacuru. No final desta segunda etapa Sepp promoveu a mudança das mulheres e crianças de São Miguel para São João. A terceira etapa começa quando Sepp assume definitivamente apenas São João. Promoveu a cobertura

de telhas em todas as construções e também os adornos para o templo e coordenou a construção da capela do cemitério. A quarta etapa é dedicada à instalação das oficinas, formação dos grêmios de artesãos e instituição da administração indígena com a eleição do Cabildo (Sepp,1973:67-73).

Os materiais de construção nas Reduções variaram conforme o lugar e a época. Isto deveu-se a ocorrência ou não de recursos materiais e também pela experiência acumulada pelos jesuítas. De Curtis[47] estabeleceu etapas para a arquitetura missioneira relacionandoas ao material construtivo. Na primeira etapa, que iria desde as primeiras fundações até meados do século XVII as construções eram realizadas com materiais extremamente perecíveis, como paredes de adobe e cobertura vegetal. O autor equivoca-se ao afirmar que apenas registros históricos restaram como documentos da existência de tais construções. Desconsidera as informações oriundas da arqueologia como os trabalhos realizados por Mentz Ribeiro (1979,1983) na área da Redução de Jesus Maria. A segunda etapa estaria inserida na penúltima década do século XVII, coincidindo com a retransmigração ao território do atual Rio Grande do Sul. Nesta etapa as edificações passariam a ser mais estáveis, sendo realizadas com alvenaria de pedra e barro e estruturadas por esteios de madeira que suportavam as coberturas. A terceira etapa seria caracterizada por templos reerguidos em maciços de alvenaria e pedra, permeados por cantaria. Os esteios de madeira predominavam como apoio e como definidores de naves laterais e passaram a ser substituídos por arcadas de pedras. Estas etapas definidas por De Curtis não estão em concordância com o afirmado por Gutierrez, para o qual, as diferenças arquitetônicas não representam estágios (Maeder&Gutierrez,1996:43). No entanto, do ponto de vista do material construtivo, verifica-se uma substituição dos elementos mais perecíveis nas Reduções à medida que se aproxima a segunda metade do século XVIII. Porém, é preciso levar em consideração casos como o de São João Batista onde, conforme visto acima, as primeiras construções eram de palha e bambu, que apenas posteriormente foram substituídos por materiais mais duráveis.

47.DE CURTIS, J.N.B. O espaço urbano e a arquitetura produzidos pelos Sete Povos das Missões. In: WEIMER, Günter et al. A Arquitetura no Rio Grande do Sul. Porto Alegre, Mercado Aberto, 1983. (p.29-30)

Para analisar o traçado urbano da Redução de São Miguel, Coimbra (Coimbra,1992:64e94) propôs uma separação entre os elementos arquitetônicos e os elementos urbanos. Os elementos arquitetônicos seriam todos aqueles elementos edificados e que constituíam espaços fechados ou privados, como por exemplo a igreja, o claustro, o cemitério, as oficinas, as casas, o cotiguaçú, etc. Já os elementos urbanos seriam todos aqueles elementos que compõem o espaço aberto ou público, como por exemplo a praça, as ruas, etc. Esta divisão parece válida para diferenciar os espaços abertos e fechados nos núcleos urbanos das Reduções. No entanto, não pode conduzir ao equívoco de que, devido à divisão arbitrária, os elementos arquitetônicos sejam vistos como não fazendo parte dos elementos urbanos. Buscando outra divisão, propõe-se a utilização do termo espaço urbano construído, para indicar as estruturas arquitetônicas; e espaço urbano de circulação, para indicar as áreas abertas do núcleo.

4.1. Espaço urbano construído

4.1.1. A Igreja

As igrejas constituíram um dos elementos arquitetônicos mais importantes dentro da estrutura urbana das Reduções. Isto se deve ao seu duplo aspecto material e social. Do ponto de vista material, pelo emprego de técnicas arquitetônicas mais elaboradas que as utilizadas em outras construções. Também os materiais construtivos tenderam a ser mais resistentes à medida em que os povoados se firmavam enquanto assentamentos. A presença de um templo de dimensões e altura superiores às outras construções davam à esta estrutura um destaque no conjunto arquitetônico e, neste sentido, reforçavam o caráter social de sua função. A transformação cultural à qual estavam sendo submetidos os guaranis, sendo estes dirigidos para a órbita cristã, plasmava-se na suntuosidade de algumas igrejas. No entanto, este aspecto social impôs-se lentamente, através da transformação das primeiras igrejas provisórias em templos robustos e de grandes dimensões. Gutierrez destaca esta provisoriedade e também as alternativas para a manutenção de um "espaço sagrado", quando da impossibilidade temporária de possuir-se um templo permanente:

> "*Fue común recurrir a Iglesias provisorias incluso enramadas, capillas de paja o galpones cubiertos, mientras se realizaban las tareas de construcción del pueblo y se montaban adecuadamente los talleres artesanales. También se recurrió a utilizar espacios de los Colegios o a construir nuevas Iglesias fuera del planeo básico en casos de emergencia*"
>
> (Gutierrez,1974:129)

Sobre isto pode-se destacar a igreja provisória construída em São João Batista após a fundação, e também a igreja construída em Trinidad fora do traçado regular e em tamanho menor que o grande templo da Redução. O funcionamento da igreja estava relacionado às atividades prévias que eram realizadas na praça, como a concentração dos indígenas e a divisão destes por sexo e idade. Os templos maiores possuíam abóbadas grandes que, segundo Furlong, não foram executadas em pedra, mas em madeira. Não teriam existido abóbadas em pedra em nenhuma Redução (Furlong,1962:179). Estas abóbadas situaram-se sobre as naves centrais e possuíam lunetas3 por onde se abriam janelas de iluminação. O teto das igrejas, em alguns casos, era construído sobre a estrutura de pedras com duas águas na cobertura de telhas sobre a nave central, e duas coberturas de uma só água sobre as naves laterais (Furlong,1962:179).

Nas instruções do Provincial Diego de Torres aos Padres Cataldino e Maceta, de 1609, constava que em todas as novas igrejas 3Esta abóbada de luneta é também chamada abóbada oblíqua. edificadas era preciso fazer uma capela de Nuestra Señora de Loreto, com medidas entre 40 pés de comprimento, 20 pés de largura e uma altura de 25 pés. Esta teria a função de receber os enfermos da população. Segundo Gutierrez, a idéia inicial parece ser a de uma capela dentro da própria igreja. Porém, já no século XVIII, a maioria das Reduções tinha sua capela de Loreto localizada fora do templo. Algumas estavam junto à praça e outras atrás do conjunto de casas dos índios. Seria um exemplo destes oratórios a capela de Loreto na Redução de Santa Rosa, no atual Paraguai. Ainda dentro da malha urbana, havia capelas no interior dos cemitérios e na entrada da Redução. Na realidade, não parece haver um caráter normativo para o número, localização e funções das capelas. O mais comum, é a ocorrência de variações a este respeito, entre as

diferentes Reduções dos Trinta Povos. Mais adiante se voltará a fazer referência às capelas nas Reduções (Gutierrez,1974:132).

Um dos templos missioneiros que destacou-se entre aqueles existentes nas sete Reduções da Banda Oriental do Uruguai foi o de São Miguel Arcanjo. Seu estilo arquitetônico aproximou-se de templos europeus com paredes de pedra e três naves divididas por pilares, além da abóbada e dos arcos que acentuam a sensação de solidez.

A fachada dispensou a galeria com arcada. O motivo central da fachada contém um paramento coroado por um grande frontal. No eixo do edifício se abre uma porta principal e sobre ela a janela central, correspondente ao coro, também de linhas simples, com balaústres e balcão. Este motivo está ladeado por pilastras e contrapilastras. Duas volutas uniam o elemento central com as laterais da fachada. O pórtico da fachada constituía-se de uma arcada que abarcava toda a frente da igreja.[48]

No interior do templo a planta de três naves tinha proporções bastante amplas: 12 metros de largura na nave central e 6 metros para cada lateral. A nave principal possuía seis pesados arcos ladeados por pilastras de capitéis (Furlong,1962:177-78). As paredes chegavam a três metros de espessura. O destaque deste templo deve-se em parte por suas formas elegantes e bem-acabadas e também pelo fato de seu material construtivo ser basicamente composto de blocos de arenito, embora algumas estruturas do teto fossem de madeira. A aproximadamente trinta quilômetros do núcleo urbano de São Miguel encontra-se um afloramento de arenito junto ao arroio Santa Bárbara. Prospecções demonstraram que este local representa o afloramento mais próximo da Redução e provavelmente tenha servido como fonte para a extração de blocos utilizados nas construções. Na distância que separa a Redução do afloramento é possível encontrar-se blocos mal cortados dispersos pelo campo.

Outra questão importante diz respeito à utilização de cal para fixar seus componentes. A descoberta deste elemento ocorreu tardiamente, mas foi de grande valia para obras mais ousadas como esta e os templos de Trinidad e San Ignácio Mini. Seu valor era reconhecido no século XVIII:

48.Com base em descrições de Busaniche, In: Gallicchio,1994:83.

> "*(...) Ouvi o engenheiro do exército dizer a outro mais inteligente que a igreja de São Miguel, um dos sete, valia um milhão de pesos, e isto diziam depois de ter considerado e avaliado todas as suas partes. (...)Era toda de pedras quadradas, com muitas estátuas. Custou dez anos a sua construção, onde às vezes havia mil índios trabalhando nela. Trazia-se a pedra de três léguas dali.*"
>
> (Cardiel,1984:116)

Félix de Azara descreveu o templo no final do século XVIII, destacando que o mesmo possuía 100 varas de longitude e era de silharia até a cornija. O cal estava presente apenas que nas juntas externas, sendo o resto de madeira como nos demais templos das Reduções (Furlong,1962:179). Conforme descrição de Saint-Hilaire realizada no século XIX, a torre da igreja de São Miguel havia sido atingida e destruída por um raio. Com relação ao corpo do templo, este havia sido substituído por outra construção baixa, estreita e comprida, que diferia muito do original (Saint-Hilaire,1974:152).

Os templos de São Nicolau e São Luis Gonzaga também possuíam três naves. Porém, o material construtivo utilizado constituiu-se de blocos de basalto, os quais são menos propícios para acabamentos e esculturas. Em São Luis Gonzaga a abóbada não foi completamente acabada. No século XIX ainda era possível ver um vigamento onde a madeira foi empregada (Saint-Hilaire,1974:116e142). Recentemente foi realizada uma reconstituição parcial da fachada do templo de São Luís Gonzaga com base em fotografias antigas. Este trabalho demonstrou algumas das possibilidades de uso das fontes iconográficas nas reconstituições e interpretações arqueológicas (Scaramella, 1996). A igreja de São Lourenço era toda de pedra, medindo 93 varas de comprimento e 43 varas de largura (Furlong, 1962:144). Havia duas igrejas de cinco naves, a de São Lourenço e a de Concepción. No entanto, a de São Lourenço foi reformada e teve suas naves reduzidas para três (Cardiel,1984:100). As naves laterais eram sustentadas por duas filas de colunas de madeira, tal como ocorria em São João Batista. Possuía cinco altares, e no início do século XIX o edifício apresentava-se ainda em bom estado. (Saint-Hilaire,1974:150). A igreja de Santo Ângelo era similar a estas duas, porém seu posicionamento era diferenciado, voltada para o sul, enquanto as demais estavam voltadas para o norte.

A igreja da Redução de São João Batista passou por transformações importantes ao longo do processo histórico. Como visto anteriormente, as primeiras instalações erguidas à época da fundação do povoado tinham um caráter provisório. O templo inicialmente construído foi elaborado com materiais perecíveis e de fácil tratamento, como a palha, o barro e o bambu. Em 20 de dezembro de 1708 o Padre Superior Salvador escreveu ao Padre Provincial Lauro Nuñez informando a situação das reduções do Uruguai. Sobre São João relatou: "En San Juan se empezó yglesia de propósito, y se hizo para ella un magnífico retablo."[49] Significava uma continuidade dos trabalhos iniciados por Sepp em 1667. Conforme os relatos deste, a igreja inicial era apenas uma capela de palha e bambu. Sepp parece ter sido o responsável pelas primeiras reformas no templo, procurando ampliar e consolidar suas estruturas:

> "*No que toca às colunas, cuidei que primeiro fossem enterradas numa profundidade de oito a dez pés e bem calçadas com pedras, de sorte que depois podiam ser levadas sem susto à altura de uns cinqüenta pés. Desde o presbitério até a porta da igreja, inclusive, levantei vinte e quatro colunas em série igual a ambos os lados. Ficava uma distante da outra vinte pés geométricos." (...) depois de levantadas as colunas e pronto o vigamento de maneira a não cederem ao peso, firmei a construção e a escorei fortemente com enormes pilares para que as paredes não vacilassem (...) pus , por ora sobre o telhado capim bem trançado para obviar por enquanto as chuvas. A seu tempo, cobrirei de telhas. Ainda não estavam levantados os fornos, nem amassados e cozidos os tijolos.*"
>
> (Sepp,1980:161)

A igreja foi construída com três naves, sendo a maior ao centro, com 25 pés de largura e as laterais com 20 pés. O conjunto da igreja, com a sacristia, o presbitério e o vestíbulo possuíam um comprimento de 200 pés. Cinco portas foram instaladas no templo, duas laterais e três no frontispício, sendo a do meio a maior entre estas,

49. Manuscritos da Coleção de Angelis. Tomo IV, Jesuítas e Bandeirantes no Uruguai - 1611-1758, p. 247.

com 20 pés de altura e 12 de largura. As portas, sobretudo as frontais, permitiam a entrada de luz no interior do recinto do templo. Também as janelas da cúpula, de tipo lunetas, permitiam a iluminação sobre as naves laterais e central. As paredes da igreja eram de blocos de pedra basáltica, instalados entre as colunas de sustentação da cobertura. Isto devido ao fato de as colunas de madeira constituírem uma estrutura portante autônoma, ou seja, suas paredes serviam apenas de vedação e eram independentes da estrutura que sustentava o telhado (Rhoden,1987:261). O telhado e o piso foram confeccionados de material cerâmico: "*Despues de tejar la Iglesia debía pavimentar todavía el piso y fabricar baldosas con tal fin, lo que llevé a cabo satisfactoriamente.*" (Sepp,1973:259)

Além da consolidação das estruturas, os detalhes internos também foram iniciados, com a construção de quatro altares. As colunas de madeira foram esculpidas com motivos florais. Igualmente foram esculpidos o tabernáculo, o sacrário e o púlpito. Este último tinha forma octogonal com figuras bíblicas esculpidas em volta. Para a fabricação destas peças foi utilizado o cedro, cujas propriedades permitem um trabalho de escultura com razoável acabamento. A decoração era completada com pintura dourada, madrepérolas, pedaços de espelhos e contas de vidro (Sepp,1980:175). Como dito anteriormente, são poucas as informações documentais conhecidas para São João Batista entre 1708 e 1750. Para períodos posteriores alguns documentos são dados a conhecer. Uma descrição do estado em que se encontrava a igreja de São João no final do século XVIII é encontrada em: *Compulsa de los autos originales del inventario del pueblo de San Juan,* datada de 4 de agosto de 1798.[50] Este documento faz parte dos relatórios enviados pelos administradores dos povos às autoridades coloniais espanholas. Nele consta que a igreja possuía, entre outras coisas, três grandes pias de pedra para "*água bendita*". Provavelmente eram pias de arenito esculpido tal qual as que encontram-se ao lado do Museu de São Miguel Arcanjo. Já na primeira metade do século XIX o templo encontrava-se em ruínas:

50.*Compulsa de los autos originales del inventario del pueblo de San Juan*, datada de 4 de agosto de 1798. Archivo Nacional de Chile - fondo jesuitas - vol.140.

> "*Esta [igreja] foi incendiada (...) dela não havendo nada além de ruínas. Substituíram-na por uma pequenina capela pouco útil, aliás, visto como não há cura em São João.*"
>
> (Saint-Hilaire,1974:231)

O incêndio ao qual refere-se Saint-Hilaire parece ter ocorrido em 1814, após a conquista portuguesa do território das Missões, (Silveira,1979:182). Em 1855, as ruínas possuíam ainda restos das estruturas de madeira:

> "*Ocupava aí um ponto eqüidistante dos extremos do alinhamento e tinha trinta metros de frente e quase setenta ao fundo. Aí toda a parede estava por terra. O frontispício era muito singelo, mas todo ele de pedra grés, com belos lavores, cornijas e colunas de ordem toscana. Pudemos verificar a existência de três naves, porque ainda existiam de um lado as colunas torneadas de madeira de Ipê, sustentando algumas traves em partes carcomidas.*"
>
> (Silveira,1979:180)

Em recente trabalho o arquiteto Norberto Levinton faz um estudo sobre a arquitetura da igreja de São João Batista (Levinton, 1998). Nele apresenta uma cronologia na qual consta que foram construídos quatro templos nesta redução. A primeira teria sido construída apenas com estruturas de bambu e transados de palha ainda nos primeiros momentos da fundação do povoado. A segunda igreja, terminada em 1698, seria aquela descrita pelo Padre Sepp em Continuación de las labores Apostólicas (Sepp, 1973). A terceira teria sido construída após a saída de Sepp de São João, que ocorreu por volta de 1704, e cujos trabalhos podem ter sido dirigidos pelo irmão coadjutor arquiteto Juan Kraus. Uma quarta igreja parece ter sido erguida após 1714, conforme relata um Memorial datado de 21 de junho de 1714, do Padre Luis de la Roca, que ordena:

> "*...la iglesia que de nuevo se há de hacer será en todo semejante a la del pueblo de San Nícolas pidiendo las medidas de alto, ancho largo y aún de los cimientos que se han de abrir y habidas no se faltará ni excederá en nada de ellas*."[51]

Levinton considera que esta quarta igreja seria a definitiva, sendo dela as ruínas que hoje se encontram no sítio arqueológico. Segundo levantamentos deste autor[52], também a torre que aparece nas ilustrações referentes a São João Batista parece ter sido construída após 1724 (Levinton, 1998: 17-19). O trabalho de Levinton constitui-se em um estudo inédito que aponta para novas formas de interpretação da arquitetura e da história de São João Batista e apresenta novos aportes para trabalhos arqueológicos nesta redução.

Dentro das atividades do projeto Arqueologia Histórica Missioneira, foi realizada uma intervenção arqueológica no sítio de São João Batista em dezembro de 1990. Nesta ocasião, a equipe coordenada por Arno Kern e composta por alunos da PUCRS, UFRGS e URI - Santo Ângelo atuou em diversos pontos da área urbana da Redução. Foram realizadas atividades de coletas superficiais e escavações em locais predeterminados. As escavações constituíram-se de trincheiras abertas em três áreas específicas: o local da base da torre da igreja; o átrio e as escadarias da entrada da igreja; e duas casas na extremidade da praça oposta à igreja. Também foram realizados trabalhos para evidenciar outras estruturas.

Para tentar identificar as fundações da torre da antiga igreja de São João Batista foi aberta uma trincheira em "L", estabelecida no canto noroeste do claustro, dividida em quadrículas. A trincheira compreendia 7 m de comprimento no sentido norte/sul e 4 m no sentido leste/oeste. Após o primeiro dia a escavação foi reorientada para uma trincheira única com 8m de comprimento no sentido leste/oeste. As quadrículas variavam entre 1 x 1 m. e 2 x 1m. A coordenação deste grupo de trabalho esteve a cargo de Patrícia Gaulier. Após três dias de trabalhos já havia sido evidenciado um bloco de arenito que poderia ter sido uma pedra do alpendre da torre. Também foi identificado um piso de arenito. Materiais como fragmentos de telhas e escória de fer-

51. Doc. AGN – Sala IX - 6 - 9 - 5 in: LEVINTON, Norberto. *La arquitetura del Pueblo de San Juan Bautista: tipologia y regionalismo*. Buenos Aires, Faro Editorial, 1998, p. 19.
52. Doc. AGN – Sala IX - 6 - 9 - 6 In: LEVINTON, Norberto. op cit. p. 19.

ro ocorreram nesta área escavada. A disposição dos blocos de pedra levou os responsáveis pela escavação a concluir pelo formato hexagonal da torre do templo. A ilustração da Redução de São João Batista do acervo do AGS-E, foi utilizada como referência pelos arqueólogos nesta escavação (Escobar et al,1990:3-6,Barrios,1990:31). No entanto, nesta ilustração a torre não apresenta uma base hexagonal, embora o restante da estrutura da torre possuísse esta forma. Os croquis publicados nos relatórios não são suficientes para confirmar a hipótese de uma base hexagonal para a torre da igreja.

A escavação no átrio da igreja esteve a cargo do arqueólogo Giovane Scaramella. Também foi demarcada uma trincheira, orientada no sentido norte/sul, com 12 m de comprimento por 1 m de largura. Foram estabelecidas 12 quadrículas de 1x1 m. Nas extremidades norte e sul foram abertos poços-teste para o controle estratigráfico. Estendia-se desde a porta da igreja até a praça, em um suave declive. Teve como objetivo determinar as fundações e dimensões do átrio da igreja. As evidências mais claras apareceram no nível de 30 cm de profundidade com ocorrência de blocos de basalto itacuru e fragmentos de arenito. Foi possível ainda verificar vestígios de antigas plantações de cebolas que foram estabelecidas em frente à igreja, na praça da redução, o que foi confirmado por moradores locais. Uma concentração de blocos de basalto próximo a extremidade sul da trincheira pode ter servido de base para as escadas da entrada da igreja, visto ser ali um local de grande circulação na época missioneira (Barrios,1990:30). Mais recentemente, foram realizadas novamente algumas atividades arqueológicas na entrada das ruínas da igreja. Estes trabalhos fazem parte do Plano de Valorização Integrada do SPHAN, criado para ser aplicado às missões jesuíticas. Como as atividades são muito recentes, os dados ainda não estão disponíveis.

4.1.2. O conjunto Pátio dos Artífices e Claustro

Ao lado da igreja erguia-se a construção de duas estruturas que eram utilizadas em separado como residência dos padres e oficinas de trabalhos artesanais. Estas estruturas constituíam-se de prédios fechados, com um pátio interno e estavam dispostas lado a lado.

Em torno destes pátios havia diversas salas de dimensões distintas. Na área da residência dos padres, ou seja, o claustro, havia os quartos individuais dos missionários, quartos para a visita de autoridades, a cozinha, o refeitório, gabinetes de leitura, biblioteca, além de uma sala destinada ao depósito de armas de fogo. Na área das oficinas havia salas para o aprendizado e execução de diferentes ofícios artesanais, tais como pintura, escultura, ourivesaria, etc. Estas repartições variavam de uma Redução para outra. Segundo Gutierrez:

> "*Las dimensiones son también variables; los hay de 50 metros de lado hasta de 70 por 50 metros, estimamos que en relación directa a la importância del desarrollo de los oficios y al volumen de producción y almacenamiento.*"
>
> (Gutierrez,1974:134)

Kern compara os claustros ao atrium romano ao analisar as características de mosteiros medievais que podem ser verificadas no urbanismo das Missões:

> "*A analogia deste plano com aquele da casa romana, que agrupa as suas salas em torno de um átrio (atrium) é evidente. A filiação destes dois elementos, o átrio romano e o claustro medieval, é hoje em dia tradicionalmente aceito entre os estudiosos.*"
>
> (Kern,1998)

Para Kern, o claustro não pode ser confundido com os colégios jesuíticos, como em geral ocorre na bibliografia sobre as missões jesuíticas. O fato de haver aulas para alguns indígenas não modifica o sentido desta estrutura que remonta à Idade Média. Os colégios jesuíticos eram instituições instaladas sobretudo nos centros urbanos coloniais espanhóis e portugueses, como Córdoba, Santa Fé, Buenos Aires, Asunción, São Paulo, Salvador, etc. Embora se localizassem ao lado de templos jesuíticos nestas cidades, estes colégios trazem outras implicações espaciais com problemáticas diferentes das encontradas nas Reduções (Oliveira,1988). Kern, a partir de pesquisas sobre as abadias medievais e de estudos comparativos com as Reduções, acredita que

o conjunto igrejaclaustro-oficinas-cemitério demonstraria influências da experiência e dos conhecimentos dos jesuítas com relação a estas abadias e mosteiros europeus. Neste sentido insere-se a conotação de claustro e não os colégios jesuíticos.

Em um inventário de São João Batista, datado de 1784,[53] há uma descrição do estado em que se encontrava a àrea do primeiro pátio, que corresponderia a residência dos padres (claustro), cozinha e escola. Nesta descrição verificam-se as dimensões de 80 varas[54] de frente por 56 varas de fundo para este pátio. Descreve-se ainda a presença de 12 peças, para as quais não estão assinaladas funções, mas pode-se sugerir que se destinavam aos escritórios, biblioteca e dormitórios. Refere-se ainda a presença de uma copa com sótão, onde provavelmente encontrava-se uma dispensa.[55] Sobre a cozinha, o inventário identifica que encontrava-se entre as seis peças que se localizavam no lado do pátio ligado ao templo. As outras peças serviriam de dispensa e habitação para Mayores y Porteros, além da escola de primeiras letras e música. Nestas peças haviam oito janelas com vidros que davam vista para a horta da Quinta. No lado oposto ao templo, havia um portão que levava ao segundo pátio. O segundo pátio é descrito com 72 varas de frente e 50 varas de fundo. Nele havia 15 peças destinadas aos armazéns de algodão, erva-mate e legumes, além das oficinas de artesãos. Um grande portão dava acesso ao campo aberto no lado oposto ao templo e outro ligava o pátio à Quinta.

Em 1791 foram feitas reformas na área do claustro da Redução de São João Batista, incluindo um armazém:

> "*Se han levantado en este año todo el frente del colegio, y se han hecho en el Seis cuartos de siete y ocho varas de largo, y seis de ancho, con un Almazen de diez y siete y tres quartas varas de largo y siete y media de ancho, todos con sus corredores de mui buenos en maderados, y sus colunas de piedras de dos y tres cuartas varas de alto cada una, todo hecho con sus buenas pier-*

53.Ver Anexo I - AGN Sala IX 22-8-2.

54.A Vara portuguesa: corresponde a 1,1 m e Vara espanhola corresponde 0,83 m.

55.Em alguns documentos do século XVIII a palavara sótano, tal como aparece no inventário original em espanhol de 1784, refere-se a construções subterrâneas, e não como um segundo andar sobre a peça, que é o sentido atualmente empregado em português para esta palavra. Neste caso, é preciso pensar-se na possibilidade de haver uma dispensa subterrânea em São João Batista, tal como se verifica em São Miguel Arcanjo.

> *nas de llaves y soleras con mui buena clavazon, en cuyo edificio se han gastado ciento e trienta y seis mil adoves de tres quartas de largo y tres pulgadas de alto, con sus buenas puertas de zedro y cerraduras de fierro, cuya obra merese bastante atención en este destino.*"[56]

Este relato traz algumas questões importantes para as intervenções arqueológicas nestas estruturas. As reformas citadas foram realizadas no final do século XVIII, em época posterior à expulsão dos jesuítas. Neste sentido, embora os materiais construtivos utilizados tenham sido os mesmos, as técnicas podem apresentar diferenças. Além disto, o documento refere-se a transformações como a construção de novas salas e um armazém. Em caso de estarem corretas, estas informações podem evitar equívocos na atribuição de algumas estruturas ao período missioneiro, quando de fato pertenceriam a épocas posteriores. Hemetério Veloso descreve o estado do claustro de São João Batista em 1855:

> "*Estava atravancado com uns paus impedindo a entrada de animais. Conseguimos penetrar na área pisando pela calçada de lages, em forma de cruz, por cima da qual era o trânsito para ir de um a outro lado. As celas, as salas das refeições e da biblioteca, estavam todas abertas pois haviam tirado as portas e as janelas, assim como as telhas todas e algum madeiramento dos telhados. Os ladrilhos dos pavimentos já não existiam. Viam-se porém bem aprumadas as colunas, que ficavam à frente e à retaguarda das celas bem como as que sustentavam o alpendre que resguardava o muro, em meio do qual fica o portão de entrada e saída. Nesses intervalos, expostos ao tempo, já se desenvolvia alguma vegetação.*"
>
> (Silveira,1979:180)

Hemetério Velloso discordou do Padre João Gay com relação ao colégio-claustro dos padres em São João. Segundo Gay o colégio

56. Relación de lo adelantado a beneficio de esta comunidad en este año. San Juan,31 de dezembro de 1791 e 2 de fevereiro de 1792. Administrador Nicolas de Atienza. AGN, sala IX, 17-3-6

estava edificado sobre uma elevação natural do terreno e o acesso era feito por uma rampa lateral (Gay,1863:362). Segundo Hemetério Velloso:

> "*Não vimos aí, como afirmou aquele escritor, o colégio em terreno elevado com escada ou rampas pelas quais se descia ou subia a entrar ou sair pelo portão. Não seria isso um impossível desde que os padres jesuítas quisessem fazê-lo, mas na realidade assim não foi. O terreno do colégio, interna e externamente, o pavimento da igreja e dos quarteirões habitados, ficavam todos em verdadeiro plano horizontal.*"
>
> (Silveira, 1979:182)

Azara também refere-se à esta elevação no terreno do colégio:

> *No tiene otras particularidades esta colonia que la de mirar su frente principal al norte 20º este, y en que el colegio está colocado sobre un terraplén de cuatro varas de elevación con lo que domina la huerta y campañas a larguísimas distancias.*
>
> (Azara,1990:273-75)

O inventário de São João Batista de 187413 destaca que as construções que faziam parte da residência dos padres e escola encontravam-se a uma altura de 6 varas em relação ao nível do pátio e o acesso se dava através de quatro escadas. Sendo a vara espanhola correspondente a 0, 83 m então estas peças estariam a uma altura de 4,98 m do solo segundo o inventário, ou a 3,82 m segundo Félix de Azara. No entanto, as ruínas destas construções no atual sítio arqueológico de São João Batista, embora indiquem uma elevação, esta não corresponde às alturas sugeridas pelos cronistas do século XVIII.

Como dito anteriormente, entre as salas existentes no interior da estrutura do claustro poderia haver uma destinada à armeria. Esta serviria como depósito de armas de fogo utilizadas para defesa da Redução.

> (...) "*Há em cada povo uma armeria em que se guardam escopetas, lanças, espadas, etc. e no ângulo da horta há uma casinha,*

> *mais distante da casa dos Padres em que se guarda a pólvora, que é sempre pouca porque por aquelas partes não se encontra salitre. Esta armeria que está na Casa dos Padres possui um quadro com a pintura do Rei reinante*"
>
> (Cardiel,1984:87)

É importante esta referência à separação entre as armas e a pólvora, demonstrando que as armas não estavam resguardadas ape as de possíveis invasores, mas também dos próprios índios da Redução. Neste caso, tanto para os índios como para os inimigos externos, ter 13 Ver Anexo I - AGN Sala IX 22-8-2. acesso às armas não significava poder utilizá-las. O salitre referido pelo autor corresponde ao nitrato de potássio. As armas eram, em geral, arcabuzes, mosquetes, escopetas, esmeril, roqueira[57] ou pedreira (Furlong,1962:387). As escavações realizadas em São Lourenço Mártir pelos pesquisadores do projeto Arqueologia Histórica Missioneira, evidenciaram as estruturas de uma sala localizada na área da residência dos Padres. As características desta sala levaram à hipótese de tratar-se da armeria da Redução. A presença de uma pequena janela, em forma de seteira, e os entalhes de bancadas nas paredes sugerem o uso da sala como um depósito seguro (Kern,1989b:125-26)

O pátio dos artífices, como são comumente denominadas as oficinas, significou uma diferença em relação ao tratamento dispensado aos índios nas cidades coloniais no que diz respeito à formação profissional. Os espanhóis não favoreciam os Guaranis com ensinamentos de artes e ofícios como verificado nas reduções:

> "*...nunca los españoles les han enseñado oficio aunque son capaces de él. Los que ha habido de tejedores, herreros, carpinteros y de otros oficios, los tenían los españoles, cuyos eran, en sus casas y gozaban de todo su trabajo como si fueran esclavos y así casi no hay indios que sepan oficios ni que se aprovechen de los que saben*"[58]

57.As roqueiras ou pedreiras eram antigos canhões de ferro para arremessar pedras.

58.MCA, I, p.167-168. In: DE MASY, Rafael Carbonell. Tecnica y Tecnologia Apropriadas en las Misiones Guaranies. In: Estudos Ibero-Americanos-Revista do Departamento de História. Porto Alegre, Pós-Graduação em História. Vol. XV, no. 1, PUCRS, Junho 1989, p.24.

Nas Reduções, a concentração das artes e dos ofícios em uma área especialmente destinada para tanto foi também um diferencial em relação ao que ocorria nas cidades espanholas:

> "*La intervención del otro elemento productivo interno: los oficios artesanales, se efectúa naturalmente dentro de la estructura del aprendizaje aducacional y por ende su inserción no produce un desajuste, aun cuando en los poblados de españoles contemporáneos no se había producido la dicotomia entre vivienda y lugar de trabajo para muchos artesanos.*"
>
> (Gutierrez,1974:139)

Gutierrez destaca ainda que certos ofícios, como fabricantes de tijolos e tecedores, trabalhavam em áreas externas, enquanto alguns tecedores o faziam em suas casas. Ainda com relação à experiência das abadias e mosteiros trazida pelos jesuítas, é preciso destacar que o trabalho realizado no interior das instituições e em áreas destinadas para tanto era uma prática comum. Nas oficinas, além de pintura, escultura e carpintaria, os guaranis aprendiam também o ofício de plateros e ourives. Guaranis de diferentes reduções participavam como aprendizes deste ofício em São João Batista. Uma carta do Padre Bernardo Nusdorffer proibindo os índios de São João de prosseguirem com o ofício de plateros demonstra que naquela redução havia aprendizes desta função em 1745:

> "*...el orden que pusê en mi primera visita, y es, que no se haga nada mas de nuevo de alaxas, de plata, ni de ornamentos sin expressa licencia miña o de mis sucessores. I parecerse contravenido a este orden comenzando un caliz nuevo de oro dando al orden la interpretación que han querido atendiendo a la corteza de las palabras, y no a la mente del Provincial que sobradamente les constaba con poco respeto los ordenes de los superiores, y a la obediencia, mando q. dicho caliz luego se recoja de la plateria con todo lo perteneciente a el, y se guarde en la caxa del aposento del cura. Si no se hallaren obras de otros pueblos para ocupar a los plateros, que se cierre su oficina, y se envien a sus pueblos los aprendizes, que menos inconveniente sea, que en S. Juan no*

> *aya plateros, que no que en dicho pueblo no aya ni respeto a los ordenes de los Provinciales ni a la obediencia.*"[59]

É possível que a prata bruta utilizada nas peças fosse comprada pelas Reduções para ser trabalhada pelos plateros nas oficinas. Os Inventários da Expulsão dos Jesuítas de 1768 e mesmo posteriores demonstram que havia grande quantidade de ornamentos de prata na Redução de São João (Brabo,1873:119-120). Uma parte deste material pode ter sido confeccionada na própria Redução através da compra de prata bruta. Saint-Hilaire faz referência ao pátio dos artífices nas Reduções no início do século XIX, porém denomina-o como Curralão:

> "*No mesmo alinhamento do convento existem outros edifícios envolvendo também um páteo quadrangular. Ao fundo desse páteo estão prédios possuindo alpendre à frente. Os outros lados são simplesmente formados por larga galeria sustentada por três fileiras de postes. Esse páteo e as construções que o circundam têm o nome de curralão. Era aí que trabalhavam, no tempo dos jesuítas, os oficiais das diferentes profissões, e onde hoje ainda trabalham, por conta do Rei, os poucos artífices existentes*."
>
> (Saint-Hilaire:1974:129)

Hemetério Veloso também descreveu as condições do pátio dos artífices em 1855:

> "*Nada restava do recolhimento das moças solteiras e viúvas sem filhos, das casas dos teares, oficinas de carpinteiro e outras, nem dos armazéns que eram o celeiro do povo e o depósito da erva mate destinada à exportação.*"
>
> (Silveira, 1979:181)

A atividade de artesão aprendida nas oficinas estava restrita à população masculina. As mulheres executavam outras tarefas tais como horticultura, confecção de cerâmica, cozimento de alimentos e tecelagem de algodão. Os ofícios aprendidos transformavam alguns

59.Carta do Padre Bernardo Nusdorffer, de 1º de fevereiro de 1745. Buenos Aires: AGN Sala IX, 6-101.

guaranis em mão-de-obra especializada e contribuíram para a sua inserção nas cidades coloniais espanholas. Carpinteiros, ferreiros, escultores, entre outros, trabalharam em várias construções das cidades e das fortificações espanholas (Neumann,1996:58-63). Isto ocorria mesmo durante o período da administração jesuítica, pois após a expulsão dos missionários e a desestruturação dos povoados, tornou-se mais comum a presença de guaranis das Reduções nas cidades coloniais vendendo sua força de trabalho.

4.1.3. O Cemitério

A população das Reduções jesuíticas atingiu, em alguns casos, a marca dos 7.000 habitantes. Entre outras coisas, esta situação implica em problemas de reserva de um espaço para os enterramentos dos falecidos. Dentro da transformação cultural ocorrida com os guaranis nas Reduções destaca-se também a mudança em seus hábitos funerários. Os sepultamentos guaranis eram tradicionalmente realizados em grandes recipientes cerâmicos, onde o cadáver era depositado em posição fetal:

> "(...) *Julgavam os guarani que ao corpo já falecido a alma acompanhava na sepultura, embora separada. E assim, muitos enterravam seus mortos numas urnas grandes ou talhas, colocando um prato na boca, para que naquela concavidade a alma estivesse mais acomodada, ainda que aquelas vasilhas eles as enterrassem até o gargalo. E quando enterrávamos os cristãos na terra, acudia de jeito muito dissimulado uma velhinha munida de uma peneira assaz curiosa e pequena, e, da mesma forma velada ou fingida, agitava a tal peneira pela sepultura, como se tirasse qualquer coisa. À vista disso, diziam os índios que com isso tiravam a alma do defunto, para ela não padecer enterrada com seu corpo*".
>
> (Montoya,1985:54)

Em substituição a estes costumes, introduziu-se o sepultamento horizontal. O local dos enterramentos passou a ser concentrado nos cemitérios. Estes localizavam-se ao lado do templo, fazendo parte do conjunto composto com o claustro e o pátio dos artífices:

> "*Es notable constatar la preocupacíon de los jesuitas por constituir un cementerio como elemento importante y continuación del espacio sacro, ya que se lo ubica adyacente a la Iglesia. Más extraordinário resulta cuando constatamos que recien en 1787 en España el Rey dispone oficialmente que se hagan en todos los pueblos cementerios y se abandone la costumbre de enterrar en los templos.*[60]

Este costume de realizar sepultamentos no interior dos templos também ocorria nas Reduções, porém estava restrito apenas aos padres e alguns caciques mais importantes. O restante da população era sepultado no cemitério. Ao contrário dos padres, cujo corpo era introduzido em um ataúde, os índios eram sepultados envoltos em uma mortalha de algodão (Haubert,1991:289). O padre Sepp descreveu o sepultamento de crianças em São João:

> "(...)*o pequeno defunto é levado por seis gênios ou anjos alados que seguram nas mãos flores e velas(...) No caminho para a igreja, no lugar de lamentações fúnebres, os músicos cantavam(...), convidando os jovens e as donzelas a louvarem a Deus...*"
>
> (Sepp,1980:178-79)

Os cemitérios estavam divididos em quatro partes para homens e mulheres, meninos e meninas, com parcelas de capacidade variáveis. Internamente possuíam ruas em cruz demarcadas por árvores e canteiros de flores. Além disto, o cemitério tinha telhados que protegiam as laterais internas da chuva e do sol. Havia uma grande cruz

60. Gutierrez refere-se à Real Cédula de S.M. y Señoras del Consejo en que por punto general se manda restablecer el uso de cementerios ventilados para sepultar los cadáveres de los fieles... Madrid. Por Don Pedro Marín. Año 1787. In: GUTIERREZ, Ramón. Estructura socio-política, sistema productivo y resultante espacial en las misiones jesuíticas del Paraguay durante el siglo XVIII. Asunción, Estudios Paraguayos, vol. II, nº 2, 1974. (p.132).

no cruzamento das ruas. Estas características podem ser verificadas na descrição de Saint-Hilaire sobre o estado do cemitério de São Nicolau no início do século XIX:

"*Junto à igreja fica o cemitério, cercado de muros e plantado de laranjeiras. O telhado da igreja, prolongado e sustentado em colunas, em forma de um largo alpendre sob o qual há também sepulturas. Sobre vários túmulos há pequenas pedras quadradas com inscrições em guarani. São os mais simples epitáfios, pois indicam apenas o nome do morto e o ano do falecimento*."

(Saint-Hilaire,1974:142)

Quando ocorriam óbitos eram celebradas missas em homenagem ao falecido. Os enterramentos eram gratuitos, porém é possível que tenha existido o costume de os paroquianos levarem algumas oferendas ao padre, como pintos, ovos, milho, legumes ou frutas. Estas seriam distribuídas aos pobres e aos enfermos após o final dos ofícios funerários (Haubert,1991:287). O ritual que antecedia o enterramento pressupunha o uso de capelas. Os defuntos não deveriam ser levados diretamente para a porta da igreja, mas sim antes a uma capela situada em uma das esquinas da praça. Neste local deveria ser erguida uma armação de madeira em forma de galpão, para que o cadáver ali permanecesse antes do sepultamento. Gutierrez acredita que esta recomendação foi seguida no século XVIII através da instalação das capelas na praça enfrente a Igreja (Gutierrez,1974:133).

Algumas capelas foram instaladas no interior dos cemitérios. Em São João Batista o Padre Sepp coordenou a construção de uma capela octogonal, inspirada no modelo da Capela de Altoetting, que havia conhecido na Europa. Esta capela possuía uma cúpula de madeira de cedro e paredes de pedra. As portas de cedro foram esculpidas com figuras de caveiras. Isto demonstra, segundo Gutierrez, a flexibilidade com que podiam ser encaradas estas construções.

"*Después de terminar el tabernáculo, construí cerca de la iglesia parroquial en el cementerio de los indios una capilla octogonal según el modelo de la capilla de Altoetting, la cúpula en su parte*

> *interior de madera de cedro, las paredes de piedra. El edificio no construyó con cal, pues hasta hoy no la conocemos en nuestra comarca, pero junté la cantería tan firmemente que no cede a las tempestades ruigentes(...) Arriba, en la cúpula de esta capilla, hice ocho ventanas ovaladas que dejan entrar la luz del dia libremente. La puerta de dos hojas está confeccionada de madera de cedro, en la cual el cincel del escultor talló varias calaveras con su osamenta.*"
>
> (Sepp,1973:256)

Esta capela do cemitério de São João é descrita em um documento do final do século XVIII como possuindo sete estátuas: dois Santos Cristos, uma Virgen de las Dolores, um San Juan, um San Miguel, um San Joaquin e um San Ignacio.[61]

Além dos cemitérios no interior do núcleo urbano, havia os cemitérios das capelas nas estâncias e nos caminhos. Estavam destinados aos sepultamentos ocorridos nestes locais e que inviabilizavam muitas vezes o transporte dos mortos devido as grandes distâncias. Alguns destes cemitérios continuaram sendo utilizados após a desestruturação das Reduções pela população rural:

> "*Afastado alguns metros da capela, existia o cemitério murado a pedras. Desses ainda existem os da citada capela de São José, o da de Santa Bárbara, o de São Thiago, São Pedro Tujá e outros*."
>
> (Silveira,1979:13)

Alguns cemitérios foram instalados provisoriamente longe dos núcleos urbanos quando ocorriam pestes e epidemias. A documentação conhecida não permite determinar a forma que assumiram estes locais. Sabe-se apenas que destinavam-se a impedir o contato entre os cadáveres e seus parentes, pois estes tinham o costume de revolver as sepulturas e retirar os ossos, transferindo-os para outros lugares, o que era combatido pelos jesuítas.

61.*Compulsa de los autos originales del inventario del pueblo de San Juan*, datada de 4 de agosto de 1798. ANC - fondo jesuitas - vol.140.

Após a partida dos jesuítas em 1768, alguns costumes se alteraram. Isto atingiu também as cerimônias funerárias. Ao invés dos comedidos atos fúnebres do período jesuítico quando morria um recém-nascido, durante a administração espanhola realizava-se um baile. Quando o falecido era uma pessoa idosa, o velório era realizado jogando-se cartas. O perdedor deveria recitar um número de avemarias pelo falecido (Haubert,1991:304). No entanto, a instalação de cemitérios em todos os povoados, tal como havia nas Reduções, foi recomendada, pois os cemitérios externos estavam sendo utilizados pela população:

> "*...debe informar a V.E. que desde el tiempo de los jesuitas se hallan establecidos cementerios fuera del poblado en la mayor parte de los pueblos guaraníes de los que usaban aquellos Padre en la fatal época de la peste de viruelas y en todos los fieles que allí mueren, a excepción de los caciques capitulares y algunos españoles de facultades que suelen enterrarse dentro de las Iglesias*"[62]

Após a expulsão, aumentou o enterramento de caciques e espanhóis no interior do templo como forma de prestigiar as autoridades que administravam as Reduções neste período. Em 1855 o cemitério de São João Batista continuava em uso:

> "*À direita da igreja ficava e ainda existia o cemitério, notando-se algumas sepulturas novas, com as cruzes que assinalavam. Eram de alguns dos poucos moradores extintos. A capela mortuária, que ali existia, achava-se completamente desmoronada.*"
>
> (Silveira,1979:180)

Atualmente, são poucas as sepulturas recentes em São João Batista. Mas seu cemitério possuí muitos sepultamentos de moradores locais cujos parentes ainda vivem na região. Da capela referida pelos cronistas nada mais resta.

62. Governador Velazco respondendo ao Vice-Rei Sobremonte em 1806 sobre a recomendação de instalar cemitério em todos os povos: (AGN, Sala IX, 5-V-1. 11.06.1806.)

4.1.4. O Cotiguaçu

Dentre as estruturas urbanas existentes nas Reduções e que não se verificavam nas cidades coloniais espanholas está o Cotiguaçu. Este era um local de recolhimento para viúvas e órfãs que eram assumidas em seu sustento pelo restante da comunidade. Também eram instaladas neste local as mulheres dos homens que haviam fugido ou que encontravam-se por um tempo prolongado fora da Redução por motivo de guerras ou trabalhos públicos. No entanto, há indícios de que as mulheres cujo comportamento não fosse considerado correto também eram "internadas" no Cotiguaçu. As atividades no interior deste prédio parecem estar relacionadas com a confecção de bordados e costuras dos vestidos oficiais dos homens com cargo público e paramentos para a igreja. Isto não impedia a existência de alfaiates nas Reduções. Outra denominação que é utilizada freqüentemente na bibliografia para o Cotiguaçu é a de Casa das Recolhidas (Furlong,1953,Hernandez,1913,Bernardi,1958).

Não havia um lugar prefixado ou definitivo para o Cotiguaçu no traçado urbano das Reduções. No entanto, a julgar-se por aqueles cujos remanescentes arquitetônicos ainda perduram ou pelas indicações iconográficas conhecidas, de modo geral se encontrava próximo ao cemitério e a praça (Gutierrez,1974:136-37). Os motivos das possíveis variações de localização podem ser entendidos em estudos da topografia dos relevos locais de cada Redução. No caso de São João Batista, a declividade existente no terreno ao lado do cemitério parece ter determinado a instalação do Cotiguaçu ao lado da praça central. Também as dimensões e os materiais construtivos destes prédios variavam. Os Memoriais Provinciais de 4 de setembro de 1714 determinavam que em San Ignacio Mini:

> "*Faça-se uma boa casa, forte, de pedras e cimento, 3/4 ou uma vara dela também de pedra e o restante de adobe, para recolher as viúvas e órfãs. Tal casa terá duas divisões capazes: uma para as viúvas casadas outra para as demais. Terão também seu pátio, porta comum e porteiro de fora com uma chave, e com cha-*

ve distinta por dentro que terá uma porteira anciã responsável para fechar bem a casa e o pátio."

(Furlong,1962:167)

A característica mais marcante da arquitetura do Cotiguaçu era a existência de um pátio interno, característica tradicional da arquitetura espanhola. A comunicação com o exterior dava-se através de uma única porta. Um porteiro controlava a movimentação de entrada e saída das residentes. A porta teria trancas internas e externa, ficando as chaves do interior de posse de uma anciã e do exterior com o Padre (Haubert,1991:268). Segundo Haubert, o local onde as mulheres do Cotiguaçu lavavam roupa ou buscavam água deveria ser afastado das demais mulheres. O ideal seria a construção de um poço no interior do Cotiguaçu. Até o presente momento a arqueologia nas Missões jesuíticas, tanto no Brasil, como no Paraguai e na Argentina, ainda não revelou a existência de poços de água ou cisterna no interior do Cotiguaçu.

O Cotiguaçu deve ser pensado dentro da lógica de conformação da sociedade Guarani a novos hábitos e valores morais introduzidos pelos jesuítas. A prática cultural dos Guaranis de estabelecer laços matrimoniais que estendiam-se às primas e irmãs das esposas contrariava a idéia de uniões monogâmicas e famílias nucleares como desejavam os padres. Entre os costumes guaranis estavam o sororato (um homem casar-se com várias mulheres que sejam irmãs entre si), o levirato (o costume do homem casar-se com a viúva do irmão), além da adoção de meninas como filhas ou sobrinhas, quando estas tornavam-se órfãs e estavam ligadas ao cacique por laços de parentesco. Podiam ainda ser adotadas como futuras esposas. Em menor escala poderia haver a união entre uma mulher mais velha e um jovem menino (Soares,1997:99-112). Neste sentido, as "viúvas" tornam-se um problema, pois estariam liberadas para unirem-se a seus cunhados. Todas estas relações implicam em uma estratégia por parte dos jesuítas de romper com esta mobilidade das meninas órfãs, das viúvas e das mulheres solteiras em idade avançada. Isto poderia levar a criação do Cotiguaçu, como um local apropriado para manter as pessoas que se encontrassem em situações previstas dentro da cultura guarani (como

as órfãs, viúvas e descasadas) e com soluções também previstas (como o sororato, o levirato e as adoções de meninos e meninas para futuros matrimônios).

A eliminação da livre circulação de viúvas e meninas órfãs através da instituição de um local que restringisse sua liberdade atenderia à necessidade de evitar relacionamentos poligâmicos na Redução. Não se tratava de uma prisão no sentido punitivo do termo, mas de certa forma apresentava-se como tal na medida em que "prendia" sob os cuidados da comunidade mulheres que não pudessem estabelecer um novo casamento monogâmico. Não fosse este caráter de cerceamento da liberdade o Padre Machoni não teria porque salientar, em 1740, que:

> "*el Cotiguazú no es cárcel sino Casa de Recogidas especialmente para muchachas huérfanas*"
>
> (Gutierrez,1974:136,nt:89).

Após a expulsão dos jesuítas em 1768 o Cotiguaçu parece ter sido desativado como área de reclusão das mulheres viúvas e meninas órfãs. No entanto, a idéia de controlar o comportamento feminino a partir do isolamento em uma área determinada e da dedicação a uma atividade que as mantivesse dentro do espaço urbano da Redução permaneceu:

> "*Se han hecho con mi industria y desvelo, sesenta tornos de madera para hilar en los que se ocupan otras tantas muchachas solteras que estas se hallan recogidas en un salon dentro del Colegio, y de este modo no van a los trabajos del campo, que es improprio en su secso tan delicado, y se va continuando en hacer mas numero de tornos para yrlas recogiendo a todas, pues ademas de que daran mas utilidad a la comunidad con los hilados, tendran amor al recato y cuidaran de su onestidad, con algun tanto mas de civilisacion, que estas se iran conseguiendo con el tiempo*."[63]

63.Relación de lo adelantado a beneficio de esta comunidad en este año. San Juan, 31 de dezembro de 1791 e 2 de fevereiro de 1792. dministrador Nicolas de Atienza. AGN, sala IX, 17-3-6.

É interessante notar esta introdução de "tornos de hilar" de madeira. Tratam-se possivelmente de rodas de fiar, que teriam como objetivo agilizar a produção e aumentar a quantidade de fios confeccionados pelas mulheres. Este relato refere-se a São João Batista no final do século XVIII, já sob administração civil espanhola. Não faz referência ao Cotiguaçu como recolhimento de mulheres. O Cotiguaçu de São João Batista, como dito acima, segundo as iconografias conhecidas, localizava-se junto a um conjunto de casas no lado oeste da praça. Não há vestígios significativos na superfície do terreno que confirmem esta localização. As fotografias áreas realizadas no decorrer deste trabalho não puderam permitir a visualização de estruturas soterradas. Apenas uma suave marca no solo sugere a existência de uma construção no local. Porém ainda não é suficiente para precisar o local exato do Cotiguaçu. Em 1987, algumas sondagens feitas a partir da informação iconográficas demonstraram a presença de material construtivo, como telhas, neste local.

Os levantamentos topográficos realizados em São João Batista durante as escavações coordenadas por Arno Kern em 1990, comprovaram um declive ao lado do cemitério que poderia ter inviabilizado a construção do Cotiguaçu neste local. Daí a sua instalação junto às casas e à praça. Estes levantamentos deram origem a uma planta na qual foi inserido um desenho de um local onde seria o Cotiguaçu. O desenho sugere que o terreno, em 1974 (ano de realização destes levantamentos) possuía claras elevações em forma retangular. No entanto, não há fotografias que comprovem este fato. É possível que tais vestígios mais aparentes tenham sido destruídos pela ação de agricultores sabidamente ocorrida em São João Batista antes da intervenção do Patrimônio Histórico Brasileiro.

Apesar de aparentemente equivocado quando confrontada com outras documentações, há este relato da segunda metade do século XIX que Hemetério Velloso faz de construções ao lado do cemitério de São João Batista: "*Depois do cemitério era o hospital e a cadeia, porém só eram visíveis os alicerces, o mais desaparecera.*"(Silveira, 1979:180)

Provavelmente fotografias aéreas com filmes infravermelhos e novas prospecções e sondagens nas áreas indicadas pela documentação escrita e iconográfica poderiam determinar com mais precisão a

localização do Cotiguaçu de São João. É interessante notar que o Inventário de São João Batista de 1784[64] refere-se a duas *Casas de recogidas*, embora em outras documentações conhecidas não haja referência a existência de dois Cotiguaçus nesta Redução.

4.1.5. O Cárcere

Além do Cotiguaçu, que como visto era uma estrutura de reclusão, havia ainda o cárcere da Redução:

> "(...) *passando os ditos povos aos padres da Companhia de Jesus no estado de seu regime e governo político a conservar os cárceres públicos com prisões e bastante garantia.(Em todos os povos há estes cárceres e tronco na praça e as mulheres delinqüentes são colocadas na Casa das Recolhidas por cárcere e com grilhos. Há também cepo)*"
>
> (Cardiel,1984:102).

O cárcere, como estrutura independente, existia em alguns povos para as condenações referentes a crimes mais graves. Também havia o cepo onde eram agrilhoados aqueles cuja punição assim o exigisse. O cepo era chamado de *ibiraquá* pelos guaranis, referindose ao pau com furo; o cárcere era chamado de *ibiraquaoga* denominando a casa do cepo, e o tronco era chamado de *ibirayopoquahá*, ou seja, a coluna onde os homens são atados pelas mãos. Já existiam cárceres nas Reduções no final do século XVII, mencionados no Regulamento de Doutrinas, aprovado por Tirso Gonzalez (Furlong,1962:376). Haubert considera que o Cárcere localizava-se próximo à praça ou no interior do conjunto claustro-oficinas. O responsável pela prisão seria nomeado pelo corregedor e os alcaides (Haubert,1991:243). Segundo Durán Mastrilli, durante a primeira metade do século XVII, em nenhuma Redução era permitido colocar condenados no cepo sem a ordem expressa do Padre Provincial (Furlong,1962:375).

64. Ver Anexo I AGN Sala IX, 22 - 8 - 2

4.1.6. A Quinta

Localizada atrás do conjunto formado pela igreja, o claustro e o pátio dos artífices, a Quinta das Reduções era um local destinado ao cultivo de diversos tipos de hortaliças, frutos e ervas. De maneira geral, identifica-se esta produção com os alimentos consumidos pelos Padres. Os produtos cultivados eram muito variados:

> "*salada de endívia bem amarela, uma crespa e outra não; além disso, salada repolhuda, da Bolonha, chicórea, pastinaga 22, espinafre, rabão miúdo e graúdo, repolho, couve nabeira, nabo bávaro, que trouxe de Munique, salsa, anis, funchão, melões, coriandro, pepinos e outras plantas indianas. Na horta das ervas tenho hortelã, arruda , alecrim, etc. A pimpinela foi devorada pelas formigas. No jardim das flores tenho lírios brancos, lírios indianos, girassol, malme-quer, violetas amarelas e azuis, esporeira, chagueira e lindas flores indígenas. No vergel tenho macieiras, pereiras e nogueiras(...) Além disso, tenho pêssegos, romãs, limas doces e azedas, limões doces e azedos, marmelos e mais frutas indígenas muito boas.*"
>
> (Sepp,1980:65-66)

Além destes produtos podiam ocorrer também palmeiras, umbus e toda espécie de legumes importados da Europa. As flores poderiam ser tanto originárias das terras americanas, como européias (Furlong,1962:258, Haubert,1991:219).

A extensão da quinta tinha a largura aproximada dos dois pátios, do claustro e das oficinas (Cardiel.1984:100), e às vezes chegava a 200 por 300 m ou mais, ou seja entre cinquenta e cem mil metros quadrados. Certos pomares de fácil cultura, como os laranjais e pessegueiros, também se cultivaram fora da quinta. Esta destinava-se 22 Conforme nota do tradutor, a pastinaga é a pastinaga umbelífera , cuja raiz branca, parecida com a cenoura, fornece um legume, trazida para América pelos jesuítas e a pimpinela é também chamada de sanguissorba, uma planta do gênero das rosáceas de gosto aromático, servindo para temperar saladas. também ao espairecimento dos padres. Isto pode ser relacionado aos costumes verificados nos conventos e colé-

gios da Companhia de Jesus. Um muro de pedra ou às vezes de uma taipa de barro com telhado de palha ou telhas cercava a quinta em toda a sua extensão. O telhado do muro serviria para impedir a destruição do barro pela chuva (Bruxel,1959:112). A altura deste muro poderia chegar a 4m, conforme verificada na Redução de Santana (Poujade,1995:47). Em alguns casos também poderia ocorrer obras de irrigação e drenagens:

> "*El agua almacenada en los estanques del huerto, que se recuperaba a través del subsistema colector que desaguaba la techumbre del templo, colegio y talleres, fue utilizada para regadio. (...) Los ramales del subsitema colector de agua recuperados en el huerto, están conectados con el próprio de los talleres. (...) El camino que atraviesa el huerto, construido por colonos (siglos XIX - XX), taponaba el ramal de canaleta que desaguaba el predio extra-muros, (...)*"
>
> (Poujade,1995:48)

A produção da quinta poderia constituir-se em uma propriedade coletiva, embora parte estivesse destinada ao sustento dos padres (Cardiel,1984:114). Nela eram cultivados parrerais com a finalidade de obter-se uvas para o vinho. Segundo Sepp, as plantações de uvas que possuía na quinta de São João Batista:

> "*(...) por desgraça atraem muitos pássaros, como pombas selvagens, vespas e sobretudo formigas, apesar das crianças queimálas muitas vezes ao dia. O vinho é insalubre: é necessário acrescentar cal para que evite tornarse vinagre*".
>
> (Sepp,1980:88)

A quinta era o único espaço de produção horticultora no interior do traçado urbano. Junto com a igreja, o claustro e as oficinas, servia de limite para o crescimento do povoado em um de seus quatro lados. Desta forma, constituía-se como parte característica do urbanismo jesuítico nas Reduções. No caso da quinta de São João Batista percebe-se o seu desalinhamento em relação ao conjunto central. Isto

deve-se em parte ao relevo local. Não existem registros da ocorrência de sistemas de irrigação ou drenagem neste local, o que não significa que não havia tal sistema, porém nenhum estudo foi feito neste sentido. Uma área cercada de forma quadrada, localizada atrás das oficinas, avança para dentro da Quinta. Não é possível afirmar se esta estrutura era original do período jesuítico ou foi incorporada em épocas posteriores. A iconografia conhecida da Redução, além de representar a quinta em perfeito alinhamento, não apresenta esta estrutura. No século XIX a quinta era utilizada como curral de animais, o que pode ter popularizado o nome de curralão, como as vezes é referida.

> "*Os animais de montaria e carga foram recolhidos à antiga quinta dos padres. Aí, apesar das laranjeiras, dois pés de pinheiros e pessegueiros, nascidos ao acaso, havia pasto. Era esse potreiro onde os poucos moradores da redução e alguns raros viandantes, como éramos, seguravam seus animais*"
>
> (Silveira,1979:181)

O Inventário de São João Batista de 1784[65] descreve a Quinta de São João Batista como tendo 275 varas de frente e 206 varas de fundo.

4.1.7 Casas dos índios

As casas onde residiam os indígenas nas Reduções demarcaram uma grande diferença em relação às demais moradias que se verificavam nas cidades coloniais espanholas. Esta diferença dava-se sobretudo em função da forma adotada para estas habitações, que refletia, em parte, as casas dos guaranis anteriores à vida nas Reduções. A casa nas aldeias indígenas da região platina não era uniforme e variava de acordo com os distintos grupos. Os índios na nação Guaicuru que se localizavam próximo à cidade de Assunção, do outro lado do Rio Paraguai: "para casa usam umas peles de vaca, e assim elas são portáteis".(Montoya,1985:45) Sepp descreve as casas de índios Yarós que pode visualizar quando viajava pelo rio Uruguai:

65. Ver Anexo I AGN Sala IX, 22 - 8 – 2.

> "*A quinze passos da margem vimos suas cabanas, que não passam de simples paredes de junco trançado e armados do lado donde sopra o vento. Os utensílios domésticos e culinários consistiam de porongos ocos , com que buscavam a água do rio. Estavam esparramados no chão e não havia telhado por cima. Em vez dum espeto ou duma frigideira , usavam de duas varas. Sua cama era uma pele de tigre ou boi, deitada no chão nu(...). O feiticeiro e cacique-mor tinha cama pouco melhor, cama feita de fio trançado como rede de pescar, e estendida ao ar entre duas árvores, de sorte que o cacique podia dormir seguro das cobras e sapos(...).*"
>
> (Sepp,1980:53)

As casas dos Guaranis eram feitas de materiais construtivos perecíveis, como palha e bambu. Isto reflete o caráter temporário de suas aldeias. As aldeias localizavam-se em meio às florestas subtropicais, onde a matéria prima para as construções era abundante:

> "*Moravam os índios antes da sua conversão, em aldeas, em ocas ou casas mui compridas, de 200, 300 ou 400 palmos, e cincoenta de largo, pouco mais ou menos, fundadas sobre grandes esteios de madeiras, com as paredes de palha ou taipa de mão, cobertas de pindoba, que é certo genero de palma que veda bem agua, e dura 3 ou 4 anos. Cada casa destas tem 2 ou 3 buracos sem porta nem fecho: dentro nellas vivem logo cento ou duzentas pessoas, cada casal em seu rancho, sem compartimento nenhum, e moram duma parte a outra, ficando grande largura pelo meio, e todos ficam como em comunidade.*"
>
> (Cardim,1939)

Em alguns casos podia ser utilizado o barro como material ligante da composição das coberturas exteriores das casas. Habitavam no interior destas casas grupos numerosos correspondentes aos membros dos Tevys, ou famílias extensas.

> "*(...)as casas são construídas de uma matéria composta de lodo e palha, são redondas ou alargadas e de tal magnitude que, às vezes, uma só constitui uma aldeia. Quando aumentava o número de inquilinos, alargavam a casa existente. Esta não possuía nenhuma separação*".[66]

As casas guaranis podiam variar a distribuição interna no comprimento, abrigando diferentes configurações familiares. Em geral, com uma mesma largura, os comprimentos podiam variar para dar lugar a mais famílias, ou haver rearranjos internos, já que não havia paredes a serem removidas. A mobilidade no interior das casas não tinha impedimentos e o espaço de cada unidade familiar (pai, mãe, filhos) estava balizado pela presença de esteios de madeira, onde eram estendidas as redes de dormir. É possível que a casa guarani tivesse um diferencial em relação às casas tupi. A separação entre elementos verticais e horizontais, ou seja, teto e paredes. No caso guarani, a estrutura do teto poderia estar separada das paredes antes ainda do convívio com espanhóis. No entanto, isto pode ter ocorrido após o contato com os europeus (Medrano,1992:39).

Dentro das Reduções algumas características destas casas guaranis foram mantidas nas habitações ocupadas pelos índios. Como visto anteriormente, as casas erguidas durante a fundação de um novo povoado podiam guardar enormes semelhanças com as casas das aldeias guaranis. Eram construídas provisoriamente com paredes de bambu e taquara e cobertas de palha. No entanto, depois de um certo tempo davam lugar a novas casas, feitas com fundações de pedras, paredes de adobes, e madeiramento de lei, quando havia material. Este parece ter sido o caso de Redução de Trinidad, fundada em 1706, pois os Memoriais Provinciais de 4 de setembro de 1714 determinavam que:

> "*as casas que se fizerem de novo para os índios, serão de cimento e 3/4 ou uma vara delas de pedra e o demais de adobe. Devem*

66.Descrição feita pelo Padre Nicolas Techo apud FURLONG . G. Misiones y sus pueblos guaranies p.78

> *ser substituídas as palhas por telhas para evitar incêndios. E para que isto possa ser executado, que terminem os fornos de telhas*".
>
> (Furlong, 1962:167)

A preocupação com a finalização dos fornos para fabricação das telhas, passados já oito anos desde a fundação de Trinidad, se justifica. Além do perigo de incêndio, as coberturas de palha, em pouco tempo deixavam cair a água sobre os tijolos de barro das paredes, que desmanchavam-se, pois eram feitos de barro seco, não queimado (tijolos de adobe). A substituição por telhas queimadas nas coberturas e a instalação de um corredor coberto por todos os lados, fazia com que as paredes pudessem resistir por muito mais tempo (Bruxel,1959:110). Quando ocorria a chegada de grupos e famílias novas no povoado, construía-se choupanas de palha, onde ficavam morando alguns meses, talvez um ano, até que houvesse condições de oferecer uma casa feita com materiais mais duradouros (Bruxel,1959:118). O convencimento dos guaranis em aceitar as novas residências não parece ter sido tão simples quanto possa aparentar. Os missionários providenciavam casas com:

> " (...) *sete varas quadradas [cerca de 5,5m2] com porta e janela. (...)Não querem os índios casa melhor que esta; e alguns nem as querem tanto. Os padres as constroem para assim por força metê-los em alguma polício (...) Se deixam ao índio, nunca faz mais que um pequeno aposento de cinco varas quadradas ou menos com paredes de meio pé de madeira grossa, barro e canas, e coberta com palha*".
>
> (Cardiel,1984:98-99)

Cardiel destaca ainda a regularidade buscada para o conjunto destas construções:

> "*Todas las casas de los indios son también uniformes: ni hay una más alta que otra, ni más ancha ó larga; y cada casa consiste en*

un aposento de siete varas en cuadro como los de nuestros colegios, sin alcoba, cocina o retrete."

(Cardiel,1994:39)

Nas reduções, apesar da manutenção da moradia familiar, a casa Guarani passou gradualmente a contar com divisões internas. Isto inviabilizava a mobilidade no interior da residência, fragmentava a família extensa e obrigava as novas construções, no caso de uma aumento populacional, pois não era possível descaracterizar o traçado urbano, aumentando casas e avançando sobre a rua. Sobre as técnicas construtivas dos componentes das casas há várias recomendações feitas pelo Padre Sepp. A confecção de telhas previa uma série de procedimentos, desde o tratamento do barro, passando pelos moldes e pelo cozimento, até a instalação nas casas:

"*Para que o barro seja bem amassado como o pão, devem entrar no barral, pelo menos durante três dias seguidos, pela manhã e à tarde, as vacas ou touros do iucapi ou seja os bois mansos. Com isto as telhas resultam mais fortes, sem quebrar-se no forno. As telhas, que nos lados ou na porta do forno algumas vezes, conforme o vento, costumam não queimar bem, colocam-se depois na fornalha no centro do forno.*"

(Sepp,1958:47)

Os moldes e o cozimento:

"*...consiste en cuatro maderitas delgadas que nuestros carpinteros preparan en el tamaño correspondiente. Se coloca luego sobre una tabla bien cepillada y el ladrillero la llena de barro que los toros vienen de pisar y afirmar, lo apilan en debida forma hasta las cuatro esquinas y lo alisa para que no exceda del marco. Después se seca el contenido y el ladrillo húmedo se pone con cuidado en el suelo, es otra vez pulido con listones de madera y finalmente, cuando se ha secado, es metido en el horno. Si sopla el viento sur que es demasiado caluroso, los ladrillos que no se han secado del todo se rajan, así que no sirven más; o si el frío se apodera del barro húmedo, esté se contrae demasiado in-*

> *tensamente y se encoge, de modo que se echa también a perder. Y si los ladrillos están demasiados secos, se rompen facilmente y caen en pedazos*"
>
> (Sepp,1973:259)

A cobertura dos telhados:

> "*Afim de colocar bem as telhas contra os ventarrões dividem-se em três partes: duas partes em cima e uma parte fora. As telhas sobre as cumieiras devem ser maiores e mais largas que as dos canais, a fim de cobrir e abraçar todo o cablete ou seja o ogapirita. As telhas do cabrante devem ter canal duplo, isto é, duas telhas grandes, porque aí se juntam águas*".
>
> (Sepp,1958:48)

A questão principal que envolve as casas dos índios nas Reduções está no fato de elas terem se diferenciado das tradicionais casas das cidades espanholas. As *Leyes de Indias* previam para as novas fundações na América colonial hispânica quadras com quatro solares cada. Estes solares deveriam possuir um pátio interno, na forma de uma pequena horta particular. Nas Reduções isto não ocorreu. As quadras foram substituídas por casas-pavilhões que, na forma de um único bloco, eram cercadas pelas ruas por seus quatro lados. Parece equivocado considerar estas casas como quadras. Na realidade, as Reduções não possuíram quadras, mas sim o conjunto das casas, distribuídas espacialmente de maneira uniforme a partir de três lados da praça central. As hortas particulares dos indígenas passaram a ser instaladas fora deste traçado, em torno do núcleo urbano da Redução. Gutierrez analisa as casas classificando-as dentro do esquema manzana-isla, que considera típico da área guaranítica e, sobretudo, das Missões. Reconhece a idéia de galeria (área de circulação coberta) como uma demonstração do sentido comunitário da vivência, pois trata-se de um espaço que "*es a la vez espacio privado y público*".(Gutierrez,1974:125) As descrições confirmam este isolamento dos blocos de casas no lugar das quadras:

> "*Cada um dos três lados da praça é formado por dois corpos de construções, separados um do outro por intervalos. Essas construções, cobertas de telhas, formam de cada lado largas galerias sustentadas por pilares de pedra. Tais edificações, divididas por paredes, formam várias casas que eram habitadas pelos índios, ao tempo dos jesuítas, e são constituídas por peças muito altas e de área quase quadrada de cerca de 20 palmos em todos os sentidos; não possuem janelas mas há duas portas, uma dando para a galeria da frente e outra para a dos fundos. Também não dispunham de comunicação interior, mas pelas galerias podia-se passar de uma a outra casa sem apanhar chuva ou sol.*"
>
> (Saint- Hilaire:1974:143)

A documentação pode, em alguns casos, apresentar estas casas como sendo divididas em dois blocos retangulares ligados um ao outro e cobertos pelo mesmo telhado, como nesta descrição:

> "*Cada quarteirão da praça e os a esta paralelos tinham cem metros de frente sobre quinze de fundo e era distribuído em vinte salas à frente e outras tantas à retaguarda, separadas por uma parede com um metro de espessura sobre a qual descansava a cumeeira. Cada sala era o alojamento de uma família, que o dividia interiormente com esteiras ou biombos de taquara. Para a saída e entrada tinham uma porta e ao lado desta uma janela de rótulos, como vimos em São João, São Luís e em São Borja, onde ainda existem conservadas duas casas desse tempo.*"
>
> (Silveira,1979:13)

Hemetério refere-se ainda a quarteirões de casas menores, os quais não podiam conter mais do que quatro habitações na frente. Esta descrição aponta para casas duplas geminadas. No entanto, é possível que este tipo de construção tenha sido feita em períodos posteriores à expulsão dos jesuítas, visto que as reformas eram comuns. Por outro lado, no caso de tratar-se de casas do período jesuítico, esta seria uma descrição de algo mais aproximado à uma quadra, embora não se verifiquem informações similares na maior parte da documentação escrita e iconográfica. Cardiel refere-se às casas dos índios da Redução de São Nicolau quando da chegada dos espanhóis:

> "*eram todas de cimento e uma vara de altura de pedra, o restante de adobe. O teto possuía bons telhados e os corredores tinham colunas de pedra, bem como os alpendres*".
>
> (Furlong,1962:140)

As Reduções fundadas na região do atual Paraguai não foram tão duramente atingidas pelo processo de disputa territorial estabelecido após a fundação de Colônia do Sacramento e agravado pelo Tratado de Madri de 1750. Desta forma, as construções puderam ser realizadas com alguns requintes que não se verificaram entre os Sete Povos da Banda Oriental do Uruguai. Isto refletiu-se inclusive nas casas dos índios:

> "*Y en el pueblo de la Santíssima Trinidad, son las casas de piedra de sillería, de piedras grandes, labradas en cuadro: y los soportales, de arcos de la misma piedra y labor. Y encima de cada puerta hay alguna piedra laboreada com alguna flor por ser piedra blanda, fácil de labrar.*"
>
> (Cardiel,1994:40)

A pedra blanda a qual se refere Cardiel é o arenito, também utilizado na construção da igreja de São Miguel Arcanjo. Saint-Hilaire observa as diferenças entre as casas das Reduções da Banda Oriental que conheceu na segunda década do século XIX:

> "*(...) as casas [da Redução de São Luís] são mais altas, que as dessas aldeias [São Borja e São Nicolau], mais claras e construídas com mais cuidado, sendo as galerias que as circundam sustentadas por pilastras de pedras. Também são pilastras de pedras que suportam as galerias do claustro, e várias construídas de uma única peça.(...) Nenhum vestígio resta da casa do cabildo. As únicas casas que ainda existem são as do redor da praça, na maioria em ruínas.*"
>
> (Saint-Hilaire,1974:147)

As colunas de sustentação do telhado poderiam ser de madeira ou de pedras. Estas últimas eram feitas com pilastras superpostas ou, em alguns casos, com uma pedra única com até 9 pés de comprimento, esculpida em forma cilíndrica ou quadrada. As paredes de adobe podiam ser caiadas de branco (Saint-Hilaire,1974:142). Em São João as casas foram sendo substituídas por construções em adobe com cobertura de telhas de barro:

> "*as casas formam ruas largas, como nas cidades européias, mas são de construção diferentes: são muito baixas, não têm assoalho de madeira, mas os índios moram no chão descoberto. Os muros [paredes] não são de pedra, mas de terra, que é socada. Os telhados são cobertos de palha, com exceção de alguns poucos, que, faz pouco tempo, cobrimos de telhas queimadas. As casas não têm janelas, nem chaminés, estão o dia todo cheias de fumaça e por isso todas pretas. Quando visito meus doentes, o que costumo fazer diariamente, quase me asfixio de tanta fumaça. (...)A porta da casa tem três palmos de largura e seis palmos de altura. Não é feita de tábuas, mas de couro de boi; nunca é fechada porque na casa não há nada que possa ser roubado. Ela vai ter à saleta, cozinha, dormitório e adega, porque são a mesma coisa, isto é, nada mais do que uma choça de palha trevosa. Aí dentro dormem pai e mãe, irmão e irmã, filhos e netos, quatro cachorros, três gatos, e maior número ainda de camundongos e ratos, e pululam os grilos e certos coleópteros, que no Tirol se chamam de baratas ou miriápodes.*".
>
> (Sepp,1980:69)

O Inventário de São João Batista de 1784[67] descreve que neste ano a Redução contava com 46 casas, das quais 16 haviam sido restauradas. As casas dos índios localizadas no lado da praça oposto à igreja e próximas à rua principal eram geralmente utilizadas como sede do Cabildo, administração indígena da Redução. Além das salas de reuniões dos cabildantes, possuía capelas que, segundo Peramás: "parecem ter sido as capelas da entrada da praça, onde se depositavam os cadáveres antes da sepultura". (Furlong,1962:199) O Inventário 1784,

67. Ver Anexo I - AGN Sala IX 22-8-2.

citado acima, descreve a presença de uma capela localizada junto à praça da Redução:

> "*(...) inclusive la casa nueva unida a la principal com la frente a la plaza, casa de Cabildo y Capilla de Santa Bárbara está con su retablo e imagen de dicha Santa y todas techadas de teja y las más con paredes de tapia francesa (...)*"

Em outubro e novembro de 1990 as escavações do projeto Arqueologia Histórica Missioneira em São João Batista dedicaram-se também à área das casas na extremidade norte da praça. A escavação deste local foi coordenada por Cláudio Carle e Fernanda Tocchetto, dividindo-se em duas áreas de intervenção, uma no lado sul e outra no lado norte. Um dos objetivos foi buscar a identificação das fundações do cabildo da Redução, cujas descrições da bibliografia e iconografias situam neste lado da praça. As áreas escavadas foram divididas a partir do sistema de quadrículas. Em ambas áreas escavadas foram evidenciados ladrilhos, blocos de basalto e arenito. Uma provável base de coluna foi identificada na quadrícula "A" da casa do lado sul. Não foi possível determinar a localização precisa das bases que sustentavam a capela sobre o Cabildo, o que poderia confirmar a hipótese de tratar-se realmente do Cabildo de São João Batista a área escavada na extremidade da praça (Soares *et al,*1990:12-13).

Em 1991 foi realizada uma intervenção arqueológica em uma das casas de São João Batista. O local da escavação foi escolhido a partir de pequenas evidências na superfície. Guiando-se pela iconografia existente no acervo do AGS-E, definiram a casa como a segunda casa da praça para sudeste e a primeira casa a partir do pátio dos artífices, para nordeste. A casa teria uma provável configuração em L, o que não ocorre na iconografia citada. A área definida constituiu-se com 50 m² (Souza,1991b:15-16). A escavação revelou uma estrutura com fundações de basalto e arenito. As paredes de adobe ainda encontravam-se no solo arqueológico. Haviam desabado e estavam bastante deterioradas. As paredes internas, também de adobe, encontravam-se igualmente desabadas no solo. Uma interrupção na parede interna foi sugerida como sendo uma porta aberta entre dois cômodos ou uma estrutura de sustentação no interior da parede. Os fragmentos de telha

encontrados eram de dois tipos: meia-cana e cumeeira. Dois solos de ocupação foram identificados, intercalados por uma parede de adobe desabada (Souza,1991b:21-22).

As informações obtidas nesta escavação puderam confirmar o material construtivo e as técnicas utilizadas nas casas. Também demonstraram ocupações distintas, com reaproveitamento de material e transformações na estrutura da casa. No entanto, a questão da configuração em L permanece em aberto. Novas intervenções poderiam analisar mais detidamente esta problemática. As informações iconográficas e bibliográficas não sugerem casas com tal configuração. Poderia ser um caso único, ou haveria outras possibilidades e liberdades para a distribuição e configuração espacial nas Reduções. A ilustração BNP-F registra 70 casas de cinco portas e 14 casas de sete portas. Nenhuma delas no entanto possuí a característica de uma forma em "L" ou "U". Em São Lourenço Mártir também foi realizada uma escavação em uma casa junto à praça desta Redução. Não foi possível determinar com precisão qual o material construtivo utilizado nas paredes desta casa, visto que, apenas as fundações permaneciam no local (Kern:1989b:127-28).

É preciso levar-se em consideração também as reformas posteriores ao período jesuítico, tanto sob administração espanhola, até 1801, quanto portuguesa após esta data. No final do século XVIII, em 1789-90, a administração civil espanhola promoveu a construção de novas casas em São João Batista:

> "*Igualmente se ha levantado otra ilera de casas con catorze cuartos de seis varas de ancho cada uno, todo con sus buenos corredores, y colunas de piedras, puertas y ventanas de cedro correspondientes y emmaderados hechos a toda costa en cuyo edificio se han gastado ciento cuatro mil cuatrocientos cinquenta y un adoves, y se halla acopiado mucho para otra cuadra que se va a empesar, cuyos cimientos, se han rellenado lla de piedras, y se dara razon en el siguiente año.*"[68]

No final do relatório do administrador de São João há uma lista para fins de cálculo do valor total dos bens móveis e imóveis do

68.Relación de lo adelantado a beneficio de esta comunidad en este año. San Juan,31 de dezembro de 1791 e 2 de fevereiro de 1792. Administrador Nicolas de Atienza. AGN, sala IX, 17-3-6.

povoado. Nela consta que foram construídas quatro fileiras novas de casas. Estas fileiras correspondem à uma quadra de uma única edificação com subdivisões internas como fica claro quando faz-se referência a "*las cuadras nuevas que se han hecho*".

As atividades de construção das novas casas tomavam todo o tempo dos índios e prejudicavam o andamento da produção de São João, acarretando na diminuição da quantidade de produtos enviados Administração Geral das Missões implantada pelos espanhóis:

> "T*odo el caserio de este pueblo esta arruinado y en terminos de que la mayor parte de la gente vive en el campo, de suerte que solo las cuadras nuevas que se han hecho en los dos años proximos pasados, y las que se estan haciendo, son las que meresen alguna atencion, que lo demas del pueblo todo esta arruinado, para cuya razon esta toda la gente empleada en hacer maderas y a copiar materiales para hirse levantando el pueblo, y por esta causa se hachan menos las remesas que en cada año de los anteriores se remitian a la Administracion General no les quedava tiempo para hacer casas, con cuyo motivo todo se ha ido callendo.*"[69]

Além das casas novas, havia outras casas no povoado, porém o relatório do administrador destaca que tratavam-se de casas de cana e barro e não faz menção à casas de adobe ou pedra:

> "*Los demas edificios del pueblo, como todo esta arruinado, y son las paredes de cañas y barro no se le puede dar ningun valor, porque de repente se vienen al suelo las cuadras enteras, y por de contado nada valen.*"[70]

Como é possível concluir a partir deste relatório, as condições gerais das casas no final do século XVIII eram precárias. Isto obrigou as autoridades a iniciar um processo parcial de reconstruções. Esta informação parece importante para as futuras intervenções arqueo-

69.Relación de lo adelantado a beneficio de esta comunidad en este año. San Juan,31 de dezembro de 1791 e 2 de fevereiro de 1792. Administrador Nicolas de Atienza. AGN, sala IX, 17-3-6.
70.Relación de lo adelantado a beneficio de esta comunidad en este año. San Juan,31 de dezembro de 1791 e 2 de fevereiro de 1792. Administrador Nicolas de Atienza. AGN, sala IX, 17-3-6.

lógicas nas residências indígenas do povoado, visto que, as casas escavadas podem tratar-se de períodos posteriores ao jesuítico. Embora o material construtivo não tenha sido alterado e, aparentemente pela descrição acima, tampouco a configuração o foi, é preciso pensar-se no material arqueológico associado. As ocupações espanhola e portuguesa introduziram novos costumes e materiais nas Reduções. Casas construídas com o fim específico de ocupações posteriores aos jesuítas podem indicar melhor estas questões. Também a remoção de materiais para outras construções pode explicar em parte o desaparecimento dos vestígios arqueológicos e as transformações das estruturas das casas:

"*Quanto as casas da cidade, dessas só existiam, em nossa primeira viagem, as das duas quadras ou quarteirões na face Norte da praça, numa das quais estava o edifício do cabildo, já bastante arruinado. Do lado leste estavam perfeitamente conservados os quarteirões com frente à praça e os que pela retaguarda ficavamlhe paralelos. Todas as demais casas ou haviam desabado, ou sido demolidas e muitos materiais transportados para construções das vivendas das estâncias, fundadas nos campos baldios desse distrito. As colunas que sustentavam o alpendre do colégio e das casas da povoação eram sextavadas com capitéis de ordem toscana. Onde a demolição havia sido completa, vimos algumas colunas ainda bem aprumadas, outras caídas por terra com suas partes componentes desagregadas. Pode-se notar sessenta casas, umas habitadas, outras podendo sê-lo, mediante alguns reparos. Não passava de quinze o número das famílias de índios que habitavam essa redução em ruínas. Uma das casas da praça era o depósito das poucas imagens salvas do incêndio da igreja, faltando a do padroeiro, talvez envolvida e consumida pelas chamas*."

(Silveira,1979:181)

A situação de progressivo abandono e desmonte das Reduções, evidenciada sobretudo através das casas indígenas, também ocorria nos outros povoados da Banda Oriental. Em São Borja as casas dos índios haviam praticamente desaparecido no início do século XIX. Restavam apenas aquelas ocupadas por luso-brasileiros. Os poucos habitantes indígenas ocupavam casas feitas de palha e madeira (Saint-Hilaire,1974:129-30). Apenas o retorno das campanhas arqueoló-

gicas em São João Batista, acompanhadas de amplos levantamentos documentais poderão retomar as questões referentes às configurações das construções e às sucessivas ocupações posteriores a 1768, quando da expulsão dos jesuítas.

As Casas da Roça

Se as casas no interior do núcleo urbano significaram uma transformação na cultura guarani, o mesmo não se pode dizer das casas existentes nas roças das Reduções. Embora situadas fora do traçado urbano, estas casas pertenciam aos guaranis missioneiros e eram ocupadas temporariamente durante as épocas de plantio e colheita. É importante perceber que estas casas eram construídas com características tipicamente indígenas, assemelhando-se às casas guarani anteriores ao contato. Apesar de habitarem casas com fundações de pedra, paredes de adobe e cobertura de telhas, os índios demonstravam um apego às casas tradicionais de sua cultura. Isto tornava-se claro quando tratava-se de erguer as casas nas áreas de horticultura fora do núcleo urbano:

> "*Si á ellos los dejan, no hacen más que un aposento de paredes de palos, cañas y barro como un jeme de anchas, con cuatro horcones más recios a los cuatro lado para mantener techo, y cubiertas de paja; y de capacidad no más que cinco varas de cuadro. De ésto gustan mucho: y en sus sementeras todas las tienen así: que además de la casa del pueblo, tienen otras en sus tierras. La del pueblo es de paredes de tres cuartas ó de vara de ancho, de piedra ó adobes: y los pilares de los soportales también de piedra; y de una solo cada uno en muchas partes; y todas cubiertas de teja*."
>
> (Cardiel,1994:40)

Isto deve-se, talvez, à provisoriedade destas casas da roça. Considerando-se o sistema de plantio, que previa a queima da vegeta-

ção no local da futura roça, pode-se inferir que havia trocas de locais após alguns anos. Desta forma, não seria necessária a construção de uma casa mais duradoura no local, visto que esta seria abandonada junto com a roça que não se mostrasse mais produtiva. Estes estabelecimentos temporários junto às roças podiam assumir dimensões que tornassem necessárias uma permanência mais prolongada. Sendo assim, surgiria também a necessidade da construção de uma capela para os serviços religiosos e também a presença de um controle administrativo:

> "*Todos los pueblos tienen algunos pagos o pueblecitos menores. En ellos hay una capilla para que ejerciten sus ejercicios religiosos y de piedad unas cuantas familias que viven en cada pago com un alcalde y mayordomo indio. Y así como todas las Doctrinas tienen esos pueblecillos campestres, así también cada indio particular se fabrica su cabaña en las sementeras de su propriedad privada o Abambaé, que a veces están bastante apartados del pueblo y a ellos se van por algún tiempo*."
>
> (Muriel,1918:134)

As casas da roça, se não eram conservadas e se destruíam nos períodos em que não havia trabalho na lavoura, obrigavam a uma constante reconstrução. Isto pode ter contribuído para a manutenção da técnica de fazer casas de palha ou pau-a-pique, apesar das gerações estabelecidas ao longo do tempo nas missões. Bruxel considera que estas casas da roça, feitas de material perecível poderiam estar sob inteira responsabilidade das famílias indígenas no tocante à construção, conservação, mudança, destruição e reconstrução. Sendo assim, esta casa se devia considerar, não da comunidade, como as demais existentes no núcleo urbano, mas da família indígena (Bruxel,1959:143-44). A necessidade de construir-se casas nas roças para a permanência no local podem indicar que algumas destas áreas de cultivo estavam distantes dos núcleos urbanos:

> "*Aparentemente en algunos pueblos las tierras de labor estaban lejanas ya que los guaraníes debían construir cohozas para pernoctar junto a sus cultivos. Como refiere el jesuíta Escandón, 'llegado el tiempo de preparar las tierras para la siembra se alzaba la mano de toda outra ocupación.*"
>
> (Gutierrez,1974:72)

Após a desestruturação das Reduções iniciada a partir da segunda metade do século XVIII, as casas da roça permaneceram como principais moradias dos índios. Isto deve-se ao gradativo abandono dos núcleos urbano e uma crescente ruralização da população indígena das missões. Saint-Hilaire descreve as casas que viu nos caminhos, fora dos núcleos urbanos no início do século XIX:

> "*As palhoças dos índios são demasiado pequenas e muito mal arrumadas, nelas se vendo apenas espigas de milho dependuradas de varais, um pouco de algodão, abóboras, uma rede, alguns molambos, uma marmita, uma chaleira para fazer mate, alguns banquinhos e catres forrados de tiras de couro, cruzadas. Este último móvel é encontrado em todas as casas dos índios, por pobres que sejam seus moradores.*"
>
> (Saint-Hilaire,1974:160)

As casas provisórias são comum em outras etnias e também são utilizadas em períodos de caça. Atualmente esta forma de casa estaria bastante restrito devido às dificuldades de mobilidade dos indígenas dentro de pequenos territórios e mudanças em sua economia (Medrano,1992:42). O reconhecimento de sua existência no período jesuítico das Reduções abre algumas perspectivas para a história e a arqueologia das Missões. A identificação de vestígios arqueológicos de residências indígenas no exterior dos núcleos urbanos pode trazer algumas hipóteses interessantes. As casas poderiam ser de períodos posteriores ao jesuítico e isto explicaria a utilização de técnicas guaranis. Poderiam ser contemporâneas ao período jesuítico e, no entanto, pertencer a índios não reduzidos eventualmente acampados próximos

às Reduções. Ou ainda, poderiam ser casas temporárias, construídas para a época de colheitas, como visto acima. A dificuldade do estabelecimento correto da procedência de tais estruturas reside na pouca documentação a respeito destas questões na documentação escrita. Quanto aos registros arqueológicos, é possível que distantes dos núcleos urbanos os índios voltassem a confeccionar cerâmicas com técnicas guaranis. Desta forma, apenas a cerâmica não seria suficiente para determinar com quais dos casos se estaria lidando.

Em 1987, em uma área de 35.000m2 ao redor do núcleo urbano da Redução de Apostoles na Argentina, foram detectados os vestígios de nove casas de roça. A mais próxima localizada a 1 km da redução e a mais distante a 5 km (Snihur,1988) Em 1992,[71] foi realizado um amplo levantamento, a partir de coletas de superfície, nas áreas em torno do núcleo urbano de São Miguel Arcanjo. Os dados destas coletas ainda não foram analisados, no entanto, a ocorrência de cerâmica guarani é significativa. A retomada destas análises e novos levantamentos poderiam auxiliar na compreensão destes assentamentos localizados fora dos núcleos urbanos mas inseridos no espaço das Reduções.

4.2. Espaço urbano de circulação

4.2.1. A Praça

A praça representou um dos elementos mais importantes da configuração do traçado urbano nas Reduções. Foi utilizada como centro cerimonial e político, onde as principais manifestações públicas eram realizadas. Procissões, missas, desfiles militares, rituais fúnebres, etc. tinham na praça o seu principal cenário. Diferente das praças das cidades coloniais espanholas e portuguesas, nas Reduções não eram um centro de comércio e artesanato. Isto é compreensível dentro da proposta jesuítica de Redução como espaço de catequização dos indígenas. A convivência das trocas comerciais, e mesmo o incentivo

71. Durante as atividades do I Sítio Escola Internacional das Missões, em São Miguel, RGS.

destas práticas, poderia levar a relações mais abertas com o mundo colonial espanhol e desviar a condução da estruturação social colocada em curso pelos jesuítas nas Reduções.

A praça representava desta forma, não apenas o centro geométrico da Redução, mas também o centro da vida social. A própria forma assumida pela praça nos povoados evidencia a intenção de compor um cenário sacro que unia o espaço aberto com a Igreja, que destacava-se como fundo do "palco" público. No lado oposto ao da igreja estavam, em alguns casos, as casas que abrigavam o Cabildo da Redução. Estas construções podiam ter dois andares, o que as diferenciava do restante das casas dos indígenas. As iconografias sugerem que este era o caso do Cabildo de São João Batista. Isto criava uma contraposição entre os elementos arquitetônicos do Cabildo e da Igreja, e poderia representar também uma contraposição entre o poder dos caciques e o poder dos padres jesuítas, refletido na arquitetura (Coimbra,1992:85).

Apesar desta aparente contraposição dos elementos arquitetônicos, a praça, por sua localização central, representava uma harmonia entre os espaços abertos e os espaços fechados nos núcleos urbanos. Este equilíbrio era conseguido se a praça tivesse dimensões proporcionais ao número de habitantes, de forma que durante as concentrações públicas não houvesse falta de espaço ou o inverso, áreas desocupadas em demasia. Isto fazia parte da concepção de praça enquanto cenário, onde eram exercidas as emoções públicas, sobretudo através da espiritualidade, rasgo marcante da cultura guarani bem compreendido pelos jesuítas. Também era importante que a praça central fosse a única na Redução, impossibilitando a criação de outros locais de trânsito e convívio fora deste centro social e político. Medrano calcula que para uma praça com 130 m de lado, desconsiderando áreas de circulação e espaços residuais ter-se-ia uma praça com 100 m de lado. Com uma concentração de 1 hab/m^2, a praça comportaria um total de 10.000 pessoas. Este tamanho de praça comportaria a população local das reduções, mesmo nas mais populosas. Um aumento da população inviabilizaria a utilização de uma única praça. Desta forma, segundo o autor, se perderia o caráter barroco da urbanização, caracterizado pelo cenário sacro e importante no processo de cooptação dos indígenas (Medrano,1992:55).

Este parece ter sido o caso nos momentos em que se percebia o crescimento da população e a impossibilidade de manter as concentrações na praça que fossem apenas as necessárias e usuais:

> "*Transmití a la reunión de estos caciques la orden del R. P. Provincial, es decir la resolución de dividir el pueblo, en vista de que la iglesia no tendría más cabida para la muchedumbre de los vecinos, así que la Santa Misa debería celebrarse a campo raso.*"
>
> (Sepp, 1973:188)

Neste caso fica evidente que as missas campais realizadas na praça não deveriam ser um hábito corriqueiro, ficando para isto reservado o espaço do interior da igreja, onde um outro cenário visava objetivos mais específicos. Pode-se inferir que o espaço da praça, com sua amplitude e a majestosa presença da igreja ao fundo, servia para experimentar as emoções coletivas. Por outro lado, o interior da igreja, com a luz direcional das janelas superiores e disposição dos elementos decorativos prestava-se mais à introspecção e às experiências de emoção individual. Neste sentido, tanto a praça, quanto a igreja eram necessárias e estavam dedicadas a objetivos distintos mais complementares.

Cardiel destaca que as praças de todas as Reduções eram de grandes dimensões, com cerca de 150 varas, ou 480 pés de comprimento (Furlong,1962:197). Na realidade, a diferença de dimensões da praça de uma Redução para outra deve-se a ausência de uma determinação rígida para as medidas e as distintas topografias e condições de estabelecimento da malha urbana em cada um dos povoados. Na Redução de São João Batista, quando de sua fundação em 1697, foi estabelecida uma praça de 400 pés de largura e 450 de comprimento (Sepp,1980:158), ficando assim com uma forma aproximadamente quadrada. Não são conhecidas informações documentais de construções feitas sobre esta praça e que levassem diminuição de seu tamanho. Saint-Hilaire media em passos as praças das Reduções em que esteve. Na Redução de Santo Ângelo contou cento e oitenta passos em quadrado. Em São Nicolau a praça media duzentos passos de leste a oeste por cento e cinqüenta e sete de comprimento (Saint-Hilaire,1974:142e156). Haubert afirma que as praças tinham em média

seis mil metros quadrados e no centro destas ficava a estátua do santo padroeiro da Redução (Haubert,1991:205). Não existem informações documentais, iconográficas ou arqueológicas que confirmem a presença de tais estátuas e se ocorreu algum caso isolado deve ter representado uma exceção.

As praças não possuíam vegetação e, a julgar pelo material iconográfico conhecido para as Reduções, o solo era praticamente limpo de quaisquer gramíneas. Também não haviam caminhos interiores, embora Gutierrez refira-se a caminhos que podem ser vistos na praça representada em uma iconografia de São João Batista (Gutierrez,1974:122). Trata-se de uma ilustração feita pelo pintor Judicis de Mirandolle a partir de apontamentos de Hemetério Velloso da Silveira (1979:180). Por tratar-se de um local que não foi visto pelo autor da ilustração, esta aparece bastante idealizada e com alguns equívocos claros em relação a São João Batista, não sendo referência para a questão dos caminhos no interior da praça. Nas praças poderia ocorrer a instalação de capelas abertas, o que significaria uma reinteração de elementos que caracterizaram os novos programas arquitetônicos na América. Também os balcões externos verificados em iconografias e fotografias antigas de San Ignacio Guazú, Santa Maria de Fé e Trinidad podem ter sido utilizados para o coro ou para celebração de missa campal, onde a assistência se concentraria na praça (Gutierrez,1974:122). As capelas permanentes poderiam ser utilizadas para a permanência de defuntos antes do sepultamento ou para que enfermos pudessem comungar sem a necessidade de sua ida até a Igreja. Além disto, poderiam ser utilizadas para abrigar imagens de santos ou de cenas da paixão de Cristo, como no caso das existentes em São João Batista:

> *Estas capillas complementaban pues las actividades litúrgicas demonstrando la intención de no circunscribirlas meramente al templo principal y de valorar la Plaza como espacio com valor expresivo en lo ritual.*"
>
> (Gutierrez,1974:123)

A Praça de São João em 1855 ainda permanecia desocupada de qualquer construção:

> "*Constava a cidade, conforme o desenho junto, de uma praça perfeitamente quadrada com duzentos e sessenta metros em cada face de onde partiam nove ruas bem alinhadas.*"
>
> (Silveira, 1979:180)

Os croquis do levantamento topográfico de São João Batista, de 1974, demonstram que algumas casas estavam situadas sobre a praça, em sua extremidade sudeste. Atualmente, principalmente após o processo de cercamento das ruínas do núcleo urbano, não há nenhuma habitação sobre esta área do sítio arqueológico.

4.2.2. Ruas

As ruas das Reduções jesuíticas formavam uma rede de caminhos geometricamente planejados definidos pela disposição das casas indígenas. Nas aldeias guaranis a situação das áreas de circulação era distinta:

> "*...nestas os caminhos (internos, externos, trilhas) são espaços bastante significativos do ponto de vista arquitetônico. Há diferentes hierarquias, caminhos só para homens e só para mulheres, trilhas mais fechadas e menos, mais cobertas ou menos, etc.*"
>
> (Medrano,1992:57)

Esta relação dos caminhos nas Reduções foi modificada, principalmente com a instalação de ruas. Também nos caminhos externos, sobretudo dos arredores imediatos que levavam a fontes de água, olarias, fornos, ervais, roças, etc, é possível que tenha ocorrido uma transformação neste aspecto da cultura indígena. As informações documentais não permitem afirmar se havia uma hierarquização social determinada pelo destino ao qual o caminho levava, sendo esta uma área de trabalho masculino, feminino ou misto.

A questão das ruas nas Reduções está diretamente relacionada com a problemática das casas indígenas que substituíram as quadras previstas pela legislação espanhola:

> "*En el primer plano debemos contabilizar la desaparición de la manzana como elemento ordenador del tejido urbano, y del solar o reparto de tierra urbana como forma de ocupación del suelo. En efecto, el módulo compositivo de la misión jesuítica está definido por la unidad de vivienda, primera respuesta habitacional colectiva planteada repetitivamente y planificada en América*"
>
> (Gutierrez,1987:18-21)

Neste sentido, as ruas, ao mesmo tempo que configuravam as áreas de circulação internas do traçado urbano, serviam como separação entre as estruturas. As ruas das Reduções estavam determinadas por dois sistemas definidos pelo âmbito aberto habitual e o semifechado das galerias das casas indígenas. As varandas que circundavam estas casas eram centros essenciais da vida dos guaranis. Ali concentravam-se atividades básicas de estar, circular e comer. As casas eram destinadas apenas para depositar os bens pessoais e dormir, tal como ocorria nas casas das aldeias Guaranis. A maior parte das atividades artesanais particulares e de cozimento dos alimentos era realizada nas varandas. Desta forma havia uma relação entre as varandas e as ruas:

> "*La calle no tenía una definición marcada por el tipo de pavimento, utilizándoes sin embargo, habitualmente, la vereda cubierta que formaban las galerías externas de las viviendas.*"
>
> (Gutierrez,1987:18-21)

Na maioria das Reduções as ruas eram perimetrais à praça. Em alguns casos cinco ruas tinham seu início a partir da praça. Em São Miguel duas iconografias trazem informações distintas a este respeito. A planta feita pelo arquiteto Lucas Mayerhofer sugere que cinco ruas partiam da praça. No entanto, outro plano de São Miguel da segunda metade do século XIX indica que apenas três ruas estavam nesta situação. Coimbra adotou como referência o plano de Meyerhofer para elaborar uma maquete de São Miguel arcanjo (Coimbra,1992:63). A Redução de Candelária é outro caso onde verifica-se a existência de cinco ruas que alcançam a praça. Em São João Batista o Padre Sepp

traçou "*cuatro calles de 60 metros de ancho y más de 1.000 de largo que se encuentran en la mitad de la Plaza*". Este fato, como já referido anteriormente[72], não se confirmou com as quatro ruas. Em São João, levando-se em conta a rua que passa em frente ao Cabildo, cinco ruas partiam da praça. Porém a quarta rua em direção sul referida por Sepp não existe no traçado urbano da Redução.

A rua que partia do lado da praça oposto à igreja normalmente tinha um destaque em relação às demais. Sua largura era maior e na esquina com a praça estavam, em alguns casos, os prédios do Cabildo. Estes podiam possuir dois andares, o que não ocorria em outras casas indígenas. Isto dava um destaque à rua principal. Poderia haver inclusive a arborização das laterais desta rua, pois esta era utilizada como entrada do povoado, levando diretamente à praça e tendo como horizonte a igreja.

O número de ruas dependia da quantidade de casas indígenas existentes na Redução. Estas davam conformação ao traçado urbano e definiam o número de ruas que as separavam. No caso do número de ruas de São João, há uma polêmica entre Hemetério Velloso da Silveira e o Padre João Gay. O segundo afirmou (Gay,1863:362), que São João contaria com quarenta ruas. No entanto, Hemetério Velloso, que esteve nesta Redução em 1863, discorda e descreve apenas nove ruas que desembocavam na praça e eram cortadas por outras seis transversais. Desta forma, haveria apenas 15 ruas na Redução (Silveira,1979:182).

Tomando-se por base as duas iconografias existentes sobre São João Batista notaremos que ambas apresentam um conjunto de casas distribuídas geometricamente, porém não de maneira uniforme. Algumas estão paralelas e outras perpendiculares à praça. Como dito acima, a quantidade de casas determinava o número de ruas existente em uma Redução. Da mesma forma, a distribuição poderia definir as ruas. Considerando-se a distribuição das casas existente nas iconografias e tomando-se por referência a rua principal, conforme definida acima, tem-se quatro tipos de ruas. As ruas paralelas à principal e contínuas (que atravessam a Redução de um lado ao outro sem interrupção); as ruas paralelas à principal e descontínuas (que são interrompidas pela existência de uma casa); as ruas perpendiculares à principal e contínuas; e as ruas perpendiculares à principal e descontínuas.

72.Ver capítulo sobre as origens do urbanismo das Reduções.

Apesar da semelhança entre as duas iconografias, há uma diferença no tocante ao número de ruas. Na ilustração do AGS-E existem sete ruas paralelas à principal e contínuas; seis ruas paralelas à principal e descontínuas; quatro ruas perpendiculares à principal e contínuas; e sete ruas perpendiculares à principal e descontínuas. Isto totaliza 24 ruas. No caso da ilustração da BNP-F, existem seis ruas paralelas à principal e contínuas; seis ruas paralelas à principal e descontínuas; cinco ruas perpendiculares à principal e contínuas; e oito ruas paralelas à principal e descontínuas. Isto totaliza 25 ruas. Mesmo considerando-se que as ilustrações são modelos idealizados de São João Batista, é preciso reconhecer que a distribuição das casas modifica o traçado das ruas. Hemetério Velloso pode ter partido de outros critérios, desconsiderando as descontínuas paralelas e perpendiculares e chegado à um número menor que aquele verificado com estes critérios.

Em 1989 foi realizada uma escavação de salvamento arqueológico em São João Batista em função da construção de uma guarita da zeladoria do sítio arqueológico. A instalação da guarita foi planejada para ser implantada em frente à praça da antiga redução, em um local onde, durante o período missioneiro, havia casas de índios e possivelmente uma rua. Como eram visíveis algumas evidências na superfície desta área e havia a possibilidade de existirem estruturas no subsolo, fez-se necessária uma intervenção arqueológica de salvamento. O prédio previa uma área construída de 10x10 m mais 4m2 de fossa. A escolha do local da construção baseou-se na idéia de manter a "*original impressão de chegada ao povoado.*"(Kern et al,1989) Daí a sua localização aproximada do local por onde passava a antiga rua principal de acesso ao núcleo urbano. A demarcação da área a ser escavada seguiu então uma orientação a partir da linha frontal das construções desagregadas da igreja e do antigo cemitério em direção ao lado oposto da praça. Uma coleta superficial que resgatou fragmentos grandes de telhas, ladrilhos, recipientes e objetos cerâmicos, contas, etc. precedeu a escavação e ficou restrita à área que seria escavada e seu entorno, pois ai seriam depositados os sedimentos removidos da escavação.

A escavação foi realizada a partir do estabelecimento de quatro quadrículas de 25 m2 cada. Foram feitos poços-testes para controle estratigráfico e algumas trincheiras. Como o material apresentava-se descontextualizado, a remoção pode ser feita de forma menos criterio-

sa. Os materiais caracterizaram-se por fragmentos de telhas, ladrilhos, recipientes cerâmicos e ossos. Em alguns pontos havia maior concentração de material. O princípio metodológico adotado foi o de manter intactas as estruturas localizadas e escavar em sua volta, rebaixando os níveis e mantendo no centro as estruturas. Desta forma, foram identificadas duas estruturas horizontais e cinco verticais. As estruturas verticais chegaram a atingir uma profundidade de um metro e meio. As estruturas não foram suficientes para definir os limites entre as áreas construídas e a rua (Kern *et al*,1989).

Nas escavações de 1991, coordenadas por José Otávio C. de Souza, houve uma intervenção arqueológica em uma rua de São João Batista. A rua corresponderia àquela localizada entre a casa escavada naquela ocasião e o muro do pátio dos artífices. Souza chegou a esta conclusão tendo por base a iconografia do AGS-E. A rua original encontrava-se a 37 cm do solo atual de São João Batista. A estratigrafia apontou para uma camada superior de um solo com fragmentos de telha. Logo abaixo uma camada de argila vermelha bastante compactada. Esta poderia corresponder ao intenso trânsito de pessoas e animais na rua. Abaixo desta, uma camada também de argila vermelha, porém bem menos compactada. Foi evidenciada a presença de um negativo de dois cascos de cavalo na argila. Isto pode ser uma dado mais para confirmar que tratava-se realmente da rua paralela ao muro do pátio dos artífices (Souza,1991b).

4.2.3. Subterrâneos

As construções no núcleo urbano das Reduções eram em geral compostas de estruturas de um único piso, com exceção da igreja e de alguns prédios dos Cabildos. Da mesma forma, também não possuíam compartimentos subterrâneos. No entanto, em determinados locais foi necessária a construção de um subsolo com altura suficiente para ser utilizado como depósito ou dispensa. Estes subterrâneos sempre estiveram relacionados com histórias criadas após a expulsão dos jesuítas, sobre a existência de supostos tesouros e riquezas em prata e bronze que teriam sido ocultados pelos religiosos nas Reduções. Sendo assim, a real utilidade de subterrâneos permaneceu por muito

tempo ignorada em favor de outras interpretações. Os relatos do período jesuítico confirmam que alguns povoados possuíam estruturas subterrâneas que, de maneira geral, localizavam-se sob a cozinha do claustro. Podiam ter um tamanho aproximado de 5m^2. O objetivo de armazenar produtos no subsolo parece estar ligado à necessidade de proteger determinados produtos do calor (Furlong,1962:614). O capitão Manoel da Silva Neves, em seu "Diário da Expedição de Gomes Freire de Andrade às Missões do Uruguai" descreve no dia 17 de maio de 1756 um subterrâneo em São Miguel Arcanjo:

> "*uma casa que disseram ser refeitório, debaixo do qual estava uma escotilha que servia de entrada a uma casa subterrânea, semelhante a de cima, com uma campa de pedra e uma porta que deu indício à vários discursos.*"
>
> (Jaeger, 1959a:25)

Também Robert Avé-Lallemant, ao visitar São Lourenço em 1858, refere-se à cozinha da redução, na época em ruínas:

> "*No lado externo, onde está o sino, o colégio é fechado por um edifício, cujas paredes estão perfeitamente conservadas. Diz a gente que aqui era o refeitório. Deu-me a impressão de uma capela mortuária; um quadrado oblongo com duas janelas ao lado da porta de entrada. O chão é uma profunda cova, evidentemente outrora uma catacumba. Uma porta meio enterrada conduz à cova. Não se vêem vestígios de esquifes; cobriramnos o tecto desabado, a terra e as ervas.*"
>
> (Avé- Lallemant,1980:245)

O autor parece estar se referindo ao subterrâneo que servia de dispensa ou adega. Este é também o caso de um subterrâneo que se verifica em São Miguel das Missões e também em San Ignacio Mini na Argentina. Este último encontra-se perfeitamente localizado e restaurado nas ruínas desta Redução. Outro tipo de subterrâneo que poderia existir nas Reduções eram as catacumbas no interior das igrejas utilizadas para sepultar os padres. Um caso claro de catacumba ou cripta subterrânea na igreja verifica-se na redução de Trinidad, no Paraguai.

Padre Jaeger realizou algumas escavações em 1959 nos municípios de São Luiz Gonzaga, São Nicolau e São Borja em busca dos subterrâneos destas reduções. Jaeger concorda que os subterrâneos, quando ocorriam, tinham como função principal o armazenamento de alimentos. Daí a sua localização sob a cozinha ou refeitório da residência dos padres. Em São Luís Gonzaga as escavações deveriam ser feitas na área do antigo "colégio" da Redução, que até o ano de 1928 ainda conservava-se em pé, mas que havia sido mandado demolir por ordem da Prefeitura Municipal. Não foi possível identificar nenhum subterrâneo, pois as escavações do Padre Jaeger foram suspensas em função de chuvas que comprometiam as fundações de uma residência vizinha à área escavada. Em São Nicolau um grupo de operários da Prefeitura trabalhou nas escavações em busca do subterrâneo da Redução. Foi identificada uma peça de 2 x 2 m. cuja entrada estava a 1,5 m de profundidade. O padre Jaeger descreve este subterrâneo:

> "*O soalho era de pedra grês, as paredes e a abóboda arqueada também do mesmo material aparelhado. Descendo ao subterrâneo, avistamos, afastadas a um metro da entrada, duas colunas de pedra, dando passagem de uns 60 cm. para outro compartimento.*"
>
> (Jaeger,1959a:21)

As escavações foram continuadas por um morador local e não avançaram além destas duas peças descritas por Jaeger. Em São Borja as escavações ocorreram atrás da velha igreja matriz do município. Soldados do exército foram requisitados para esta tarefa. As chuvas impediram também em São Borja de prosseguir nas escavações e a suposta entrada do subterrâneo não foi identificada. Como dito anteriormente,[73] as escavações do padre Jaeger não primaram pela metodologia e muitas informações importantes sobre os subterrâneos podem ter sido perdidas. La Salvia identificou uma estrutura subterrânea em São Nicolau:

> "*A guarda de alimentos 'in natura', que necessitam de uma temperatura mais moderada, está no denominado 'subterrâneo',*

73.Ver Capitulo 1 sobre o histórico da arqueologia nas Missões.

> *cuja entrada foi aberta através de remoção de uma pedra do teto. (...)A Adega é um quarto de 4 x 4m e fica junto à cozinha, sua aeração é feita por uma tubulação em arenito com 10 cm de diâmetro.*"
>
> (La Salvia,1992:24)

Em São João Batista não se tem conhecimento até o presente momento da presença de qualquer espécie de subterrâneos. Apenas há a referência a um sótão no Inventário de 1784[74].

4.2.4. Saneamento Hidráulico

A população concentrada no núcleo urbano das Reduções deveria contar com um sistema que previsse a eliminação dos dejetos orgânicos. Nestes sentido, uma estrutura para o escoamento das águas servidas poderia ser do tipo simples com fossa ou mais complexa com a utilização de água para a limpeza (La Salvia,1992). Com relação ao sistema de saneamento, La Salvia descarta a hipótese de que as águas servidas fossem depositadas diretamente no passeio público, por achar que este sistema contribuiria para o foco de doenças infecciosas. No entanto não apresenta uma definição do sistema cloacal da Redução, apenas levanta hipóteses de latrinas e aproveitamento de águas pluviais. O autor afirma que identificou em São Nicolau uma estrutura de latrinas localizada atrás da igreja, com um sistema que aproveitava as águas pluviais que caiam do telhado da igreja e descarregavam os detritos na Quinta (La Salvia,1992). Kern destaca que:

> "*Desde os mosteiros medievais, próximo aos dormitórios deveriam ficar as latrinas, em um lugar isolado, servidas de uma canalização de água para a limpeza. Nas residências dos povoados missioneiros, as latrinas deveriam ficar atrás da residência, voltadas para a quinta. Em São Lourenço, o aproveitamento das águas captadas dos telhados da igreja podem ter sido aproveitadas tanto para a irrigação da quinta como para a limpeza das latrinas.*"
>
> (Kern:1996)

74.Ver nota 57.

Esta estrutura de canalizações que captavam a água oriunda dos telhados da igreja é a mais conhecida nas Reduções. Também foi verificada em Santana, na Argentina (Poujade,1995,47). Mesmo que seja correta a existência deste sistema, não é possível admitir que fosse o único local onde houvesse latrinas. Se a higiene dependesse unicamente das precipitações de chuva haveria que se considerar os problemas decorrentes de uma estiagem mais prolongada, o que não é incomum na região noroeste do Rio Grande do Sul. Neste caso, outras estruturas de cloacas e latrinas poderiam ser encontradas nas Reduções. No entanto, não há informações neste sentido. No caso de tratar-se de fossas comuns, podem ter sido cobertas por outras construções. No caso de tratarem-se de latrinas com canalização, isto exigiria uma estrutura de captação de água. Conforme Furlong, as cloacas eram túneis existentes nas reduções com 2m de altura e 1m ou 2m de largura. Todos os povos possuiriam tal estrutura de túneis que passavam por debaixo das latrinas e arrastavam as águas juntamente com os detritos:

> "*...em algum ponto mais alto, se encontrava o tanque ou tanques de água que por uma comporta caía no subterrâneo e corria por todas as curvas que fazia através das latrinas.*"
>
> (Furlong,1962:615)

Furlong refere-se ainda ao comentário de Robert Southey, que conheceu as reduções existentes em território brasileiro, segundo o qual os índios missioneiros sabiam "o necessário para elevar a água para a irrigação dos campos e abastecimento dos poços e cisternas públicas de lavanderia." (Furlong,1962:616) Gutierrez também faz referências a estruturas complexas de abastecimento de água:

> "*No menos notables son los sistemas de abastecimiento de agua, las reservas en grandes estanques de los cuales aún quedán restos en apóstoles y Santa Maria La Mayor, el sistema de drenaje de los servicios comunes, etc., que señalan niveles no habituales en obras contemporáneas en la región.*"
>
> (Gutierrez,1974:115)

A presença de sistemas de abastecimento hidráulico nas Reduções pode ser dividida em elementos internos e externos, tomando-se como referência o núcleo urbano. No interior deste estariam os poços e cisternas e, em alguns casos, uma fonte oriunda de uma canalização que trazia a água de áreas localizadas fora do núcleo urbano. Externamente, como se verá mais adiante, estariam as fontes construídas junto a vertentes de arroios e córregos de acordo com as possibilidades locais. Segundo La Salvia, o abastecimento hidráulico em São Nicolau seria garantido através de uma fonte que fazia com que a água chegasse até um chafariz por gravidade, e por seis poços localizados nos cruzamentos das ruas. Por ocasião das campanhas arqueológicas de 1979 e 1981, um dos poços, localizado junto ao que La Salvia chama de "hospital" ainda estaria em funcionamento(La Salvia,1992:24). Em São João Batista existem dois poços de água, sendo que um trata-se de construção recente e outro é possível que pertença ao período jesuítico.

Durante a campanha de outubro de 1990 foram realizadas limpezas em determinadas áreas com a finalidade de evidenciar algumas estruturas (Soares et al,1990:9). O trabalho concentrou-se principalmente na área localizada a leste do pátio dos artífices. Inicialmente foi realizada uma limpeza em torno de uma estrutura que foi identificada como um poço de água. O poço encontrava-se bastante atulhado de material construtivo, como blocos de basalto e arenito. Apesar disto, sua forma cilíndrica composta por pedras aparelhadas estava evidente.

4.2.5. Áreas de deposição de dejetos

Ao tratar das áreas de depósitos de detritos, La Salvia defende que a produção de gêneros oriundos do abate de animais acarretaria em uma grande quantidade de materiais refugados, como sebo, ossos, sangue, etc. Isto levaria à necessidade da instalação dos matadouros em locais distantes do centro urbano do povoado, e que poderiam estar próximos aos últimos prédios do conjunto, em direção à periferia. Partindo desta constatação, define à área urbana da Redução:

> "*E aí, exatamente aí, acreditamos encontrar os limites do sítio urbano.(...) Se o que estamos imaginando se consubstanciar como verdadeiro, e realmente os sítios de detritos sejam elementos marcantes de fim dos agrupamentos humanos, poderemos, através de sua localização e talvez perseguição do terreno, determinar o crescimento e a forma de expansão que a cidade possui ou que direção teve.*"
>
> (La Salvia,1992:12-13)

La Salvia propõe ainda quatro áreas que poderiam ser utilizadas para a deposição de dejetos: Atrás do cemitério, pela pouca circulação desta área. (se havia um açude atrás do cemitério de São João, não seria aí um local de depósito de lixo); junto ao Cotiguaçu, que La Salvia chama erroneamente de convento, por ser uma área limite do crescimento urbano; a área da Quinta, pelo aproveitamento dos dejetos como adubo orgânico; e, finalmente, as áreas ao longo dos caminhos que levassem aos locais de produção e depósitos, que o autor acredita que localizavam-se fora do núcleo urbano. Desta forma, os deslocamentos em direção aos locais de atividades seriam utilizados para "*...eliminação neste trajeto dos detritos oriundos da cidade.*"(La Salvia,1992:13)

Em São João Batista, durante as escavações de 1991, foi identificada uma estrutura que poderia ser uma fossa culinária. Isto deveu-se à grande concentração de ossos, carvão, fragmentos de telhas e de recipientes cerâmicos. Configurou-se com 3,05 m de largura e 99 cm de profundidade (Souza,1991b:27). A definição de "lixeiras" nos sítios arqueológicos missioneiros deve levar em consideração o longo processo de desestruturação pelo qual passaram estas Reduções após as décadas tumultuadas de 1750-60 e 1760-70 e as posteriores reocupações e invasões do início do século XIX. As lixeiras podem constituir áreas de descarte de lixo da população da Redução. No entanto, o próprio processo referido acima não permite associar este depósito necessariamente ao período missioneiro, visto que as ocupações posteriores também criaram suas áreas de deposição de rejeitos. A compreensão deste longo e dinâmico processo de desmonte dos povoados indica a possibilidade de abandono de materiais em determinadas áreas, que vão sendo gradativamente desocupadas com a diminuição da área física construída em função da redução no número de habitantes.

Desta forma, as "lixeiras" podem significar o deslocamento de rejeitos não aproveitáveis sem um ordenamento do espaço e a destinação de áreas exclusivas para tais materiais, fruto da desorganização administrativa pela qual passaram os povoados após o período missioneiro. A determinação da periodização destes depósitos, de modo geral, tem sido feita através do controle da frequência de tipos cerâmicos característicos do período missioneiro e dos inúmeros fragmentos de material construtivo.[75] A cerâmica ainda apresenta-se como um marcador coerente, no entanto, os materiais construtivos permaneceram sendo utilizados ainda por um importante período de tempo após o final destes povoados como Reduções Jesuíticas.

4.2.6. Bairros

As informações sobre a existência de bairros nas Reduções são esparsas e superficiais. No entanto, considerando-se a relação entre os caciques e suas parcialidades e a distribuição do espaço na malha urbana, é possível que tenham existido divisões internas no conjunto de casas indígenas. Cardiel refere-se ao fato de que em cada Redução as parcilidades dividiam-se por nomes como Santa Maria, São José, S. Ignacio, etc., podendo chegar até oito ou dez, segundo o número de habitantes. Cada uma tinha quatro ou seis cacicados e seu chefe era um dos cabildantes.[76]

É importante destacar a questão do reconhecimento dos direitos territoriais de ocupantes mais antigos, de acordo com as relações estabelecidas na região. O mesmo pode verificar-se nas reduções com o estabelecimento dos bairros de caciques e na distribuição de terras para o plantio. Isto poderia determinar maior ou menor influência na administração do povoado de acordo com o prestígio interno. É compreensível que a documentação jesuítica silencie a este respeito. Destacar estas questões implicaria em reconhecer o delicado jogo político

75.Ver KERN, Arno Alvarez. *et al. Notícias prévias sobre a intervenção arqueológica de salvamento na Missão de São João Batista - RS.* In: Anais do VIII SNEM, Fac. Dom Bosco, Santa Rosa, 1989, p. 280-286. Neste artigo é comentada a ocorrência de um depósito de materiais distintos e fragmentados.

76.Conforme José Cardiel. In: *Tentación de la Utopia: La república de los jesuítas en el Paraguay*. Biblioteca del Nuevo Mundo. Barcelona, Tusquets Editores y Circulo Leitores, 1991, p. 153.

entre caciques e jesuítas, refletido até mesmo em suas consequências espaciais. Meliá refere-se à manutenção dos cacicados nas reduções e sua relação com os bairros:

> "*En la casa reduccional, la familia há sido individualizada y separada de las otras por sólidas paredes, pero la casa contiene todavía bajo la misma techumbre un buen número de familias. Una cantidad proporcional de estas casas era ocupada por un cacicazgo, de manera que su gente venía a constituir un 'barrio'del pueblo. Se sabe, por documentos que se continúan hasta la expulsión de los jesuítas y aun después, que la estructura de cacicazgos estuvo siempre presente en las reducciones; ésta era una instituición que el método reduccional asumió orientándola a sus proprios fines.*"
>
> (Meliá,1988:192)

Gutierrez destaca que existem testemunhos de uma relação entre a estrutura física da Redução e sua organização social. Refere-se ao padre Pedro Comentable, segundo o qual, o povo de Loreto estava dividido em bairros e em cada bairro havia um grupo de caciques. Chamavam-se bairro Pirapó, Bairro de Los Angeles, de Encarnación e de San Javier. Além disto, segundo o autor, a constituição de bairros nos quais reunia-se um certo número de caciques, obedecia ao fato de que se procurava que os parentes permanecessem juntos (Gutierrez,1974:124). Citando ainda Escandón, Gutierrez demonstra que apesar da divisão em bairros de parcialidades, as construções e manutenções estavam a cargo de toda a comunidade:

> *"Escandón confirma en el XVIII la información al referirnos que en 'las casas que viven en el pueblo, en el cual también hay un género de división de cacicazgos y en una o dos calles de él vive un con los de su parcialidad y en outra u otras calles vive outro con los de la suya; pero todas estas casas las hace y si es menester las compone y reedifica si se arruinan el común del pueblo.*"
>
> (Gutierrez,1974:125)

De Masy acredita que os bairros de cacicados eram mais freqüentes nas Reduções formadas por índios oriundos de dois ou mais povos anteriores. Naquelas em que as populações eram mais homogêneas isto talvez não ocorresse.[77] A divisão em bairros relacionada ao poder dos caciques e também ao número de índios que tinham em seus laços de parentesco parece não ter influenciado na forma das casas dos indígenas. Não há informação de casas com arquitetura distinta daquela tradicionalmente aceita para as Reduções. No entanto, é possível que o tamanho das casas possa ter variado de acordo com o número de familiares de um tevy (família extensa). A iconografia de São João Batista da BNP-F demonstra casas com seis e oito repartições distintamente. Não há, porém, nenhuma informação documental conhecida que faça referências a bairros em São João e esta é uma hipótese de difícil comprovação através da arqueologia.

77.Rafael Carbonell de Masy, comunicação pessoal em 22 de julho de 1997.

5. Aspectos Rurais nas Reduções e o caso de São João Batista

Como dito anteriormente, o espaço de uma Redução não pode ser visto apenas a partir de seus elementos urbanos e arquitetônicos. Suas áreas periféricas, próximas ao núcleo urbano ou afastadas deste por longas distâncias, estão relacionadas a toda a dinâmica de uma Redução. É nos elementos rurais que se encontra a integração entre o espaço ocupado por uma Redução enquanto unidade, e aquele formado pelo conjunto de todos os povoados e suas áreas de exploração de recursos naturais e agro-pastoris, que entende-se por espaço missioneiro. Neste sentido, são importantes as características do local do assentamento no que diz respeito à presença de rios, açudes, fontes de água, bosques e matas, pastagens, pedreiras para extração de matérias primas para construções, enfim, todos os elementos dispersos pelas áreas periféricas ao núcleo que participam da manutenção deste. Com características rurais, esta área constituía um espaço rural, pois este é "*la articulación entre el assentamiento humano y el conjunto de zonas en donde tienen lugar los processos de trabajo necessários para la reproducción social.*"(Barceló,1988:196) Neste sentido, também é importante analisar as estruturas estabelecidas nos arredores da Redução tais como currais, armazéns, olarias, fornos, hospitais, capelas, etc. Este conjunto de elementos possibilita a compreensão das Reduções para além de suas áreas urbanas.

5.1. Recursos Hídricos

5.1.1. As Fontes de Água

De acordo com as recomendações do Padre Diego de Torres e com a legislação de Felipe II para as Índias comentadas anteriormente,[78] era importante a escolha de um local que contasse com a presença de águas salubres. Kern destaca a relação entre as necessidades de águas potáveis e o conhecimento dos Guaranis:

> "*Há uma lógica da água relacionada à vida comunitária: captação nas fontes de pedra trabalhada, canalização em direção às oficinas artesanais e à cozinha, contenção em açudes, irrigação da quinta e limpeza de latrinas, etc. O sítio deve ter águas abundantes, mesmo em períodos de seca prolongada. Este conhecimento, apenas os Guarani possuíam*."
>
> (Kern,1996)

Ao priorizar as áreas de floresta subtropical características dos assentamentos guaranis os jesuítas estavam também garantindo a presença de recursos como fontes de água, que ocorrem devido à malha hidrográfica relacionada à Bacia do Prata. Félix de Azara descreve a relação entre o relevo e a hidrografia da região das Missões para explicar as vertentes de água:

> *"Como estos países no tienen pendientes rápidas tampoco facilitan a las aguas la reunión, porque las que caen en la superficie de la tierra se empapan y evaporan allí mismo sin correr para juntarse com otras. De aquí resulta el no hallarse fuente alguna caudalosa, reduciéndose todas a pequeñas filtraciones y no en los bajíos. La causa de este fenómeno consiste en que en las cañadas hay más espesor de greda que en las laderas, y el agua, que en los altillos penetró hasta la peña, corriendo por su suave*

78. Ver capitulo III sobre as origens do urbanismo nas Reduções.

> *pendiente se manifiesta en la ladera donde halla poco embarazo par su erupción. Aquí no se beben otras aguas que las de dichas filtraciones recogidas en pocitos, y aun en la Asunción, que está pegada al río Paraguay, casi sucede lo mismo. Puestas estas aguas en un cristal limpio se nota que tienen un colorcito azulejo y a veces blancuzco, sin embargo todoas son muy saludables."*
>
> (Azara,1990:55)

Apesar da constatação de que as vertentes possuíam águas potáveis em praticamente toda a região ocupada pelas Reduções Jesuítico-guaranis, Azara refere-se a alguns casos onde ocorriam problemas de salubridade como em Santa Rosa, no atual Paraguai, onde a água produzia tumores císticos caracterizado por alterações na vesícula biliar. Isto também ocorria em San Ignacio Guaçu e Santa Maria de Fé (Azara,1990:248). As doenças causadas pelas águas podiam estar relacionadas a qualidade dos mananciais ou a problemas ligados aos hábitos de higiene no consumo de água. Segundo Palacios, três doenças seriam características da falta de higiene relacionada à água: o *Tifus exantemático*: transmitido por piolhos do corpo *Pediculus humanus*. É uma enfermidade febril que apresenta erupções eritematosas ou exantemas, de começo brusco, dores de cabeça e quebrantamento geral; o *Tifus abdominal* ou febre tifóidea. É uma salmonelosis porque é causada por uma Salmonel. Enfermidade de começo repentino, caracterizada pela ocorrência de febre, diarréia, dores abdominais y geralmente vômitos, sua transmissão se dá através dos alimentos. No Tifus exantemático predomina a falta de higiene individual e no Tifus abdominal a falta de higiene em relação às mãos e às fezes e para com os alimentos contaminados, como carnes pouco cozidas, ovos e também hortaliças mal lavadas. Outras doenças relacionadas à higiene seriam a peste bubônica, transmitida por pulgas e ratos; a anquilostomiasis transmitida por fezes contaminadas e pés descalços; e a desinteria com água contaminada, moscas e mãos sujas (Palacios,1991:335-36). Estas doenças estavam ligadas ao consumo de águas contaminadas e também de alimentos não lavados. Apesar do hábito indígena de banhar-se diariamente, a grande concentração de indivíduos em um único local poderia levar a doenças como a peste bubônica e também os

surtos de piolhos. A construção de fontes para canalização e represamento de água parece ter sido uma solução para que a água consumida não estivesse em contato direto com o lodo das vertentes. Desta forma, surgem as fontes de pedra, algumas com decoração de esculturas. Azara refere-se a fontes da Redução de Apostoles e San Carlos:

> *"En todo se asemeja a los anteriores menos en ser bastante escaso de leña y en tener una bellísima fuente de piedra de sillería, com sus caños y un hermoso lavadero, que es la única cosa de esta especie que he visto desde el río de la Plata acá. (...)Outra cabecera del mismo Aguapey es la fuente de San Carlos, que está al nordeste del pueblo, y su agua pasa por la mejor de las Misiones."*
>
> (Azara,1990:253e287)

A fonte de San Carlos foi construída em uma nascente do rio Aguapey. Em São João Batista as fontes também aproveitavam as nascentes de um arroio próximo chamado Lajeado do Moinho. Em São Lourenço, a sudoeste do núcleo urbano existem alguns blocos de basalto justapostos dentro de um arroio e que canalizam a água até uma pequena área de represamento. Em São Nicolau, La Salvia identificou um sistema denominado chafariz, que levava a água de uma fonte até o núcleo urbano por um sistema de aproveitamento da inclinação do terreno (La Salvia,1992:24). Em São Miguel uma das fontes de água que abastecia a Redução foi restaurada e era composta por uma canalização de pedra com esculturas de anjos por onde a água escoava.

Em São João Batista o Padre Sepp procurou estabelecer-se em um local provido de nascentes que lhe possibilitassem o acesso à água potável.

> *"Ahora me preguntará, tal vez, de dónde saco el agua que necesito para mi gente. Si la recibo de un pozo artesiano o de canales y lagunas subterráneas. O si he construido tal vez unas cisternas para recoger el agua de luvia.* (Seriam distintas opções conhecidas na época.) *Nada de eso; la Providencia Divina me há*

proporcionado, como mencioné arriba, cuatro hermosas y sanas fuentes al pie de la colonia que me dan suficiente agua para mis indios."

(Sepp,1973:226)

Nos levantamentos de campo realizados para este trabalho utilizou-se a iconografia de São João Batista da BNP-F, a qual demonstra a presença de seis fontes de água nos arredores do núcleo urbano. Todas estão associadas a um curso d'água que possivelmente seja o Arroio Lajeado do Moinho como se demonstrará mais adiante. A partir das informações da iconografia e do conhecimento de vestígios arqueológicos próximo às vertentes, foram identificadas três áreas que podem ter sido utilizadas como fontes de água. Uma sem vestígios arqueológicos e duas com estruturas de represamento de água que caracterizariam seu uso intencional.

A primeira, que denominou-se Fonte 01, está associada a um pequeno canal localizado a aproximadamente 1000 m a sudoeste das ruínas de São João Batista e foi indicado pelo Sr. Elói, zelador do sítio arqueológico como sendo uma antiga fonte de água. O local apresenta-se como uma pequena vertente praticamente seca, encoberta pela vegetação. Não é possível afirmar-se que trata-se de uma vertente utilizada como fonte de água no período jesuítico. No local não encontram-se vestígios arqueológicos e uma canalização mais recente, utilizada como irrigação para lavoura, pode haver descaracterizado possíveis estruturas mais antigas.

A Fonte 02 está a aproximadamente 500 m das ruínas da redução e encontra-se em uma área onde verifica-se a presença de uma vertente associada a pequenos córregos que deságuam no Arroio Lajeado do Moinho. O local da vertente propriamente dita encontra-se coberto por vegetação e tornou-se uma pequena área alagadiça. Na margem oeste de um pequeno córrego associado a esta vertente localiza-se uma estrutura artificial em meio à vegetação a qual denominar-se-á como "estrutura de represamento de água." Com aproximadamente 600 m2, esta estrutura retangular é formada por uma área cercada por muros/barreiras de terra. A barreira norte possuiu 44 m de comprimento; a barreira sul 29,50 m com um prolongamento que desvia-se para a esquerda de 20 m, perfazendo um total de 49,50 m.

Na extremidade oeste a barreira possui 11,50 m com uma abertura de 1,5 m localizada no centro da barreira. A partir desta abertura um canal de 10 m de comprimento atinge outro canal curvilíneo que passa a oeste da estrutura no sentido sul/norte. Os muros/barreiras têm formas arredondas e medem aproximadamente 70 cm de altura por 1,5 m de largura. A estrutura limita-se a leste com o córrego de água e não possui muro/barreira. Nesta extremidade a distância entre o muro/barreira norte e o muro/barreira sul é de 29 m. Toda a área por onde estende-se esta estrutura pertence a uma propriedade particular. Está coberta por uma vegetação de bosque, o que dificulta a amostra fotográfica da mesma. O croquis e planta baixa indicam a forma e o estado atual da estrutura.

A estrutura apresenta-se claramente como uma área de retenção de água do córrego da vertente. A abertura localizada na extremidade oposta a do córrego denota uma canalização aberta de água, dando vazão para um canal de escoamento por onde a água era levada para áreas mais baixas. Não verifica-se nenhum vestígio de construções em pedra no local. Toda estrutura é feita de terra acumulada. Esta estrutura está localizada na posição indicada pelas iconografias da redução de São João como sendo fontes de água, conforme dito anteriormente. Também o padre Sepp, como visto acima, refere-se às fontes de São João como localizadas em zonas baixas da área escolhida para o povoado, exatamente onde encontram-se a vertente e a estrutura. Esta fonte pode estar próxima ao local referido pelo Padre Sepp como sendo aquele em que passou a primeira noite onde depois seria erguida a Redução:

> *"En este mismo lugar, un valle risueño de tierra sumamente fértil cubierta de un bosque verde, donde nacen dos manantiales que riegan los retoños, planté más tarde un huerto frutal."*
>
> (Sepp,1973:196)

A Fonte 03 está localizada a aproximadamente 1.000 m das ruínas da redução em direção leste, onde encontra-se uma vertente identificada como sendo uma das fontes de São João Batista. Apesar de ser reconhecida já ha algum tempo como parte integrante da redução, nesta área não foi realizada nenhuma intervenção arqueológica.

Seguindo a vertente no sentido leste, encontra-se a aproximadamente 20 m desta uma estrutura similar a identificada na fonte 02. Esta estrutura também pode ser identificada como "estrutura de represamento de água". Com as mesmas características da outra fonte, também possui os muros/barreiras de terra que conformam a estrutura. O muro/barreira do lado norte possui 16 m de comprimento. O muro/barreira sul possui 22 m. Na extremidade leste o muro/barreira mede 13, 50 m e possui uma abertura de 3 m de largura. Esta abertura não leva a um canal como a anterior, mas sim, para uma área onde o terreno apresenta um declínio acentuado. A estrutura, de forma retangular, encontra-se encoberta por vegetação. Por toda a área, incluindo a vertente e a estrutura, encontram-se diversos vestígios arqueológicos, alguns deles de grandes proporções. É o caso de um bloco de arenito entalhado que encontra-se caído no interior da estrutura de represamento de água. Blocos quadrados e retangulares de basalto localizam-se próximos à vertente. Outros materiais, como uma peça cilíndrica e oca de 40 cm, encontram-se espalhados pela área.

Igualmente a estrutura anterior, esta situa-se em uma área correspondente às fontes indicadas pelas iconografias. Suas vertentes estão associadas ao arroio Lajeado do Moinho. A fonte de água que está representada na iconografia que corresponderia à esta Fonte 03 apresenta um grupo de mulheres lavando roupa e duas outras que retornam ao núcleo urbano por um caminho marcado na ilustração. Todas as evidências arqueológicas, iconográficas e bibliográficas confirmam esta área como uma das fontes de obtenção de água da Redução de São João Batista.

Comparando as estruturas das duas fontes identificadas, é possível levantar-se uma hipótese sobre seu funcionamento. A princípio, estas estruturas sugerem um sistema de funcionamento diferenciado para cada uma das fontes. A fonte 02 parece ter funcionado através de um sistema onde a água era desviada de um córrego para o interior da área de represamento. Isto explicaria o fato da parede sul possuir um ângulo de abertura em direção ao córrego. A abertura na extremidade oeste serviria para escoar a água represada quando necessário. O funcionamento da fonte 03, por outro lado, parece ser resultado do aproveitamento do relevo local. A água chegaria até a área de represamento por gravidade, sendo escoada pela abertura existente na outra extremidade.

5.1.2. O Arroio Lajeado do Moinho

A identificação das fontes 02 e 03 possibilitou o reconhecimento de um dos rios representados na ilustração da BNP-F, como sendo o arroio Lajeado do Moinho. O arroio Lajeado do Moinho tem seu curso no sentido sul/norte em direção ao Ijuí Mirim. Situa-se a aproximadamente 2.750 m da redução de São João Batista na direção leste. Considerando-se que a associação entre as fontes da ilustração e aquelas identificados no local está correta, percebe-se que estas foram estabelecidas nas vertentes que dão origem ao Lajeado do Moinho. Na ilustração isto não está claro devido à falta de uma continuação do córrego que estaria relacionado a fonte 02. No entanto, a fonte da ilustração associada à fonte 03 é uma vertente do rio representado. Invertendo-se a figura, coloca-se a mesma na orientação na qual São João está localizada na cartografia da região realizada pelo Exército Brasileiro. Desta forma, verifica-se que o rio está localizado exatamente onde encontra-se o arroio Lajeado do Moinho.

As nascentes deste arroio situam-se ao sul e ao norte das ruínas do núcleo urbano de São João. Esta é também a posição dos vestígios arqueológicos das fontes 02 e 03 e das fontes representadas na ilustração. A presença de vestígios arqueológicos nas margens deste arroio, como se apresentará mais adiante, também auxiliou na comprovação desta hipótese. Sendo assim, fica clara a importância do arroio Lajeado do Moinho no momento em que foi escolhido o local para o estabelecimento da Redução em 1697.

5.1.3. Moinhos d'água

É possível que a velocidade de alguns rios tenha sido aproveitada para a instalação de moinhos d'água. Furlong destaca que conforme Moussy, em frente a San Javier, havia uns pilares fortemente construídos que assinalavam um moinho d'água (Furlong,1962:190). Segundo o Padre Sanchez Labrador:

> *"Se han logrado en el Tucuman, sangrando los ríos en pequeñas canales o acequias o recebiendo el agua en represas, que allí*

> *llaman tajamares, dándoles después salida por conductos estrechos, tanto molinos y batanes. Ojalá estos utilísimos ingenios y máquinas tan fáciles, se hubieran establecido en las províncias del río de la Plata y del Paraguay proprio. Con mayor utilidad y menor trabajo que con tahonas, lograran la harina y mucho mejor que con molinos de mano*"[79]

Embora Sanchez Labrador lamente a ausência de moinhos d'água nas Reduções, Gutierrez afirma que existiram moinhos e trapiches movidos por energia eólica, de água , ou ainda tração animal (Gutierrez,1974:115). Em San Carlos existiam um trapiche e duas *tahonas* com grandes pedras de moer, enquanto em La Cruz havia "*un galpón com techo de teja con hornos para quemar ladrillos y tejas y outro en la misma forma, aunque más capaz, para la oficina de tejas y adobes*".[80] As tahonas estavam localizadas próximas aos matadouros e estes adjacentes às oficinas. Desta forma configurava-se uma área produtiva interna não demarcada rigidamente, mas claramente zonificada dentro da estrutura urbana da Redução (Gutierrez,1978:132). Embora o arroio Lajeado do Moinho seja assim denominado, não há nenhuma referência de que este nome esteja associado ao período missioneiro. É possível que esteja relacionado com os moinhos instalados pelos colonos alemães e eslavos que chegaram à região na segunda metade do século XIX.

5.1.4. Açudes

Além das fontes de água, que tinham por objetivo abastecer a população, verifica-se nas ilustrações de São João Batista a presença de açudes nos arredores do núcleo urbano. Estes açudes podem ter sido criados artificialmente para servir de bebedouro para o gado. No entanto, Sanchez Labrador destaca que muitas lagunas podem ter sido aterradas para aproveitar a umidade dos terrenos:

79. Sanchez Labrador. Paraguay Natural, parte I, p. 217-85. In: DE MASY, Rafael Carbonell. *Tecnica y Tecnologia Apropriadas en las Misiones Guaranies*. In: *Estudos Ibero-Americanos* - Revista do Departamento de História. Porto Alegre, Pós-Graduação em História. Vol. XV, no. 1, PUCRS, Junho 1989, p. 45, nota 47.

80.AGN, Sala IX, 22-IX—4, Inventarios de San Carlos, 1768.

> *"No ha faltado un jesuita industrioso que cegó y allanó lagunas y pantanos, que caían inmediatos a la reduccíon y Doctrina en que era Párroco. Para lograr esto formó tageas y fosos. Aprovechó después el terreno, no para prados, sino para grandes y hermosas huertas de árboles frutales, los cuales vendían con abundancia. La ierra y materiales que sacaban de los fosos o zanjas, al hacerlas, y limpiarlas, de cuando en cuando, servían para levantar por partes suficiente el terreno, con lo que este se vió mejorado."*[81]

A documentação conhecida também não faz referências à presença ou importância dos açudes na periferia dos núcleos urbanos das Reduções. Os trabalhos arqueológicos realizados em Apostoles também detiveram-se na busca de vestígios arqueológicos em torno do núcleo urbano da Redução. Com relação aos açudes, os levantamento permitiram identificar duas zonas: o lado leste caracterizado pela presença de dois arroios; e o lado oeste, que carece de cursos d'água, mas possui pequenas lagunas. As lagunas eram na sua maioria naturais. No entanto, uma delas foi confirmada como artificial. Um canal levava as águas das chuvas até a laguna que foi rebaixada em sua profundidade com escavações. Esta laguna estava próxima de um erval a 1.000 m a noroeste da Redução. As lagunas estavam situadas próximas de casas de roças do período jesuítico (Snihur,1988).

Em São João Batista também procurou-se identificar açudes e lagunas. No entanto, a documentação conhecida não traz qualquer referência a este respeito. Porém, as ilustrações de São João Batista representam três açudes. Um localizado atrás do cemitério, outro próximo a uma horta e um terceiro na extremidade nordeste do conjunto de casas dos índios. Os levantamentos de campo não identificaram vestígios claros destes açudes. Contudo, as fotografias áreas revelaram a presença no solo de uma mancha escura localizada próxima ao cemitério e que pode corresponder a um dos açudes representados nas ilustrações. A necessidade de manter algumas cabeças de gado próximas ao núcleo urbano para o abate e consumo pode justificar a pre-

81. SANCHEZ LABRADOR. Paraguay Natural. Parte I, p. 217-85. In: DE MASY, Rafael Carbonell. *Tecnica y Tecnologia Apropriadas en las Misiones Guaranies.* In: *Estudos Ibero-Americanos*-Revista do Departamento de História. Porto Alegre, Pós-Graduação em História. Vol. XV, no. 1, PUCRS, Junho 1989, p. 42.

sença destes açudes como áreas de contenção de água para os animais. É possível que estes açudes fossem mantidos com a captação de águas pluviais e sua constante manutenção garantisse a permanência de taludes de contenção. O gradativo abandono da Redução teria interrompido a manutenção e conseqüentemente os açudes desapareceram.

5.2. Currais

As atividades pastoris praticadas pelos índios guaranis nas Reduções dedicavam-se sobretudo à criação de rebanhos eqüinos, ovinos e bovinos. A criação extensiva dava-se em áreas distantes dos núcleos urbanos com o estabelecimento de estâncias onde haviam milhares de cabeças de gado e também cavalos. Estes últimos eram utilizados no trato com o gado nas atividades de rodeio e condução de rebanhos. Tanto nas estâncias, quanto em áreas localizadas em torno do núcleo urbano das Reduções era comum a presença de currais para a concentração destes animais. Os currais fixados nos arredores dos núcleos urbanos eram utilizados para reter cavalos, gado bovino e ovelhas. O gado bovino significou a garantia do abastecimento de carne para as populações das Reduções. Também era utilizado para lavrar os campos através do arado de tração animal. Além disto, o couro tinha diversas utilidades através de um artesanato que produzia bolsas, sacos, selas, arreios, etc. Até mesmo os ossos eram utilizados como instrumentos na lavoura. Estes fatores faziam com que houvesse a necessidade constante de manter um número significativo de cabeças de gado concentradas próximas ao núcleo urbano.

Nas lavouras e roças eram feitas aproximadamente seis plantações sucessivas de milho, ou seja em julho, agosto, setembro, dezembro, janeiro e fevereiro. Para lavrar o campo para essas semeaduras eram utilizados bois durante as semanas anteriores a esses seis prazos. Após estes períodos os bois não eram mais utilizados nas plantações. O uso do gado nos arados era uma atividade que previa uma série de procedimentos que envolviam a presença de currais:

> *"Cuando es tiempo de arar, traen al corral (que los hay grandes al lado del pueblo) 600 ú 800 bueyes, que así llaman á los toros*

> *ya amansados, castrados ó enteros, y vienen á cogerlos los que han de ir á arar. Pónen-se á la puerta los Secretarios com su papel, apuntando todos los que sacan bueyes y van com ellos á sus sementeras. A la tarde vuelven los Secretarios y van apuntando todos los que los vuelven, para ver si alguno los perdió, mató ó comió."*
>
> (Cardiel,1994:56)

Os animais eram trocados todos os dias. Todos os bois eram trazidos da estância da Redução e deixados nos campos próximos ao núcleo urbano. Metade era destinada ao trabalho e substituída no dia seguinte pela outra metade. Enquanto não estavam sendo utilizados nos arados ficavam soltos no campo. Por isto eram também importantes as áreas de pastagem próximas aos núcleos urbanos. Para os currais somente eram levados pela manhã e a tarde, no início e encerramento da jornada diária. Sepp também tratou de garantir que cada índio dispusesse de uma junta de bois para o plantio da lavoura na nova Redução de São João Batista, que ocorria na época do amanho[82] das terras:

> *"(...) Cuidamos, quanto era possível , que cada índio tivesse uma ou duas juntas de bois para lavrar; pois, como temos vacas aos milhares, facilmente se pode dar a cada indivíduo uma, duas, três e até quatro juntas de bois a fim de lhes aliviar o amanho dos campos."*
>
> (Sepp,1980:142)

O fato de entregar as juntas de boi no início da jornada de trabalho e retomá-las no final da tarde, mantendo-as em currais estava ligado ao problema da falta de costume dos guaranis em dispor de uma propriedade privada deste porte. Isto poderia levar a comportamentos como o descrito por Sepp:

> *"Quando, pois, o voracíssimo índio terminou de arar a sua lavoura ou lavourazinha (e oxalá terminasse!) cansado já o bom homem e aborrecido do trabalho, mata o seu boi de arado e fá-lo*

82. O amanho dos campos era realizado entre junho de dezembro de cada ano.

> *em postas com o facão, nada solícito quanto ao ano próximo e quanto ao boi que lhe será então novamente necessário para lavrar.*"
>
> (Sepp, 1980:142)

Quando ocorriam fatos como este a condenação dava-se amarrando o índio acusado em um tendão de boi e o capitão corregedor aplicava-lhe 24 açoites (Sepp,1980:142). Os indígenas tinham preferência pela carne de vacas em detrimento da carne de bois. Os novilhos e touros eram trazidos ao núcleo urbano e amansados antes ou depois da castração. A castração e o amansamento eram feitos por guaranis especializados. A necessidade de manter os bois sob controle para evitar fatos como os mencionados acima fazia com que os animais fossem entregues ao cacique das parcialidades e não às famílias particulares. Este devia ter perto de sua roça um curral em que todas as noites seriam mantidos os bois entregues pelos índios, para serem controlados e assim conservados mais tempo. No final da semana toda a boiada era levada para um grande curral para o controle do padre e do corregedor (Sepp,1958:49). Estes currais maiores deveriam ter quatro casas com quatro índios encarregados morando e dormindo nos quatro cantos do curral para resguardar os bois contra os ladrões:

> *"É necessário que os Padres Curas antes da Missa de forma alguma deixem que os atem ou trabalhem com eles: em consequência, os novirerequaras,*[83] *que devem dormir em cada esquina do curral grande, os quais são quatro índios, para que de noite os ladrões não furtem ou matem alguns, logo ao alvorecer antes da Missa os devem pastorear uma hora pelo menos.*"
>
> (Sepp,1958:53)

Esta ordem para que os encarregados dos bois, de manhã, soltassem os animais para pastar uma ou duas horas no capim molhado era em função do fato de que, em caso contrário boi não comia mais nada durante todo o dia, pois os índios os deixavam atados juntos as suas casas quando não estavam nas roças lavrando (Sepp,1958:53).

83. Novirerequaras eram os índios encarregados da guarda dos currais.

Todo o controle em relação ao gado fazia com que alguns currais maiores possuíssem casas contíguas aos mesmos onde moravam as famílias dos novirequaras. Estes currais com casas são representados nas iconografias de São João Batista:

> *"Antes do Rosário os devem entregar aos 4 novirerequaras para que apascentem antes de encerrá-los no curral, e para que isto se faça, o Padre Cura deve mandar fazer em cada esquina e na porta do curral um rancho de palha, para poder cada índio dormir com sua família; não havendo estes ranchos, será um desastre: não dormirão ali, mas na Redução, e os novilhos ficarão expostos a que os desviem, furtem, matem, e comam os ladrões"*
>
> (Sepp,1958:53)

Além do trabalho nas roças os bois eram utilizados nas mais diversas atividades. Construção de estradas; construção de cercas depedra e moirões, de pontes, de casas de índios, de oficinas, das igrejas, etc. O transporte das toras de madeira trazidas das matas para os núcleos urbanos era feito com juntas de bois. Da mesma forma eram arrastados os blocos de arenito e basalto utilizados nas construções. Ainda havia as caravanas de carretas que levavam aos portos de embarque os produtos que deveriam ser comercializados nas cidades espanholas. Cada carreta devia contar com juntas, não só para substituição mas também, para retirá-la dos atoleiros e auxiliar nos passos dos arroios e rios (Bruxel,1959:113).

Alguns bois que ficavam confinados em currais nas cercanias dos povoados destinavam-se ao abate para o consumo. Para local de abate era destinada uma área situada fora dos núcleos urbanos. No entanto, por muito tempo utilizou o costume de abater o animal no pátio das oficinas:

> *"La distribución de la carne es de esta manera. Después del Rosario, se hace señal com el tambor. Vienen las mujeres, una de cada familia. Cogen los Secretarios sus libros: van llamando á todas por sus cacicazgos y parcialidades: y otros les dan ración.*

> *Para prevenir éstas, traen las reses por la mañana al patio y oficinas de casa de los Padres. Allí las matan y hacen las raciones, y ajustan los Secretarios la cuenta de ellas.*"
>
> (Cardiel,1994:55)

A própria Lei das Índias previa que cada nova povoação em terras espanholas contasse com um solar para carnicerías destinadas ao consumo cotidiano de carne, "*pero la usanza rioplatense era carnear el las afueras del pueblo y traer la carne trozada en carretilla o carro*."(Gutierrez,1974:137) Uma ordem do Padre Superior das Missões, de 1667, determinava que os matadouros não estivessem no interior do conjunto claustro-pátio dos artífices, pois perturbariam a quietude e a limpeza necessárias nestes locais. A partir desta recomendação os matadouros se localizaram ao lado do pátio dos artífices, onde os animais eram mortos e a carne distribuída. No entanto, Sepp afirmava que em São João e São Miguel havia matadouros no exterior dos núcleos urbanos e apenas a distribuição da carne era feita no pátio. Os índios responsáveis por este ofício eram os Soorerequara: o que cuida da carne (Gutierrez,1974:137).

A criação de ovelhas também previa o uso de currais. O controle da reprodução fazia com que estes animais ficassem presos por longos períodos, sendo soltos de acordo com a época de procriação:

> *"As ovelhas, se são mil, se lhes soltam 300 carneiros duas semanas e outras duas semanas outros 300. A 15 de maio, dia de Santo Isidoro, assim nascem depois do cordão de São Francisco, que é a 4 de outubro.*"
>
> (Sepp,1958:48)

Quando os cordeiros já estavam crescidos e possuíam pequenos cornos, deveriam ser separados das fêmeas para que não cruzassem com suas genitoras, pois isto levaria à perda das crias. As crianças trabalhavam nos campos afastando os corvos que atacavam os filhotes pequenos. Para proteger as ovelhas, e sobretudo os filhotes, no inverno: "*devem ter um galpão comprido com o teto coberto de palha e contra o vento sul o galpão deve estar tapado com palha também*"

(Sepp,1958:48) As ovelhas com mais de um ano eram tosquiadas em novembro. As crianças também participavam da tosquia recolhendo a lã que caía separada dos novelos, recolhendo-as em sacos de couro para evitar desperdícios. Eram crianças que também cuidavam dos currais de ovelhas:

> *"Aqueles 4 rapazes pequenos que em tempo de parição se põem a cuidar em cada curral dos cordeirinhos, devem ser encarregados de ir sempre com as ovelhas para apascentá-las, e porque soem nascer no meio dos matacegais e de noite se perdem, devem trazê-los para fora, onde não haja maleza. Também as que nasceram hoje, amanhã, não as devem mesclar ou juntar com aquelas que ainda não pariram, para evitar confusão. Em consequência, as que não pariram se devem apascentar para o Oriente, as que pariram para o Ocidente; e por isso também de noite precisam dormir à parte com as mães as crias recém-nascidas."*
>
> (Sepp,1958:49)

A lã produzida na tosquia era entregue às mulheres juntamente com o algodão. Eram entregues uma libra de cada por semana para serem fiados. Esta quantidade garantia o tempo para outras atividades que não apenas a fiação (Cardiel,1984:91). No século XIX a produção de lã prosseguia nas Reduções administradas pelos portugueses:

> *"(...) A lã dos cordeiros e das ovelhas é tosquiada em outubro, mas tosam-se em março os animais nascidos em junho. Os carneiros são castrados aos seis meses pela estirpação dos testículos ou a um ano pelo estrangulamento dos vasos espermáticos".*
>
> (Saint-Hilaire,1974:49)

Os eqüinos também eram retidos em currais, principalmente para controlar a reprodução. Sepp recomendava que se colocasse as éguas com os machos reprodutores em currais grandes. Da mesma forma devia-se proceder com os burros e mulas. Isto era feito porque alguns animais não cruzavam quando estavam em campo aberto, mas apenas nos currais. As crias nascidas deveriam ser postas em um

curral pequeno à parte. O objetivo era proteger as crias de bichos e moscas que pousavam nos umbigos dos recém-nascidos causando-lhes moléstias. Para evitar estes inconvenientes era aplicada uma erva amarga ou esterco de vaca sobre os umbigos das crias (Sepp,1958:48). Além do uso como montarias e transportes, os guaranis missioneiros aproveitavam para explorar outros recursos dos eqüinos:

> *"Todos los años se cortan las crinas y las colas á las yeguas, enfardándolas para la venta, y en las Misiones se reunia gran número de arrobas de esta artículo (...) Asimismo anualmente se sacan tropas de yeguas para los saladeros, donde se sala el cuero, se beneficia la gordura, y la carne se dá á los puercos, aunque de los documentos que poseo consta que los misioneros hiciesen lo mismo."*
>
> (Brabo,1873:L,int).

Todas as atividades que envolviam a criação de bovinos, eqüinos e ovinos exigiam a construção de currais. Estes poderiam ser grandes e pequenos. Em geral, os currais localizados próximos aos núcleos urbanos eram feitos de madeira. Pilares eram dispostos em forma circular e toras de madeira completavam o cercamento. Alguns poderiam assumir a forma quadrada. Os dois currais representados na iconografia de São João Batista são de forma circular e, aparentemente, de madeira. Em ambos estão encerradas algumas cabeças de gado. O curral da parte inferior da ilustração contém uma casa contígua que, como visto acima, abrigava o responsável pela vigilância dos animais.

Nas estâncias também haviam currais que poderiam ser construídos com pedras. Em suas pesquisas na região de Lavras do Sul, em 1959, o P. Jaeger acredita ter localizado um curral de pedras do período missioneiro. A estrutura identificada pelo P. Jeager encontrava-se na propriedade do Sr. Belmiro Gutierres chamada estância Curral de Pedras e, segundo Jaeger apresentava-se como

> *"...um extenso muro, construído em forma de zigue-zague, ainda em boa parte conservado, de um metro de grossura, em parede dupla, com terra e cascalho socado no meio, quase da altura de um homem. Em tempos normais de uso, comportaria folga-*

> *damente, conforme o nosso veterinário, Dr. Percy de Quadros, 5 a 10 mil rêzes.(...) O muro é suficientemente alto para um boi não saltar, porque não pode ver o que se encontra do outro lado. Além disto, à curta distância do curral, ainda hoje, está em uso um grande e profundo açude, cuja água não seca, nem no verão mais prolongado."*
>
> (Jaeger,1959b:12)

A documentação bibliográfica que corrobora a hipótese de Jaeger de que tratava-se do curral do posto de Santo Antônio, pertencente à estância de São Miguel, provém de Aurélio Porto, onde este refere-se ao Curral da estância de São Miguel:

> *"Pela sua extensão e posição central, que a tornava porta de comunicação dos Povos para as Vacarias do Mar, São Miguel teve suas estâncias grandemente desenvolvidas.(...) Santo Agostinho, Santa Tecla e Batovi foram também importantes estabelecimentos de criação. Santo Antônio o Velho, foi abandonada pelas contínuas incursões dos índios que roubavam cavalhadas e gados. Aí tinham os Jesuítas um curral de Pedras para a encerra de gados extraídos das vacarias, passando a estrada que seguia para as missões pelo passo do arroio de Santo Antônio"*[84]

A propriedade do Sr. Guterres encontra-se próxima ao arroio Santo Antônio. Pelas evidências materiais e bibliográficas, o P. Jaeger conclui pela comprovação de que o dito curral realmente pertenceu ao período jesuítico e fazia parte da estância de São Miguel. Fernando La Salvia também esteve neste local em 1984. No entanto, não refere-se a visita feita por Jaeger em 1958-59. Quanto aos currais, La Salvia diz que todos tinham duas características em comum, eram de pedra natural ou cortada e que teriam sua maior parte enterrada ou circundada por terra encostada aos muros formando um aclive suave (La Salvia,1988:201). Haveria os currais circulares, em alguns casos

84.PORTO. Aurélio. *História das Missões Orientais do Uruguai*, v. 2, p. 330. In. JAEGER, Luís G. S.J. *Pesquisas Históricas em Lavras do Sul*, Revista Pesquisas, Nº 2, Inst. Anchietano de Pesquisa, Porto Alegre, 1959b, p. 13.

com dupla estrutura, uma maior outra menor, uma para guardar o gado e outra como potreiro. Os currais retangulares seriam distintos, pois não eriam uma estrutura enterrada como os circulares e as paredes seriam menos espessas, com no máximo 0,80 m e teriam inda duas porteiras. La Salvia toma como modelo o curral visto no Posto de Santa Tecla. Já o curral do Posto de Santo Antônio seria um curral retangular com divisão:

> *"Está localizado próximo da antiga casa ou capela, que existiria neste sítio. Hoje é a casa grande. Este curral é formado por duas construções justapostas e interligadas por uma porteira. Uma é pouca coisa maior que a outra. Suas paredes são parcialmente enterradas e em grande parte estão afloradas. A espessura varia de 1, 50 m, na parte enterrada, 2 m. Nos pontos sem reforçamento externo temos orifícios para escoamento da água localizados ao rés do chão. As pedras utilizadas são na sua grande maioria naturais e algumas têm a face acomodada, buscando dar uma feição melhor ao acabamento. Os blocos são grandes, assentados sobre barro de banhado. Pedras pequenas fecham os interstícios criando uma estrutura firme, bem consolidada."*
>
> (La Salvia,1988:203)

Afirma o autor que localizou vários vestígios de currais como este nas nascentes do rio Camaquã e também sobre o divisor de águas do Ibirapuitã e do Santa Maria. Estes currais alcançariam até 150 m de diâmetro e com paredes soterradas que podem chegar até 3 m de altura (La Salvia,1988:202). Em São Nicolau, próximo ao sítio urbano, o autor relata a identificação de um curral circular com 25 m de diâmetro. A altura das paredes era de 2,25 m. Fala ainda da ocorrência de estruturas semelhantes em São Lourenço Mártir e São Miguel.

Durante as prospecções realizadas em São João Batista pelo projeto Arqueologia Histórica Missioneira, em 1989, foram identificadas estruturas próximas às evidências de um antigo ca- minho. Segundo interpretações da época, estas estruturas corresponderiam ao curral que aparece na iconografia de São João assinalado com a letra

"L". O caminho estaria assinalado com a letra "X". As estruturas eram formadas por alicerces de basalto e soleiras de arenito que podiam ter feito parte de uma casa. Este local situa-se a aproximadamente 2.000 m das ruínas do núcleo urbano da Redução, próximo à uma escola existente na estrada que leva de Santo Ângelo a São Miguel das Missões.[85] Esta é a única informação conhecida da localização de um possível curral de São João Batista.

5.3. Fornos e Olarias

A fundição de peças de ferro e a fabricação de telhas e ladrilhos de barro utilizados nas construções faziam com que fossem necessárias instalações de fornos nas Reduções. Os fornos de fundição não eram comuns a todos os povoados, embora sua presença não fosse tão insignificante nas Reduções. O ferro representou um elemento importante na cooptação dos indígenas desde os primeiros anos do trabalho missionário jesuítico:

> *"(...) as cunhas de ferro eram de procedência européia ou hispano-americana. Para o missionário e o índio valiam mais que ouro. Aceitá-las em substituição ao machado de pedra, equivalia para o índio ao mesmo que abraçar, com fé a nova civilização".*[86]

A substituição dos instrumentos de pedra e madeira tradicionalmente utilizados pelos guaranis por peças de metal significou uma maior produção nas hortas e roças dos povoados. Os indígenas pretendiam adquirir este conhecimento e com isto encontrava-se um argumento a mais para convencê-los a reduzir-se.

Inicialmente as peças de metal eram compradas nas cidades coloniais espanholas.

> *"nas reduções jamais houve minas de ouro e prata, as que se encontravam eram de cobre e ferro, e estas eram tão difíceis de tra-*

85.Relatórios de Campo, São João Batista, 1989, Arquivo do IPHAN, Porto Alegre, RS.
86. Nota de Arthur Rabuske In: MONTOYA, A.R. *Conquista Espiritual,*1985, p.82

balhar que acabara sendo mais barato e seguro importar [ferro] como fizeram de 1610 a 1768."[87]

Entretanto, a partir do momento em que as Reduções tornaram-se mais estáveis, sobretudo a partir do final do século XVIII, e as construções passaram a ser feitas com materiais mais duráveis e mais elaborados, o ferro adquiriu uma importância maior. Era preciso extrair o minério no próprio território das Reduções e submetê-lo a um processo de fundição para fabricar peças em maior quantidade. O Padre Sepp menciona a carência de ferro , e conseqüentemente de instrumentos de ferro quando da construção da Redução de São João:

> *"(...) para 750 servos, contava eu 100 enxadas, devido a indizível falta de ferro. (...) agora, porém, - a Deus se dêem infinitos louvores - já não necessito do ferro espanhol, já sou hábil na arte e método de extrair e fundir ferro e aço(...). Achei ferro e aço na minha jurisdição e vizinhança da vila, e levantei fornos de fundição."*
>
> (Sepp,1988:143)

Normalmente se reputa ao Padre Sepp a descoberta da possibilidade de extração de ferro, segundo Carle, a partir de rochas de basalto vesicular com óxido de ferro, chamado de itacuru ou pedra cupim (Carle,1991:110). Sepp refere-se à matéria prima utilizada para a extração de ferro:

> *"(...) esta pedra, pelo calor do sol, fica tão dura que não se derrete senão com fogo muito intenso; e quando mais apurada e endurecida, o que se obtém derramando água aos poucos em cima dela, condensa-se em aço e ferro. (...) Jaz ela no campo exposta às chuvas e ao sol, ou se apresenta, ao primeiro golpe de martelo, debaixo da grama verde. Há também certas colinas repletas da mesma pedra. Chama-a o selvagem de itacura*[88]*, por estar cheia*

87. Comentário do Padre Jarque In:FURLONG . G. *Misiones y sus pueblos guaranies,1962*, p 446.
88. Nesta versão em português publicada em 1980 aparece a denominação itacura para as pedras das quais Sepp afirma extraía-se ferro. No entanto, na versão em espanhol de 1973 (ver bibliografia) Sepp diz: "*Los indios llaman a esta clase de piedras itacurú*". É possível que itacura tenha sido um equívoco de tradução.

> *de manchas e grãos escuros; estes grãos quando expostos a um fogo muito intenso fundem-se em ferro e aço."*
>
> (Sepp,1980:226-27)

As rochas retiradas das pedreiras eram levadas para fornos onde eram submetidas a temperaturas que faziam com que o ferro presente nas mesmas derretesse. Para isto era preciso construir um forno de proporções importantes, que permitisse o trabalho com uma quantidade razoável de rochas:

> *"(...) Levanta-se um forno de tijolo cru, numa altura de cerca de dez pés e numa largura de seis pés. Deixa-se no meio um suspiro ou chaminé de um pé quadrado, por onde o fogo possa respirar. Por esta chaminé deitam-se seis porções de carvão e uma de pedra britada. A pedra deve queimar antes para se desfazer os espessos vapores da terra, de que está umidecida, logo que se acender o fogo com ventilação forte e regular; assim aos poucos, pela arte espagírica, os minérios vão se separando e o ferro desce para a parte inferior; as escórias ou fezes saem pelo buraco para isso aberto. Enfim, quando em vinte e quatro horas contínuas a massa de ferro mais ou menos se fundiu, abre-se o forno e por orifício tira-se o embrião incandescente. É malhado então a fortes marteladas, recebendo a forma de enxadão, foice, cunha, machado, lâmina, como se quiser. Este mesmo ferro endurece em aço conforme a diversidade de temperatura, que se lhe dá pela infusão na água, quando incandescente. (....) A dificuldade está principalmente em que se deve empregar não qualquer carvão, mas o que resulta da cremação lenta e subterrânea de uma madeira duríssima."*
>
> (Sepp,1980:164:65)

Segundo Carle, a técnica de fundição apresentada pelo padre Sepp é conhecida como a de alto-forno. Nesta a fusão de metais é propiciada com temperaturas superiores a seu ponto de redução. A conformação das peças através de marteladas no ferro incandescente é conhecida como técnica de matriz aberta. As peças de metal encon-

tradas em São Lourenço e São João, como cravos, facas, ganchos, cachimbos de porta e ponta de flecha, são reconhecidos como produto desta técnica (Carle,1991:111). Carle descreve os tipos de fornos que podem ter sido utilizados nas missões jesuíticas. Haveriam os fornos pequenos, mantidos à força de pequenos foles e que eram chamados de "fornos de fiar ferro". Estes fornos não alcançavam mais do que 1 ou 1,5 m de altura. Segundo o autor:

> "Provavelmente estes tipos de fornos foram utilizados para a conversão de barras de ferro fundido e lingotes ou mesmo para refusão de peças pequenas, no interior do pátio dos artífices"
>
> (Carle,1993:48-49)

Já o forno feito de tijolos de adobe era uma estrutura bem maior chamada de alto-forno. Este parece ter sido o forno utilizado pelo Padre Sepp para a fundição de ferro em São João. Isto faria do Padre Sepp, segundo Carle, o introdutor do alto-forno na América. O alto-forno requeria uma localização especial:

> *"...o alto-forno antigo era em geral construído em locais próximos a cursos d'água com velocidade e em colinas batidas pelo vento. A água serviria para resfriamento do metal incandescente e movimentação das rodas hidráulicas, para os foles e os martelos pesados (de trituração mineral e forjamento dos metais.)"*
>
> (Carle;1993:55)

Há uma diferença entre estes fornos controlados por rodas hidráulicas e os fornos de adobe. Os alto-fornos hidráulicos eram mais potentes que os fornos de adobe, pois valiam-se de foles e martelos movimentados pela força da água. Carle chama a atenção para o fato de que o Padre Sepp não refere-se em nenhum momento a estruturas hidráulicas relacionadas com seus fornos em São João Batista, embora possa ter valido-se delas através das águas do arroio Lajeado do Moinho (Carle,1993:55). Durante as prospecções de campo deste trabalho pôde-se identificar uma estrutura de pedras nas margem do Lajeado do Moinho, para a qual não foi possível determinar uma função espe-

cífica. Mais adiante se fará referências a este local. Somente uma intervenção arqueológica poderia perseguir a hipótese da existência de um alto-forno hidráulico neste arroio. Segundo Sepp, São João alcançou uma capacidade considerável de produção de ferro que lhe possibilitou inclusive fornecer peças para outras Reduções:

> *"...quando em 1756, irrompe a chamada guerra dos sete povos, os armazéns de San Juan, forneceram o ferro para as pontas de lança e flechas com que o exercito de Sepp lutou na batalha de Caibaté. Naquele momento, até as mulheres eram armadas em San Juan."*
>
> (Sepp,1980:167,nt.)

Apesar da quantidade de peças de ferro encontradas em São João e outros povoados e das descrições de Sepp a respeito dos fornos, não é possível definir se estas peças foram ou não produzidas nos povoados. Isto poderia ser feito através da identificação química dos materiais e de trabalhos de localização das fontes de matéria prima na região. O fato de encontrar-se escórias de ferro junto ao pátio dos artífices de São João e São Lourenço são possíveis comprovações da fundição de metais. As escórias que aparecem em outras Reduções podem significar a dispersão de fundições ou a refundição de lingotes produzidos em São João (Carle,1991:111). Os vestígios arqueológicos de materiais de ferro como trancas, pregos, ferrolhos e fechaduras são encontrados em geral associados ao conjunto claustro-pátio dos artífices. Nas casas de índios estes materiais não ocorrem. Isto poderia indicar a ausência de trancas e pregos na arquitetura das casas dos índios. Carle destaca ainda, que a pouca ocorrência de metais nos sítios arqueológicos das Reduções poderia indicar o constante reaproveitamento das peças pelos ocupantes das Reduções e por aqueles que instalaram-se posteriormente ao período jesuítico. A acidez do solo também contribuiria para a destruição destes vestígios (Carle,1991:111). Em 1959, o Padre Jaeger identificou um local em São Nicolau que definiu como sendo os restos das estruturas de uma fundição de ferro do período missioneiro. Localizava-se a um quilômetro de distância

de São Nicolau, em um lugar chamado de "Capão da Pólvora". O proprietário do local era o senhor Bento Guimarães dos Santos. Segundo Jaeger:

> *"Pouco resta da antiga construção da fundição, porquanto as pedras foram levadas para um quartel que se edificou em São Nicolau há anos. Os alicerces ainda denotam uma construção de 4 peças, com 8 a 9 metros de diâmetro, comunicando-se entre si."*
>
> (Jaeger,1959a:17)

A ocorrência de grande quantidade de "escória de ferro" no local e também em outros pontos de São Nicolau apontariam para a presença nesta redução de uma fundição de ferro. Além do ferro, foram feitas algumas experiências com cobre em outras Reduções. Em Santana havia uma pequena reserva de cobre próximo ao povoado, porém as tentativas de beneficiá-lo aparentemente fracassaram (Azara,1990:259).

Os fornos de barro desempenharam um papel mais importante do que aqueles destinados à fundição de ferro. Neles eram fabricados os ladrilhos utilizados no piso da Igreja, das salas do claustro e do pátio dos artífices e também nos degraus das escadarias e nas varandas das casas. Além disto, produziam todas as telhas das coberturas das estruturas arquitetônicas. O Padre Sepp faz algumas recomendações específicas sobre a forma de fabricação de telhas e ladrilhos.

> *"Para queimar as telhas, antes de carregar os fornos, estes devem estar bem secos: três dias e três noites se hão de fumigar e motimbo, pondo-lhes antes um fogo lento, depois com acendalha se lhes põe fogo, e por último com lenha se acabam de queimar. Para trazer a centelha se destaca um magote de rapazes recém-casados, dá-se-lhes um par de touros, os quais, arrastando os ramos, os põem em pilhas levantadas junto dos fornos.*
>
> (Sepp,1958:50)

As crianças auxiliavam no trabalho destes estabelecimentos levando as telhas do toldo aos fornos e após a queima levando-as para o local das construções. Recomendava ainda que antes de fabricar casas novas era importante substituir os telhados das casas velhas e com goteiras. Os Caciques encarregariam uma turma de seis índios para esta tarefa (Sepp,1958:50). Em São João Batista foi instalada uma olaria para fabricação de telhas e ladrilhos. Próximo a esta também localizava-se um barreiro de onde era extraída a argila para as peças:

> *"Al pie mismo de la colina donde construí mi pueblo, me deparó la Divina Providencia el mejor barro para fabricar ladrillos de los cuales cocí, en cuatro meses, más de 100.000, para tejar la iglesia y la casa del párroco que forman un cuadrángulo. A este fin debía sólo hacer unas escavaciones bastante amplias e instalar allá los hornos, a saber tres. En cada uno podía cocer cuatro mil ladrillos a la vez. Organicé la fabricación de tal modo que hice colocar en el primer horno los ladrillos recién hechos y bien secos, apilados como leños, mientras que los del segundo horno ya se calentaban intensamente y los del tercero acababan de cocerse, de manera que cada día, continuamente, uno de los hornos se vaciaba y otro se cargaba de nuevo."*
>
> (Sepp,1973:234)

Sepp chama a atenção para o fato de que as primeiras construções a serem cobertas de telhas foram a casa do padre e a igreja. Daí se conclui um certo privilégio, visto que os índios poderiam ficar mais tempo com tetos de palha, dado ao costume das casas Guarani e também que a igreja deveria ter um certo destaque de acordo com as antigas recomendações do Padre Diego de Torres (Sepp,1973:257).

Os fornos utilizados para assar pães não parecem ter sido de grande importância para as Reduções. Os guaranis tinham por costume consumir bolos feitos de farinha de milho assado. No entanto, o Padre Sepp faz referência também aos fornos de pão.

> *"Em tempo de frio ordinariamente se escusam de fazer bom pão. Para fazê-lo, pois, na mesma cozinha, que está sempre quente, cumpre fazer o levedo e pô-lo dentro daquele forninho, que soe*

> *haver nas cozinhas para fazer pastéis, tortas, ou biscoitos e a farinha já amassada deve também ser posta dentro, para que se levante, cortando depois os pães bem cobertos com bichará para levá-los sobre uma tábua ao forno dos padeiros, o qual forno precisa ser previamente aquecido, e a cinza varrida."*
>
> (Sepp,1958:53)

Gutierrez considera que os fornos de pão e inclusive os moinhos de farinha eram de caráter familiar. No entanto, no final século XVII foi determinado que fossem instaladas atafonas a cargo da Redução para moer o milho. Estas deveriam ficar próximas das oficinas. Quanto aos fornos de telhas e ladrilhos, estes não se localizavam perto das oficinas devido à tecnologia própria destas instalações que utilizavam o fogo (Gutierrez,1974:137-38).

A arqueologia ainda não tem se dedicado ao estudo dos estabelecimentos de fornos nas Reduções com a devida atenção. No entanto, alguns lugares com vestígios arqueológicos já estão identificados. Na expedição à região de Lavras do Sul, em 1958-59, o Padre Jaeger informou a identificação de uma estrutura de pedras que poderia constituir um antigo forno. Os vestígios deste estariam na estância Curral de Pedras, de propriedade do Sr. Belmiro Gutierres. Segundo Jaeger apresentava-se com:

> *"...uns 8 para 10 metros de altura e 5 de diâmetro, em forma de cúpula, dentro do mato. (...) Embora a abóbada já esteja danificada, talvez por algum galho pesado que lhe tenha caído em cima, a frente também aberta, com muitas pedras tombadas para dentro, e a entrada pequena, pela altura do chão, prova tratar-se realmente de um forno."*
>
> (Jaeger,1959b:12)

Jaeger aponta para hipótese de tratar-se de um forno para queima de cal, visto que havia uma jazida de cal localizada à uns 10 km de distância do local. A falta de evidências de queima no interior do forno levou o autor a concluir que o mesmo nunca havia sido utilizado. Para Jaeger tratava-se de um forno do período jesuítico e junto

a esta estrutura havia ainda "*...os alicerces bem definidos de pedra de uma habitação quadrangular de uns 6 para 8 metros de cada lado.*" (Jaeger,1959b:12)

Na Redução de Apostoles também foi identificada a área da antiga olaria de telhas e ladrilhos. Localiza-se a 900 m a oeste da redução em uma zona rica em solo argiloso. Segundo o inventário de Apostoles, de 1768, a Redução possuía dois grandes galpões onde se fazia as telhas e um forno grande. Os restos dos galpões foram identificados e também duas fossas de 12 m de diâmetro e 2,5 m de profundidade com vestígios de argila no fundo, o que indicaria o acondicionamento para posterior utilização da mesma (Snihur,1988).

Os vestígios arqueológicos da olaria da Redução de São João Batista encontram-se bastante evidentes em uma área próxima as ruínas da Redução. Durante as prospecções deste trabalho realizou-se um levantamento destes vestígios. Localizados a sudoeste do antigo núcleo urbano, em uma área de mato com aproximadamente 10.000 m², apresenta três depressões no terreno, dispostas lado a lado. A depressão leste possui aproximadamente 10 m de comprimento por 3,40m de largura. A depressão do centro possui medidas similares. A depressão oeste é levemente mais curta no comprimento e possui 4 m de largura. Entre as depressões a distância fica em torno de 2, 80m. Ao lado desta área ainda existem algumas árvores conhecidas como branquilhos, cuja lenha é excelente como combustível. A oeste da olaria, a aproximadamente 100 m do capão de mato, encontra-se um espelho d'água que, segundo o Sr. Elói, zelador das ruínas, é suficientemente antigo para ter pertencido ao período missioneiro. Hoje em dia, a área em volta está sendo cultivada e deverá eliminar o açude em pouco tempo. A aproximadamente 200 m do local da antiga olaria existe um barreiro formado nas margens do arroio Ibiquá. É possível que daí tenha sido extraída a matéria prima para as telhas e ladrilhos. Como visto acima, o Padre Sepp refere-se a um barreiro situado ao pé da colina onde estava a olaria.

Um outro local que apresenta vestígios de estruturas de fornos localiza-se a 50 m da margem direita de uma estrada secundária a oeste das ruínas de São João. Esta área apresenta vestígios de antigos rebaixamentos de terreno. Em alguns pontos a depressão alcança uma

profundidade de 2,20 m. Conforme Kern,[89] durante as prospecções de 1987 foi realizada uma intervenção em uma das laterais da depressão, onde constatou-se a presença de uma estrutura de tijolos de adobe, de forma semicircular. O local foi novamente encoberto e não foram realizadas escavações sistemáticas nesta área novamente. O Sr. Elói relatou que nesta área ocorreram escavações de "caçadores de tesouro" e que também constataram a presença de tal estrutura. Elói também confirmou que os antigos moradores da região referem-se a este local como "Forno Velho". Fragmentos de telhas e cerâmica podem ser vistos em um raio de aproximadamente 30m, em volta da área da depressão de terreno. O conjunto das evidências arqueológicas; a intervenção realizada por Kern em 1987 e o relato do zelador das ruínas de São João, sugerem que esta área trata-se de um forno do período missioneiro, provavelmente utilizado para fundição de ferro, devido à estrutura de adobes, ou ainda para a fabricação de telhas e ladrilhos.

5.4. Pedreiras

As pedreiras representaram um fator importante na escolha do local de estabelecimento de uma Redução. Delas dependia o fornecimento de matérias primas para consolidar as construções em pedra, sobretudo as igrejas. Sua localização na área de uma Redução pode dar uma idéia aproximada das distâncias a serem percorridas e do esforço despendido na extração e transporte dos blocos de rochas. Na Redução de Apostoles foi possível identificar a existência de uma pedreira de arenito. Utilizando uma descrição da região de San Ignacio e Apostoles foi constatada a presença de pedreiras de arenito. A descrição é de 1899, na obra *Memoria sobre el territorio de Misiones*, de Carlos Burmeister. Após realizar um levantamento da região da redução, foi localizada a pedreira indicada na documentação. Situada a 2.000m a leste da redução, cobre uma superfície de um hectare e está coberta de vegetação. Caracteriza-se por três crateras escavadas na encosta e um monte. A maior tem uma profundidade de 5 m e uma largura de 9m. Os vestígios são marcados por cortes nos mantos de rocha e alguns blocos lavrados dispersos pela área. Foram identificados dois setores:

89.Kern, Arno. Comunicação pessoal em outubro de 1996.

um que é a própria pedreira e outro que seria a área de beneficiamento inicial dos blocos de arenito. Também os vestígios de uma estrutura construtiva foram identificados, possivelmente um galpão de 5 m de largura por 10 m de comprimento. Os refugos de material também se encontram pela área. Outra pedreira menor foi identificada a 4.000 m a nordeste da redução. De menor tamanho, parece ter sido pouco explorada. O caminho que leva esta pedreira até a redução ainda pode ser identificado (Snihur,1988).

Durante as prospecções em São João buscou-se identificar o local onde poderiam estar as pedreiras utilizadas para a extração de basalto e arenito utilizados nas construções da Redução. Seguindo indicações do Sr. Elói, chegou-se à localização de um grande afloramento de rochas basálticas. O basalto é uma rocha efusiva de cor escura, pesada, tendo como minerais essenciais o piroxênio augítico, feldsptos calcossódicos (plágioclásio). A decomposição do basalto leva ao aparecimento a uma argila de coloração vermelha, dando origem, geralmente, a solos férteis - terras roxas. O basalto itacuru, presente na região dos Sete Povos da Banda Oriental, é resultante de alterações na rocha basáltica através de um processo de laterização (Guerra,1972:55), característico das regiões intertropicais de clima úmido e estações chuvosas e seca alternadas, acarretando a remoção da sílica, e o enriquecimento dos solos e rochas em ferro e alumina. Os solos submetidos ao processo de laterização denominam-se latosolo (Guerra,1972:259).

O afloramento de basalto localizado próximo a São João Batista situa-se a 3 km em direção leste, a 1.000 m da margem do arroio Lajeado do Moinho. As rochas encontram-se afloradas em pequenas elevações próximas à superfície do solo. Trata-se de um conjunto de colinas e estende-se por mais de 2 quilômetros. O padre Sepp, ao referir-se às rochas que eram utilizadas para a obtenção de ferro descreve os afloramentos de onde retiravam as pedras que, além de serem úteis em construções, seriam posteriormente submetidas também ao processo de fundição. Relata que estas rochas estavam na superfície, não sendo necessário a abertura e perfurações no solo, com minas em profundidade *como lo hacen los mineros en las minas de oro y prata*... Estes possivelmente são os afloramentos identificados nas prospecções:

> *"Nada de eso se necesita. Esta piedra se consigue al primer golpe de piqueta o martillo; sus vetas se encuentran en el césped debajo de la grama verde, bañadas de luz por el sol y mojadas por la lluvia. La naturaleza misma ostenta el precioso tesoro que, de ordinario, esconde en su regazo y en colinas que se elevan sobre la superfície de la tierra. Los indios llaman a esta clase de piedras itacurú, a causa de sus rayas y las manchas que indican claramente que es ferrosa y que el mineral debe ser solamente fundido y afinado para convertirse en hierro y acero."*
>
> (Sepp,1973:233-34)

Outro material utilizado na arquitetura de São João é o arenito. O arenito é uma rocha sedimentar resultante da junção dos grãos de areia por um cimento. Os arenitos têm geralmente a cor clara, podendo, no entanto, aparecer amarelados ou avermelhados quando o cimento é ferruginoso ou quando sofre o efeito da laterização (Guerra,1972:32). O arenito foi pouco utilizado nas construções em São João Batista. Em geral, apenas as colunas e peças como pias batismais eram de arenito. Na fonte 03, identificada durante as prospecções, encontram-se blocos de arenito trabalhados que fariam parte da estrutura da fonte. O arenito é uma rocha que permite uma lapidação mais fácil que o basalto. Entretanto, a maior parte das construções em pedra foram feitas com blocos de basalto. A pedreira que pode ter dado origem aos blocos de arenito utilizados em São João encontra-se a mais ou menos 15 km de São João Batista e igual distância de São Miguel, nos campos do Sr. Agenor Marciano. Este local chama-se Rincão dos Moraes. As fotografias reproduzidas por Pedro dos Santos demonstram claramente cortes em afloramentos de arenito formando blocos esculpidos (Santos,1986:48-49). O cal foi um mineral utilizado tanto para as construções, como para fertilização do solo. O cal possibilitou que as técnicas construtivas utilizadas na construção de San Miguel e Trinidad fossem desenvolvidas como solução arquitetônica (Cardiel,1994:41).

> *"En efecto, el hallazgo de cal en varios pueblos significó un cambio evidente en la tecnologia arquitetônica al desplazar el sis-*

> *tema de estructura portante de madera en las Iglesias por el de bóvedas de mampuestos cuya máxima expresión fue la Iglesia de Trinidad."*
>
> (Gutierrez, 1974:112)

Os Povos de Trinidad e Jesús no Paraguai, envolveram-se em uma disputa pelo direito de posse sobre uma mina de cal da região (Sustersic,1994). O pleito estabelecido envolveu a intervenção do Provincial. Isto representa a importância deste mineral, cujas minas mais importantes só foram descobertas na última década do período jesuítico. O Padre Sanchez Labrador foi responsável pela descoberta de minas de cal:

> *"En unos zanjones profundos, que habían hecho las corrientes de las lluvias en laderas de los collados se encontraron terrones de tierra del grandor de huevos, algunos mayores, otros menores. Los indios les impusieron el nombre de Ibimorotí, (piedras blancas), por su blancura... Hice algunas pruebas y salió bastantemente un buen suplemento de cal."*[90]

O uso do cal como fertilizante exigia o conhecimento de métodos apropriados. Era preciso expor os torrões de cal ao ar antes do inverno. Na primavera se espalha sobre o terreno. Deixando a superfície exposta ao ar por algum tempo, devia-se arar a terra a cada 15 dias, principalmente após as chuvas. Este método garantiria um aumento da fertilidade por vinte anos. Após o terceiro ano as colheitas começariam a demonstrar os resultados positivos. No entanto, era necessário manter o método de espalhar estercos sobre o terreno a cada oito anos.[91]

90.Sanchez Labrador. Paraguay Natural, parte I, p. 217-85. In: DE MASY, Rafael Carbonell. *Tecnica y Tecnologia Apropriadas en las Misiones Guaranies*. In: *Estudos Ibero-Americanos*-Revista do Departamento de História. Porto Alegre, Pós-Graduação em História. Vol. XV, no. 1, PUCRS, Junho 1989, p.43.

91.Sanchez Labrador. Paraguay Natural, parte I, p. 217-85. In: DE MASY, Rafael Carbonell. *Tecnica y Tecnologia Apropriadas en las Misiones Guaranies.* In: *Estudos Ibero-Americanos* - Revista do Departamento de História. Porto Alegre, Pós-Graduação em História. Vol. XV, no. 1, PUCRS, Junho 1989, p.44.

5.5. Tambos ou Hospedarias

Embora os jesuítas procurassem manter um relativo isolamento dos guaranis em relação à sociedade colonial espanhola, a falta de alguns produtos nos povoados fazia com que fossem permitidas visitas esporádicas de comerciantes às Reduções. Para garantir que o contato entre os indígenas e estes "forasteiros" fosse breve e controlado, duas medidas foram tomadas. A permanência dos comerciantes não podia exceder um prazo de três dias e o local de exposição das mercadorias e de trocas comerciais deveria situar-se fora dos núcleos urbanos. Estes estabelecimentos eram denominados tambos. Esta é uma palavra de origem quechua, língua falada por parte das populações indígenas dos andes peruanos, que permaneceu após a chegada dos europeus. Os tampus, ou tambos, eram locais destinados ao armazenamento e trocas de produtos no interior do império Inca. Os espanhóis mantiveram, com uma pequena variação, este termo para designar seus postos de comércio em boa parte de seus territórios coloniais na América.

Em geral, os tambos das reduções eram compostos de uma única construção em forma de galpão (Furlong,1962:293) que deveria contar com currais para os cavalos e mulas tropeiras, além de instalações para que os viajantes e comerciantes passassem a noite. Gutierrez considera que apesar de os tambos necessitarem de um amplo espaço para a exposição das mercadorias, deveriam ser similares as casas dos índios. Também considera que algumas Reduções, sobretudo aquelas mais afastadas das rotas terrestres, não devem ter contado com uma instalação exclusivamente como tambo (Gutierrez,1974:137).

Em 1992, uma estrutura de pedras situada ao lado do pátio dos artífices de São Miguel foi escavada durante as atividades do primeiro Sítio Escola Internacional das Missões. A estrutura tinha a forma de um quadrado com uma abertura em seu lado norte. Estava composta de diversas salas que circundavam um pátio interno. Unido à estrutura, na parte de trás desta, havia um muro que formava uma área cercada juntamente com a parede sul. É possível que se tratasse de um curral. A abertura que dava acesso ao pátio interno era suficientemente larga para permitir a passagem de carretas de bois. Estas características fizeram com que uma das hipóteses levantadas para a função

do local fosse de um tambo. Apenas a proximidade com o pátio dos artífices, fazendo com que a estrutura fizesse parte do núcleo urbano depõe contra esta hipótese. Não há nenhuma informação conhecida sobre a existência de um tambo em São João Batista.

5.6. Armazéns

A produção de gêneros agrícolas e de peças artesanais deveria ser armazenada para diversos fins. Para tanto, foram estabelecidos armazéns que funcionavam como depósitos destes e de outros produtos. As mercadorias que eram trazidas para serem comercializadas nos tambos também deveriam ser guardadas em dependências criadas para esta finalidade (Furlong,1962:398). Desta forma, pode-se identificar três tipos de armazéns: os armazéns do Tupambaé, onde eram guardados todos os produtos que pertencia à comunidade; os armazéns do Abambaé, que eram depósitos onde estavam os produtos dos índios com a identificação do dono; e os armazéns para os produtos do tambo (Furlong,1962:400). Sobre os depósitos dos bens particulares, como os produzidos no sistema e Tupambaé, Sepp destaca:

> *(...)"Só poucos índios se encontrarão que sejam capazes de guardar as sementes até a época da sementeira. Por isto, também neste particular, precisa o padre olhar pelas coisas. Faz, portanto, um galpão para toda a comunidade. Quando o milho está maduro, cada pai de cada família precisa encaminhar parte da colheita para este galpão. Vindo a época da sementeira, ajudo-os e lhes forneço a semente."*
>
> (Sepp,1980:85)

Os armazéns podiam estar situados dentro ou fora dos núcleos urbanos. Aqueles destinados a receber temporariamente os produtos dos tambos provavelmente localizavam-se junto destes estabelecimentos, fora dos núcleos. No entanto, os armazéns de produtos oriundos das hortas, como milho, batatas, etc. deveriam estar localizados jun-

to ao claustro para que houvesse controle por parte dos jesuítas. Em 1791, já durante a administração civil espanhola, um novo armazém foi construído em São João Batista:

> *"Se han levantado en este año todo el frente del colegio, y se han hecho en el Seis cuartos de siete y ocho varas de largo, y seis de ancho, con un Almazen de diez y siete y tres quartas varas de largo y siete y media de ancho,..."* [92]

A ilustração de São João Batista retrata a leste do núcleo urbano uma construção que difere das demais também representadas nos arredores. Trata-se de uma casa cuja metade é formada por um cercado. Junto a esta estão mais duas pequenas estruturas que assemelham-se a galpões cobertos. Além disto, outras quatro casas representadas, localizadas atrás do conjunto formado pelo pátio dos artífices-claustro-igreja e cemitério, possuem apenas uma abertura central. Por suas características, estas construções podem representar distintos tipos de depósitos e armazéns. De Masy destaca que aquelas construções localizadas ao lado dos currais poderiam ser açougues para o gado de corte. Algumas das outras casas representadas isoladas na periferia poderiam ter a mesma finalidade.[93] Prospecções arqueológicas que priorizassem estas estruturas poderiam permitir uma intervenção que possibilitasse o estudo de armazéns na periferia de São João Batista.

5.7. Hospitais

Os hospitais eram instalações temporárias nas Reduções. Furlong afirma que durante as primeiras décadas do século XVII, houveram hospitais nas reduções. Estes teriam desaparecido no final deste século ou no começo do século XVIII. A partir de então, passaram a ser construídos de forma improvisada e apenas temporariamente, sobretudo durante epidemias de varíola e sarampo (Furlong,1962:611). Quando ocorriam estas epidemias outras instalações eram aproveitadas como hospital. Este é o caso da transformação da olaria em hospital durante um surto de varíola em Nossa Senhora da Fé:

92.*Relación de lo adelantado a beneficio de esta comunidad en este año. San Juan,31 de dezembro de 1791 e 2 de fevereiro de 1792. Administrador Nicolas de Atienza*. AGN, sala IX, 17-3-6.
93. Rafael Carbonell de Masy, comunicação pessoal em 22 de julho de 1997.

> *"Os apertos da situação não permitiam outra construção afora da que serve para o fabrico de telhas e tijolos. Neste hospital improvisado recolhi todos os doentes, os homens separados das mulheres, e dentre estas , por sua vez, as grávidas separadas das outras."*
>
> (Sepp,1980:124)

Este fato é às vezes referido como tendo ocorrido em São João Batista. No entanto, conforme Hoffmann, tradutor das obras de Sepp, este fato realmente ocorreu em Nuestra Señora de Fe, antes da transferência de Sepp para São Miguel e fundação de São João (Sepp,1973:29).

Segundo o Padre Cardiel, havia dois sistemas para combater as epidemias através do isolamento espacial dos doentes: Podia-se estabelecer um hospital para onde todos os doentes fossem levados para evitar o contágio aos outros índios. Todas as atividades de organização, missa, extrema-unção, etc., seriam realizadas neste mesmo local pelo padre. A outra forma seria construir dois grupos de cabanas, sendo o primeiro mais perto do povoado, para observaraqueles doentes cuja moléstia contagiosa ainda não tenha sido totalmente confirmada, e o segundo grupo mais distante para abrigar os doentes verdadeiramente infectados com a doença epidêmica. Quando se confirmasse a doença em um paciente das cabanas do primeiro grupo, ele seria transferido ao segundo e a cabana queimada (Furlong,1953:187-88). A opinião de Gutierrez sobre este sistema é interessante:

> *Esto presuponía prácticamente el traslado del pueblo a una población provisoria, en certa manera el retorno al sistema prejesuitico, población que se repetía para los enfermos definitivos, sistema sin duda sumamente curioso de proteger el pueblo."*
>
> (Gutierrez,1974:135-36)

No entanto, não se pode negar que a vantagem deste sistema estaria na possibilidade de afastar aqueles que apenas haviam contraído uma doença menos grave dos doentes infectados por epidemias

Em 1738 o Padre Machoni ordenou a construção de dois grandes hospitais fora do núcleo urbano da Redução de Candelária. A epi-

demia de varíola já havia causado mais de 30.000 mortes em toda a Província Jesuítica do Paraguai. Estes hospitais foram destruídos posteriormente por uma tempestade. É provável que algumas capelas localizadas diante da praça e para onde eram levados os doentes que não podiam assistir a missa tenham servido de hospitais e enfermarias. No entanto, de maneira geral permanecia a idéia de manter o doente convalescendo em casa e sob controle. A falta de hospitais nas Reduções não deve ser encarada como desleixo dos jesuítas, pois Asunción apenas constituiu um hospital público no final do século XVIII (Gutierrez,1974:136).

Alguns hospitais foram estabelecidos em Santo Ângelo, São Nicolau e São João após a expulsão dos jesuítas (Furlong,1962:612).

Parece ser este o caso do hospital referido no Inventário de São João Batista de 1784:

> *"Las casas del pueblo se componen de 46 casas y dos casas de recogidas y 'hospital con sus corredores y pilares de piedra con 310 repartimientos o habitaciones'(...)"*[94]

No século XIX estes hospitais já estavam quase desativados:

> *"(...) Vi em São Nicolau um hospital construído pelos jesuítas. Compõe-se de quatro salas; uma que servia de capela; uma destinada aos homens; a terceira para as mulheres e a quarta destinada aos velhos e aleijados. Hoje [século XIX] este estabelecimento tornou-se inútil, não mais existindo os leitos para doentes e não havendo na aldeia um único medicamento ."*
>
> (Saint-Hilaire,1974:146)

Da mesma forma, o hospital de São Miguel, composto de várias salas e que ainda recebia doentes não dispunha mais de médicos, enfermeiros ou remédios (Saint-Hilaire,1974:153). Como os hospitais eram estruturas temporárias ou reaproveitamento de outras instalações, seus vestígios arqueológicos são de difícil identificação. No en-

94.Ver Anexo I AGN Sala IX, 22 - 8 - 2.

tanto, do ponto de vista espacial, representam a flexibilidade existente nos estabelecimentos existentes na periferia, em contraste com a organização dos núcleos urbanos.

5.8. Caminhos

Uma rede de caminhos terrestres e fluviais interligava as Reduções e levava às cidades coloniais espanholas e às zonas de exploração de ervais nativos e estâncias de criação de gado. Também havia caminhos que ligavam os núcleos urbanos às áreas de fabricação de telhas e ladrilhos, às pedreiras de extração de basalto e arenito utilizados nas construções, às fontes de água, e às roças de cultivo. Muitos dos caminhos utilizados pelas índios missioneiros eram antigas trilhas dos Guaranis já conhecidas da população indígena. Os guaranis possuíam uma intrincada rede de caminhos e trilhas nas matas e florestas subtropicais que uniam uma aldeia à outra. Schmitz ao se referir aos caminhos dos Guaranis précontato destaca:

> *"A convivência na aldeia e um complexo sistema de parentesco, ligando as famílias estabelecidas em pontos muito distantes, era o princípio fundamental de uma extensa rede de colaboração e trocas, visando um aproveitamento seguro dos recursos naturais e humanos da área inteira.(...) Para esses deslocamentos se usava uma rede de caminhos que foram muito úteis aos colonizadores e que permitiam chegar não só de uma aldeia a outra, mas do Atlântico ao Pacífico."*
>
> (Schmitz,1979:60)

Estes caminhos eram percorridos por índios mensageiros antes da conquista para levar e trazer convites e mensagens entre as diferentes aldeias. Estes índios eram chamados de *parehá*: "correio mensageiro" (Soares,1997:149).

Nas Reduções é possível considerar-se a existência de três tipos de caminhos: os caminhos que uniam o núcleo urbano às áreas

periféricas, onde haviam diversos estabelecimentos além das hortas de cultivo, as plantações de algodão e os ervais; os caminhos que ligavam uma Redução à outra, facilitando as mensagens e os intercâmbios de produtos; e os caminhos que interligavam as diferentes regiões do espaço missioneiro, como aqueles que levavam até os ervais nativos, às estâncias, às vacarias e às cidades coloniais espanholas. Todos estes caminhos eram formados pela união de rotas terrestres e fluviais. Também é possível admitir que os caminhos constituíam rotas fixas e conhecidas, apesar de haver a possibilidade da existência de caminhos e trilhas que eram conhecidos apenas dos guaranis. A sociedade colonial espanhola beneficiou-se destes caminhos e da estrutura de pontes e sistemas de travessias em balsas que os guaranis estabeleceram ao longo das rotas. Bruxel considera que as obras e construção e manutenção das pontes, bem como a responsabilidade pelas balsas e barcas estavam a cargo da Redução à qual pertencesse o passo a ser cruzado. Caso o rio ou arroio representasse um limite entre duas Reduções, caberia ao povo vizinho realizar o que fosse necessário em sua margem (Bruxel,1959:96-97). Da mesma forma, a execução e manutenção dos caminhos internos ao território de uma Redução eram de sua responsabilidade. Cardiel comenta diversos aspectos destes caminhos missioneiros:

> *"Todos los caminos están compuestos, y los ríos que lo permiten, con puentes, y los que no, con canoas y canoeros para transportar a los pasageros. En lo de los españoles, de ciudad en ciudad, ninguno hay compuesto, ni hay río que tenga puentes ni canoas. A cada cinco leguas en las Misiones hay una capilla, con uno o dos aposentos, y una o más casas de indios que la guardan; y sirven los aposentos (que están con cama) de posada para todo pasajero. Ninguna posada hay entre los españoles. Cada uno, si es de conveniencias, se lleva consigo la posada, que es una tienda, que aquí llaman toldo, o un carro; si no lo es, va durmiendo en el campo y a la lluvia y graniza. A ninguno (en las posadas de Misiones) se le pide cosa alguna por estas posadas, ni por pasarlos por los ríos. Todo se hace por caridad."*[95]

95.CARDIEL, José. Carta Relación de 1747, Buenos Aires, 1953. In PLATINI & POENITZ, . *El Puesto y la Capilla de San Alonso, de la Reducción de Apostoles.*In: Anais das V Jornadas Internacionales de Misiones Jesuiticas, Montevideo, 1994, p. 397.

Caminhos internos

Os caminhos que levavam do núcleo urbano até as áreas periféricas dependiam de um sistema de transportes para os troncos de árvores, os blocos de pedra, as telhas e os ladrilhos cozidos, os produtos das roças, as cargas de erva mate, etc. De maneira geral, o gado bovino era o responsável pelo transporte de todos estes produtos e materiais. Carretas de madeira eram utilizadas como condução e, em alguns casos, apenas os bois atados a cabos de couro arrastavam cargas mais pesadas:

> *"Sem carretas não se faz nada nas Reduções. Para essas carretas não é necessário que as rodas sejam altas e grandes, mas grossas, para que durem. Fazem-se de quaisquer madeiras, que ainda se encontram nas orlas dos matos e nas margens do Uruguai. São lenhos grossos que não serviram nem podem servir para construções. Só prestam para fabricar carretas, e embora sejam mui tortos, sempre contêm quanto basta para fazer um par de rodas. No mato se cortam e meio acabados os devem trazer à casa do Padre, para que os veja, e no segundo pátio os perfuram com suas cunhas, em lugar de trados ou verrumas. Para conduzir qualquer toro que seja, dos matos, previamente no mesmo lugar em que os cortam os devem falquejar, tirando-lhes os lados, que não servem, com a casca; com isto não cansarão os touros ou bois para trazê-los à Redução, pois quando inteiros são muito pesados. Depois de falquejados, os devem trazer do mato para o campo, arrastando-os ou, ajudando com os ombros, porque para tirá-los fora com touros ou bois é mister abrir largos caminhos, derrubando tantas árvores ramalhudas, malezas e troncos que, para abrir tais caminhos, se perde muito tempo. Entretanto, se forem canoas ou pilares grandes, é outra cousa. Adverte-se que todos os troncos que trouxerem à Redução, não se lhes há de permitir que os tragam arrastando, mas pondo-os sobre um eixo forte com duas rodas. Porque desta sorte não pesam tanto, e se economizam touros ou bois, e em lugar de 4 juntas, bastam 2, ou em lugar de 8 juntas bastam 4."*
>
> (Sepp,1958:50)

Sepp demonstra a preocupação em poupar as juntas de boi e em manter os caminhos abertos nas matas, pois de outra forma, as árvores derrubadas impediriam a passagem. Os caminhos internos de uma Redução eram em geral terrestres e neles utilizava-se as juntas de bois e cavalos. Porém, boa parte das atividades de deslocar-se até as roças e ervais cultivados era feita caminhando. Sepp refere-se ao fato de que os cavalos não eram ferrados nas Reduções. Em parte pela falta de ferro e em parte porque os caminhos eram em geral de terra suave e não pedregosa (Sepp,1980:80).

Na Redução de Apostoles os caminhos internos puderam ser identificados em prospecções arqueológicas. Estes caminhos foram definidos como *troncales* e secundários. Os *troncales* são os mais notórios e que resistiram mais à ação do tempo. Aparecem terraplanagens e rebaixamentos de terreno. A largura constante é de 30 m. Ainda podem ser vistas palmeiras plantadas ao longo dos caminhos que ligavam com as reduções de San José e Concepción. Os caminhos secundários partem dos *troncales* e possuem uma largura entre 10 e 15 m. Foram identificados sete caminhos deste tipo em Apostoles: o caminho que levava ao erval; o caminho que levava à pedreira de arenito; o caminho que comunica com outra pedreira de arenito; o caminho que leva a um dos sítios a 5 km da redução onde existem vestígios de casas; o caminho que leva à capela Santa Bárbara; o caminho que leva a uma capela localizada fora do povoado, no caminho de San José; e o caminho que leva a uma laguna localizada a 2.000 m da redução. Além destes caminhos, duas pontes foram identificadas. As duas estavam localizadas sobre o mesmo arroio, porém em caminhos diferentes. A primeira no caminho que levava a Concepción onde foram identificados a terraplanagem e alguns postes de madeira da antiga ponte. A segunda no caminho que levava a uma pedreira de arenito. Nesta ponte não havia terraplanagem, mas sim dois canais paralelos que desviavam a água e deixavam uma franja de terreno no meio, que constituía a prolongação do terreno que levava até à pedreira. Para sustentar esta franja e mantê-la seca ela foi pavimentada com pequenas pedras mescladas com terra laterítica. Também identificaram uma terraplanagem de 15 m de largura em uma zona alagadiça, sob o qual uma abertura permitia a passagem de água de lado a lado (Snihur,1988).

As ilustrações de São João Batista apresentam uma série de caminhos bem marcados. Um caminho principal parece cortar o povoado de sudoeste para nordeste e provavelmente tratava-se do caminho que partia de São Miguel e levava até Santo Ângelo. Este parece ter sido o caminho identificado pela prospecção realizada em 1989 e cujos vestígios estavam a aproximadamente 3.000 m do núcleo urbano em direção a Santo Ângelo.[96] Há ainda caminhos que levam às fontes ao sul e ao norte e também às roças e depósitos representados na iconografia.

Caminhos entre Reduções.

Os caminhos que uniam uma Redução à outra perfaziam as distâncias entre estas que, com algumas exceções, eram bastante regulares. Confirme o Padre Cardiel

> *"os povos se distanciam uns dos outros de duas, três, cinco ou no máximo dez léguas, somente dois, La Cruz e São Tomé, que se distanciam mais de vinte e quatro léguas. Todos os caminhos estão compostos e os rios, que permitem, com pontes e os que não, com canoas e canoeiros para transportar os passageiros . (...) Há capelas nos caminhos com um ou dois aposentos que servem de pousada para os passageiros".*
>
> (Furlong,1962:189)

Sepp, ao referir-se à necessidade da proximidade de São João com São Miguel, alega que isto se dava por medida de segurança contra os portugueses. Em caso de ataque, uma ajuda mútua seria facilitada pela curta distância (Sepp,1980:154). A distância entre as Reduções deveria possibilitar a marcha diária de um índio, ou seja entre vinte a 25 km. Cinco horas seriam suficiente para cobrir esta distância caminhando (Bruxel,1959:136). Félix de Azara em sua viagem as Missões em 1784 refere-se diversas vezes a distâncias entre os povoados, ficando esta em geral, em torno de quatro léguas (Azara,1990). Os povos da Banda Oriental também situavam-se relativamente próximos:

96. Relatório de Campo - 1989 - São João Batista. Arquivo do IPHAN, Porto Alegre, RS.

> *"De São João-Mirim a São Miguel são oito léguas, dali a São Lourenço somente três, de São Lourenço a São Luis cinco e dali a São Nicolau sete léguas. De São Nicolau, querendo-se ir para São Borja, temos três léguas até Passo Piratinin e de São Nicolau até Passo do Uruguai ainda légua e meia, de maneira que a missão de São Nicolau não fica nem no Piratinin, nem no Uruguai, nem, finalmente, na confluência de ambos os rios."*
>
> (Avé-Lallemant,1980:257-58)

Para os deslocamentos entre as Reduções dos Sete Povos da Banda Oriental eram utilizados, em 1750, carroças para crianças, doentes e mulheres grávidas (Furlong,1962:652). Algumas Reduções ficavam longe das principais rotas e caminhos. Segundo Furlong, isto se dava em função da Cédula Real de 25 de agosto de 1681, que determina um relativo isolamento das Reduções (Furlong,1962:292-93). Félix de Azara percorreu o caminho entre Santo Ângelo e São João Batista no final do século XVIII. Seu relato possuí muitas informações a cerca das condições deste caminho:

> *"El mismo día 27 salimos para San Juan y a medio cuarto de legua pasamos un arroyito que da agua a dos molinos de harina que tiene el pueblo inmediatos, y son los únicos que hay en todo lo que he andado pero estan descuidados. A una legua y tres cuartos de la salida pasamos en balsa el río Yyuy-guazú, cuyas cabeceras dijeron que se hallaban en el monte grande, unas leguas hacia Vacaria, otras hacia la latitud de 27º 9'. Es río caudaloso y sería navegable si no tuviese arrecifes. Se le incorpora el río Yyuí-miní tres leguas bajo de este paso. A cosa de quatro millas y media de este río hallamos el Yyui-mirí, que igualmente cortamos en balsa. Al parecer va al noroeste y su fondo y pequeño ribazo es de peña. A la vista y poco más arriba de donde lo pasamos hay un arrecife de piedras, su caudal es bastante y su corriente grande, con lo que ha arrastrado y muerto muchos hombres y animales. El Yyui-guazu es menos temible porque, aunque mucho más caudaloso, corre mansamente. En el paso ambos tienen poca barranca con muchos árboles. A cinco cuartos de legua de Yyui-mirí pasamos un arroyo que el parecer va*

> *la norte y al Yyui. A una legua escasa de él cortamos otro que, segun su dirección y la disposición del terreno, se junta al anterior no lejos de donde pasamos el primero. A una legua escasa del último entramos en San Juan reputando la distancia total de seis leguas y media por el rumbo sur 38º oeste, que dedujimos de una demarcación hecha a ambos pueblos desde de una colina del camino. El país se compone de lomitas algo más altas que lo común de estas tierras pero suaves, dilatadas y de tierra roja, donde tal cual vez asomaba la peña arenisca y otras la de tolondrones. Siempre vimos manchas de bosque y hacia al norte parecía que no estaba interrumpido*".
>
> (Azara,1990:273-75)

O relato de Azara permite verificar que a travessia dos rios Ijuí e Ijuizinho ainda era realizada por balsas missioneiras no final do século XVIII. O último arroio referido pelo autor parece tratar-se do Lajeado do Moinho, tributário do Ijuí que localiza-se a oeste de São João Batista. Gutierrez destaca que os guaranis também trabalhavam na manutenção de caminhos que não faziam parte do circuito interreduções ou destas com o mercado interno:

> *"La servicilidad de los indios llevaba inclusive a mantener en buen estado el camino entre Asunción y Corrientes, aunque el mal trato que les impartían los españoles llevó en 1691 al Superior a prohibir que ayudaran al cruce del pase de Ñeebucú com sus bueyes y mulas por los abusos de que eran objeto.*"
>
> (Gutierrez,1974:112)

Caminhos para as estâncias, vacarias e cidades coloniais. Os caminhos mais longos eram aqueles que levavam até as áreas distantes como as estâncias, vacarias, ervais e cidades coloniais. Estes caminhos estão relacionados com as atividades comerciais entre as Reduções e o mundo colonial espanhol. As rotas das estâncias e vacarias eram as que apresentavam mais problemas devido à quantidade de cabeças de gado que eram transladadas de uma região a outra. Ao longo destes caminhos, capelas, postos de estâncias e outras paragens serviam de marcadores da rota e área de descanso:

> *"Cruzando la sierra del Tape, indios vaqueros fueron llevando ganados por una ruta que en 1698 serviría de referencia incluso para delimitar las estâncias: el camino de las vaquerías. Las estancias de los nuevos asentamientos de pueblos o algunos parajes particularmente seleccionados dentro de una estancia atienden a la necesidad que las Doctrinas 'tienen de hacer descansar las vacas que les traen de las vaquerías, por venir tan flacas por caminos de muchas leguas sin pasto'..."*[97]

Outro produto que requeria cuidados no transporte ao longo dos caminhos era erva-mate. Esta viajava longas distâncias acondicionada em surrões de couro de boi, dessecados, costurados e marcados a fogo com a marca da Redução que a havia produzido (Bruxel,1959:89). A erva podia viajar por vários meses, por exemplo de Santo Ângelo até Santa Fé, Córdoba, Mendoza, Valparaiso, Callao, Lima, Potosi. Provavelmente, mesmo em Lima ainda era possível saber de que povo era a erva que havia sido comprada e quais os povos que a produziam melhor (Bruxel,1959:88). Além da erva, viajavam por estes caminhos tabaco, 'lienzo de la tierra', ou seja, tecidos simples utilizados nas vestimentas de índios e escravos. Estes tecidos tinham muita procura mesmo nas cidades coloniais espanholas. Também eram enviados pavios para os lampiões de sebo ou de azeite, couro e sebo animal, madeira cortada em forma de pranchas, etc. Em troca as Reduções recebiam tecidos mais finos para os vestidos oficiais dos padres e índios e para os ornamentos a igreja, ferramentas para as oficinas, objetos de devoção, como medalhas, cruzes, além de telas para pintura.

Os comerciantes espanhóis também utilizavam os caminhos missioneiros para levar seus produtos até as Reduções. Inicialmente os comerciantes que vinham do Peru provinham os povos com prata como pagamento pela erva-mate. Porém, logo começaram a trazer produtos para trocas diretas como contas, tecidos, cintas, mantas, e outras coisas que não haviam vendido e com isto queriam pagar pela erva-mate. Como supervalorizavam seus produtos eles exploravam os guaranis missioneiros e lhes deixavam com produtos que teriam que comercializar para pagar os tributos:

97. A citação final é do Padre Sebastián de Toledo em documento de 15 de janeiro de 1698. in M.C.A. vol. IV, p. 499-500, Masy, R. C. p. 173, nota 25. In: De MASY, Rafael Carbonell . *La génesis de las vaquerías de los pueblos tapes y guaraníes de la banda oriental del Uruguay a la luz de documentación inedita, apenas conocida.* Santa Rosa, Fac. Dom Bosco, 1989, p. 167-202.

> *"Esta coyuntura llevó a alterar el sistema de comercio externo y a instalar las Procuradurías en Santa Fe y Buenos Aires que se encargarían de la venta del grueso de la producción misionera."*
>
> (Gutierrez,1974:11)

Duas consequências deste processo foram uma maior valorização da erva-mate como principal produto de exportação e o aumento das restrições à presença de espanhóis nas reduções, com um uso mais ordenado dos tambos como intermediário entre os índios e os mercadores. Os produtos que eram valorizados nas importações das missões eram: sal, ferro, ferramentas(serras, martelos, lâminas, agulhas, facas, prata, ouro, etc.) azeite, linho, seda, cera e vinho.

As rotas mais longas incluíam os caminhos terrestres entre as Reduções, interligando estes às vias fluviais para formar uma extensa rede que podia levar desde Assunción até a Colônia do Sacramento. Com base em um mapa anônimo do século XVIII Falcade define quatro rotas principais que interligavam as Reduções.

O caminho que partia de Assunción, em direção leste, até a Guardia de los Anjos, rumando a partir daí para nordeste, que era chamado Caminho de Curuguaty; o caminho que partia de Assunción até Jesus, passava por Paraguay Estancia, até Nuestra Señora de Fe. Daí em diante dividia-se em dois: um que seguia até San Thiago, San Ignacio Guaçu e Santa Rosa, e outro que ia até Jesus, San Cosme e Damian, Itapuá e Santíssima Trinidad e unindo-se novamente ao outro caminho; o caminho que partia de Candelária, na Argentina, em direção norte-sul, até Yapeyu. Este caminho inicia em duas partes: uma por San Carlos e outra por San José e Apostoles. Depois une-se e toma o rumo de Santo Tomé, La Cruz e, finalmente, Yapeyu; e o caminho que partia e San José até Yapeyu e passava pelos Sete Povos da Banda Oriental. Uma parte ligava San José a Santos Mártires e outra de Apostoles a Concepción e cruzando o rio Uruguai, alcançava São Nicolau e chegava em São Luis. De São Luis o caminho seguia para São Miguel, São João Batista e chegava em Santo Ângelo.[98]

O mapa utilizado por Falcade encontra-se no Arquivo Histórico Ultramarino, em Lisboa. Chama-se mapa *da las Misiones de los*

98. FALCADE, I. & BACHI, L. Um olhar Geográfico. In: SALA, Dalton. *Os Caminhos das Missões do Prata*. Anais do X SNEM, Fac. Dom Bosco, Santa Rosa, 1994, p. 433-434.

Indios Guaranis. A versão publicada no Brasil não apresenta condições de ser reproduzida. Outro mapa que apresenta caminhos entre os Sete Povos da Banda Oriental é o *Carta Geografica del Estado Oriental del Uruguay y posesiones adyacentes,* organizado por A. Roger em 1841. Embora seja posterior ao período jesuítico, é possível que alguns caminhos tenham sido preservados, principalmente aqueles que ligavam Reduções entre si. Neste mapa um caminho que parte de São Borja leva a três direções diferentes: uma que parte para São Nicolau e daí segue em direção leste, dividindo-se em dois alcançando São João e Santo Ângelo; outra que chamava-se *camino de arriba* e dividia-se levando a São Luís e São Lourenço e deste a São Miguel; e outra que chamava-se *camino de abajo afuera*, que ia direto a São Miguel, São João e terminava em Santo Ângelo. O mapa representa ainda uma série de outros caminhos na Banda Oriental, em território hoje pertencente ao Rio Grande do Sul. Infelizmente, a reprodução que consta nos arquivos do projeto Arqueologia Histórica Missioneira não apresenta condições para uma reprodução de boa qualidade. Os caminhos missioneiros foram gradativamente desaparecendo ou dando lugar a estradas novas que descaracterizaram seus antigos traçados. Robert Avé-Lallemant referese ao fato de que, já em 1858, não era mais possível identificar tais caminhos:

> *"Um índio velho (...) indicou-me o caminho, mas na relva meio seca dos campos não se vê caminho algum. Esses caminhos vicinais riograndenses, como o de São Nicolau para São Borja, estão mais na boa vontade dos que os conhecem bem do que debaixo dos pés de quem os utiliza."*
>
> (Avé-Lallemant, 1980:258)

Uma dificuldade enfrentada por quem percorria estes caminhos estava justamente no cruzamento dos rios. O gado levado das estâncias até às Reduções deveria cruzar diversos arroios e rios de portes médio e grande:

> *"El paso de los ganados se dirige de este modo: a la orilla del río hay lo que llaman manga y se reduce a dos hileras de fuertes estacas elevadas, las cuales van angostando su distancia hasta*

> *que a la borda del agua no dan paso sino a una res. Hacen entrar el ganado en la manga y al salir, que ya se halla nadando, lo dirigen por los costado algunas canoas hasta la banda opuesta. También suelen guiar la tropa com algunos caballos prácticos y ensayados. Otras veces amarran las reses separadamente y a una canoa, balsa o bote, que pasa las que puede acomodar en las bordas de modo que no se embaracen nadando.*"
>
> (Azara,1990:257)

A Redução de Corpus, localizada na margem leste do rio Paraná, possuía suas chácaras na margem oposta. Desta forma, perdiase muito tempo e nem sempre os índios podiam cruzar o rio. Como forma de compensar esta situação era cobrada uma taxa de dez por cento sobre cada tropa de gado que procedia do Uruguai e de Corrientes e cruzava o rio neste local em direção ao Paraguai. No entanto, havia outros passos que eram utilizados para cruzar o Paraná, como o passo de Itapuá e o passo Del Rey (Azara,1990:257).

No rio Uruguai também havia passos utilizados com freqüência, como o passo da região da redução de Santa Maria. No final do século XVIII ainda era utilizado. Neste passo havia escadas que levavam até o local e embarque na balsa que fazia a travessia:

> *"No permitío el tiempo observar la latitud del paso, que según dicen se halla una legua debajo de la embocadura del Añanguí y dos de la del Yyui. Hallamos en la orilla del Uruguay armadas una tienda de campaña, una enramada com arcos de buane idea, mesas, sillas, buena música y mejor comida.(...) Comimos y bajamos la barranca por escalera hecha expresamente, nos embarcamos y, al son de los instrumentos, cortamos el famoso Uruguay en veinte minutos, pues, aunque rápido y su anchura como de seiscientas varas, el viento detenía la corriente. Sus barrancas no son muy elevadas pero gredosas y llenas de bosques.*"
>
> (Azara,1990:271)

Na Banda Oriental um dos passos mais utilizado era o do rio Piratini que permitia a passagem no caminho que levava de São Borja

a São Miguel. O local por onde se cruzava o rio era o passo de Santa Maria. Como o rio tinha uma largura de aproximadamente 180 pés neste local e suas águas tornavam-se caudalosas em épocas de chuvas, as carretas que cruzavam o rio deveriam ser descarregadas e colocadas dentro d'água, sendo então atreladas às canoas. Acima do passo de Santa Maria estava o passo de São Lourenço que também contava com balsas ainda no século XIX (Avé-Lallemant,1980:259:60). Saint-Hilaire destaca a dificuldade encontrada para cruzar o Ijuí e o Ijuizinho devido às chuvas que fizeram subir o nível das águas. A travessia só foi possível em balsas conduzidas por guaranis (Saint-Hilaire,1974:156).

Estas balsas eram feitas com dois troncos grandes. Varas de vime eram amarradas aos troncos unindo-os. Sobre esta estrutura eram colocadas canas de bambu. Uma cobertura em forma de cabana e feita de bambu e palha era armada sobre a balsa. A cobertura poderia ser feita com couro de boi. Sob a cobertura viajavam os padres e um grupo de índios remadores movimentava as balsas (Sepp,1980:47-48). Para cruzar os passos utilizava-se o sistema de navegar a la sirga, que consistia em navegar avançando por cabos fixados em um ponto da margem acima do local da travessia (Bruxel,1959:129). Nas margens dos rios próximo aos passos havia cabanas onde viviam os índios responsáveis pelo controle e o trabalho nas travessias. Estas cabanas provavelmente eram construídas com técnicas guaranis, tal como as casas da roça. O sustento destes índios estava por conta da Redução à qual pertencessem (Bruxel,1959:130). Os barcos das Reduções faziam também o serviço transporte entre os povoados e as cidades coloniais espanholas. Azara refere-se aos barcos que levavam a Buenos Aires que partiam do rio Aguapey, que deságua no Paraguai, na região da redução de San Cosme e Damian. Tratavam-se de dois botes grandes feitos de madeira (Azara,1990:253). Além dos barcos de madeira, havia as pelotas:

> Sobre as pelotas, diz Cardiel :
>
> *"Los ríos no tienen puente: y algunos son muy caudalosos. Para pasarlos se llevan prevenidos cueros de toro. Se hace una pelota, o un cuadro de cuero de éstos. Se levantan alrededor las orillas como una tercia, y se afianzan com un cordel, para que estén*

tiesas. Métese el hombre y las cargas dentro, á la orilla del río: y outro nadando va tirando de un cordel la débil barca hasta la outra orilla, ó va desnudo encima de un cabalo nadador. Sufre cada cuero de éstos doce ó catorze arrobas: y pasa y vuelve a pasar hasta más de una hora, sin que se ablande."

(Cardiel,1994:28)

No século XIX estas embarcações ainda eram utilizadas para a navegação nos rios da região dos Sete Povos da Banda Oriental (Saint-Hilaire,1974:124). Cardiel ao referir-se à viagem para Buenos Aires pelo rio Uruguai comenta que:

"Em cada barco vão entre vinte e trinta [índios], e quase sempre a remo, raramente trocando pela vela. Sempre levam um ou dois tamborileiros, dois flautistas, um enfermeiro com suas medicinas... e um sacristão com seu santo e campainhas."

(Cardiel,1984:91-92)

5.9. Pontes

Quando as condições locais permitiam, eram construídas pontes para cruzar os rios. Em geral, estas pontes encontravam-se apenas nos rios mais estreitos. As pontes eram feitas na sua maioria de madeira. Porém, as bases das pontes situadas nas margens podiam ser de pedra. Azara refere-se a uma ponte de madeira que era utilizada para cruzar o arroio Yribú-carú entre São João e São Miguel. É possível que a ponte representada na parte superior direita da iconografia de São João Batista da BNP-F seja a mesma descrita por Azara. Nesta posição situa-se o arroio hoje chamado de Urubucaru (Azara,1990:274). Mais adiante Azara refere-se ainda a uma ponte que havia sobre o arroio Piraju, um tributário do Piratini, no caminho entre São Luís e São Nicolau:

"El día 6 por la tarde salimos y a poco más de tres leguas hallamos el río Pirayú, que pasamos sobre puente hecho de dos vi-

> *guetas tendidas de un árbol a outro. Tendría como veinte varas de anchura, es rapidísimo y temible por tener muchas piedras resbalosas. Los caballos se pasaran por más abajo uno a uno y éste enlazado para que no lo llevase la corriente.*"
>
> (Azara, 1990:282)

A ilustração de São João Batista apresenta três pontes. Uma no canto superior direito, à qual já se fez referência acima e duas situadas sobre o mesmo arroio representado à esquerda. Este arroio é o Lajeado do Moinho.[99] Nas prospecções de campo identificou-se um local utilizado atualmente para cruzar o arroio onde ocorre a presença de uma concentração de rochas de arenito de grandes proporções. Este é o único ponto em um raio de 2.000 m ao longo da margem do arroio onde apresenta-se uma grande concentração de tais rochas. Também verifica-se a presença de pequenos blocos de arenito justapostos em forma de degraus e de fragmentos de ladrilhos.

A ponte representada na ilustração é de madeira. Entretanto, sua localização aproxima-se daquela onde está a estrutura de pedras. Pode-se considerar que o local tenha sido utilizado ainda em períodos posteriores à época jesuítica e uma ponte de pedra tenha sido construída. No entanto, Félix de Azara, quando refere-se à sua viagem de Santo Ângelo a São João no final do século XVIII, não faz qualquer referência à existência de pontes. Isto não significa que não houvesse uma ponte no local. Porém, se a estrutura fosse de pedra teria chamado a atenção deste autor que procurou detalhar sua passagem pela região das Missões. As hipóteses aqui referidas apontam para a possibilidade de um moinho d'água, uma forja movida a água[100] ou ainda uma ponte de pedras. É possível que a ponte fosse de madeira e tivesse uma base de pedras, ou a ponte de pedras a tivesse substituído em períodos posteriores. Também é possível que houvesse neste local uma casa para abrigar os responsáveis pelo controle de passagem do arroio. Apenas uma intervenção arqueológica poderia trazer novas informações sobre o local.

99. Ver capítulo 4 sobre o Arroio Lajeado do Moinho.
100.Ver capítulo 4 sobre moinhos d'água e fornos.

5.10. Portos

Ao longo dos cursos dos rios maiores poderiam haver locais escolhidos para servirem como portos de carga e descarga das mercadorias comercializadas entre as Reduções e entre estas e as cidades coloniais espanholas. Furlong destaca que as Reduções localizadas entre Paraná e Uruguai estavam isoladas dos centros coloniais e longe das rotas terrestres usada pelos espanhóis. Haviam portos sobre os rios Paraná e Uruguai, mas mesmo estes eram distantes das reduções. Desta forma, os navios espanhóis não chegavam a estes portos e isto mantinha as Reduções afastadas do contato com os colonos (Furlong,1962:294). Os portos eram utilizados então para que os barcos vindos das cidades descarregassem as mercadorias que eram depois transportadas por terra até às Reduções. Na documentação há pouca informação sobre os portos missioneiros. Entretanto, sabe-se que havia um porto sobre o rio Piratini que era utilizado pelos povos de cima da Banda Oriental, São Miguel, São Luís, São Lourenço, São João, Santo Ângelo e São Nicolau. São Borja utilizava embarcadouros às margens do rio Uruguai. O Padre Jaeger em suas pesquisas na região das Missões, em 1959, identificou um local que determinou como sendo o possível porto de embarque dos produtos dos Sete Povos no rio Piratini. Sua localização é:

> *"uma extensa enseada ou recôncavo formado pelo rio Piratini, a uns 13 kms acima da barra desse rio no Uruguai, a 2 kms. Abaixo da cachoeira de Santo Isídro, junto à entrada do arroio Jeré no Piratini (...) de uns 300 a 400 metros de diâmetro e uns 500 de extensão, bastante fundo, como afirmam, cercado de mato, de cujo barranco, ainda não faz muito tempo, arrancaram os moradores da redondeza uma escada feita de pau ferro..."*
>
> (Jaeger,1959a:16)

Baseado no fato de que os caminhos missioneiros dos Sete Povos, excetuando o de São Borja, convergiam para São Nicolau, Jaeger acredita que o local próximo ao arroio Jeré constituía o antigo porto

de embarque no rio Piratini. A proximidade com São Nicolau e as condições do local, em comparação com outras áreas ao longo do rio Piratini, segundo Jaeger, seriam satisfatórias para determinar a possibilidade de ser este o antigo Porto.

5.11. Capelas

Há uma relação entre as capelas externas aos núcleos urbanos e os caminhos e roças. As atividades realizadas na periferia com o plantio de hortas, a lida com o gado, as viagens para o comércio e as expedições militares, faziam com que um número considerável de guaranis permanecesse por longos períodos afastados dos núcleos. A proposta de Redução como instrumento de evangelização deveria então ser prolongada para fora das estruturas urbanas. Neste sentido, o aspecto de sacralização do espaço, verificado no urbanismo que valorizava os templos, estendia-se para a periferia através da presença de capelas espalhadas por caminhos e roças. Além deste sentido religioso, estes estabelecimentos eram importantes, sobretudo nos caminhos, como pontos de parada para descanso e pernoite. As capelas situadas entre as roças e chácaras cumpriam as funções de local de orações, batizados e, eventualmente, velórios. Principalmente nos períodos em que os índios permaneciam por alguns meses em suas casas da roça. O Padre Peramás comenta esta função de manter a presença da catequização nos campos e menciona que:

> *"existiam no campo algumas capelas espalhadas aqui e ali, as quais, freqüentavam os índios que cuidavam das chácaras e do gado. Nelas rezavam as missas, os sacerdotes que ali passavam de viagem. Também pernoitavam em um aposento anexo à capela. (...) Não se ouviam outros cantos que os dedicados a Deus, Jesus, Virgem Maria e aos santos, cujos louvores ressoavam nas ruas, nos caminhos, nos campos, nos bosques, nos rios e nos montes. Entre os guarani não se conhecia, versos profanos e muito menos eram tolerados os profetas impuros".*
>
> (Furlong,1962:278)

Félix de Azara, quando de sua viagem às Missões em 1784, identificou varias capelas ao longo dos caminhos, estâncias e chácaras: a Capela da estância de San Miguel pertencente a San Tiago, entre esta Redução e San Cosme e Damian; a Capela da estância de Santa Bárbara entre San Cosme e Ytapúa; a Capela de San Lucas de Ytapuá, entre San Cosme e Ytapúa; a Capela do rancho de San Juan entre San Cosme y Ytapúa; a Capela da Purificação de Nossa Senhora entre San Ignacio Mini e Corpus; a Capela de San Cristóbal entre Candelaria e San José; a Capela de San Miguel entre Candelaria e San José; a Capela de San Juan entre San José e Mártires; a Capela de Santo Tomás entre San Carlos e Corpus, da redução de Corpus; a Capela de San Miguel entre Ytapúa e Trinidad; a Capela de San José pertencente à redução de Jesus; e a Capela de Santa Bárbara na região da missão franciscana de Caazapá:[101] Azara identificou 13 capelas. Destas havia: seis no atual Paraguai; cinco na atual Argentina; uma no atual Rio Grande do Sul e uma de Franciscanos no atual Paraguai. No Rio Grande do Sul o autor esteve na Capela de San Jerônimo entre San Luiz e San Nicolau.

> *"Pasado el río, que da en el Piratini, a las siete millas escasas hallamos la capilleja de San Jerónimo, y un cuarto de legua antes un arroyuelo chico."*
>
> (Azara,1990:282)

Esta capela encontrava-se em ruínas no século XIX:

> *"Após termos caminhado cerca de meia légua passamos pelas ruínas de uma capela dedicada a São Jerônimo, e deixamos os bois descansar a margem do pequeno riacho Piraju, a quatro léguas e meia de São Nicolau."*
>
> (Saint-Hilaire,1974:143)

Além desta capela, Saint-Hilaire identificou outras no território dos Sete Povos da Banda Oriental. A capela da estância de Santo Tomás, que no início do século XIX pertencia ao Marechal Chagas,

101.AZARA, Félix de, *Descripción general del Paraguay,* Aliança Editorial, Madrid, 1990, ps. 251, 252, 262, 264, 266, 288, 289, 292 e 298.

e estava em ruínas; a capela da estância São Vicente, pertencente a São Miguel; a capela de Santo Isidoro nas chácaras da Redução de São Luís Gonzaga; e a capela da estância de Tupamiretã, pertencente a São Lourenço.[102]Hemetério Velloso também esteve em uma capela desta região:

> *"Em toda estância houve uma capela construída com paredes de pedras e coberta de telhas, com seu campanário e pequenos sinos. Interiormente tinha a capela um altar e nicho de talha dourada para a imagem do padroeiro. Isso vimos e ainda existe na estância de São José, município de São Borja. Nenhuma deixou de ser indispensável para a celebração da missa e mais atos do culto divino. Como os índios que iam para as estâncias eram casados, ai mesmo eram batizadas as crianças recém-nascidas."*
>
> (Silveira, 1979:14)

Estas capelas desestruturaram-se quase por completo após o período jesuítico. Muitas foram desmontadas para aproveitar-se seu material construtivo. Outras simplesmente não resistiram às intempéries e desapareceram. Há também casos de locais onde havia antigas capelas e posteriormente deram origem a municípios que encobriram as estruturas. Os vestígios arqueológicos destas capelas encontram-se espalhados pelas áreas rurais do Brasil, Argentina e Paraguai. Na área da Redução e Apostoles foi realizado um trabalho de arqueologia no posto e capela de San Alonso. Esta capela foi estabelecida após a visita do Padre Provincial Luís de La Roca em 3 de agosto de 1714 a Apostoles, quando este ordenou:

> *"También se hará en el Commedio del Camino que va desde Pueblo (Apostoles) a los Martyres para S. Thome, una Capilla, y dos, o tres aposentos fuertes, y de dura, para que los sujetos que caminan tengan donde recojerse"*[103]

102. SAINT-HILAIRE, Auguste de. *Viagem ao Rio Grande do Su*l.Belo Horizonte, Editora Iatiaia, 1974. ps. 138, 139, 148 e 161.

103. Memorial del P. Provincial Luis de la Roca, 1714, Archivo General de La Nación: IX - 6-9-5. In PLATINI, Santos A. & POENITZ, Alfredo J.E. *El Puesto y la Capilla de San Alonso, de la Reducción de Apostoles*.In: Anais das V Jornadas Internacionales de Misiones Jesuiticas, Montevideo, 1994, p. 397.

Outros levantamentos arqueológicos em Apostoles identificaram esta e outras duas capelas ao longo da rede de caminhos. A primeira capela se situa a beira do caminho que se dirigia para San José e San Carlos. A distância para a Redução é de 700 m. A segunda capela se situa a beira do caminho que levava a Concepción. A distância era de 1.000 m. Os vestígios constituem-se em telhas, adobes, pedaços de ladrilhos, etc. Em Santa Maria La Mayor também encontram-se vestígios de capelas (Snihur,1988). Em São João Batista ainda não foram identificados vestígios arqueológicos de capelas. Na ilustração do AGS-E há apenas uma pequena construção com uma cruz ao lado, em um caminho que leva para as plantações no canto superior esquerdo. Porém, isto não é suficiente para afirmar-se que tratava-se de uma capela. Já a ilustração da BNP-F apresenta na parte inferior, ao centro, uma roça com uma capela que possui uma pequena torre. Na parte frontal da capela há uma cruz sobre a porta. Este detalhe ilustra as capelas situadas nas áreas de plantio como referido acima. De Masy argumenta que esta construção poderia ser um hospital fixo. Os hospitais fixos tornaram-se mais freqüentes durante a estabilidade alcançada pelas Reduções na primeira metade do século XVIII. A horta associada à construção poderia servir para o cultivo de ervas medicinais.[104] No caso de representar uma capela que tenha sido observada pelo autor, poderia indicar sua posição ao norte do núcleo urbano. O Inventário de São João Batista de 1784[105] descreve a presença de uma capela localizada junto à praça da Redução:

> *"(...) inclusive la casa nueva unida a la principal com la frente a la plaza, casa de Cabildo y Capilla de Santa Bárbara está con su retablo e imagen de dicha Santa y todas techadas de teja y las más con paredes de tapia francesa(...)"*

As escavações realizadas em 1990 não trabalharam com a hipótese de uma capela neste local (Soares,1990:12-13). Prospecções em áreas mais distantes das ruínas do núcleo urbano poderiam auxiliar da identificação de estruturas de antigas capelas.

104. Rafael Carbonell de Masy, comunicação pessoal em 22 de julho de 1997.
105. Ver Anexo I AGN Sala IX, 22 - 8 - 2.

5.12. Hortas e Roças

Uma parcela importante do território na periferia dos núcleos urbanos das Reduções estava destinada às hortas e roças dos guaranis. A horticultura representou uma das bases de manutenção e reprodução da vida material e social das Reduções jesuíticas. A produção de gêneros alimentícios através da horticultura estava relacionada às experiências culturais anteriores dos guaranis. Este grupo de características aldeãs praticava milenarmente o cultivo de roças em meio às florestas subtropicais. Produtos e métodos de plantio característicos dos guaranis foram mantidos nas Reduções em combinação com produtos e técnicas agrícolas trazidos pelos europeus. Entretanto, esta combinação trouxe alterações nos hábitos guaranis. A horticultura antes da conquista e da colonização estava relacionada com a mobilidade dos grupos guaranis. O aproveitamento das terras de cultivo dava-se até o esgotamento do solo. A troca de locais para as roças, após haver sido explorado boa parte do espaço em volta da aldeia, significava um deslocamento de todo o grupo para uma nova fundação. Mesmo que a horticultura não tenha representado o único motivo da mobilidade e das migrações guaranis, sem dúvida teve um papel importante nos momentos de decisões de abandono de um assentamento e busca de outro. As roças guaranis praticadas em clareiras abertas em meio às florestas valiam-se da técnica de queimada que era utilizada para limpar o terreno:

> *"Depois de cortadas e secas as árvores e macegas, que no Paraguai são muito densas, os índios lhe ateiam fogo e as reduzem a cinza, na qual depois espalham várias qualidades de sementes. (...) O garoto ou a garota pega uma acha ou taquarinha ao seu alcance e com ela remexe as cinzas, fazendo um buraco de meio dedo. Neste lança três ou quatro grãos de trigo Índico ou turco [milho], ou também ervilhas e favas. A seguir com o pé ou com a mão cobre com cinza os grãos confiados à terra. A cinza servira de adubo".*
>
> (Sepp,1980,144)

A técnica de queimada foi mantida na horticultura das Reduções. No entanto, duas alterações nos métodos e costumes de cultivo dos guaranis foram substanciais: a introdução das cunhas de metal e transformação dos homens em horticultores. Os instrumentos de metal cumpriram uma dupla função no processo de catequização dos guaranis. Por um lado significaram a aproximação com os indígenas que buscavam esta tecnologia e assim eram trazidos à vida reducional. Por outro lado, incrementavam o cultivo através de arados de metal que substituíam o Iviraquá (haste de madeira utilizada para perfurar o solo e depositar as sementes):

> *"Habián...(los indios) dado principio a desmontar para las sementeras, que es la primera cosa que se hace en la fundación de cada una de las reducciones, por que no usan los indios sembrar en campo descubierto, por estar la tierra más gastada, y así no se logran las sementeras, pero como en los montes está la tierra defendida por los árboles, que son muy coposos, se conserva más húmeda, y pingüe, y vuelve muy colmados frutos. Para esto pues arrasan gran pedazo de montes conforme al número de familias, a cada una de las cuales se les señala distinto pedazo para sus sembrados, y después de cinco o seis años la dejan por cansada e inútil y desmontan de nuevo outro tanto, por lo cual es necesario que donde se funda algún pueblo, haya muchos montes cercanos. Para derribar estos árboles, y lo que és más, para cavar sus canoas como no saben el uso del hierro (aunque hay minas de el en su Uruguay) usan las cuñas de piedra que es cosa que pone admiración, corten con ellas cuanto es menester con grande facilitad. Depués de reducirlos nuestros Padres, les llevan esta misma forma de cuñas, pero hechas de hierro, y con cada una de ellas se gana una familia que se reduce de buena gana, por tener con que hacer sus canoas e sementeras."*[106]

Este relato de Blanco aponta para diversas questões importantes. Em primeiro lugar o hábito guarani de não plantar em campo aberto, mas sim em meio as matas. Isto significou a busca de locais

106.BLANCO. In:MELIÁ, Bartomeu, *El Guaraní Conquistado y Reducido: ensayos de etnohistória*. Biblioteca Paraguaya de Antropologia. Vol. 5. Asunción, CEPAG, Univ. Católica (1986) 2º ed. 1988.

adequados para os assentamentos permanentes como as Reduções. O solo das matas e florestas é rico em elementos orgânicos derivados da decomposição vegetal. A falta de uma cobertura vegetal na forma de bosques e capões inviabilizaria o sucesso da permanência. Desta forma, foram valorizadas as zonas de mata da floresta subtropical em toda a região da bacia do Prata. A presença de extensões de campo aberto na zona de transição da floresta para o campo, típicas do noroeste do Rio Grande do Sul, não significou o aproveitamento dos mesmos para a agricultura. A distribuição das parcelas de solo era feita entre as famílias. No entanto, Blanco não distingue entre família nuclear (pai, mãe e filhos) e as famílias extensas. O que fica claro é a manutenção da horticultura em meio à floresta como base da produção.

Com relação às cunhas de ferro, seu papel intermediador entre os jesuítas e os guaranis garantia a aceitação da Redução. São diversos os relatos de missionários sobre a utilização de instrumentos de metal na cooptação dos indígenas. Isto se dava, sobretudo, nos primeiros contatos ocorridos no século XVII. A atração inicial causada pelo ferro resulta em uma maior produção, que permite os excedentes e os assentamentos mais permanentes. A introdução do arado com juntas de boi nas Reduções é consequência dos resultados iniciais dos primeiros instrumentos de metal.

A substituição das mulheres pelos homens na horticultura é outra transformação significativa da estrutura social guarani. Conforme Sanchez Labrador,[107] a atividade de cultivo de mandioca, milho, batatas e amendoim, antes das Reduções, era tarefa executada pelas mulheres. Gradativamente esta função vai sendo assumida pelos homens e as mulheres são deslocadas para a fiação de algodão e lã e a produção de tecidos e bordados. Um processo similar ocorre, em parte, com a cerâmica. Embora as mulheres permaneçam produzindo a cerâmica guarani, os homens assumem o trabalho com a argila na produção de telhas e ladrilhos. A introdução do torno significou também uma diminuição da importância da cerâmica como atividade feminina, tal como o fora antes do contato:

107.Sanchez Labrador apud FURLONG . G. *Misiones y sus pueblos guaranies,* p.287.

> *"(...) As mudanças técnicas são introduzidas em um contexto sócio-cultural. À medida em que a mulher se dedica mais à casa e à fiação, cresce a eficiência do homem em arar e capinar."*
>
> (DeMasy,1989b:39)

Grande parte dos homens estava envolvida na produção horticultora e estes eram responsáveis por sua parcela no trabalho. As roças estabelecidas pelos guaranis nas Reduções podiam inicialmente localizar-se próximas aos núcleos urbanos. Porém a necessidade de abrir novas áreas de cultivo levava a um afastamento gradual. Sendo assim, parte da população era levada a ocupar a zona rural durante a época do plantio. Daí a importância das casas da roça já referidas anteriormente:

> *"Todos son labradores, hasta los caciques, el corrigedor, los alcaldes y demás cabildantes, los músicos y sacristantes. Todos aran, siembran y labran la tierra, y lo mismo sucede com los tejedores, herreros, carpinteros y demás oficios mecánicos. Todos éstos en tiempo de hacer la sementera, que dura seis o siete meses, se remudan por semanas y por eso hay dos, a lo menos, para cada oficio o empleo."*
>
> (Cardiel,1984:89)

Entre os principais produtos cultivados nas roças estavam algumas variedades de milho, mandioca, batata, e também o amendoim, o algodão, o tabaco, os legumes, abóboras, melões, melancias, etc. A mandioca era o produto com o qual os guaranis tinham mais experiência. Seu rendimento era alto e o cultivo simples. A mandioca, cujas raízes tuberosas comestíveis fornecem amido, tapioca e farinha, pode permanecer na terra por um período de até dois anos. Também a farinha quando preparada de forma adequada pode ser conservada por mais de um ano (Haubert,1991:111). Brochado demonstrou as diversas formas de consumo da mandioca na alimentação dos índios habitantes das florestas tropicais, entre eles os guaranis (Brochado,1977:23-44).

O milho, por sua vez, exigia uma dedicação maior. Eram necessárias aproximadamente seis plantações sucessivas de mi lho anualmente, em julho, agosto, setembro, dezembro, janeiro e fevereiro. A limpeza do terreno poderia ser feita à mão, ou ainda utilizando-se algumas partes dos ossos dos bois, como as paletas como enxadas para capinar a terra. Sepp menciona que o único cereal existente entre os guaranis era o milho, também chamado à época de grão turco (Sepp,1980:83). O milho cultivado para os padres deveria ser arado cinco vezes e a terra revolvida muitas vezes, mesmo depois que as hastes já estivessem em flor (Sepp,1958:48). A farinha de milho era preparada em pilões de madeira, pois os guaranis nas Reduções não possuíam grandes moinhos para a moagem do milho. Desta forma, a produção da farinha, apesar das quantidades significativas de milho, tinha um caráter doméstico e artesanal. O trigo foi introduzido nas Reduções, mas não substituiu o milho como principal cereal. Para o cultivo do trigo o arado tinha uma importância maior. Segundo o P. Sepp: "*Os trigais, se são de terra do pampa ou terra virgem, ou nova devem ser arados dez vezes.*" (DeMasy,1989b:39) O trigo pode ter representado um dos poucos produtos cultivados em faixas de terra em campo aberto. Daí a necessidade de sucessivas passagens do arado.

A cana-de-açúcar não teve um papel preponderante nas Reduções. A aguardente era utilizada contra as picadas de cobras e também na cura de resfriados (Haubert,1991:305). Saint-Hilaire refere-se a um engenho de açúcar que teria existido na quinta da Redução de São Miguel após o período missioneiro(Saint-Hilaire,1974:155). O açúcar como adoçante pode ter sido substituído por frutas como o pêssego. Havia matas inteiras de pessegueiros que foram trazidos da Espanha para o Paraguai (Sepp,1980:43). Também o mel silvestre foi amplamente utilizado nas Reduções como adoçante. Sepp refere-se ao uso do mel e da cera produzido pelas abelhas locais: "*O próvido Deus não quis que faltassem as abelhas que fabricam o mel para a mesa e a cera para o uso litúrgico*."(Sepp,1980:145).

Não tanto quanto a erva-mate, o tabaco também representou um cultivo importante como produto de comercialização:

> *"La principal producción de cultivo es el tabaco, que plantan en rozados despejados en los bosques para que las hojas sean mayo-*

> *res. Esta aparente utilidad tiene el grave incoveniente de que el tabaco sale muy flojo. Lo benefician de tres calidades que llaman hoja, pito y torcido. En la primera sólo entran las hojas grandes, en la segunda las pequeñas, y la tercera es como el de Brasil. Ésta casi se benefician sólo en los pueblos porque se les precisa a ello. Hasta el año de 1779 era el tabaco género comerciable y se llevaba atado al virreinato, pero en dicho año lo estancó S.M. con gran sentimiento de la provincia...*"
>
> (Azara,1990:86)

No final do século XVIII São João Batista produzia tabaco para comercializar:

> "*Tiene el pueblo 2.388 almas y está rico. El poco tabaco que se planta tiene mejor fama que el paraguayo y que el de los otros pueblos. Cuando la expulsión tenía 4.106 habitantes.*"
>
> (Azara,1990:275)

Toda a produção de horticultura nas Reduções foi acompanhada de um aumento do conhecimento das técnicas, métodos e possibilidades pelos jesuítas. Tornou-se comum a publicação de extensos trabalhos sobre o comportamento das hortaliças e outros produtos; os métodos mais adequados; as épocas corretas de cultivo; etc. Este aprendizado era socializado com outros missionários visando ampliar a produção e o sucesso dos estabelecimentos.[108] Sobre o tempo de plantio e colheita, Cardiel comenta que:

> "*Alguno que outro suele plantar caña dulce y algunos árboles frutales; pero son raros. Para estas labranzas se les señalan seis meses, en que aran, siembran, escardillan y cogen su cosecha. Com cuatro semanas efectivas que trabajen, tienen bastante para lograr el sustento para todo el año, como sucede con los más capaces e trabajadores, porque la tierra es fértil;...*"
>
> (Cardiel,1994:49)

108. MONTOYA, A. R. *Conquista Espiritual*.p.221; DE MASY, R.C.*Tecnica y Tecnologia Agrarias Apropriadas en las Misiones Guaranies,*p. 41-42; SEPP, A. Algumas Instruções Relativas ao Governo Temporal das Reduções em suas Fábricas, Sementeiras, Estâncias e outras fainas. Pesquisas, São Leopoldo, Inst. Anchietano, nº 2, 1958, p. 47-53.

As roças e hortas estavam divididas em dois sistemas implantados nas Reduções e que também significaram uma transformação na cultura horticultora dos guaranis. Por um lado, havia o Abambaé, parcela de campo correspondente à propriedade de cada índio, onde o cultivo dava-se em função das famílias. A determinação do lote era feita pelos jesuítas de acordo com o número de membros de uma família (Furlong,1962:398). Além do lote de terra, podiam ser considerados como parte do Abambaé a casa, os animais domésticos, os campos de pastoreio, e os pequenos rebanhos. Uma Cédula Real previa a existência da propriedade individual ao lado da propriedade comunitária:

> *"se assinala a cada índio uma porção de terra para trabalhar a fim de que sua colheita possa manter sua família e que o resto da colheita da comunidade ,de grãos , raízes, comestíveis e algodão, como também a erva e o gado, se administre e maneje pelos índios dirigidos pelos curas em cada povo; e que tudo se faça em três partes: uma para pagar o tributo do Erário Real, do qual sai o sínodo dos curas; a outra para adorno e manutenção das igrejas; e a terceira para o sustento e vestimenta das viúvas, órfãos, enfermos e impossibilitados, e finalmente para socorrer a todo o necessitado".*
>
> (Furlong,1962:428)

A propriedade comunitária era o Tupambaé, o campo cultivado por turnos e cujos produtos destinavam-se para a comunidade. Cardiel ao referir-se a estas terras comunitárias destaca:

> *"Tienen sementeras en común, a que acuden todos los lunes y sábados. Estas son maíz, legumbres y algodón, y acuden al cultivo de los árboles de la yerba. De éstos tienen planteles de veinte mil o más árboles en las cercanías del pueblo a modo de olivares y lo aran y des hierban. Estos bienes de comunidad se emplean en el sustento de la casa de las recogidas, que hay en cada pueblo, en el de los viejos e impedidos, en dar de comer a los muchachos y muchachas en sus faenas, en el avío de los viajes del trajín*

> *del pueblo por tierras y ríos, etc. Los otros seis meses, que no son de sementeras, se emplean en hacer casas, en remendarlas, componer caminos, hacer zanjas para el atajo de los ganados en las grandes dehesas o pastoreos y otras varias cosas del común y utilidad de todos...*"
>
> (Cardiel,1984:90)

A implantação do Tupambaé está relacionada à tradição cultural guarani de ação comunitária no trabalho. Soares destaca que determinadas atividades sociais, entre elas o trabalho nas roças ganhava um sentido diferente quando executadas em grupo. Os guaranis seguiam o princípio do *potyro* (todas as mãos), que referia-se a todas as atividades coletivas (Soares,1997:140). Isto porém não inviabilizava a dedicação às roças individuais, visto que estas eram dadas aos caciques e por eles distribuídas entre os membros de sua parcialidade.

Segundo Gutierrez, faziam parte da área social de produção agrícola quatro tipos de terras públicas: as hortas e a quinta, adjacentes ao núcleo urbano; as plantações de trigo, as plantações de algodão e tabaco e os ervais. O autor considera que a superfície total destas terras deveria ser menor que a somatória das parcelas individuais. Devido ao número de dias dedicados aos trabalhos nas terras comunitárias a produção do Tupambaé deveria, no melhor dos casos, equiparar-se a dos Abambaés, não superando a produção destes (Gutierrez,1974:106). Havia uma relação entre a produção individual e o trabalho comunitário que caracterizaria um sistema de produção misto nas Reduções:

> *"La producción del área privada es, pues, por lo menos equivalente a la coletiva y además existía una línea de abastecimiento directo de ésta última a la primera, cual era la adquisición de las herramientas de producción indispensables para la labor familiar, realizada con fondos del común. Se define así uma forma de economía mixta com dirección total central y, por ende, planificación con ciertas licencias hacia un cambio libre de bienes de consumo aún cuando no se desvirtúa su régimen de autoabastecimiento como objetivo troncal.*"
>
> (Gutierrez,1974:106)

Entre os produtos do Tupambaé destaca-se o algodão, produzido como objetivo de confeccionar-se tecidos para as vestimentas dos guaranis e também para servir como mercadoria de troca no mercado interno colonial. O Padre Sepp, ao referir-se ao cultivo de algodão destacava a necessidade de repartir as áreas a serem plantadas utilizando-se de cordas estendidas em forma de um quadriculamento, onde cada quadra teria entre seis a oito pés.[109] Onde as cordas se cruzavam eram depositadas as sementes. Desta forma estaria garantida a distância necessária para o crescimento dos pés de algodão, que servia também para evitar que algumas pragas se espalhassem com rapidez pela plantação. Os pés de algodão floresciam em dezembro e janeiro. A cada ano deveriam ser podados para não voltarem ao seu estado silvestre (Sepp,1973:210:11). Quando da fundação de São João Batista forma plantados 100.000 pés de algodão. Três anos depois, em 1701, já havia 300.000 pés. O trabalho com os pés de algodão exigia inúmeros cuidados como a poda, a limpeza das ervas que nasciam em meio a plantação, a proteção das raízes com montes de terra para evitar a infiltração excessiva de água, etc. Todos estes cuidados garantiam as colheitas e o aumento da produção referidos por Sepp (Sepp,1958:48). Integrada à produção de algodão, estava a confecção de tecidos:

> *"De los ofícios el único que estaba vinculado al circuito económico era el de la tejedurría y por ello obtenían los tejedores una gratificación de 5 varas por pieza, siendo considerado este trabajo como el más penoso."*
>
> (Gutierrez,1974:94)

Os outros ofícios mecânicos não recebiam nenhum pagamento, mesmo quando trabalhavam para um particular, pois seu serviço era considerado como colaboração com a comunidade, como para outros era trabalhar nas plantações. Em 1768 havia três plantações de algodão em São João Batista, duas grandes e uma de pequeno porte (Brabo,1873:124). No final do século XVIII, após a expulsão dos jesuítas, a administração civil espanhola promoveu uma série de medidas para melhorar a produção em São João Batista. Os pés de algodão fo-

109.Werner Hoffman destaca que *El pie equivalia en Castilla a 28 cm. SEPP, Antonio. Continuacion de Las Labores Apostolicos*. Buenos Aires, Editorial Universitária, 1973. p.210, nota 50..

ram replantados conforme consta em relatórios dos administradores da Redução:

> *"Los algodonales que son las principales fincas de la comunidad, se hallan bien cultivados y repuestas sus faltas, havendo puesto otro con diez mil seiscientos y ochenta plantas. Los algodonales de este peublo son ocho, y se componen de quinientas e treinta y quatro mil plantas, todas bien cultivadas de las que cada año se cogen dos mil arrobas de algodon,..."*[110]

Nesta mesma época Azara comentava que se extraía no Paraguai entre nove e dez mil arrobas de algodão. O algodão era utilizado para confeccionar as roupas dos índios e dos escravos. Azara lamentava a falta de rocas de fiar que podiam agilizar a fiação do algodão (Azara,1990:91). No século XIX São João ainda contava com algumas plantações de algodão, que embora tivesse uma qualidade baixa, era produzido em grandes quantidades (Saint-Hilaire,1974:157).

Gutierrez considera que a distribuição de terras para as propriedades particulares variava em função das características topográficas e climáticas, dos tipos de produção previstos, da tecnologia aplicada e da dimensão das famílias. Este último elemento adquire relevância quando trata-se de analisar a organização espacial das Reduções. É importante destacar que da mesma forma que os jesuítas foram pragmáticos ao constituir a organização da malha urbana dos povoados, não seguindo modelos pré-estabelecidos, também o foram na distribuição de parcelas do solo para plantações, evitando os lotes iguais e repartindo as terras aos cacicados de acordo com o tamanho da família e das necessidades de produção. Tanto na distribuição espacial urbana como na repartição rural das propriedades, parece ter prevalecido a importância destinada aos caciques e as parcialidades por eles chefiadas.

Apesar desta semelhança de opção pragmática, tanto no urbano quanto no rural, há uma diferença importante. No plano urbano os missionários adotaram um sistema organizado com a distribuição

110. *Relación de lo adelantado a beneficio de esta comunidad en este año. San Juan 31 de novembro de 1791 e 2 de fevereiro de 1792. Administrador Nicolas de Atienza*. AGN, sala IX, 17-3-6.

espacial das edificações respeitando uma métrica e uma organização. Mesmo que tenha havido uma divisão interna em bairros de acordo com o número de famílias ligadas a um cacique, de maneira geral, as casas possuíam praticamente as mesmas dimensões e características. No tocante ao setor rural, as informações parecem indicar uma distribuição desigual e desordenada, respeitando mais o regime de cacicados do que um loteamento por parcelas iguais. Conforme Gutierrez:

> *"El planteo jesuítico tan racionalista en otros aspectos prefirió, pues, prescindir de la planificación de un loteo homogéneo en torno al pueblo com la finalidad de asegurar eficacia de producción."*
>
> (Gutierrez,1974:126)

O Padre Sepp quando fala da distribuição dos lotes de Abambaé em São João, deixa clara a distribuição espacial dos lotes na periferia determinada pelo poder cacical. Também aponta para a necessidade de demarcar o espaço destinado a cada cacique, ordenando as propriedades:

> *"Dios nos concedió en su generosidad estas y otras ventajas que benefician a nuestra nueva aldea, pero puso una condición, queridos hijos: que paz y concordia reinen en nuestro pueblo y ninguna querella surja entre vosotros y vuestros pastores. Por eso resolví asignar a cada cacique los campos y pastos que correponden al número de sus familiares y vasallos, así que nadie le pueda disputar sus derechos. Por lo tanto empecé inmediatamente con el reparto de las tierras entre los diferentes caciques. A uno le di tierras de labor que se extendían hacia el este, a otro campos mirando hacia el oeste, a cada uno una parte amplia de monte y campos de pastoreo para su ganado. A otros les repartí parcelas al lado norte o sur del territorio de la nueva reducción, colocándoles una cruz como mojón; fue prohibido rebasar los límites de los campos; cualquier infractor que pretendiese ampliar las tierras que le correspondían debía sufrir el castigo merecido.*

> *A un cacique que tenía sesenta o setenta indios en su poder le adjudiqué unas tierras fértiles atravesadas por un arroyo alegre que no se seca nunca.*"
>
> (Sepp,1973:204-05)

Sepp acrescenta ainda que as cruzes utilizadas na demarcação e divisão dos lotes seriam *un signo claro y ostensible de que la religión cristiana dominaría en esta tierra.* (Sepp,1990:207)

No final do século XVIII ainda havia muitas roças espalhadas na periferia das Reduções. Félix de Azara esteve em chácaras no caminho entre San Ignacio Guaçú e Santa Maria de Fé; em terras da Redução de Santa Maria de Fé e da Redução de Mártires. (Azara,1990:267)

Em São João Batista a administração civil espanhola tratou também de recuperar as chácaras que haviam passado por um processo de abandono desde a guerra Guaranítica de 1754-56:

> *"Se hallan igualmente sembradas para la comunidad, ocho fanegas, siete almazens de maiz i se hallan estos bien cultivados como las demas chacaras de comunidad y particulares.*"[111]

Percebe-se por este relatório que o sistema de produção misto na agricultura havia sido mantido após a expulsão dos jesuítas, com propriedades comunitárias e individuais. No início do século XIX as roças ainda eram o principal sustento dos povoados na antiga Banda Oriental do rio Uruguai. Em São Luís havia roças de feijão, milho, mandioca, batatas, abóboras e melancia. As casas de palha ainda eram erguidas nas áreas de cultivo. Porém, ao contrário do período jesuítico, serviam para proteger as plantações de furtos (Saint-Hilaire,1974:148). Também em São João Batista ainda haviam lotes cultivados na periferia, onde havia grandes extensões plantadas, maiores que as de São Miguel e São Luís, embora fossem mantidas por uma população de velhos e mulheres (Saint-Hilaire,1974:157). As técnicas de queimada parecem ter permanecido também no século XIX:

111.*Relación de lo adelantado a beneficio de esta comunidad en este año. San Juan 31 de novembro de 1791 e 2 de fevereiro de 1792. Administrador Nicolas de Atienza*. AGN, sala IX, 17-3-6.

> *"Em toda parte haviam incendiado a relva para desabafar os renovos e dar-lhes o adubo das cinzas. Em toda parte subia a cinza branca; encostas inteiras das colinas cobriam-se de fogo crepitante e as chamas ávidas subiam as elevações até em cima, fenômeno fantástico, inteiramente estranho para o viajante europeu. Num sítio distante, o incêndio devia ter encontrado material mais sólido; dardejavam mais alto as labaredas e o calor desenvolvido impelia a fumaça mais rapidamente para o céu. Vi arder naquela direção durante horas."*
>
> (Avé-Lallemant,1980:230)

Os vestígios arqueológicos das áreas utilizadas para as roças na periferia das Reduções são de difícil identificação. As constantes transferências de lugar os sucessivos cultivos que ocorreram em épocas posteriores descaracterizaram os traçados das antigas zonas cultivadas. Na ilustração de São João Batista são representadas algumas áreas de plantio. Pode-se sugerir que tratam-se de roças de algodão e plantações de erva-mate, embora a falta de uma legenda não permita qualquer indicação mais precisa. Fotografias aéreas com técnica de infravermelho e tomadas a altitudes superiores àquelas realizadas para este trabalho poderiam indicar colorações diferentes no solo em áreas anteriormente cultivadas.

5.13. Ervais

Os ervais nativos, juntamente com as estâncias e vacarias, eram as áreas de exploração mais distantes dos núcleos urbanos. A erva-mate, ou *Ilex paraguaiensis* aparece nas florestas subtropicais em áreas da antiga Província Jesuítica do Paraguai. Nestas florestas ela pode estar associada à canela e à araucária. O ambiente ecológico relacionado às bacias do Uruguai, Paraguai e Paraná, com a presença da floresta latifoliada, leva à ocorrência da erva-mate em terrenos compactos e pouco íngremes (Bachi & Falcade,1990:43). Nestas condições desenvolveram-se os ervais nativos explorados pelas reduções.

Estes ervais eram explorados desde a primeira fase das Reduções Jesuíticas. Mesmo durante o período em que os guaranis do Tape estiveram instalados em terras localizadas nas margens ocidentais do rio Uruguai, os ervais nativos eram visitados periodicamente para a extração. Porém, após a fundação dos Sete Povos da Banda Oriental a exploração foi organizada e foram delimitadas áreas de exclusividade para cada Redução tanto na região do Alto Uruguai, como no rio Jacuí.(Porto,1954:336) Os ervais nativos eram alcançados por caminhos terrestres e fluviais em viagens que duravam um longo período:

> *"Antiguamente iban nuestros indios á hacer esta yerba á los montes, distante de los pueblos 50 ó 60 leguas: porque no había á menor distancia. Los siete de la banda oriental del Uruguay iban por tierra con carretas: los demás por los ríos Uruguay y Paraná en balsas hechas de canoas, río arriba, que cría río abajo: y no se podía ir por tierra por las sierras y mantañas intermedias. Los de tierra volvían con sus carros cargados después de muchos meses. Y los de agua, después de hecha la yerba, la llavaban desde el sitio donde se cría hasta el río, que en partes estaba lejos como de três ó cuatro leguas."*
>
> (Cardiel,1994:69-70)

Os ervais de São João, São Lourenço, São Tomé e São Nicolau, ficavam próximos. As delimitações eram feitas com cruzes de pedra. Alguns povos tinham seus ervais mais próximos, como era o caso de São Luís que possuía os ervais da Redução de Conceição, onde hoje é o município de Ijuí. Já São Borja, tinha seus ervais a mais de cem léguas da Redução na região de Camaquã do Sul. Os caminhos que levavam aos ervais nativos eram demarcados com cruzes. José de Saldanha, em sua viagem de exploração dos limites portugueses com os espanhóis, em 1796, identificou uma cruz de culto dos índios de Santo Tomé:

> *"...dirigimo-nos ao próprio lugar do Curuçú, a qual cruz grande se acha já cahida, porém ainda em cima do altinho, ou peanha artificial de terra, que mostra ter sido feito antigamente sobre aquella cochilha; no pé da cruz se lê o seguinte letreiro - A 3 de*

> *abril de 1794 onembohe cobia S. Thomé Ybiya ca caruçú - que vem a dizer - O Povo de S. Thomé quando passa para o herval reverencia a esta cruz. 3 de abril de 1794.*"[112]

Percebe-se que o costume de sacralizar os caminhos permaneceu após a expulsão dos jesuítas, pois a placa citada por José de Saldanha data de 1794. Os ervais nativos podiam ser agregados a uma Redução como terras de caciques que se unissem à comunidade ou então descobertos por expedições de procura e assinalados ao povo ao qual pertencessem os exploradores (Bruxel,1959:108). Havia duas espécies de erva na região platina. Uma chamada *Caamini*, ou erva miúda, e outra chamada *Caaivira*, ou erva-de-paus. A diferença de qualidade entre as duas dava-se em função da técnica de beneficiamento. A erva-de-paus era moída dentro de buracos feitos no chão e misturava-se com todo tipo de impurezas. Desta forma, pequenos pedaços de galhos permaneciam junto à erva. A erva miúda era moída em pilões ou em buracos protegidos com couro de boi, que evitavam a contaminação da erva com terra e sujeira. As reduções produziam erva desta forma, enquanto os espanhóis dedicavam-se à erva-de-paus. A *Caamini* alcançava valores maiores nas cidades coloniais espanholas (Cardiel,1994:69). Cardiel descreve o método de beneficiar a erva em postos montados próximos aos ervais nativos:

> *"Cortan las ramas pequeñas. Hacen fuego com llama. Pásanlas por la llama tostándolas un poco. Pónenlas sobre unos cañizos. Danles humo toda noche. Muélenlas, no como harina, sino a medio moler, y así con sus palito medie majados, meten esta yerba en unos sacos de cuero de toro de siete para ocho arrobas. Esto llaman hacer yerba."*
>
> (Cardiel,1984:54)

Durante todo o século XVII as Reduções realizaram expedições aos ervais nativos para extrair a erva-mate. Estas expedições significavam um alto custo material e humano. Em média eram levadas de 500 a 1.000 cabeças de gado, 200 libras de tabaco, muitas sacas de erva-mate para consumo dos índios, além de ferramentas e carretas

112.SALDANHA, José. *Diário Resumido do reconhecimento dos campos de novo descobertos sobre a serra geral, nas cabeceiras do Rio Pardo.* Revista do IHG Brasileiro, nº 9, 1841, t. III, p. 71

(Gutierrez,1974:108-109). Os postos montados para abrigar os índios e beneficiar a erva compunham-se de uma grande estrutura:

> *"Llegada la expedicicion al yerbal, dedicábanse los que la componian, unos á la construcción de entramados ó esqueletos de casas ó ranchos en grande número, otros á cortar bambús, que hendian á lo largo, tejiendo cestos com las astillas filamentosas que así resultaban, y varios arrancaban hojas de fiame, que ponian á secar para forrar después con ellas los cestos. Hecho todo esto, subian machete en mano á los árboles y comenzaban á cortar las ramas pequeñas guarnecidas de las hojas que habian de convertirse en yerba."*
>
> (Brabo,1873:XL-XLI)

São João Batista possuía postos ervateiros no alto Uruguai. Segundo José de Saldanha, próximo ao rio Jacuizinho encontrava-se o primeiro posto ervateiro da região e pertencia a São João. Era uma pequena meia praça, formada pelos matos onde estavam os ranchos dos ervateiros. O erval onde estava o posto chamava-se Caacorá, que significava "curral de mato".[113]

Todo o custo e tempo desperdiçado na extração dos ervais nativos levava à necessidade de soluções que resultassem em economias de pessoal e produtos. A implantação de ervais cultivados próximos as reduções já havia iniciado em 1670. No entanto, sua difusão só ocorreu após a fundação dos Sete Povos, juntamente com a sistematização da exploração dos ervais nativos. O primeiro erval cultivado na Banda Oriental foi estabelecido junto ao canavial plantado pelos indígenas da Redução de San Javier, que desde 1657 haviam instalado estâncias nesta região (Porto,1954:339). O início do cultivo foi difícil, como narra o Padre Gaspar Rodero:

> *"...a inconvenientes tão perniciosos à conservação e aumento das suas Reduções, solicitaram plantar em terras mais apropriadas e próximas dos seus Povos, ao princípio algumas plantas tenras dessas árvores; depois, fazendo viveiros da semente semelhante à Erva; e embora em muitas delas, não em todas, se conseguiu*

113. José de Saldanha, *Diário Resumido*. In: PORTO, Aurélio. *História das Missões Orientais do Uruguai* - I parte. Porto Alegre, Ed. Selbach, 1954, p. 337

> *bom efeito; porém é experiência certa que a Erva que se produz com o cultivo não tem tanta força como a têm as árvores silvestres dos matos."*[114]

Apesar destas dificuldades iniciais, a observação fez com que os jesuítas e guaranis percebessem que o tratamento das sementes poderia trazer novos resultados. A descoberta de que as sementes estavam revestidas de uma goma, que quando retirada aumentava sua produtividade, modificou o cultivo artificial de pés de erva-mate. O segundo passo foi a descoberta da técnica de transferência das mudas após um determinado período para outro solo. Esta técnica acabou possibilitando o cultivo de erva em locais próximos aos núcleos urbanos e com o tempo aumentou a qualidade da erva das Reduções.[115] Em geral os ervais cultivados ficavam localizados distantes dos núcleos para evitar incêndios, pois, o beneficiamento da erva era feito com fumaça em fogueiras montadas para tal fim (Gutierrez,1974:108-09). A produção de erva destinou-se sobretudo a pagar o tributo emdinheiro estabelecido pela Cédula Real de 26 de outubro de 1661. Havia procuradores estabelecidos em Santa Fé e Buenos Aires que estavam responsáveis pela comercialização da erva para o pagamento de tributo e compra de outros objetos necessários às Reduções (Furlong,1962:381). A erva-mate missioneira teve um alcance tão grande no mercado interno colonial que foi necessária uma limitação da exportação em 12.000 arrobas por ano, conforme uma determinação de 1745 (Furlong,1962:419). O P. Sepp fez uma série de recomendações no trato com a erva-mate cultivada:

> *"As plantas que devem ser transplantadas, um ano antes de alporcar e cobrir com terra, se torcem, oipoca, assim como os sarmentos da uva, do contrário não deitam raízes. Dois meses antes de transplantá-las, cortam-se da madre ou tronco da árvore e se cobrem outra vez com terra, depois de uma chuva. Sempre se transplantam depois de haver chovido, em junho, julho, agosto. As plantas uma da outra hão de ter quatro varas de largura em quadro. Os buracos devem ter uma vara de profundidade*

114. P. Romero In: PORTO, Aurélio. *História das Missões Orientais do Uruguai* - I parte. Porto Alegre, Ed. Selbach, 1954, p. 340.
115. CARDIEL, In: FURLONG . G. Misiones y sus pueblos guaranies , p.414-415 e 416.

> *e outra vara de largura em quadro. Faz-se a erva em dezembro, quando os rebentos estão já maduros e sazonados. Quando se transplantam, depois de cortadas, tira-se cada planta com a mesma terra que se gruda às raízes, e isto com muito cuidado, e se põem numa bolsa de couro para levá-la ao lugar do plantio. Quando se põem nas covas, deve-se pisar bem com os pés em redor. Os buracos não se devem encher totalmente, deixando ao menos o espaço de um pé vazio para recolher as águas, e conserve-se a planta na sombra em tempo de calor."*
>
> (Sepp,1958:48)

Apesar dos ganhos com o cultivo de erva próximo aos núcleos urbanos, as Reduções prosseguiram com a exploração de ervais nativos. Os inventários compilados por Francisco Brabo dão conta de que os ervais nativos explorados por São Miguel, São João e São Nicolau na serra da parte ocidental do alto Uruguai estavam entre os de melhor qualidade (Brabo,1873:XL). Em 1742 a Redução de São João disputou a posse dos ervais nativos com São Miguel. O Padre Pedro de Cabrera decidiu a questão a favor de São João. A área foi delimitada com cruzes de pedra e com uma lápide:

> *"Ano de 1742. Assinalaram-se estes ervais a puseram estas cruzes de pedras com as letras que se vêem nelas, por ordem do P. Pedro de Cabrera, estando presente o corregedor Pedro Chaury, o secretário Francisco Cuaracy, e outros quatro homens de ambos os povos."* [116]

Os ervais da região do Jacuí continuaram sendo explorados pelo Povo de São João. Em 1789 houve uma disputa pelos ervais nativos entre portugueses e espanhóis. Dom José de Varella y Ulloa, que escrevia desde São João, defendia que os ervais nativos pertenciam às Reduções, apesar de estarem em terras de litígio em função das sucessivas demarcações do Tratado de Santo Ildefonso, de 1777, que os

116.Correspondência do Rio Grande do Sul, Demarcação de limites. Vol. XI B.N.I,5,4,18, Of. 124. In: PORTO, Aurélio. *História das Missões Orientais do Uruguai* - I parte. Porto Alegre, Ed. Selbach, 1954, p. 338.

deixava em terras portuguesas. Para justificar-se argumentava que os ervais em questão eram explorados por São João desde 1716. O Brigadeiro Sebastião Xavier da Veiga Cabral da Câmara, representando os interesses de Portugal, afirmava que nas antigas Reduções haviam ervais cultivados que se não estivessem abandonados pelo descaso dos espanhóis, poderiam suprir as necessidades dos Povos. D. José de Ulloa respondeu que:

> *"É certo que os Regulares da Companhia plantaram alguns ervais nas proximidades dos Povos com o objetivo de promover a indústria de seus habitantes, porém a mor parte dessas árvores se perdeu e as demais se encontram em tal decadência que mal se encontra uma que chegue à altura de três varas; por cuja razão é tão curta a utilidade que tiram os índios do Uruguai de todos esses plantios que a maior colheita que fazem neles não passa de seiscentas arrobas da erva que chamam de paus, sendo que dos ervais de Montegrande se extraem anualmente mais de trinta mil arrobas da mesma erva, com a circunstância de que esta é de melhor qualidade e mais vantajosa para o comércio."*
>
> (Porto, 1954:343-44)

Esta carta de D. Ulloa demonstra que os ervais cultivados de São João já não estavam mais sendo produtivos no final da década de 80 do século XVIII, pois o comandante espanhol escreve a partir de São João a carta onde aponta para a queda de rendimento dos ervais cultivados nas Reduções. Em 1796 o Demarcador José de Saldanha partiu de Rio Pardo para inspecionar as terras que estavam em disputa com os espanhóis. Encontrou-se no dia 29 de abril com índios da Redução de São João que estavam extraindo erva:

> *"...nos encaminhamos para o Nascente, seguindo outra légua e três quartos até a rancheria dos ditos Índios hervateiros do povo de S. João, a qual se achava situada contra a serra da direita entre vertentes do rio Taquary, na latitude austral de 29 gráos."*[117]

117.SALDANHA, José. *Diário Resumido do reconhecimento dos campos de novo descobertos sobre a serra geral, nas cabeceiras do Rio Pardo.* Revista do IHG Brasileiro, nº 9, 1841, t. III, p. 70.

As disputas pelos ervais e os relatos de José de Saldanha demonstram que estes postos localizavam-se a longas distâncias das Reduções, dando uma idéia do alcance espacial das áreas de influências das mesmas. No século XIX os ervais das Reduções da Banda Oriental passaram ser administrados pela Câmara de Cruz Alta que disciplinava a extração da erva mate. A Câmara julgava-se com poderes para impedir a exploração privada dos ervais, pois o produto havia se tornado uma das principais fontes de renda do município através dos tributos. Para manter o cumprimento de normas e procedimentos que garantissem a manutenção da produtividade dos ervais, desde 1835 a exploração era regulamentada por um código de posturas elaborado pela Câmara de Vereadores. Os ervais em terras particulares não sofriam intervenção da Câmara de Vereadores (Zarth,1994).

5.14. Vacarias e Estâncias

Assim como os ervais nativos, as estâncias significaram os pontos mais distantes dos núcleos urbanos dentro do espaço missioneiro, que podem ser assinalados como parte do território pertencente a uma Redução em particular. O estabelecimento de estâncias particulares de cada Redução está vinculado ao processo de avanço português e espanhol sobre as grandes vacarias, onde o gado era deixado para reproduzir-se naturalmente. Sendo assim, há uma relação entre as vacarias e a formação das estâncias.

Vacarias

As vacarias estavam localizadas em regiões distantes dos núcleos urbanos. De certa forma, constituíam uma fronteira aberta do espaço missioneiro. Os limites eram imprecisos e o gado reproduzia-se sem a intervenção do trabalho humano. A primeira vacaria reconhecida sob esta denominação foi a Vacaria do Mar. Sua origem deve-se aos rebanhos de gado introduzidos na Banda Orientaldo Rio Uruguai durante o período das primeiras missões de jesuítas junto aos índios

Tapes. Nas primeiras décadas do século XVII foram introduzidas inúmeras cabeças de gado nesta região para abastecer as povoações das bandas oriental e ocidental do rio Uruguai. Os confrontos com as bandeiras paulistas na primeira metade do século XVII fizeram com que as missões entre os Tapes fossem destruídas. Parte dos indígenas cristianizados abandonaram seu território e transmigraram para áreas mais seguras entre os rios Uruguai e Paraná. A partir desta época os rebanhos de gado permaneceram dispersos pelo território da Banda Oriental. Milhares de cabeças de gado espalharam-se pelas pastagens naturais. Livres, estes animais alcançaram áreas próximas ao litoral atlântico.

Os guaranis das Reduções situadas na Banda Ocidental do Uruguai continuaram realizando incursões em territórios da margem oposta em busca de gado. Uma vasta região entre os afluentes dos rios Negro e Jacuí, onde havia uma grande quantidade de gado, passou a ser denominada Vacaria do Mar. Além do gado oriundo das missões iniciais com os Tapes, um nova inserção de animais nesta região ocorreu a partir 1644[118]. A Vacaria do Mar é realmente estabelecida como reserva de gado para os povos missioneiros a partir de 1677 ou 1678, quando ocorrem as primeiras autorizações para a retirada de animais destas paragens próximas da costa atlântica.[119] No entanto, a partir do final do século XVIII, estabeleceu-se uma polêmica entre os missionários jesuítas e os espanhóis de Montevidéu, sobre a posse destes animais. Tanto espanhóis quanto jesuítas buscavam justificativas para legitimar a posse sobre as vacarias. Os espanhóis passaram a reivindicar o gado com base na tese de que este havia sido introduzido na região por ordem do Governador Hernando Arias de Saavedra, entre 1611 e 1617. Segundo Flores, este gado introduzido pelos espanhóis foi consumido pelos colonos e indígenas da região (Flores,1979:107-08). O

118.Declaração do Padre Juan de Yegros sobre a existência de ordem escrita do Padre Provincial Juan Bautista Ferruffini, datada de 1644 e que ordena ao Padre Superior que introduza mais vacas nas "*taperas de los padres missioneros que están por las partes del mar cuyos pueblos...yacían por las partes del Oriente como sus antecesores lo habían ordenado...*" Manuscritos da Coleção de Angelis, vol. V, pp. 198-199. In: DE MASY, R. Carbonell de. *La génesis de las vaquerías de los pueblos tapes y guaraníes de la banda oriental del Uruguay a la luz de documentación inedita, apenas conocida*. Anais do VIII SNEM, Santa Rosa, Fac. Dom Bosco, 1989a, p. 171, nota 15.

119.Conf. declaração do Padre Miguel Fernandez em 5 de agosto de 1716 In: Manuscritos da Coleção de Angelis, vol. V, p. 167. In: DE MASY, R. Carbonell de. *La génesis de las vaquerías de los pueblos tapes y guaraníes de la banda oriental del Uruguay a la luz de documentación inedita, apenas conocida*. Anais do VIII SNEM, Santa Rosa, Fac. Dom Bosco, 1989a, p. 171, nota 19.

gado da Vacaria do Mar passou a ser explorado indistintamente pelos espanhóis e a população das Reduções. O estabelecimento português da Colônia do Sacramento, a partir de 1680, passou a ser mais um agravante para o abate indiscriminado destes animais. Dentro desta extensa região geográfica designada como Vacaria do Mar encontravam-se sub-regiões como a Vacaria de *los padres*, originada das reduções da primeira fase e a Vacaria de San Gabriel.

A Vacaria de San Gabriel

Esta vacaria considerada como uma sub-região dentro da Vacaria do Mar foi formada em 1680, quando do primeiro cerco à Colônia do Santíssimo Sacramento estabelecida em frente à ilha de San Gabriel. Suas dimensões eram pequenas e o gado reunido para alimentar as tropas guaraníticas que cercaram Colônia logo dispersou-se.

Formação de Estâncias

As estâncias estabelecidas pelas Reduções estão relacionadas às vacarias e seu declínio. Entre 1692 e 1702 três circunstâncias levaram a fundação de novas vacarias e estâncias na Banda Oriental: a fundação dos Sete Povos da Banda Oriental do Rio Uruguai; as ordenações de Dom Augustin de Robles, Governador do *Río de La Plata*, para o Padre Provincial, o Padre Procurador e o Superior de Missiones do Paraná e Uruguai, datada de 22 de abril de 1692, onde determinava que internassem o gado das Vacarias do Mar e de San Gabriel, para que os portugueses da Colônia não se apropriassem dos rebanhos; e as queixas das cidades de Santa Fé e Corrientes contra os pueblos guaranis, de que os índios estavam a vaquear em zonas conflituosas com suas próprias áreas de criação (De Masy,1989a:173).

As estâncias vieram diminuir a distância entre os novos povos guaranis e suas reservas de gado, ao mesmo tempo em que internavam e garantiam a posse, tão discutida, sobre os rebanhos. As paragens e os caminhos que levavam até as áreas de concentr ação dos animais eram demarcados com o cultivo de árvores estranhas à região:

> "*Por la introducción de especies vegetales ejenas al clima continental - el ombú y los palmares, yatay y caranday - pueden ser investigados los intinerarios ganaderos, las estaciones par el descanso o para la recuperación.*"
>
> (De Masy,1989a:176)

A presença da Colônia do Sacramento tornou as vacarias um problema de fronteira e levou às retiradas de gado para evitar os conflitos. Da mesma forma que havia feito Dom Augustin de Robles, em 1692, Dom Manuel de Prado y Maldonado, Governador do *Rio de La Plata*, em 1701, solicitou que o gado das vacarias fosse retirado e levado para as proximidades das reduções e que se evitassem os conflitos com os portugueses (De Masy,1989a:35). Desta forma, foram criadas duas grandes estâncias: uma da Redução de Yapeyu e outra da Redução de San Miguel. A finalidade destas estâncias era a multiplicação do gado. O aproveitamento dos rebanhos ficou proibido por um período de oito anos. A quantidade inicial de animais entre as duas estâncias chegava a 50.000 cabeças e esperavase alcançar um número de 200.000.

A Vacaria do Rio Negro

Após as lutas pela Colônia do Sacramento em 1701, o povo de Yapeyu foi forçado a abandonar as estâncias que possuía na Banda Oriental. Entre 1702 e 1704 realizaram tentativas de formar nova concentração de rebanhos nas duas margens do rio Uruguai nas estâncias de San Pedro e San José. As dificuldades causadas pelo prolongamento da participação de Guaranis nos cercos a Colônia fizeram com que Yapeyu também enviasse homens e animais para a região conflituosa e os estabelecimentos fracassaram.

Em 1705, o Provincial Lauro Nuñez ordenou que novamente fossem introduzidos animais na região da Vacaria do Rio Negro, em um mínimo de 500 a 1.000 cabeças por povoado, de acordo com

as possibilidades.[120] Nesta época já havia iniciado a concentração de gado nos campos de cima da serra, que deram origem à Vacaria dos Pinhais. De Masy relaciona a retomada de criação de gado feita por Yapeyu com o fato de que os povos do Uruguai abaixo não estavam explorando a Vacaria dos Pinhais:

> *"Vaqueaban pueblos que con sus estancias habián contribuído a fundar la Vaquería de Pinares; es lógico que procurasen repoblarlas con ganado cimarrón. Otros pueblos, menos unidos a esta vaquería como Yapeyí, La Cruz, San Carlos, etc. afrontaban escasez de alimentos y urgencia de reponer estancias"*
>
> (De Masy, 1989a:180)

Entre os anos de 1706 e 1709 a contribuição dos Povos à nova vacaria, denominada Rio Negro, não foi importante devido as fracas colheitas e aos conflitos com índios infiéis. A partir de 1709 a Vacaria do Rio Negro ganha importância devido a sua posição estratégica de proximidade com a Vacaria do Mar, as reduções e suas estâncias. Em 1737, o Padre Aguilar decidiu ampliar as estâncias de São Miguel e Yapeyú. Foram compradas 40.000 cabeças de gado, sendo que Santo Ângelo, juntamente com Apostoles e Santa Rosa, adquiriram 2.000 cabeças e São Luis entre 2.000 e 3.000 cabeças. No final do ano de 1737, o Padre Provincial solicitou ao Governador de Buenos Aires permissão para estender os campos da estância de São Miguel até o rio Negro. Não havendo resposta, os jesuítas passaram a considerar o rio Negro como limite sul da estância de San Miguel (Furlong,1962:408).

A Vacaria dos Pinhais

Até 1699 a região de los Pinares representava apenas uma área estratégica cuja vigilância estava entregue aos pueblos de arriba:

120. Ordenes del P. Provincial Lauro Nuñez para todas las Doctrinas del Uruguay y visita de 1705. DE MASY, Rafael Carbonell de. *La génesis de las vaquerías de los pueblos tapes y guaraníes de la banda oriental del Uruguay a la luz de documentación inedita, apenas conocida* Anais do VIII SNEM, Santa Rosa, Fac. Dom Bosco, 1989a, p. 180 nota 62.

> *"...los cinco pueblos San Nicolás, San Luís, San Lourenzo, San Miguel y San Juan harán, por su parte, la espía de los Pinares en los tiempos acostumbrados, de la misma manera que se hacen por los ríos del Paraná y Uruguay."*[121]

De Masy não concorda com a hipótese de que o gado que deu origem a Vacaria dos Pinhais pode ter vindo de um rebanho de aproximadamente 500 cabeças que teria sido abandonado nesta região pela antiga redução de Santa Tereza. Acredita que a Vacaria foi estabelecida através da ação dos Padres Gilles Staes e José Brassanelli, que, por ocasião dos cercos de 1701 a Colônia, tiraram 1.400 cabeças da estância de San José do povo de Yapeyu. De Masy acredita que o Padre Staes deixou algumas cabeças de gado na região de Pinares antes de partir para o cerco com os guerreiros guaranis (Furlong:1984:179). Já no ano de 1704 a Vacaria dos Pinhais estava estabelecida e no Diario del Viaje de autoria do irmão Silvestre González, de 1705, aparece uma descrição desta região:

> *"...no tiene que hacer esta vaquería, con la bondad en un todo, con la de Pinares, así en los pastos, como en las aguadas, como en las rinconadas, en el camino y en la cerca, y en la comodid; y también en la comodid de hacer vacas y el poder ver desde luego adonde las hay. Algo más fría sí es que está, porque es tierra más alta, pero mucho más amena."*[122]

Os Povos de San Lourenço, San Luís e San Miguel exploraram em demasia a Vacaria dos Pinhais, entre 1706 e 1715 aproximadamente, visando melhorar suas estâncias. Diante disto, o Provincial Luís de Roca (1713-1717) ordenou que cessasse a exploração do gado desta área e também que os povos citados contribuíssem com no mínimo

121.Ordenes del p. Ignácio Frías, Provincial, al Superior de las Misiones del Uruguay en la Visita de 1699. DE MASY, Rafael Carbonell de. *La génesis de las vaquerías de los pueblos tapes y guaraníes de la banda oriental del Uruguay a la luz de documentación inedita, apenas conocida* Anais do VIII SNEM, Santa Rosa, Fac. Dom Bosco, 1989, p. 178.

122. Diario del viaje que hacen a la Vaquería del Mar el P. Juan María Paompeyo y el Hno. Silvestre González(Museo Histórico Nacional, tomo 194, Montevidéo. In: DE MASY, Rafael Carbonell de. *La génesis de las vaquerías de los pueblos tapes y guaraníes de la banda oriental del Uruguay a la luz de documentación inedita, apenas conocida* Anais do VIII SNEM, Santa Rosa, Fac. Dom Bosco, 1989, p. 179, nota 60.

40.000 cabeças para repor os animais retirados. Estes animais, mais aproximadamente 40.000 enviados por outras Reduções, somariam 80.000. De Masy acredita que esta seria uma refundação da Vacaria dos Pinhais (De Masy,1989a182nt.71). Esta retomada da vacaria, e da fundação de estâncias, se justificava pelo temor de que espanhóis e portugueses esgotassem os recursos da Vacaria do Mar, que sempre foi o centro de conflitos entre jesuítas e colonos. A partir desta época as estâncias crescem em importância e diversas Reduções passam a estabelecer os limites de suas áreas exclusivas de criação de gado. Cardiel, ao referir-se às estâncias missioneiras destaca:

> *"Son tan grandes como las de España, ó más. Ni las leguas son chicas. Se miden á razón de seis mil varas. Son de aquellas que veinte entran en un grado con corta diferencia. Las estancias de Yapeyú y San Miguel son las mayores: las demás son de á ocho, diez. ó á lo más veinte leguas de largo"*
>
> (Cardiel,1994:62)

Segundo Flores, as estâncias grandes da Banda Oriental estavam limitadas pelos rios Negro, Uruguai e Jaguarão. Além destes os limites alcançavam a Lagoa dos Patos e a encosta da serra. Já as estâncias pequenas, localizadas mais próximas dos núcleos urbanos, espalhavam-se pelo Planalto Meridional (Flores,1979:109-10).

As estâncias passaram a ser repartidas em postos, onde viviam os índios peões de gado com suas famílias. Furlong afirma que estes postos podiam distar uns dos outros entre cinco e seis léguas. Os postos eram responsáveis por distintos rebanhos de vacas, cavalos, mulas e ovelhas (Furlong,1962:179). Flores destaca a função geopolítica das estâncias. Segundo o autor, a fundação dos Sete Povos da Banda Oriental fazia parte da colonização espanhola. Entre outros objetivos estava o de impedir o avanço português em direção ao Prata. Desta forma, as terras entre o Jacuí e o rio Negro foram divididas em estâncias, com suas capelas, postos e sedes (Flores,1981:108).

Os locais escolhidos para o estabelecimento das estâncias tinham que levar em consideração as condições das pastagens e a presença de limites naturais. Era preciso considerar que não apenas o gado bovino merecia cuidados especiais. Também ovelhas, porcos, mulas e

cavalos eram criados nas estâncias. Sendo assim, as pastagens tinham que ser suficientes para comportar diferentes rebanhos em distintas áreas. Em alguns casos era preciso cultivar alfafa para garantir pastagem em épocas de intenso frio e formação de geadas. Também o local da sede do posto de estância necessitava algumas condições. Quando as estâncias estavam limitadas por arroios, rios e matas fechadas, haviam apenas poucos pontos de acesso. Nestes locais instalavam-se os postos para controlar a movimentação de rebanhos. Em volta das residências destes postos estabeleciam-se chiqueiros, currais, potreiros, galpões, hortas, etc (Brabo,1873:XLIII).

O número de postos em uma estância podia variar de acordo com a extensão e importância do estabelecimento. Em geral eram buscados lugares altos, de onde era possível ter uma boa visão dos arredores imediatos. Também eram convenientes lugares próximos a arroio e rios, que oferecessem aguadas para os habitantes e o gado. Nem todos os postos de estância possuíam estas características (Brabo,1873:XLIV). Entretanto, quando conseguidas, eram a garantia de uma permanência mais prolongada do estabelecimento. Não há informações precisas sobre as estruturas construídas nestes postos. A julgar pelas casas estabelecidas pelos guaranis em suas roças, é possível que as residências dos postos tenham sido construídas com técnicas indígenas, com estruturas de bambu, madeira e palha. Os índios dos postos, além de lidar com a criação extensiva, tinham que realizar o rodeio do gado:

> *"El modo de hacer las vacas de cimarronas mansas, es éste: Después de cogidas del modo dicho, se ponen en la estancia del pueblo cerrada por todas partes com arroyos, pantanos, ó zanjas hechas á mano: aunque ninguna está cerrada, por la incuria de los indios, que no tenga muchas partes por donde salir-se. Allí las dividen en tropas de á cinco mil ó seis mil: y colocan cada tropa en sitio determinado algo cerrado, para que no se junten com outra tropa. Y esto llaman RODEO. Juntan este rodeo á los principios cada día para que no se esparzan, que forcejean á ello, para volverse por donde vinieron, y para que se hagan á aquel paraje: y porque este tan frecuente rodeo no les da tiempo para pacer á gusto: después de algunas semanas juntan el rodeo sólo dos veces á la semana, y las tienen en él en alguna loma alta dos*

> *ó tres horas, rodeándolas por todas partes: y en partes las meten y hacen el rodeo en un gran coral de palos. Todos son allí de palos. No hay ninguno de piedra ó pared, ni aun en las tierras de las ciudades más adelantadas."*
>
> (Cardiel, 1994:62)

O relato de Cardiel demonstra a importância dos postos e dos rodeios para a manutenção dos núcleos urbanos. Apesar do autor afirmar que todos os currais eram de madeira, houveram postos de estância que contaram com currais de pedra. O rodeio envolvia um grande número de índios. Estes tinham que desenvolver habilidades de cavaleiros, além de aprender as técnicas de trabalho com o gado. O gado capturado nos rodeios era levado para as invernadas. Estas eram pequenas estâncias localizadas próximas aos núcleos, que eram organizadas em meses oportunos, normalmente nos intervalos das colheitas, entre dezembro e fevereiro.(De Masy,1989b:34) As estâncias de gado cobriam o déficit alimentar nos períodos de baixa produtividade agrícola (De Masy,1989b:27).

Hemetério Velloso afirma que apesar da distância entre os núcleos urbanos e as estâncias, isto não significava o abandono do modo de vida cristão pelos habitantes dos postos. Havia um rodízio destas populações, visando manter a moral cristã (Silveira,1979:14). Conforme Gutierrez houve uma interação entre a produção de erva-mate e a pecuária:

> *"Si la yerba constituía el reaseguro financeiro par el pago del tributo y la adquisición de herramientas, la ganaderia lo era, como se há dicho, de la supervivencia de los pueblos."*
>
> (Gutierrez,1974:110)

Desta forma, sobre o binômio erva-mate/gado sustentou-se econômica e materialmente o sistema. A erva como produto de troca comercial e o gado como produto de manutenção dos povoados. Nas estâncias podia haver a presença de peões espanhóis, mestiços e escravos negros. Os espanhóis podiam ter como pagamento a licença e criar seu próprio rebanho e comercializá-lo (Haubert,1991:230,

Bruxel,1959:134). A permanência prolongada de índios missionei ros nestes locais podia ser prejudicial à proposta de cristianização contínua das Reduções.

Na Banda Oriental do rio Uruguai as primeiras estâncias de criação de gado instalaram-se ainda na segunda metade do século XVII. Porém, não possuíam as estruturas e a organização daquelas fundadas no século XVIII. A primeira área exclusiva para pecuária foi criada em 1657, quando a Redução de San Javier recebeu, em 10 de julho daquele ano, a concessão de terras para estabelecer uma estância na margem oriental do Uruguai. A concessão foi dada por D. Juan Blázquez de Valverde, Governador do Paraguai:

> *"...para as suas estâncias lhes dou e assinalo por terras as que há da outra banda do rio Uruguai, que são as que estão desde o dito rio até Ijuí acima, com todos os seus matos, entradas e saídas que de direito lhe pertencem e mando que nenhum outro que não for deste mencionado Povo entre nas ditas terras, etc."*[123]

San Javier exigia a posse destas terras em uma contenda com a Redução de Conceição. O argumento de San Javier baseava-se no fato de que os índios que viviam nesta região, na época das primeiras entrada de Jesuítas, pertenciam ao cacicado de Nheçu. Este cacique teria sido o responsável pela morte do Padre Juan de Castilho e os índios a ele ligados teriam transmigrado para San Javier, mas não abriam mão de suas terras. Os índios de San Javier iniciaram logo a ocupação com gado e chácaras, plantando inclusive um canavial. A estância de San Javier contava também com ervais nativos. Seus limites estavam entre o Nhucorá e o Jacuí. Instalaram três estâncias separadas neste território e quatro postos. Mais tarde, em 1685, a Redução de Conceição também recebeu terras ao norte das terras de San Javier. Inicialmente para a exploração de ervais e depois com gado. Além destas estâncias, Yapeyú fundou a sua nas terras fronteiriças à Redução, na banda Oriental, em 1660. Esta estânia estava ligada à exploração da Vacaria do Rio Negro, como visto anteriormente. Chamava-se San José e teve um papel importante no contato com a Vacaria do Mar. A Redução de Nuestra Señora da Asunción, ou La Cruz, também estabeleceu uma

123. *apud* PORTO, Aurélio. História das Missões Orientais do Uruguai - I parte. Porto Alegre, Ed. Selbach, 1954, p. 322.

estância nas terras contíguas às suas do outro lado do rio. A estância passou a chamar-se Itaquí, devido a uma pedreira localizada na região (Porto,1954:322-25).

Além das estâncias pertencentes às Reduções, os jesuítas possuíam estâncias que destinavam-se aos colégios e residências de cidades como Córdoba e Corrientes. O colégio de Córdoba era proprietário das estâncias de Alta Garcia e Santa Catalina. A produção destas estâncias também era destinada ao comércio com o mercado colonial espanhol. O gado jesuítico podia ser vendido para centros localizados a grandes distâncias, como Potosi no alto Peru. Nestas estâncias era empregada a mão-de-obra guarani, além de escravos negros.

Estância de São João Batista

A Estância de São João Batista foi estabelecida logo após a fundação desta Redução. Sua área foi definida em uma região a leste da estância de São Miguel, Redução da qual São João era um desdobramento. Os limites desta estância ficavam entre os rios Vacacaí, Santa Bárbara, e as cabeceiras do rio Camaquã (Porto,1954:329). O Padre Sepp refere-se à produção da estância de São João em 1701, apenas quatro anos após a fundação da Redução:

> *"Aquel ganado aumentaba en el campo fuera de la ciudad, paciendo sin pastor, de tal modo que hoy día cuento solamente en la estância de mi nueva reducción de San Juan Bautista con 60.000 cabezas de ganado vacuno y 20.000 terneros nacidos al verano passado."*
>
> (Sepp, 1973:198)

A dimensão da estância, segundo o autor, compreendia quatro dias de caminho, em uma extensão de mais de quarenta milhas alemãs (Sepp,1980:146). O Padre Bernardo Nusdorffer descreveu a região da Colônia do Sacramento em 1754 e referiu-se à hidrografia e à importância desta para as delimitações de territórios. Também destacou as demarcações de estâncias:

> *"Este Guacacay pues tiene dos ramos, uno se llama Guacacay ò Vacacay miri y corre casi por el medio de la estancia de S. Luis, el otro se llama Gaucacay guaçu y termina de una parte la estancia de S. Luiz y sierra de outra parte la estancia del Pueblo de S. Juan y del Pueblo de S. Lorenzo, juntandose en la estancia de S. Lorenzo con el Guacacay miri, haziendo ya con este ramo un rio bastante caudaloso.47(...)Vamos aora à la banda del sur del Guacacay guaçu adonde estan las estancias de los pueblos de S. Juan, S. Lorenzo y S. Miguel, desde los cerros y lomerias que estan en aquellas estancias especialmente en la de S. Juan y San Miguel."*[124]

São João possuía ainda postos e pequenas estâncias mais próximas ao núcleo urbano, como os postos de São João Velho, onde havia uma capela dessa invocação, e os postos de Santa Maria e São João-mirim (Porto,1954:331). Uma destas estâncias pequenas foi relatada por portugueses. Buscando um caminho para alcançar os Sete Povos sem passar pelas terras da Estância de San Luiz, os portugueses enviaram vários destacamentos pequenos. Um dos integrantes da terceira tropa enviada chamava-se Villalba, o qual, segundo consta:

> *"...con otro compañero andubo mucho tiempo por los montes cercanos a la estancia cercana del pueblo de San Juan. Los estancieros juanistas descubrieron sus fuegos y llegaron finalmente a ellos y luego viendo eran españoles ò portugueses los quisieron matar."*[125]

O processo de disputa territorial estabelecido entre espanhóis e portugueses após o Tratado de Madri terminou por conceder sesmarias aos portugueses entre os rios Jacuí e Camaquã. Esta era a área das estâncias de São Lourenço, São Miguel e São João Batista (Flores,1981:109). Robert Avé-Lallemant esteve no posto de São João-mirim em 1858. Segundo o autor, nada mais restava a não ser alguns pessegueiros e mamoneiras do período jesuítico que assinalavam o local do antigo posto (Avé-Lallemant,1980:234).

124.Manuscritos da Coleção de Angelis, Tomo VII, Do Tratado de Madri à Conquista dos Sete Povos. p. 254.

125. Manuscritos da Coleção de Angelis, Tomo VII, Do Tratado de Madri à Conquista dos Sete Povos. p 255.

A produção de gado foi duramente atingida pelo processo que teve início após a expulsão dos jesuítas. Os números de Yapeyú demonstram estes prejuízos. Além de estar inserida na crise causada pelos abusos da exploração dos rebanhos e pela crescente demanda de Buenos Aires, Yapeyú perdeu também parte de seu rebanho quando da tomada portuguesa do território da Banda Oriental. Em 1768 esta Redução possuía 60.415 cabeças de gado. 36 anos depois, em 1804, restavam apenas 5.290 cabeças.[126] Saint-Hilaire refere-se à situação das estâncias no século XIX:

> *"(...) Santo Ângelo não tem mais estâncias. (...) São Borja possui ainda a de São Gabriel, mas sem gado algum, São Lourenço tem a de Tupancinetã em condições idênticas e enfim Conceição pertencente à São João está igualmente sem animais. A única estância que conserva alguma importância é a de São Vicente, onde existem 14.000 bovinos pertencentes a São Miguel..."*
>
> (Saint-Hilaire,1974:139)

As estâncias jesuíticas espalharam-se por um grande território do atual Rio Grande do Sul. Aurélio Porto demonstra a importância e a dimensão da penetração dos jesuítas neste território tomando como exemplo toponímia cristã. O autor calcula que de 500 topônimos oriundos de nomenclatura cristã, aproximadamente 80% procedem dos nomes de estâncias e postos das Reduções. Além disto devem ser agregados inúmeros rios, serras, etc. cujas denominações indígenas foram alteradas pelos jesuítas em suas incursões pela região (Porto,1954:321).

Os vestígios arqueológicos de antigos postos de estâncias encontram-se em várias regiões de territórios do Brasil, Argentina, Uruguai e Paraguai. No entanto, poucos foram identificados. Na região de Lavras do Sul, pesquisada pelo P. Luis G. Jaeger em 1958, encontra-se um local chamado "Tapera dos Padres". À época de expedição de Jaeger, este local encontrava-se na propriedade da viúva do Sr. Júlio Machado Jardim. O autor observou na ocasião, no alto de um cerro, o

126.José Torres Revello, Yapeyú, Bs. As., 1959, pp. 112-115 e AGN 9.22.7.6 *apud*: MAEDER, Ernesto, J. A. *La Población de las Misiones despues de la expulsion de los Jesuítas,* Anais do IV SNEM, Santa Rosa, Fac. Dom Bosco, 1981, p. 137, nota 19.

que chamou de "*ruínas visíveis de um povoado*".(Jaeger,1959b:14) Segundo Jaeger, as informações contidas em autores como Aurélio Porto, José de Saldanha e o Gen. Assis Brasil, possibilitam identificar este lugar como sendo Santo Antônio, o Novo, posto da estância de São Miguel, que substituiu o transmigrado Santo Antônio, o Velho. José de Saldanha destaca que Santo Antônio Novo encontrava-se próximo às cabeceiras do rio Santo Antônio e Jaeger observa que: "*Ali perto, ao pé da coxilha, onde nos achávamos, estavam as cabeceiras do rio Santo Antônio*."(Jaeger, 1959b:14)

Neste posto Jaeger identificou também um curral de pedras.[127] O Padre Jaeger não apresenta maiores detalhes do local observado e também não anexou fotografias ou ilustrações a respeito em sua publicação. Desta forma, a confirmação da existência dos vestígios deste posto da estância de São Miguel fica restrita aos relatos de Jaeger, carecendo investigações mais recentes e melhor documentadas. De qualquer maneira, este é um dos poucos relatos conhecidos de identificação de um posto de estância jesuítica.

127. Ver 5.2. sobre currais.

6. A desestruturação do espaço missioneiro

O espaço missioneiro passou por diversas etapas onde houveram avanços e recuos territoriais. O processo histórico relacionado à construção deste espaço esteve marcado por momentos de estabilidade e crise. A consolidação ocorrida no século XVIII sofreu um retrocesso a partir de 1750. As disputas territoriais entre as coroas ibéricas envolveu diretamente as Reduções Jesuíticas. Neste sentido, o Tratado de Madri pode ser considerado um marco histórico do início do declínio destes povoados. A troca de territórios entre Portugal e Espanha significou o abandono do caráter de fronteira do mundo espanhol que as Reduções representavam. Obrigadas a abandonar a Banda Oriental do rio Uruguai, as sete Reduções ali estabelecidas foram forçadas a transmigrar suas populações para terras situadas na mesopotâmia formada pelo Uruguai e o Paraná. Esta determinação foi o estopim de uma revolta dos índios guaranis, que terminou caracterizando-se como uma guerra aberta contra os exércitos coloniais de Espanha e Portugal.

Nos primeiros anos após o inicio da execução do Tratado algumas medidas para realizar a transmigração foram tomadas. Entre 1751 e 1755, o Padre Bernardo Nusdorffer realizou uma série de visitas às missões orientais, com vistas a promover a mudança, auxiliando na redistribuição espacial que deveria resultar deste processo. Os indígenas da Redução de São João Batista optaram, inicialmente, por permanecer sob o domínio espanhol. Foi dado início então à busca de terras para novas instalações na margem ocidental do rio Uruguai, conforme previam os acordos. O rio Uruguai passaria a ser um dos limites naturais entre as possessões ibéricas na região platina. Os *Juanistas*[128] estavam interessados em uma região situada entre os rios Paraná e Paraguai, chamada *Lomas de Gonzales*, pertencentes à Redução de San Ignacio Guaçu. O Padre Nusdorffer procurou dissuadi-los

128.Como eram chamados os índios da Redução de San Juan Bautista.

desta ocupação, argumentando que estas terras estavam a mais de 100 léguas de distância de São João. Isto significaria grandes dificuldades para a transmigração da população. Além disto, estas terras estavam próximas dos territórios ocupados por Payaguas e Abipones, o que poderia levar a conflitos com estas parcialidades.[129]

Enviados de São João foram mandados até as terras das *Lomas do Gonzales*. Com auxílio dos índios de San Ignacio Guaçu registraram as terras de um posto chamado Tymboi, localizado em frente à Redução de Yatati. A área escolhida possuía inclusive uma estância da Redução de San Ignacio.[130] Apesar de haverem sido tomadas estas providências iniciais para a transmigração, a tentativa de transpor os juanistas para terras espanholas foi frustrada. Em 8 de janeiro de 1753 o Padre Thadeo Enis conduziu um grupo de 223 índios de São João para abandonar a Banda Oriental. Chegaram às margens do rio Uruguai no dia 16, provavelmente no passo de Concepción. O grupo negou-se a cruzar o rio e dos inicias, restavam apenas 30 no dia 18. Os índios diziam que haviam sido alertados pelos *miguelistas* e *lorencistas*[131] de que os padres e o capitão os venderiam aos espanhóis e que um barco os esperava para levá-los à Buenos Aires. Não houve outra alternativa senão retornar ao povoado. Houve revolta na Redução contra o corregedor e os cabildantes. A partir deste momento os *juanistas* negaram-se a transmigrar. As autoridades jesuíticas da região platina tinham consciência da importância da transmigração de São João como forma de convencer aos outros povos da Banda Oriental a fazer o mesmo:

> *"En esto paro la transmigracion de los de Sª Juan, con que instaba tanto el P. Comissario, assegurando varias veces, que, si San Juan se mudaba, todos los pueblos se mudarian, seguiendo su exemplo."*[132]

129.Manuscritos da Coleção de Angelis, Tomo VII, Do Tratado de Madri à Conquista dos Sete Povos. P. 144.

130. Manuscritos da Coleção de Angelis, Tomo VII, Do Tratado de Madri à Conquista dos Sete Povos. P. 148.

131.Índios das Reduções de San Miguel e San Lorenzo respectivamente.

132. Conforme TESCHAUER, C. História do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 1922, t.III, p. 494. In: SEPP, *A. Continuación de Las Labores Apostólicas*, p. 51. (introdução).

Os índios de São João enviaram correspondências ao então Governador de Buenos Aires em 1753, Dom José de Andonaegui (Sepp,1973:86-89). Nelas apresentaram sua intenção de não transmigrar argumentando a impossibilidade de Deus e o Rei mudarem de idéia a respeito da posse das terras e também recordaram os serviços prestados pelos Guaranis à Coroa espanhola até então. Em São Miguel a situação não era diferente. O Padre Balda, encarregado de transmigrar os índios para a outra banda do Uruguai, conseguiu reunir apenas umas 220 famílias, menos da quarta parte da população. Muitos índios haviam engajado-se na revolta contra o Tratado de Madri "*los demás alzados, una tropilla de ellos en los montes del Piratiní, otros metidos entre los infieles, mucha parte en la serranía del Tape*."6

A crise iniciada com as revoltas traduziu-se na Guerra Guaranítica. A união de forças militares entre Portugal e Espanha consolidou a vitória contra as tropas de milícias guaranis missioneiras. O resultado deste processo foi desastroso para as Reduções da Banda Oriental. A queda populacional levou a um abandono das plantações. Também as estâncias localizadas ao sul sofreram com saques e desorganização. Novos acontecimentos políticos na Europa fizeram com que o Tratado de Madri fosse anulado em 1761. Os jesuítas iniciaram então uma tentativa de recuperar as perdas da crise anterior. No entanto, a conjuntura de disputas entre iluministas e absolutistas na Europa acabou envolvendo a Companhia de Jesus (Flores,1975). O resultado foi a expulsão dos jesuítas das possessões americanas dos portugueses em 1759 e dos espanhóis em 1768.

Os missionários foram substituídos por administradores civis espanhóis. No tocante aos serviços religiosos, membros de outras ordens, como dominicanos e franciscanos passaram a atender as Reduções. Em alguns povos houve a promoção de reformas, como o ocorrido em São João durante a administração de Nicolas de Atienza no final do século XVIII. Diversos fatores fizeram com que as Reduções entrassem em decadência material e econômica: a corrupção dos administradores; o convívio aberto entre guaranis missioneiros e colonos espanhóis; o alcoolismo; a exploração do trabalho indígena; e, sobretudo, a queda da população, iniciada durante a crise do Tratado de Madri. O reflexo desta falta de material humano fez-se sentir na manutenção das estruturas das Reduções. O regime de trabalho que

vigorava no período jesuítico, com o rodízio das atividades de acordo com a época dos plantios e colheitas, foi abandonado. As administrações não foram competentes para buscar soluções diante da impossibilidade de reproduzir o sistema anterior. Impossibilidade esta, determinada pelo novo contexto histórico, onde o isolamento e a relativa liberdade das Reduções não tinham mais lugar.

Além deste processo de falhas administrativas e empobrecimento dos povoados, ocorreu também a fragmentação política do vasto território anteriormente ocupado pelas trinta Reduções jesuítico-guarani. Durante o período jesuítico as Reduções estavam agrupados em duas regiões: treze povos do Paraná e dezessete povos do Uruguai. Os padres dos Povos estavam submetidos ao Padre Superior, com sede em Candelária. Os Povos estavam também sujeitos às jurisdições dos Governadores do Paraguai e Rio da Prata. Após 1726, com os movimentos comuneros ocorridos no Paraguai, os Povos ficaram submetidos à órbita de Buenos Aires. Com relação aos assuntos religiosos, os Bispos de Asunción e Buenos Aires exerceram suas funções e visitaram os Povos regularmente.

Após a expulsão, que ocorreu durante o Governo de Francisco de Paula Bucarelli (1766-1770), esta situação modificou-se e a administração dos Povos teve que ser adequada ao sistema colonial espanhol no relativo a jurisdições regionais. A primeira etapa ocorreu entre julho e agosto de 1768. Expulsando os Jesuítas, o Governador deu seguimento até 1770 a uma série de disposições que regulamentavam a nova situação política dos Povos Guaranis. Nesta época foi criada a *Gobernación de Misiones*. Em 23 de agosto de 1768 Bucarelli dividiu o governo dos povos em duas Jurisdições: a primeira jurisdição contava com 20 Povos e foi encomendada a Francisco de La Riva Herrera; a segunda Jurisdição contava com 10 Povos e foi encomendada a Francisco Bruno de Zavala. Em janeiro de 1770, Bucarelli determinou que estes funcionários estariam dependentes e subordinados ao Governador de Buenos Aires.

Os problemas de Francisco de la Riva Herrera levaram Bucarelli a optar por um único administrador, auxiliado por três Tenentes. O *Distrito de Misiones* passou a ser confiado a Francisco Bruno de

Zavala e foi dividido em quatro departamentos: Candelária: 15 Povos e administrado diretamente pelo Governador. (Jesús, Trinidad, Encarnácion, Candelária, Santa Ana, Loreto, San Ignacio Mini, Corpus, Santa Maria La Mayor, San Javier, Mártires, Apóstolos, San Carlos, San José e Concepción.); Santiago: 5 Povos (Santiago, Nuestra Señora de Fe, Santa Rosa, San Ignacio Gauzú e Santos Cosme e Damián.); Yapeyú: 4 Povos (Yapeyú, San Borja, Santo Tomé e La Cruz); e San Miguel: 6 Povos (San Miguel, San Luiz Gonzaga, San Juan Bautista, San Nicolás, Santo Angel e San Lorenzo).

Após a elevação da região a Vice-Reino do Rio da Prata, e com a criação da *Superintendencia General de la Real Hacienda* em 1778, os administradores dos departamentos foram afastados dos assuntos econômicos. Em 1783 se estabeleceu a ordenação de Intendentes. Os 13 Povos do Paraná passaram a depender do Governador Intendente do Paraguai, agrupados nos Departamentos de: Santiago (5 Povos) e Candelária (8 Povos). Os 17 Povos restantes ficaram subordinados a Buenos Aires e divididos nos Departamentos: Concepción (7 Povos), Yapeyú (4 Povos) e San Miguel (6 Povos). Apesar destas divisões estava mantida a *Governación de Misiones* e os Povos estavam sob a jurisdição maior do Vice-Rei do Prata.

Esta situação de diferentes jurisdições inferindo sobre os mesmos territórios causava enormes desentendimentos entre os administradores. A situação era agravada ainda pela existência da Administracion General de Los Pueblos, criada por Bucarelli em 1770. Ela tinha poderes para interferir em todos os assuntos econômicos dos Povos, tais como compras, contratos, contabilidade, etc. Este foi um período de grande desorganização administrativa causada pelo excesso de cargos e jurisdições com conflitos hierárquicos.

> *"El gobierno de la província, sin facultades suficientes para resolver las cuestiones de fondo, sujeto a lo colisión frecuente de jurisdiciones, intereses y apetitos que se volcaban hacia Misiones y atendida por una burocracia lejana que enfocaba sus problemas con criterio administrativo y fiscalista, distó de ser eficaz y poco pudo hacer para cumplir los ambiciosos postulados que se había fijado la intervención borbónica."*
>
> (Maeder,1981:130)

Em 1801, os luso-brasileiros tomaram as Sete Reduções da Banda Oriental em uma rápida ação militar. No entanto, os brasileiros não eram estranhos na região antes deste episódio. Durante a época das administrações civis espanholas o gado das antigas estâncias das Sete Reduções era explorado por luso-brasileiros. Estes praticavam o comércio ilegal de gado, retirando gado, cavalos e muares da região das missões e passando-os para a Capitania de São Paulo. O caminho oficial de passagem de gado era feito pelo Registro de Santa Vitória, um posto fiscal situado às margens do rio Pelotas, entre Vacaria e Lages. Estas atividades faziam com que os luso-brasileiros tivessem conhecimento do território e dos caminhos mais importantes. Moacir Domingues, estudando as causas da rápida ocupação do território dos Sete Povos das Missões em 1801, apresenta como um dos motivos, este prévio conhecimento da região pelos portugueses e brasileiros, entre eles Borges do Canto, líder da campanha armada de conquista (Domingues,1975:62). Este contrabando teria iniciado menos de duas décadas após a expulsão dos jesuítas. O caminho era realizado através do hoje chamado Planalto Médio e passava por Cruz Alta, Passo Fundo, Campo do Meio (Lagoa Vermelha). Além disto, havia ranchos de portugueses em território espanhol, o que demonstra uma fronteira ainda bastante imprecisa neste período. Félix de Azara reconheceu alguns destes ranchos ao viajar pela região da redução de Jesús em 1784:

> *"salimos el 17 con mal tiempo y a poco rato empezó a llover, a legua y media pasamos el arroyo Aguay-caay, que va al Tacuary y estaba punto menos que a nado, media legua más adelante nos obligó el aguacero a entrar en el rancho de un portugués donde comimos un asado con que nos regaló su dueño."*
>
> (Azara,1990:292)

O território das missões tomado pelos luso-brasileiros correspondia ao Departamento de San Miguel (6 Povos) mais o Povo de San Borja. Em 1803, uma Cédula Real criou o governo militar e político de Misiones, para administrar os outros departamentos. A independência outorgada a este cargo foi contestada pelos Governadores do Paraguai e Buenos Aires. Durante toda a primeira década do século XIX

a situação administrativa dos 23 Povos ainda ligados ao Vice-Reino do Rio da Prata esteve caracterizada por alternâncias de mando (Maeder,1981). A administração portuguesa dos Sete Povos foi também desastrosa e caracterizada pelos governos de militares.

Os movimentos de maio de 1810, que deram início ao processo de independência das colônias espanholas da região platina, atingiram também o território dos Sete Povos. Com a Revolução de Maio, o Rio da Prata se tornou cenário dos enfrentamentos entre Regentistas (favoráveis à manutenção da situação colonial) e os Juntistas (que apoiavam a Junta de Buenos Aires). A partir de 1811, os levantes rurais conduzidos por Artigas, envolveram o território da Banda Oriental. O envolvimento desta região nos conflitos dava-se por motivos concretos:

> *"En efecto, la proximidad geográfica, la existência de una cultura común, la dominante presencia de decenas de miles de guaraníes de las Misiones en el actual território uruguayo, así como la conciencia de una común identidad, vinculación y pertenencia a una comunidad de origen hispano, con fuertes lazos históricos, comprometieron a los pueblos misioneros, y se vieron envueltos en el largo conflicto hasta 1820"*
>
> (Rissotto&Gonzales,1994:210)

No ano de 1816, José Artigas organizou a resistência a uma possível invasão portuguesa. Temia uma entrada de colunas pela Angostura (zona dos Forte San Miguel, Santa Tereza e o Oceano Atlântico). A Andresito Artigas, lider caudilho de origem guarani, coube a tarefa de invadir o território das Missões, cruzando o Uruguai e entrando por São Borja. Sotelo invadiria por Yapeyu e Verdum, partindo do Arroio de la China, invadiria pelo norte do rio Arapey. Andresito foi derrotado por Abreu,[133] o qual já havia impedido a invasão e Sotelo em Yapeyu. Os portugueses promoveram a entrada de Chagas

133. Sobre este período da entrada de Abreu e suas tropas Saint-Hilaire comenta:"*Quando os insurretos espanhóis apossaram-se da Aldeia de S. Nicolau, o Marechal Abreu veio com suas milícias em socorro da província, e, assegura-me meu hospedeiro que em sua retirada esses soldados causaram maiores danos que os próprios inimigos, pilhando sem escrúpulo, carregando com o gado e com os cavalos das estâncias por onde passavam*." SAINT HILAIRE, Auguste de. *Viagem ao Rio Grande do Su*l.Belo Horizonte, Editora Itatiaia , 1974, p.140.

no território de Missões por considerá-lo estratégico e constante foco de ações inimigas. As forças de Chagas acabaram saqueando Yapeyú, La Cruz, Santo Tomé, Santa Maria, San Javier, Mártires , Concepción, Apostoles, San José e San Carlos. A nova invasão da região de Missões promovida por Artigas em 1819 terminou com a prisão de Andresito e com a derrota de Artigas em 1820. Após este período os portugueses voltaram a administrar com firmeza os Sete Povos orientais. No entanto, a decadência destes já era praticamente irreversível.

A campanha do General Fructuoso Rivera, em 1828, contribuiu definitivamente para o declínio das Reduções. A luta dos castelhanos contra os brasileiros na disputa pelo território oriental (Cisplatina) levou a guerra entre as Províncias Unidas del Rio de la Plata e o Império do Brasil, que iniciou em 1825. Em 1826 ocorreu a intervenção inglesa que buscava intermediar uma paz a qualquer custo, para viabilizar o comércio no Prata. Em 1827 a guerra chegou a um ponto de equilíbrio e despertou algumas tendências separatistas e republicanas do sul do Império Brasileiro.

Em 1828 o General Rivera entrou em ação nas lutas de independência e dirigiu-se para o norte. Seu sobrinho Barnabé Rivera comandou a invasão do território dos Sete Povos por São Borja. Rivera utilizou uma estratégia de aproximação que lhe permitiu ganhar tempo para ocupar toda a região das Missões. A precariedade dos povos missioneiros fez com que as adesões às forças de Rivera fossem enormes. Rivera entregou a administração dos Povos a chefes nativos de origem local. Proibiu abusos de seus comandados contra a população e os bens dos Povos; determinou a reorganização dos assentamentos, visando acabar com a vida errante que a população levava. Também proibiu a retirada de gado da região para o território uruguaio. Rivera convocou um Congresso para decidir o destino político da Província de *Misiones*. Foi organizado um processo eleitoral para a escolha dos representantes de cada Povoado. Por São João Batista foi eleito Juan de Souza Merelles. A sessão inaugural do Congresso foi entre os dias 28 de agosto e 13 de setembro de 1828. Algumas medidas foram adotadas: a Província de Misiones Orientales sempre havia feito parte das Províncias do Rio da Prata e que desejava continuar integrando esta União; o Congresso passaria a se chamar Sala de Representantes; os congressistas adotariam o regime republicano e um sistema federal de

governo; Rivera foi designado como Governador Provisório de *Misiones*, cargo que teria no futuro uma duração estabelecida de três anos (Rissotto&Gonzales,1994:217).

Enquanto a nova Província realizava sua organização institucional era assinada no Rio de Janeiro a Convenção Preliminar de Paz, que punha fim à guerra, mediante o reconhecimento da independência da Província Oriental, e estabelecia a devolução do território dos Sete Povos de Missões ao governo do Império do Brasil (Rissotto&Gonzales,1994:117-22). Rivera, diante da nova situação e sem o apoio de seu exército para opor resistência, optou por abandonar a região dos Sete Povos. Em 14 de novembro de 1828 a Sala de Representantes decidiu pela dissolução e fim das atividades. A população missioneira, temerosa e sem perspectivas futuras, decidiu acompanhar a retirada do Exército del Norte, levando consigo tudo o que fosse possível. A marcha do Exército del Norte levou milhares de cabeças de gado. Rivera decidiu não cruzar o Rio Uruguai em nenhum ponto. Não pretendia internar-se na Argentina, na Província de Corrientes, como havia sido determinado. Enfrentou a resistência do Exército Imperial do Brasil, que não pretendia que os indígenas e, principalmente, o gado fossem levados para fora dos limites do Império. A Convenção de Irebé-Ambá, foi firmada entre o Exército del Norte e o Exército Imperial em 25 de dezembro de 1828. Este acordo permitia que Rivera entrasse no território uruguaio, cuja fronteira com o Brasil Meridional ainda não estava definida nesta época. O Exército del Norte entrou no Uruguai em 28 de dezembro de 1828, cruzando o rio Cuareim, no Pai-Paso, acompanhado dos guaranis missioneiros. A dispersão destes guaranis pelo Uruguai deu origem aos povoados de Santa Rosa del Cuareim (atual Bella Unión), Paso Real de San Servando e San Borja del Y.[134]

A passagem de Rivera resultou também em um saque. Os guaranis levaram consigo uma enorme quantidade de bens materiais. Aurélio Porto listou todos os bens que foram levados pelo exército de

134.RISSOTTO, Luis Rodolfo & GONZALES, Susana de. La Campaña de las Missiones de 1828 y la desintegración de los Siete Pueblos de las Missiones Orientales. In: ANAIS do X SNEM, Santa Rosa, Fac. Dom Bosco, 1994, p. 229. Mais informações sobre as povoações fundadas por guaranis missioneiros no Uruguai in: RISSOTTO, Luis Rodolfo. & GONZALES, Susana de. Los últimos pueblos de guaraníes en la Banda Oriental del Uruguay entre los años 1820 y 1862.In: ANAIS do VIII SNEM, Santa Rosa, Fac. Dom Bosco, 1990, p. 202-237.

Rivera quando de sua saída das Missões.(Porto,1954:400) Em 1827 foi feito um relatório de todos os bens constantes nas Missões Jesuíticas para ser entregue ao Presidente da Província do Rio Grande do São Pedro, Sr. Salvador José Manoel. Nele constava que o Povo de São João Batista possuía:

> *"Edifícios e Prédios:...4 capelas, 1 colégio, 9 quadras de ruas, 1 curralão, 1 hospital, 1 casa de roça, 1 casa de teares, 1 quintal, 1 pomar, 1 cemitério. (...) População: Varões: 24 úteis, 11 inválidos e 7 menores. Mulheres: 64 úteis, 42 inválidas e 34 menores. (...)Ramos de Indústrias: 2.129 varas de pano de algodão, 507 ½ varas de riscado."*
>
> (Santos,1986:45-46)

A região dos Sete Povos passou por dois momentos após a ocupação luso-brasileira: um primeiro, logo após a ocupação de 1801 e caracterizado pela grande propriedade pastoril, o extrativismo de erva-mate e a escravidão; o segundo, no final do século XIX, caracterizado pela distribuição e comercialização de terras e imigração, levando a uma expansão demográfica com base na pequena propriedade agrícola (Zarth,1994:458). Na primeira fase o governo praticou uma política de fomentar a criação de núcleos estratégicos de povoamento na fronteira com a atual Argentina. Neste contexto foi criada a colônia de imigrantesde alemães em São João das Missões, em 1825. Sobre esta colônia, chamada de São João Mirim, Avé-Lallemant comenta:

> *"Pelas 3 horas da tarde, chegava a São João-Mirim, que na maioria dos mapas aparece erradamente como São José-Mirim. Chama-se São João-Mirim para distingui-lo da antiga missão de São João-Batista, a umas sete léguas ao norte. (...) São João-Mirim é antes uma região do que uma colônia. Nenhuma aldeia, nenhum agrupamento de casas assinala o lugar. Só há uma venda no caminho e ao longe se vê uma estância: isso é tudo, tal como em Santa Tecla, São Bernardo, Santo Inácio, Santa Lúcia."*

(Avé-Lallemant,1980:231)

Avé-Lallemant relata ainda um encontro com um alemão, dono de um pequeno estabelecimento comercial, que segundo indica o autor, havia chegado na região por volta de 1824. Nesta época havia sido implantada a colônia de alemães. Porém esta havia fracassado. Este alemão era então um dos poucos que permaneceu após a experiência ter sido abandonada. A venda do Alemão havia sido instalada sobre o terreno de uma antiga estância de índios segundo o autor:

> "*Como viajante, posso fazer minha cama onde quero e por isso, embora fosse cedo, mandei desselar e resolvi aboletar-me na antiga estancia de índio e agora venda alemã, tanto mais que em casa do alemão teria tudo o que é necessário dentro dos limites de uma vida restrita.*"
>
> (Avé-Lallemant,1980:231)

Segundo Hemetério Velloso, os motivos que podem ter levado ao fracasso da colônia podem estar relacionados com o fato de os alemães não terem se adaptado ao convívio com os guaranis. Também pode ter influído a falta de disponibilidade de água para abastecer a colônia e porque não foram distribuídas terras para as plantações(Silveira,1979:183). Passados alguns anos, houve uma nova tentativa de povoar a região dos Sete Povos. Em 1859, foi projetada a instalação de uma colônia militar. No entanto, isto ocorreu apenas vinte anos depois, em 1879 (Zarth,1994:459). O viajante argentino Juan B. Ambrosetti esteve em São João Batista no final do século XIX. Ambrosetti foi um pesquisador do Instituto Geográfico Argentino e em 1891, 93 e 93, a pedido desta instituição realizou expedições às Missões. No caminho entre São João e São Miguel, o autor observa:

> *"Cruzamos el arroyo y poco después llegamos a las ruinas de San Juan, donde hoy no hay sino dos casas; pusimos los caballos a la sombra y fuimos a visitarlas; no ofrecen ningún interés por estar todo en el suelo; encontramos un cuadrante solar sin fecha; algunas columnas y en el cementerio varias piedras del frontis labradas com un San Juan, el corazón de Jesús y algunos santos*

> *de madera arrimados a una pared, completamente apolillados y descoloridos. San Juan esta colocado en una altura: fué fundado en 1698, según el padre Gay, en la época de su esplendor tuvo cuarenta calles. Fué tomado por los portugueses en 1756. En tiempo del emperador don Pedro I, (1824), se estableció una colonia de alemanes que se dispersaron después. De San Juan salimos rumbo a Santo Angelo (...) Al rato llegamos a casa de un bearnés anciano, don Ramón Mosqueda."*
>
> (Ambrosetti,1983:77-78)

É interessante destacar deste relato o reaproveitamento de materiais no próprio local, como é o caso das pedras e colunas levadas para o cemitério. Também destaca-se a ocupação do território por ranchos particulares, como é o caso da casa de Ramón Mosqueda no caminho para Santo Ângelo.

Nesta época começaram a chegar contingentes de imigrantes europeus na região. As terras começaram a ser comercializadas em lotes e as áreas de mata nativa foram também ocupadas por pequenos colonos proprietários. Nesta mesma época a Argentina também tratava de incentivar a imigração para a região do rio Paraná, onde estavam as antigas Reduções jesuíticas, como se pode ver pela legislação de terras apresentada por Brabo (1873). A colonização espontânea foi um instrumento barato e sensível para ampliar o sistema de latifúndios em direção a novas zonas. No entanto, o avanço sobre as áreas de mata, que ocorreu também na Argentina e no Paraguai, foi responsável por desmatamentos:

> *"Aunque el P. Sanchez Labrador censura entonces los destrozos ocasiaonados en los bosques, la masiva desaparición de estos es relativamente reciente en el sur de Brasil, nordeste de Argentina y Paraguay; desaparición proporcional principalmente a la extensión de cultivos mecanizados. Los precios atractivos de la soja en las décadas de los años 60 y 70 así como la venta de maderas nobles han ocasionado perjuicios difícilmente reparables."*

(De Masy,1983:229)

Em São João Batista foi estabelecida uma nova Colônia. Em 1914 esta colônia estava composta de 151 famílias brasileiras. A principal cultura era a cana-de-açúcar destinada à fabricação de aguardente. Uma barca no Ijuí servia de comunicação com a colônia Burity. Segundo Santos, em 1915-16 a colônia já estava praticamente despovoada. Em 1917 o engenheiro Dr. Augusto Pestana mediu e demarcou o núcleo de São João Batista. Infelizmente Santos não possui os dados desta demarcação. Segundo a autor:

> *"Os residentes nesse ano eram todos de nacionalidade brasileira, havendo grande número de posseiros e intrusos que se tornaram proprietários de grandes áreas de terra, graças as condições vantajosas dos preços das terras e prazos concedidos pelo Governo do Estado. Nessa época já povoavam o núcleo 78 famílias num total de 400 pessoas."*

(Santos,1986:39)

Em 1959 o prefeito de Santo Ângelo, Sr. José Carlos Kirst inaugurou uma placa em homenagem ao Padre Antônio Sepp e determinou limpezas no perímetro da Redução. Também foram feitas tentativas de localizar o forno de fundição de ferro de São João Batista (Santos,1986:41). Apenas na década de 60 iniciariam trabalhos arqueológicos em São João e as principais escavações ocorreram nos anos 80.

Todo o processo iniciado com a crise criada pelo Tratado de Madri e marcado pelas lutas de independência e campanhas militares determinou irreversivelmente a desestruturação do espaço missioneiro. O desmembramento ocorrido após a expulsão dos jesuítas, as independências da Argentina, do Uruguai e do Paraguai, e a tomada do território dos Sete Povos Orientais pelos luso-brasileiros, terminaram por desarticular o território das Missões. Ao nível das Reduções, São João Batista é um caso típico de desmonte lento e contínuo. O abandono gradativo e a falta de manutenção fez com que a antiga Redução passasse por um empobrecimento humano e material. As tentativas de estabelecer colônias no local fracassaram diante da falta de condições e recursos. A chegada da colonização estrangeira foi responsável

pelo desmonte das estruturas para o reaproveitamento dos materiais construtivos. O loteamento das terras terminou por definir o destino de São João Batista como sítio arqueológico. Legado por muitos anos ao abandono, apenas há pouco mais de 15 anos São João Batista foi retomada pela pesquisa arqueológica e os órgãos de preservação do patrimônio histórico brasileiro.

Conclusão

Neste livro o caráter interrogativo sobrepôs-se à busca de posicionamentos conclusivos e definitivos. Isto deveu-se às próprias características do tema abordado. A complexidade do espaço missioneiro, sobretudo ao nível das Reduções, não permite afirmações definitivas, sob pena de correr-se o risco das generalizações simplistas. Entretanto, isto não significa que a investigação deva ficar inconclusa. Algumas hipóteses podem ser levantadas com alguma segurança, para esboçar um panorama das questões relevantes para o espaço missioneiro. Também a utilização de novas abordagens para a analise dos sítios arqueológicos missioneiro, e a comprovação de sua validade podem ser colocadas entre os resultados deste trabalho.

O território que esteve sob influencia das Reduções jesuíticas entre os séculos XVII e XVIII possuía grandes dimensões. Porem, é possível perceber-se uma certa homogeneidade de características: a presença de zonas de transição entre o campo e a floresta; uma malha hidrográfica de grande alcance e como diversos pequenos rios e arroios, muitos em grande parte navegáveis; ocorrência de afloramentos de arenito e basalto, sobretudo este ultimo, largamente utilizados nas edificações; e o sol argiloso, que possibilitou a manutenção de uma produção oleira por mais de cem anos.

Estas características não foram os únicos elementos explicativos do relativo sucesso das reduções jesuíticas. O território sob o qual se construiu o espaço missioneiro era também um território guarani. Este grupo indígena, por suas características culturais, tornou-se o elemento humano de principal dedicação da ação evangelizadora jesuítica, desta forma, povo e território combinaram-se, formando a base do espaço missioneiro. Visto neste sentido, o espaço missioneiro constituiu-se em uma síntese da paisagem e das ações concretas da sociedade formada por indígenas, religiosos e colonos espanhóis.

Este espaço passou por diversas etapas marcadas por avanços e recuos. A consolidação de uma área estável, sob o controle das Re-

duções jesuíticas, deu-se apenas no século XVIII, fundamentalmente após a fundação das Sete Reduções da Banda Oriental. Dentro da longa duração histórica da experiência jesuítica entre os guaranis, a consolidação e a estabilidade das Reduções representaram apenas cinqüenta anos, situados, sobretudo, na primeira metade do século XVIII. Para atingir estas condições, guaranis e jesuítas acumularam experiências ao longo do século XVII. Alem de um conseqüente aprendizado da cultura guarani, desenvolveram-se também estratégias de ação para o estabelecimento de assentamentos duradouros. O conjunto dos conhecimentos culturais e materiais permitiram a consolidação alcançada no século XVIII.

De certa forma, as características de transição encontradas na vegetação e no relevo do território das missões jesuíticas refletem-se nas atividades econômicas destas Reduções. Povos como Yapeyú, La cruz e San José, mais próximos às áreas de campo, dedicaram-se intensamente a pecuária. Por outro lado, Reduções como Santo Ângelo e São João Batista tiveram uma maior atuação nos cultivos de roças e principalmente de algodão, erva-mate e tabaco. Esta relação entre geografia e fatores sócio-econômicos ainda encontra-se presente na região das missões, no noroeste do Estado do Rio Grande do Sul, com uma geografia caracterizada pela passagem da floresta subtropical ao campo, e também pelo divisor de águas do interfluvio dos rios Ijuí e Piratini, observa-se uma relativa divisão na produção econômica. Cidades como Santa Rosa, Santo Ângelo e Ijuí estão mais ligadas às atividades de agricultura, com a presença de minifúndios agrícolas. Mais ao sul, na região de são Borja, a economia é caracterizada por latifúndios do setor pecuarista.

Uma noção que se procurou estabelecer ao longo deste trabalho foi a de que o espaço missioneiro torna-se mais compreensível quando analisado a partir de suas unidades básicas, as Reduções. Com efeito, o estudo do espaço de São João Batista demonstrou a aplicação dos conhecimentos anteriores de guaranis e jesuítas. A escolha do local para a Redução contou com as preocupações relativas às características geográficas. A presença do arroio Lajeado do Moinho garantiu o abastecimento de águas através de suas nascentes. Este arroio é tributário dos rios Ijuizinho e Ijuí, cuja proximidade facilitava o acesso navegável ao rio Uruguai. Os afloramentos de basalto, localizados três

quilômetros do núcleo urbano, significaram o fornecimento de matéria prima para as construções. As matas, mais numerosas do que a atual cobertura vegetal possa sugerir, foram utilizadas para material construtivo, combustível para os fornos, solos para horticultura, e reservas de caça e coleta. A argila presente nos barreiros, sobretudo nas margens do arroio Ibiquá, possibilitou a instalação de olarias para a confecção de telhas e tijolos. Também garantiu a continuidade das praticas ceramistas guaranis, reelaboradas com a inclusão dos homens neste oficio.

Apesar destas condições, é preciso destacar que a topografia acidentada do local onde ergueu-se o núcleo urbano condicionou o traçado dos elementos arquitetônicos. As linhas irregulares, verificáveis na disposição do conjunto igreja-claustro-oficina e quinta, foram resultado de adaptações ao relevo acentuado. É possível que o conjunto das outras condições geográficas tenha prevalecido, em detrimento da presença de uma topografia adequada para o estabelecimento das estruturas urbanas. Esta questão esta de acordo com o pragmatismo definido por Ramon Gutierrez para o urbanismo das Reduções.

Através dos relatos de Sepp e de outros cronistas, percebe-se a importância dos caciques guaranis na distribuição espacial da Redução. Esta importância reflete-se na presença de bairros ligados aos caciques e na divisão das terras de Abambaé, condicionada pelo numero de indivíduos pertencentes às famílias extensas. Os dados da antropologia guarani também são esclarecedores para questões como a instituição do Cotiguaçu nas Reduções. Os complexos laços de parentesco e os hábitos culturais que previam a poligamia familiar, sugerem a necessidade da internação de meninas órfãs e mulheres viúvas.

Do ponto de vista arqueológico, algumas questões mostraram-se bastante pertinentes ao longo dos levantamentos realizados para este trabalho. Em primeiro lugar, destacam-se os inventários e relatórios da redução de São João Batista, relativos ao período das administrações civis espanholas pós-expulsão dos jesuítas. Estes documentos trouxeram informações sobre o estado em que se encontrava a Redução na segunda metade do século XVIII. Os levantamentos dos bens moveis e imóveis da Redução por ocasião da expulsão dos missioneiros traz diversas informações sobre as estruturas presentes em 1768. As reformas que foram promovidas pelos administradores no

final do século, significam alterações nas estruturas do período jesuítico. As reformas relatadas dizem respeito à construção de novas casas e um armazém, bem como reconstruções na área do claustro.

O conhecimento destas alterações abra novas possibilidades para as interpretações arqueológicas dos elementos arquitetônicos de São João Batista. Intervenções no núcleo urbano devem contar com tais informações, verificando suas ocorrências ou pondo em prova suas veracidades. Para a historia de São João Batista, estas informações preenchem uma pequena parte do hiato documental existente entre sua fundação e os episódios ocorridos durante a validade do Tratado de Madri. Períodos estes melhores documentados.

Outra documentação que mostrou-se bastante útil para os levantamentos espaciais em São João Batista foi constituída pelas ilustrações desta Redução, datadas em torno de 1750. Embora as duas ilustrações utilizadas como referências básicas possuam semelhanças, ambas trazem em particular informações importantes. A disparidade existente entre o ordenamento espacial do núcleo urbano e aquele verificado em levantamentos topográficos recentes, não invalida os dados das iconografias a este respeito. A iconografia do acervo da BNP-F parece indicar em esforço de condensar uma área muito ampla em uma única imagem. Neste sentido os elementos encontram-se bastante aproximados e fora de suas escalas. Porém, é justamente na representação de periferia do núcleo urbano que encontram-se informações importantes para a compreensão do espaço da Redução. As fontes de água, os rios e arroios, as pontes e os açudes retratados apresentam vestígios arqueológicos e posições bastante aproximadas daquelas que ocupam na arqueologia. O cruzamento e a análise das informações arqueológicas e iconográficas se deu como um esforço de superar o mero papel ilustrativo que desenhos e gravuras vêm cumprindo nas publicações sobre a temática missioneira, cumprindo nas publicações sobre a temática missioneira, ampliando desta forma, suas capacidades explicativas.

Ainda com relação aos elementos periféricos e a arqueologia nas missões, procurou-se contribuir com a discussão

acerca das casas da roça. Estes estabelecimentos temporários relacionados aos ciclos agrícolas, eram construídos a partir de técnicas e materiais tradicionais na cultura guarani. Além disto, há o seu abandono após as épocas de atividades horticultoras. Daí a não sobrevivência de vestígios arqueológicos mais significativos destes locais. A ocorrência de concentrações de cerâmica guarani nos arredores dos antigos núcleos urbanos missioneiros deve ser pensada também a partir destas questões. Estes registros arqueológicos podem indicar, a principio, a presença de quatro situações: assentamentos guaranis anteriores ao período missioneiro; casas guaranis deste período utilizadas nas roças temporárias; grupos guaranis não reduzidos assentados próximo ao núcleo urbano; ou ainda, pequenos ranchos guaranis posteriores ao período jesuítico e relacionados à dispersão dos indígenas pela região. Os levantamentos feitos sobre a captação de recursos hídricos, demonstram a importância da ocorrência de fontes naturais de água nas imediações dos povoados. Neste particular, percebe-se uma grande variedade de formas e técnicas: represamentos feitos com acúmulos ordenados de terra, combinados com estruturas de pedra, como parece ser o caso de São João Batista; encanamentos de pedra feitos com basalto e arenito; poços artesianos; aproveitamento de águas pluviais; etc. Esta diversidade deve-se, sobretudo, às diferentes condições locais encontradas nas Reduções. Estas diferenças impediam a normatização de modelos ou técnicas.

As fotografias áreas realizadas para os levantamentos de São João auxiliaram na visualização das condições atuais dos remanescentes da Igreja, do claustro, das oficinas e da quinta, e sua relação com a cobertura vegetal. Também os vestígios de diferentes colorações no solo, foram indicativos para situar antigos açudes representados nas iconografias de áreas. Tomadas aéreas com a utilização de recursos apropriados, como filmes infravermelhos, poderão trazer novas informações que neste momento não foram possíveis.

Pretendeu-se com este trabalho a busca de dois objetivos principais. Em primeiro lugar, uma aproximação com as propostas e métodos da arqueologia espacial. Com efeito, a situação atual dos sítios arqueológicos missioneiros apresenta problemáticas pertinentes a tais postulações. A complexidade espacial das Reduções traduz-se nos remanescentes arqueológicos destes assentamentos. Levantamentos mais abrangentes com base em diferentes matrizes documentais auxiliam na compreensão da arqueologia espacial. Com isto também se resgata a importância da prospecção arqueológica do raciocínio arqueológico.

Em segundo lugar, procurou-se ampliar a noção de sítio arqueológico nas Reduções jesuíticas através do resgate de informações sobre a periferia do núcleo urbano de São João Batista. O estudo desta Redução em particular, reflete-se na análise do conjunto do espaço missioneiro. A valorização verificada na atualidade para os remanescentes arquitetônicos dos aspectos urbanos das Reduções, dá-se em prejuízo de importantes informações sobre o funcionamento de outras áreas. Retomar o estudo destas áreas contribui para o entendimento da dinâmica das Reduções como um todo. Também desfaz os equívocos de generalizações sobre a similaridade destes povoados. No caso de São João Batista, os remanescentes de estabelecimentos periféricos ao seu antigo núcleo encontram-se em propriedades particulares e fora do alcance da proteção patrimonial histórica. Identificá-las e analisá-las pode contribuir para sua valorização enquanto patrimônio arqueológico do período jesuítico, sobretudo neste momento em que esta Redução completa 300 anos de sua fundação.

Finalmente, é preciso destacar que este livro pretendeu constituir-se em um passo inicial para pesquisas futuras. A utilização de fontes iconográficas orientadas para uma reflexão arqueológica e histórica abriu diversas possibilidades de estudos comparativos, aprofundamentos de questões e orientação para intervenções nos sítios missioneiros. As imagens representam

uma base instigante para as reflexões sobre o espaço. Não apenas as imagens artificiais, como ilustrações, mapas e fotografias, mas também aquelas percebidas nas paisagens naturais, através dos trabalhos de dificuldade em transformar em verbo aquelas impressões sobre o espaço da Redução João Batista, apreendidas pela simples observação direta da paisagem. Daí a importância do registro fotográfico e ilustrativo para auxiliar na transmissão deste conhecimento. Neste sentido, concorda-se com Leonardo Da Vinci: "*O olho, a janela da alma, é o órgão principal pelo qual o entendimento pode obter a vista mais completa e magnífica das infinitas obras da natureza*". O acesso a documentos inéditos de fundos arquivísticos demonstrou a necessidade de prosseguir com estes levantamentos. A complexidade do espaço missioneiro exige a ação de grupos e projetos interdisciplinares que podem investir com mais profundidade nas questões que neste trabalho só foram alcançadas em sua superfície.

ANEXO 1
Inventário de 1784 sobre San Juan Bautista.
AGN Sala IX 22-8-2

O trecho abaixo foi transcrito por Norberto Levinton em: LEVINTON, Norberto. *La arquitectura del pueblo de San Juan Bautista: topología y regionalismo*. Buenos Aires, Faro Editorial, 1998.

"*Las casas principales se componen de un patio principal con 80 varas de frente y 56 de fondo, con un cuadrante en la frente, todo en circuito de corredores con sus pilares, en la una frente de piedra y en la otra y en los dos costados, de madera, con 12 viviendas en el frente principal, que predominan a dicho patio en una altura de 6 varas y con sus 4 subidas de escalera de piedra, con sus pasamanos [...] y dicho corredor con varandillas de madera y balaustradas torneadas y todo ello a modo de galería, en que se incluye el ante comedor, este con su sótano y el otro con su aguamanil de piedra, todas con sus puertas y ventanas correspondientes; y en 8 ventanas sus vidrios que miran a la huerta, de cuyo lado también tiene sus corredores con pilares de piedra, varandillas y balaustres de madera y a uno de los costados tiene 6 cuartos que sirven de cocina, despensa, habitación de Mayores y Portero y de Escuela de primeras Letras y Música y lo demás se conponen de dichos corredores con su puerta principal en medio, en la frente que cae a la plaza y otra para el segundo patio; en la cual hay 15 cuartos con sus puertas y ventanas correspondientes, en que están los almacenes de algodón, yerba y legumbres y oficios expresados todos con sus corredores y pilares de madera con 72 varas de frente y 50 de fondo y su puerta grande para el campo y otra para la huerta y en los dos extremos del corredor principal que mira la huerta dos lugares comunes con sus puertas y divisiones y todo el edificio en lo principal lúcido y aseado con sus paredes fuerte de piedra y adobe cocidas, buenas maderas, techados de teja y las viviendas principales que sirven de habitación para los españoles*

con sus cielorrasos de tablas y todas enladrilladas y la huerta con 275 varas de frente y 206 de fondo, con sus paredes fuertes de piedra...

Las casas del pueblo se componen de 46 casas y dos casas de recogidas y hospital con sus corredores y pilares de piedra con 310 repartimientos o habitaciones, inclusive la casa nueva unida a la principal con la frente a la plaza, casa de cabildo y capilla de Santa Bárbara está con su retablo e imagen de dicha santa y todas techadas 297 de teja y las mas con paredes de tapia francesa y alguna de piedra y adobe, 16 de dichas casas recién renovadas y las otras viejas y mal tratadas que necesitan renovarlas del todo.

La plaza con 150 varas de frente y 119 de fondo en medio del pueblo

haciéndola frente a la iglesia, cementerio y casas principales y por la otra frente y costados 6 de las dichas hileras de casas.

La iglesia de tres naves con su media naranja y bóvedas de tablas, pilares y columnas de madera, todo pintado y dorado con sus puertas y ventanas correspondiente con 91 varas de largo y 26 de ancho inclusive el pórtico y todo el edificio de paredes fuertes de piedra y ladrillo con sus buenas maderas y cubierto de teja y con sus corredores de un lado y otro con sus pilares de madera, sus pisos en ladrillados con baldosas cocidas y parte de losas de piedras..."

ANEXO 2

Relación de adelantado a beneficio de esta comunidad en este año. San Juan, 31 de dezembro de 1791.

Administrador Nicolás de Atiensa.
AGN, Sala IX, 17-3-6.

Los algodonales que son las principales fincas de la comunidad, se hayan bien cultivados y repuestas sus faltas, havendo puesto otro con diez mil seiscientos y ochenta plantas. Se hayan igualmente sembradas para la comunidad, ocho fanegas, site (...) de maíz i se hallan estos bien cultivados como las demas chacaras de comunidad y particulares.

Se han hecho con mi industria y desvelo, sesenta tornos de madera para hilar en los que se ocupan otras tantas muchachas solteras que estas se hayan recogidas en un salon dentro del colegio, y de este modo no van a los trabajos del campo, que es improprio en su secso tan delicado, y se va continuando en hacer mas numero de tornos para yrlas recogiendo a todas, pues ademas de que daran mas utilidad a la comunidad con los hilados, tendran amos al recato y cuidaran de su onestidad, con algun tanto mas de civilizacion, que estas se iran conseguiendo con el tiempo.

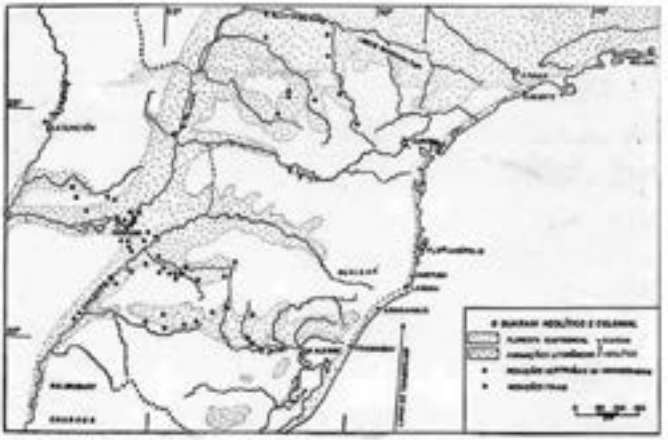
Se han levantado en este año todo el frente del colegio, y se han hecho en el seis cuartos de siete y ocho varas de largo, y seis de ancho, con un Almazen de diez y siete y tres quartas valas de largo y siete y media de ancho, todos con sus corredores de mui buenos en maderados, y sus colunas de piedras de dos y tres cuartas de varas de alto cada una, todo hecho con sus buenas piernas de llaves y soleras con mui buena clavazon, en cuyo edificio se han gastado ciento e trienta y seis mil adoves de tres quartas de largo y tres pulgadas de alto, con sus buenas puertas de zedro y cerraduras de fierro, cuya obra merese bastante atención en este destino.

Igualmente se han levantado otra ilera de casas con catorze cuartos de seis varas de ancho cada uno, todo con sus bue-

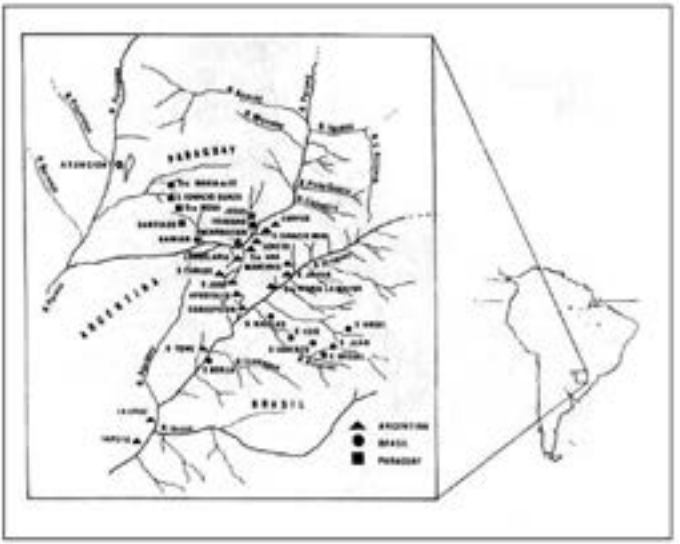
nos corredores, y colunas de piedras, puertas y ventanas de cedro correspondientes emmaderados hechos a toda costa en cuyo edificio se han gastado ciento cuatro mil cuatrocientos cinquenta y un adoves, y se haya acopiado mucho para otra cuadra que se va a empezar, cuyos cimientos se han rellenados lla de piedras, y se dara razon en el siguiente año.

Todo el caserío de este pueblo esta arruinado y en terminos de que la mayor parte de la gente vive en el campo, de suerte que solo las cuadras nuevas que se han hecho en los dos años próximos pasados, y las que se estan haciendo, son las que meresen alguna atención, que lo demas del pueblo todo esta arruinado, para cuya razon esta toda la gente empleada en hacer maderas y a copiar materiales para hirse levantando el pueblo, y por esta causa se hachan menos las remesas que en cada año de los anteriores se remitian a la Administración General no les quedava tiempo para hacer casas, con cuyo motivo se ha ido callendo.

Ilustrações



[1] Mapa das áreas originalmente ocupadas por Guaranis onde posteriormente instalaram-se as Reduções Jesuíticas. In: SCHMITZ, Pedro I. O Guarani no Rio Grande do Sul: a colonização do mato e as frentes de expansão. Anais do III Simpósio Nacional de Estudos Missioneiros. Santa Rosa, Fac. Dom Bosco, 1979, p.55.



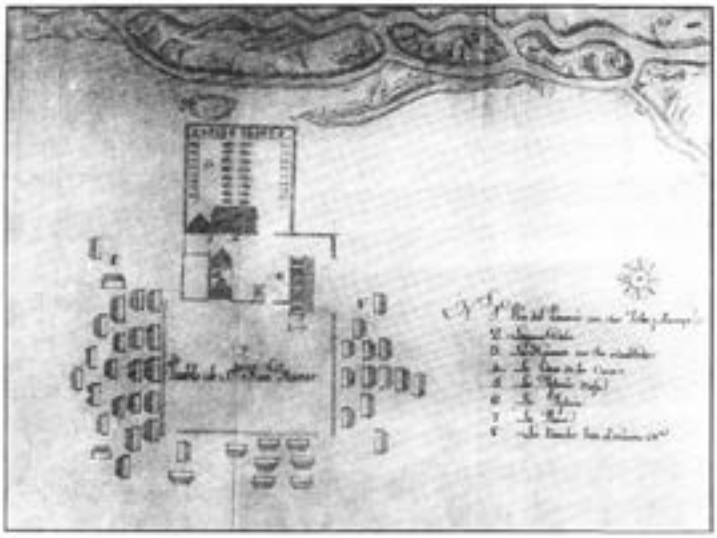
[2] Mapa das 30 Reduções Jesuíticas de Guaranis. In: PALACIOS, Silvio. Glória y Tragedia de las Misiones Guaranies. Bilbao, Ed. Mensajero, 1991.



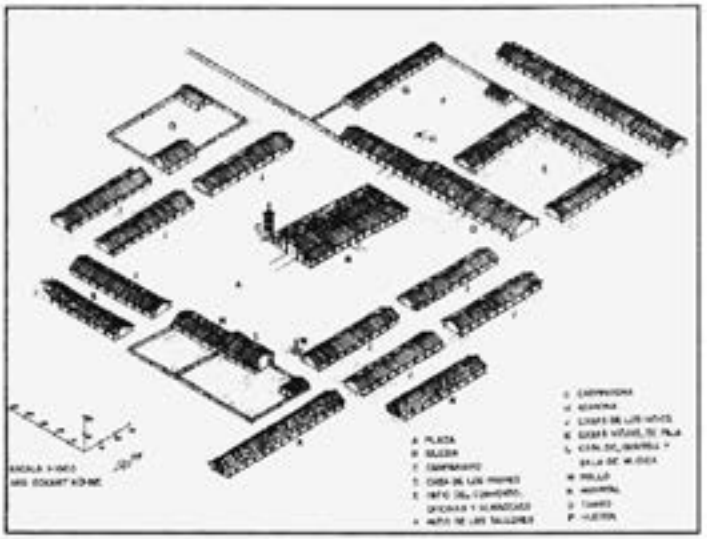
[3] Rede Hidrográfica que compõe a Bacia Platina. In; MAEDER, E. & GUTIERREZ, R. Atlas Histórico y Urbano del nordeste argentino. Resistencia, IIGH, 1994.



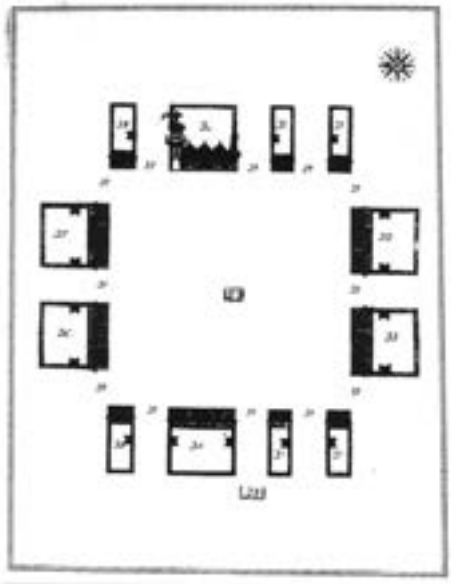
[4] Redução de Santo Rosário y San Carlos del Timbó, fundada em 1763 pelo Padre Martin Dobrizhoffer. Ilustração de Martin Dobrizhoffer.



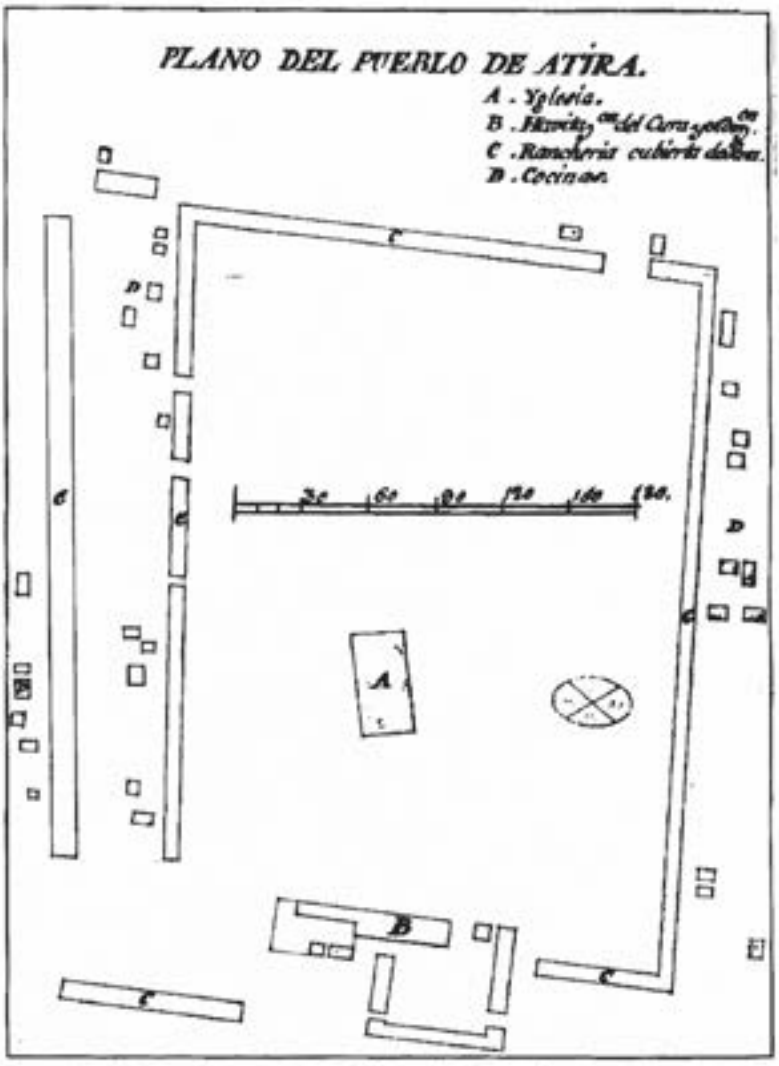
[5] Redução de San Francisco Xavier, de índios Mocobis.



[6] Plano do Pueblo Franciscano de San José de Caazapá, fundado em 1607. (Cf. Duran Estrago, Margarita. San José de Caazapá: un modelo de Reducción franciscana, 1992. In: MELIÁ, Bartomeu e NAGEL, Liane. Guaraníes y jesuitas en el tiempo de las misiones: una bibliografia didática. Santo Ângelo, URI, Asunción, CEPAG, 1995.



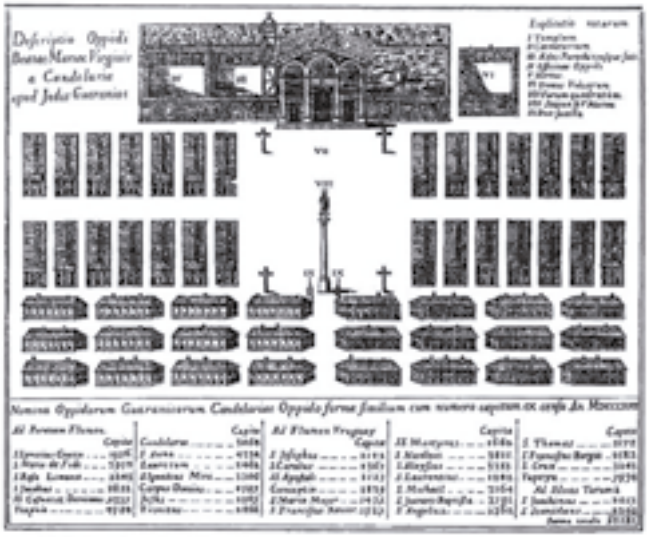
[7] Plano de um Pueblo de Indios, provavelmente San José de Vilelas, fundado no noroeste argentino entre os índios Vilelas. A disposição dos elementos arquitetônicos diferem muito do traçado urbano adotado nas Reduções jesuíticas de Guaranis. (Cf. FURLONG, G. Cartografia Jesuítica del Río de la Plata, mapa n0 XXIII, 1936.) In: MAEDER E. & GUTIERREZ, R. Atlas Histórico y Urbano del nordeste argentino. Resistencia, IIGH, 1994.



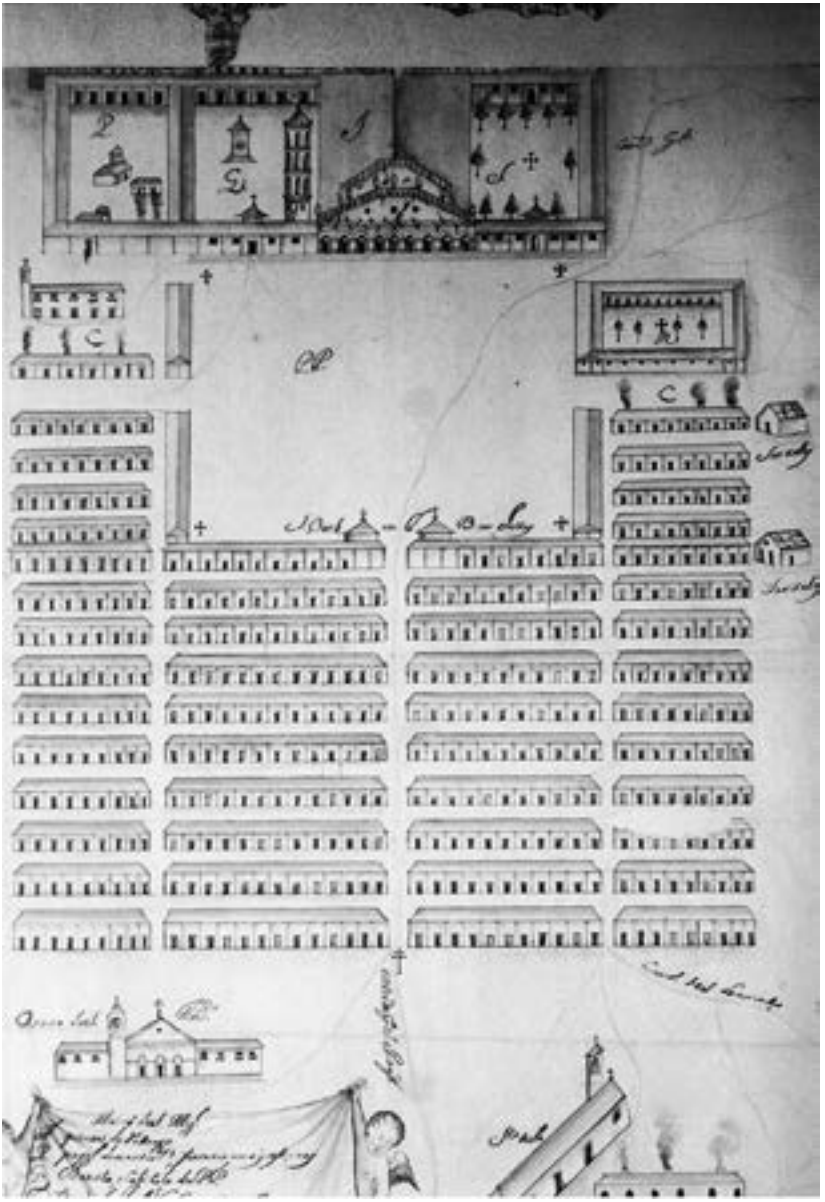
[8] Plano do *Pueblo* Franciscano de San Francisco de Atira. A distribuição espacial caracteriza-se pela *Plaza Cerrada*, que representa um sistema defensivo. A Igreja localizava-se no centro da praça. In: MAEDER E. & GUTIERREZ, R. Atlas Histórico y Urbano del nordeste argentino. Resistencia, IIGH, 1994.



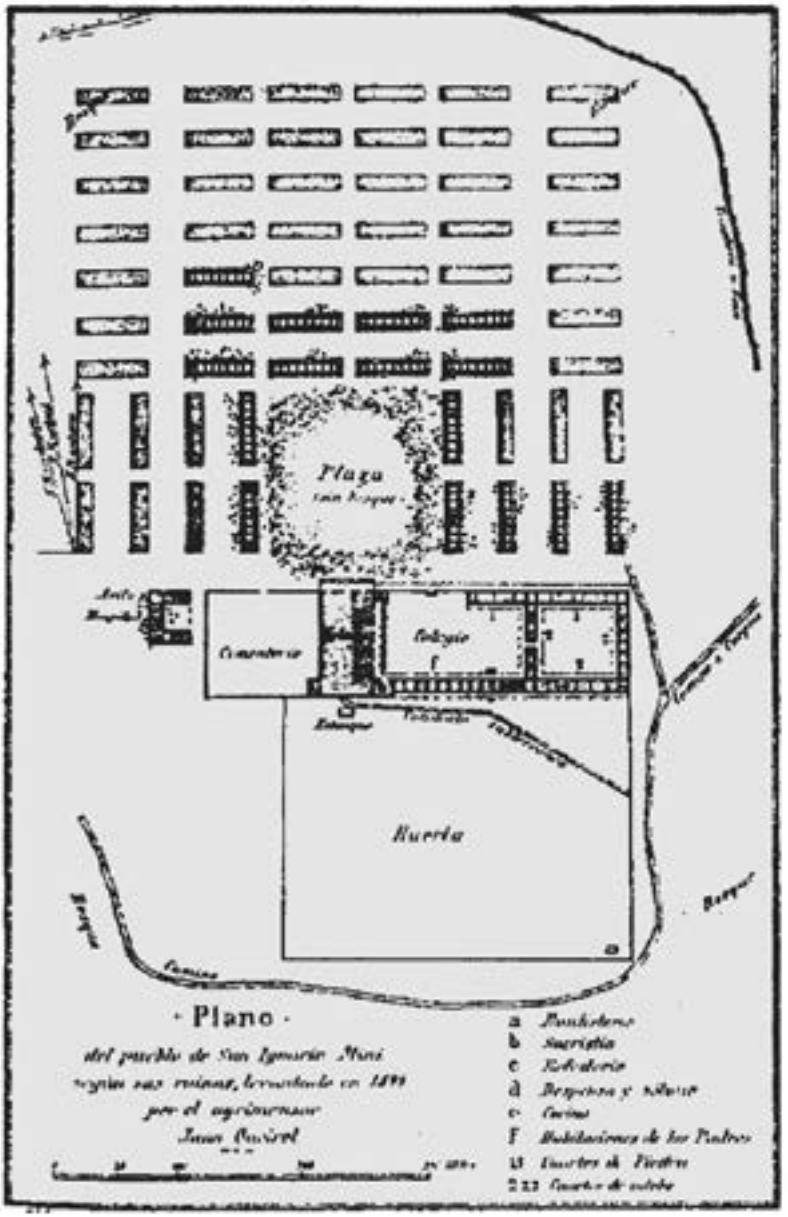
[9] Redução de San Pedro, de mocobis, fundada em 1765, pelo Teniente de Gobernador Vera Muxica e pelo padre Florián Paucke. Ilustração de Florián Paucke.



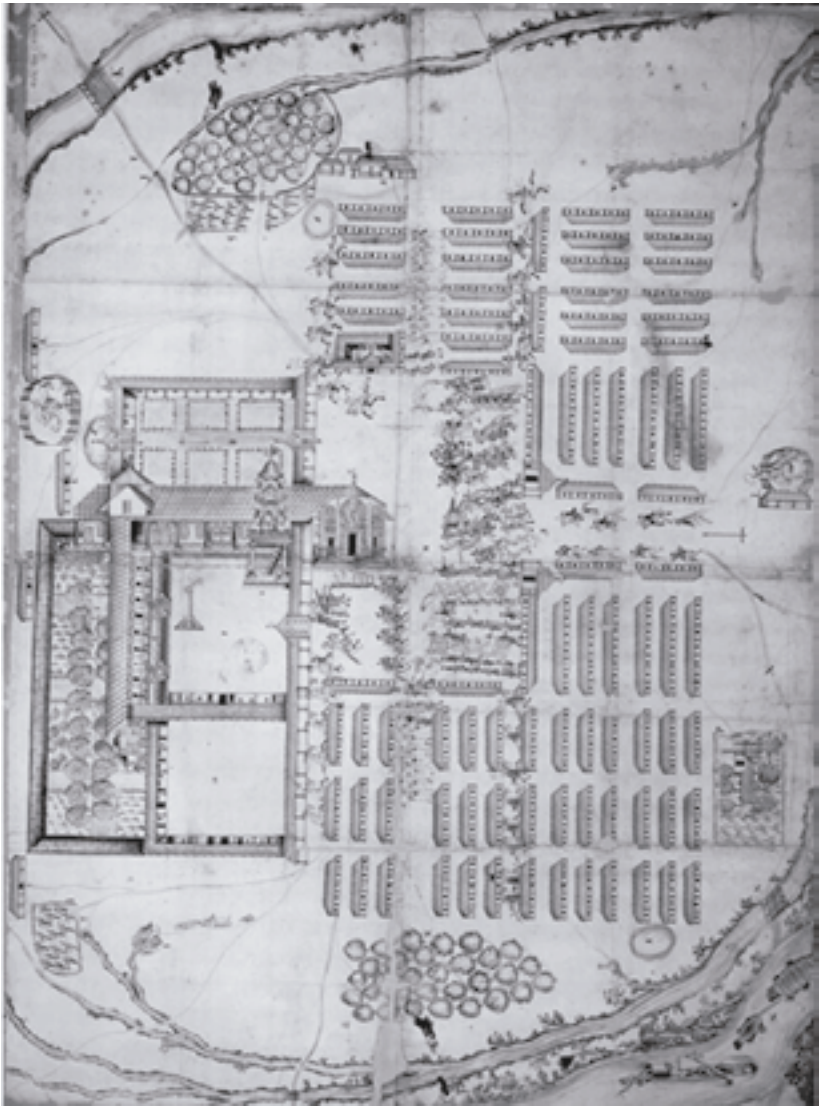
[10] Ilustração da Redução Jesuítica de Candelária, fundada em 1665. este plano foi publicado pelo Padre Peramás. Há uma série de incongruências nesta iconografia, como por exemplo, as casas com janelas sobre as portas. Poderiam sugerir construções em dois andares, o que não possui registro na documentação escrita ou arqueológica. In: MAEDER E. & GUTIERREZ, R. Atlas Histórico y Urbano del nordeste argentino. Resistencia, IIGH, 1994.



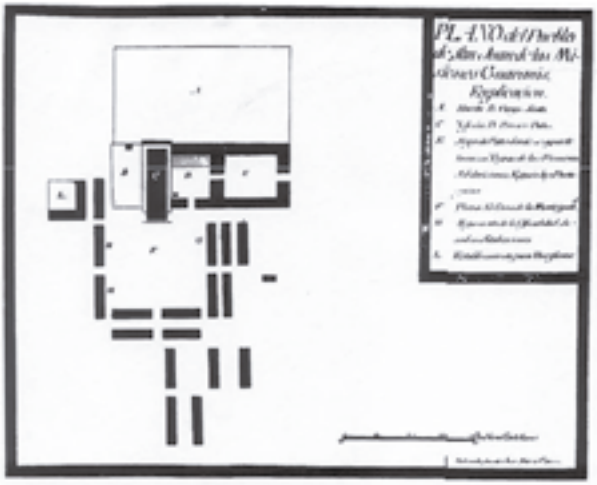
[11] Plano da Redução de São Miguel Arcanjo, no atual Rio Grande do Sul, Brasil.



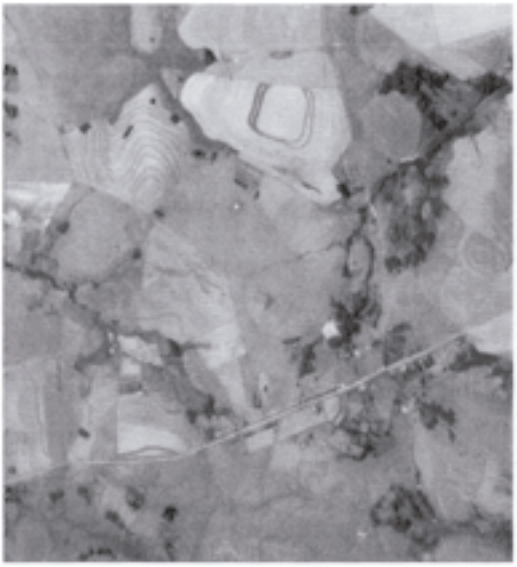
[12] Plano da Redução de San Ignacio Mini, Argentina, elaborado pelo agrimensor Juan Queirel, a partir da observação das ruínas desta Redução, em 1899. In: MAEDER E. & GUTIERREZ, R. Atlas Histórico y Urbano del nordeste argentino. Resistencia, IIGH, 1994.



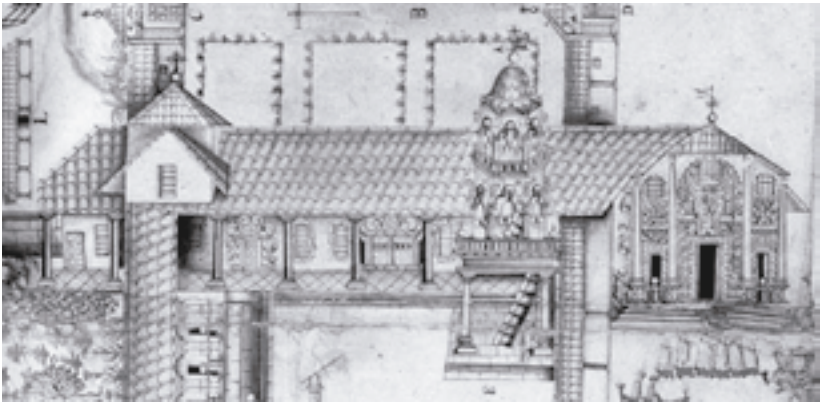
[13] Plano da redução de San Juan Bautista, de guaranis, realizado durante a ocupação das tropas espanholas, em 1756.



[14] Plano de São João Batista realizado pelo engenheiro José Maria Cabrer. Neste plano as estruturas do Claustro e do Pátio dos Artífices encontram-se invertidas, estando situadas à esquerda da Igreja, quando na realidade encontram-se à direita. No entanto, o Cotiguaçu, embora também invertido em sua posição, encontra-se avançado em relação à linha frontal da Igreja, onde acredita-se que localizava-se. In: MAEDER E. & GUTIERREZ, R. Atlas Histórico y Urbano del nordeste argentino. Resistencia, IIGH, 1994.



[15] Fotografia aérea realizada na década de 70 pelo Serviço de Levantamento Cartográfico do Exército Brasileiro. Arquivo Técnico da 1a Divisão de Levantamento do Exército. Cx. 04 MI 291403: Fronteira Sul – Folha Santo Ângelo. Escala 1:50.000. Nesta fotografia pode-se verificar, no canto inferior esquerdo, ao lado da estrada, a presença da formação vegetal que tomou conta da área das ruínas da Redução de São João Batista. Também demonstra a pouca cobertura de matas em função do avanço da agricultura.



[16] Igreja da Redução de São João Batista. Detalhe da Ilustração BNP-F.



[17] Ruínas das paredes laterais da Igreja de São João Batista. Foto: Artur Barcelos (1995).



[18] Parede leste da Igreja de São João Batista. Detalhe do encaixe para as colunas de madeira que sustentavam a estrutura do teto. Foto: Artur Barcelos (1995).



[19] Ruínas de Igreja da Redução de São Lourenço Mártir, RS – Brasil. Sentido norte-sul. Foto: Artur Barcelos (1995).



[20] Ruínas da Igreja de São Miguel Arcanjo, RS – Brasil. Foto: Artur Barcelos (1995).



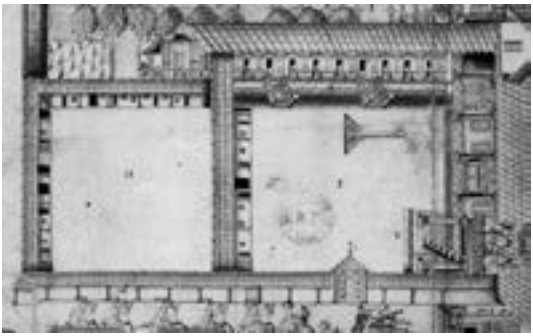
[21] Ruínas da Igreja da Redução de Santana, Misiones – Argentina. Foto: Artur Barcelos (1994).



[22] Ruínas da Igreja de Santíssima Trinidad, Misiones – Paraguai. Foto Artur Barcelos (1994).



[23] Ruínas da Torre do segundo templo da Redução de Santíssima Trinidad, Misiones – Paraguai. Foto: Artur Barcelos (1994).



[24] Pátio dos Artífices e Claustro da Redução de São João Batista. Detalhe da ilustração BNP-F.



[25] Estado atual das ruínas do antigo claustro de São João Batista. Os blocos de basalto que compunham as paredes encontram-se espalhados pelo terreno. Foto: Artur Barcelos (1995).



[26] O terreno sobre o qual foi instalado caracteriza-se por uma leve inclinação. O Padre Gay acreditava que esta altura seria responsável pela existência de uma rampa de acesso, tese da qual discorda Hemetério Velloso da Silveira. Foto: Artur Barcelos (1995).



[27] A vegetação atual permite visualizar as linhas das fundações do bloco norte do pátio dos artífices em São João Batista. Foto: Artur Barcelos (1995).



[28] Degrau de arenito que fazia parte das escadas de acesso as salas do claustro em São João Batista. Foto: Artur Barcelos (1995).



[29] Ruínas do claustro de São Miguel Arcanjo. Apesar de o templo de São Miguel ter sido construído com blocos de arenito, para o claustro foram utilizadas rochas basálticas. Foto: Artur Barcelos (1995).



[30] Em San Ignacio Mini, Argentina, o claustro foi erguido com material basáltico. No entanto, o avarandado tinha piso, escadas e cercas de arenito, com fino acabamento esculpido. Foto: Artur Barcelos (1994).



[31] Janela do refeitório em San Ignacio Mini, Argentina. Foto: Artur Barcelos (1994).



[32] Abertura de acesso ao subterrâneo sob a cozinha da redução de San Ignacio Mini, Argentina. Este subterrâneo era utilizado como depósito de alimentos. Foto: Artur Barcelos (1994).



[33] Igreja e claustro da Redução de San Cosme y Damian, Paraguai. A igreja e as salas do claustro desta Redução foram restauradas e são utilizadas atualmente como templo e salas de aula. Esta restauração descaracterizou em parte as estruturas arquitetônicas destes locais.
Foto: Artur Barcelos (1994).



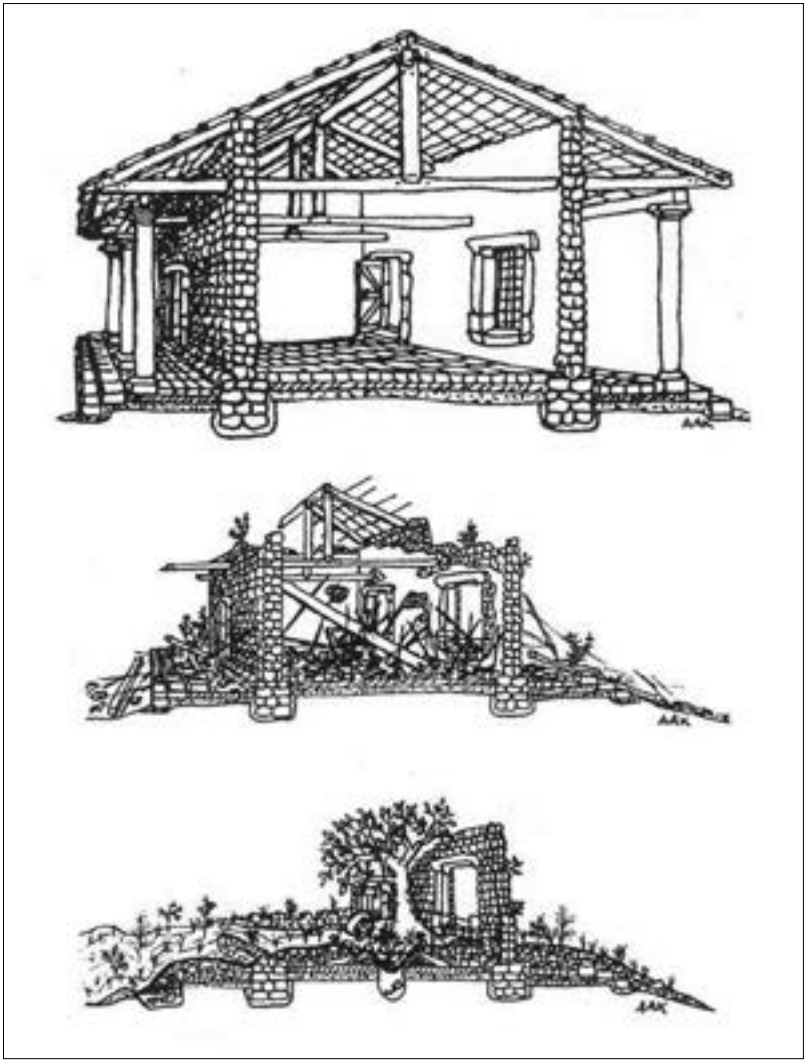
[34] Parede da cozinha em São Lourenço Mártir, RS – Brasil, onde se verifica a janela de comunicação com refeitório. Foto: Artur Barcelos.



[35] Ilustração de uma abadia medieval onde está representada a janela por onde eram passados os pratos da cozinha ao refeitório. In: RUTLAND, Jonathan. Abadias. CEL-BRASIL, Lisboa, 1979.



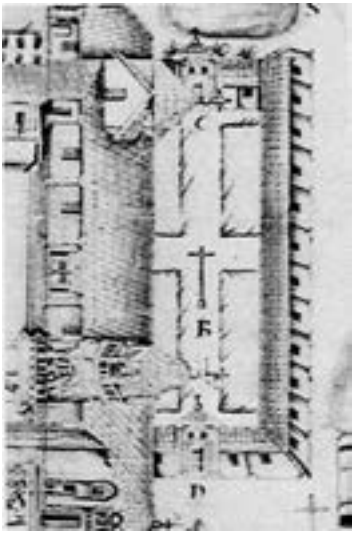
[36] Sala do claustro de São Lourenço Mártir, RS – Brasil. Neste local foram realizadas escavações do projeto Arqueologia Histórica Missioneira. In: KERN, Arno A. Escavações Arqueológicas na Missão Jesuítico-Guarani de São Lourenço (RS-Brasil). Revista Estudos Ibero-americanos, Porto Alegre, EDPUCRS, vol XV, n0 1, p.111-113, 1989. MENTZ RIBEIRO, P. A. et al Escavações arqueológicas na Missão de São Lourenço Mártir, São Luiz Gonzaga, RS, Brasil. Revista Estudos Ibero-americanos, Porto Alegre, EDPUCRS, vol XV, n0 1, p.135-154, 1989.



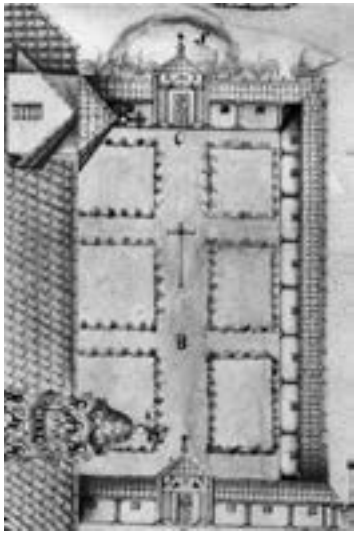
[37] Ilustração de Arno Kern onde se verifica o processo de desestruturação de uma sala do claustro de São Lourenço Mártir. In: KERN, Arno A. Escavações Arqueológicas na Missão Jesuítico-Guarani de São Lourenço (RS-Brasil). Revista Estudos Ibero-americanos, Porto Alegre, EDPUCRS, vol XV, n0 1, p.111-113, 1989.



[38] Detalhes arquitetônicos das Reduções. Desenhos de Théroud para obra de Alfred Demersay. In: TAVARES, Eduardo. Missões Jesuítico-Guaranis. Unisinos, 1999, p.134.



A

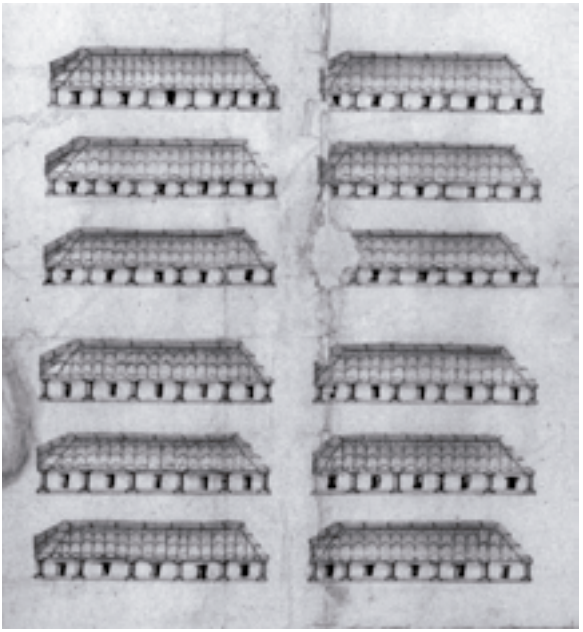


B

[39] e [40] Cemitério de São João Batista, detalhe da ilustração AGS-E (A) e Cemitério de São João Batista, detalhe da ilustração BNP-F (B). Apesar das semelhanças, estas ilustrações representam o cemitério com uma divisão interna diferenciada. Na primeira há quatro quadras e quatro ruas, enquanto na segunda, estão representadas seis quadras e cinco ruas. Em ambas aparece a capela situada ao fundo do cemitério.



[41] Cemitério de São Lourenço Mártir, RS – Brasil. Este cemitério era utilizado até alguns anos atrás. Atualmente encontra-se dentro da área protegida pelo IPHAN e as tumbas transformaram-se lentamente em novo patrimônio arqueológico. Foto: Artur Barcelos (1995).



[42] Casas dos índios em São João Batista. Detalhe da ilustração BNPF.



[43] Casas dos índios em Santíssima Trinidad, Paraguai. Nesta Redução as casas eram feitas de pedra e não com tijolos de adobe, como nas sete Reduções da Banda Oriental do Uruguai. Também foram construídos arcos em pedra para os avarandados de algumas casas. Foto: Artur Barcelos (1994).



[44] Casas dos índios em San Ignacio Mini, Argentina. Os pilares e as casas eram construídos em pedra, como em Trinidad, Paraguai. Foto: Artur Barcelos (1994).



[45] Casa dos índios da Redução de San Cosme y Damian. Esta casa, construída com blocos de pedra, encontra-se em uma propriedade particular, ao lado do templo e do claustro restaurados. Foto: Artur Barcelos (1996).



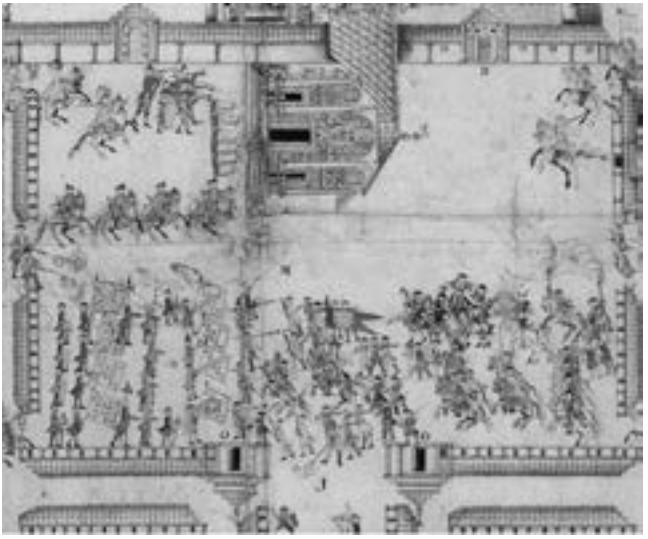
[46] Colunas de arenito que sustentavam a varanda das casas dos índios em Trinidad, Paraguai. Foto: Artur Barcelos (1994).



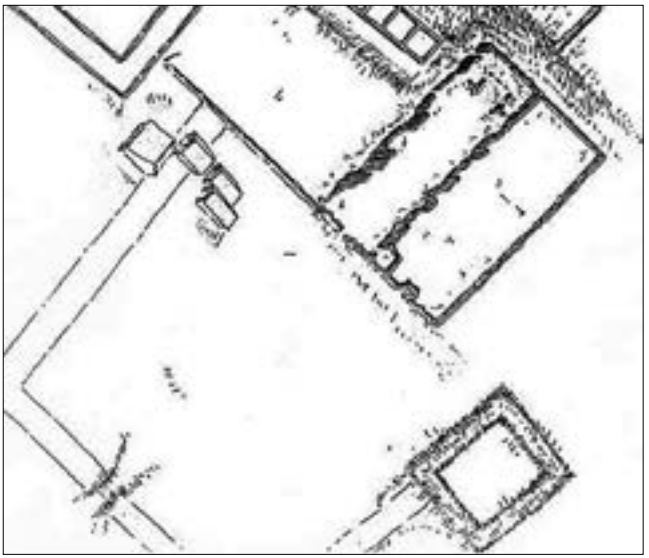
[48] Colunas de arenito esculpidas em San Cosme y Damian, Paraguai. Foto: Artur Barcelos (1994).



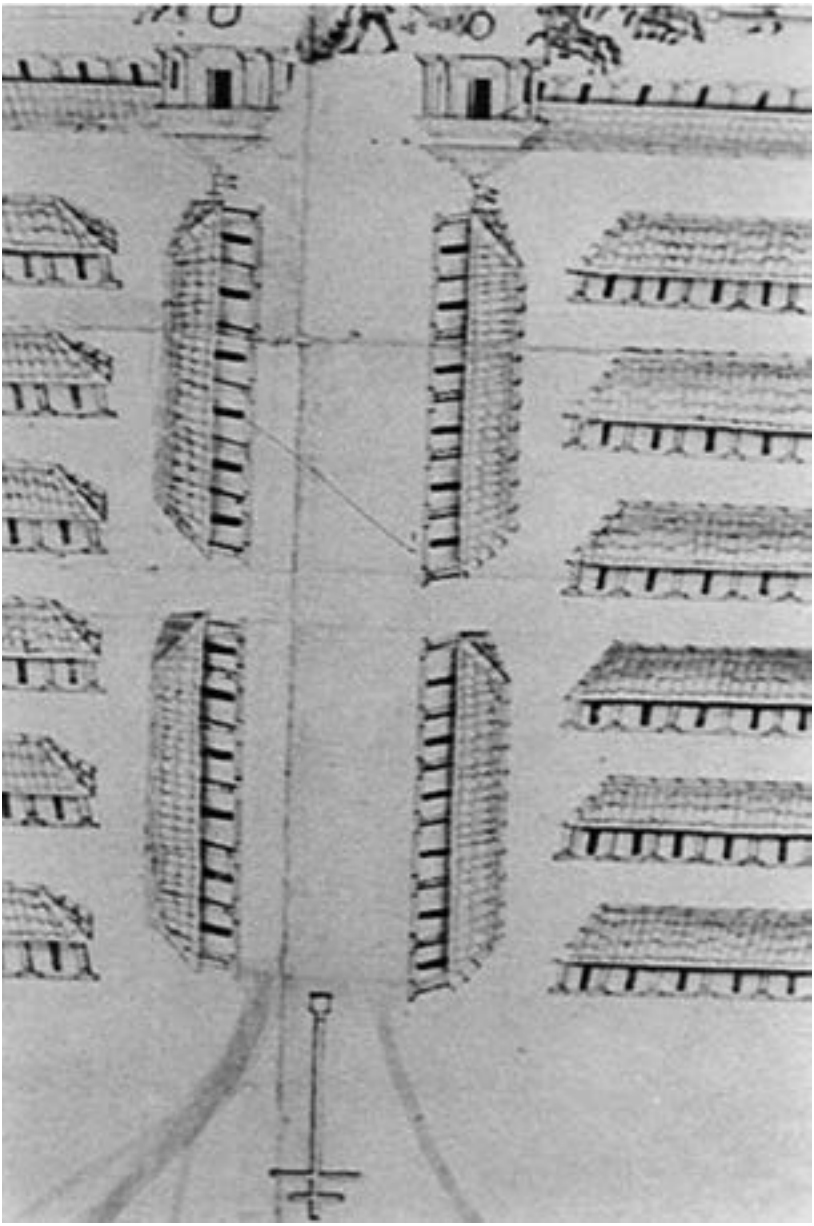
[47] Colunas circulares de arenito que faziam parte da Redução de São Lourenço Mártir, RS – Brasil. Foto: Artur Barcelos (1995).



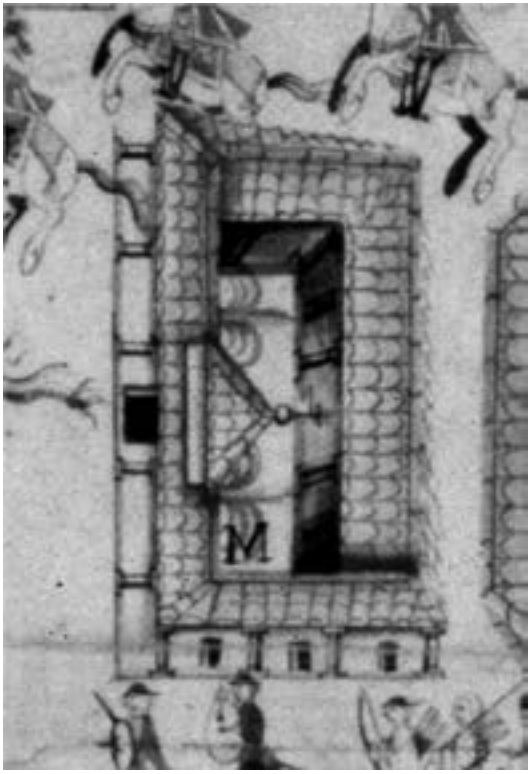
[49] Praça de São João Batista. Detalhe da ilustração BNP-F. Nela, pode ver-se as duas capelas localizadas junto aos prédios do cabildo, na esquina com a rua principal.



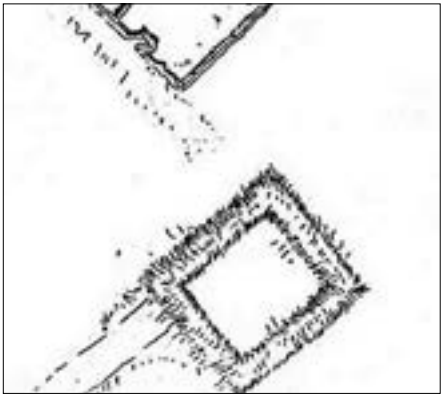
[50] Detalhe do croquis de Antônio C. Dias de Andrade, IPHAN, 1974. Algumas casas são representadas avançando sobre o terreno da praça. Estas casas não se encontram atualmente no local indicado e possivelmente foram removidas.



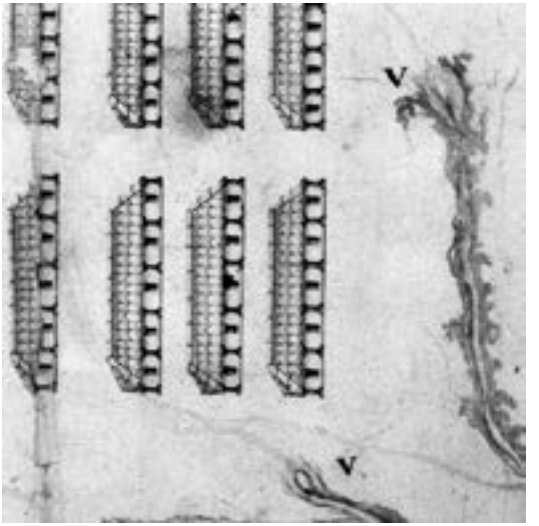
[51] Rua principal de acesso à praça em São João Batista. Detalhe da ilustração AGS-E.



[52] Cotiguaçu de São João Batista. Detalhe da ilustração BNP-F.



[53] Representação de vestígios do Cotiguaçu em São João Batista no Croquis realizado por Antônio C. Dias de Andrade, em 1974 para o IPHAN. Não são conhecidas fotografias destes vestígios e o desenho pode ser uma projeção a partir de gravuras do período missioneiro ou elevações de terreno não mais verificáveis na atualidade.



[54] Fonte de água, São João Batista. Detalhe da ilustração BNP-F. Corresponde à fonte 02 identificada nos levantamentos de campo. (Ver Capítulo 5 – 5.1.1.).



[55] Local da vertente de água da fonte 02. (Ver Capítulo 5 – 5.1.1.). Foto: Artur Barcelos (1995).

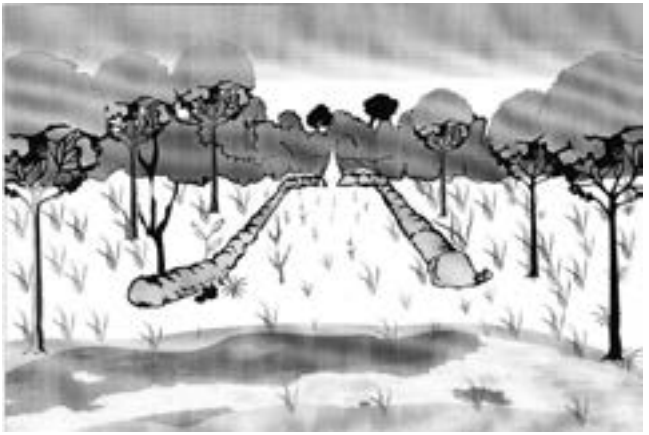


[56] Elevação do terreno que compõe a parede de norte da área de represamento de água da fonte 02. esta parede tem uma altura média de 90 cm. (Ver Capítulo 5 – 5.1.1.). Foto: Artur Barcelos (1995).

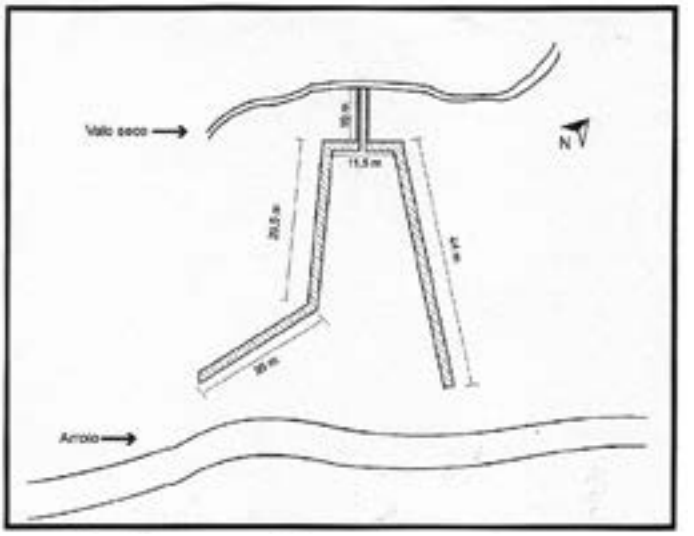


[57] Córrego resultante da vertente d'água da fonte 02. (Ver Capítulo 5 – 5.1.1.). Foto: Artur Barcelos (1995).

[58] Canalização artificial no solo que se encontra em uma das extremidades da área de represamento d'água associada à fonte 02. Este canal poderia servir como escoamento para a água retida na fonte. (Ver Capítulo 5 – 5.1.1.). Foto: Artur Barcelos (1995).



[59] Croquis do estado atual da área de represamento d'água da fonte 02. (Croquis: Leandro Boeira – 1996).



[60] Planta baixa dos remanescentes da área de represamento d'água da fonte 02. (Planta: Leandro Boeira – 1996).



[61] Fonte de água, São João Batista. Detalhe da Ilustração BNP-F. Corresponde à fonte 03 identificada nos levantamentos de campo. (Ver Capítulo 5 – 5.1.1.).



[62] Vertente de água da fonte 03. (Ver Capítulo 5 – 5.1.1.). Foto: Artur Barcelos (1995).



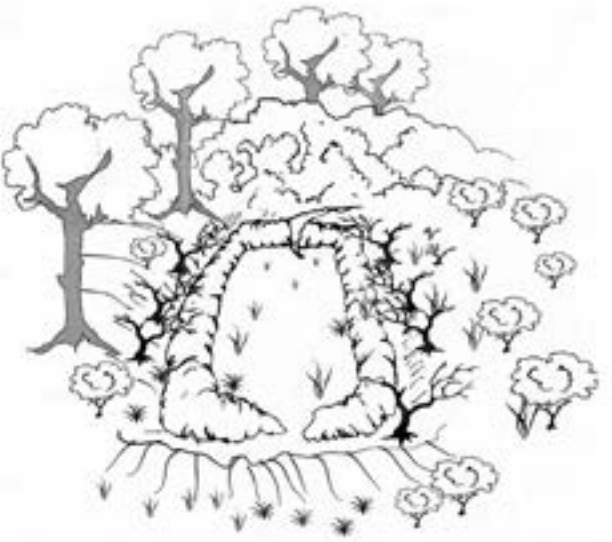
[63] Blocos de basalto que se encontram na área da fonte 03. (Ver Capítulo 5 – 5.1.1.). Foto: Artur Barcelos (1995).



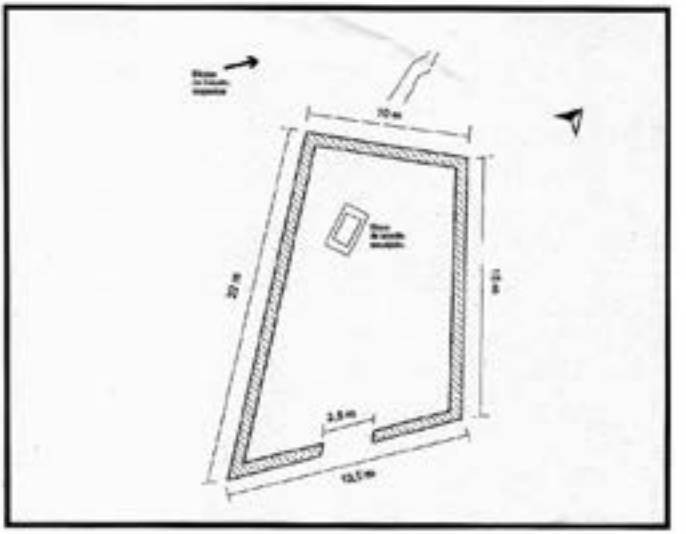
[64] Bloco de arenito entalhado que se encontra no interior da área de represamento d'água da fonte 03. (Ver Capítulo 5 – 5.1.1.). Foto: Artur Barcelos (1995).



[65] Peça de arenito em forma tubular, aberta em uma das extremidades e com aproximadamente 40 cm de altura. Encontra-se na área da fonte 03. (Ver Capítulo 5 – 5.1.1.). Foto: Artur Barcelos (1995).



[66] Croquis do estado atual da área de represamento d'água da fonte 03. (Croquis: Leandro Boeira – 1996).



[67] Planta baixa dos remanescentes da área de represamento d'água da fonte 03. (Planta: Leandro Boeira – 1996).



[68] Blocos de basalto submersos em um córrego que havia sido represado para compor uma das fontes de água de São Lourenço Mártir. Os blocos encontram-se justapostos em linha para canalização da água. Foto: Artur Barcelos (1995).



[69] Fonte d'água da Redução de São Lourenço Mártir, RS-Brasil. Os blocos de basalto originalmente utilizados estão decompostos e arredondados pela ação das intempéries e da água. Foto: Artur Barcelos (1995).



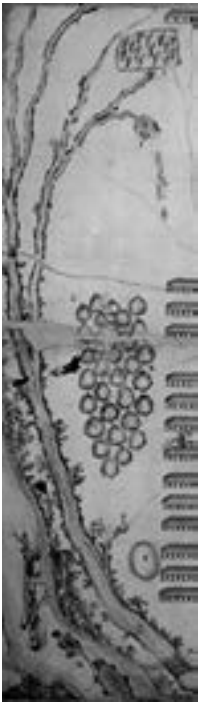
[70] Fonte d'água da Redução de São Miguel Arcanjo, RS-Brasil. Esta fonte, construída em blocos de arenito, foi restaurada pelo IPHAN em seu local original. Foto: Artur Barcelos (1995).



[71] Detalhe dos rostos de anjos esculpidos em arenito na fonte de São Miguel Arcanjo. Foto: Artur Barcelos (1995).



[72] Restos de estruturas em arenito de uma fonte da Redução de Santíssima Trinidad, Paraguai. Repete-se a canalização de água por dentro da cabeça esculpida em arenito, como verificado em São Miguel Arcanjo. Foto: Artur Barcelos (1994).



[73] O arroio Lajeado do Moinho Representado na Ilustração BNP-F. A identificação da Iconografia com o arroio deve-se a sua posição e a ocorrência das fontes d'água instaladas em suas vertentes e que correspondem as estruturas das fontes 02 e 03. (Ver Capítulo 5 – 5.1.2.).



[74] Local às margens do arroio Lajeado do Moinho, aproximadamente 3 km do núcleo urbano de São João Batista, onde ocorre uma concentração de arenito. (Ver Capítulo 5 – 5.1.2.) Foto: Artur Barcelos (1995).



[75] Concentração de arenito nas margens do arroio Lajeado do Moinho. (Ver Capítulo 5 – 5.1.2.) Foto: Artur Barcelos (1995).



[76] Blocos de arenito na margem do arroio Lajeado do Moinho. A disposição dos blocos sugere uma justaposição proposital. Verifica-se ainda a presença de um fragmento de ladrilho em cerâmica (centro da fotografia). (Ver Capítulo 5 – 5.1.2.) Foto: Artur Barcelos (1995).



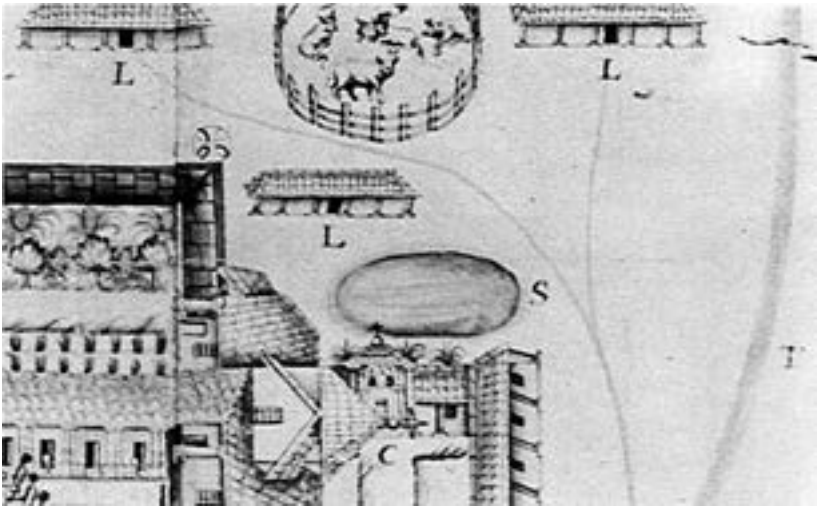
[77] Capão de mata onde se localizam os vestígios dos fornos da olaria de São João Batista. (Ver Capítulo 5 – 5.3.) Foto: Artur Barcelos (1995).



[78] Vista das depressões no terreno que corresponderiam aos antigos fornos de telhas e ladrilhos da olaria de São João Batista. (Ver Capítulo 5 – 5.3.) Foto: Artur Barcelos (1995).



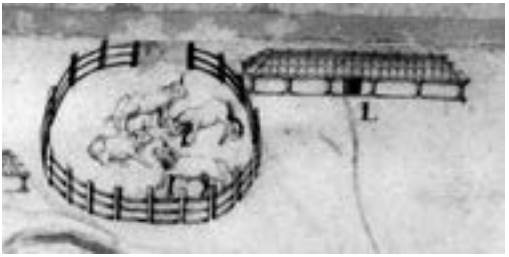
[79] Depressão no terreno localizada na área identificada por Arno Kern como local de um antigo forno de São João Batista. (Ver Capítulo 5 – 5.3.) Foto: Artur Barcelos (1995).

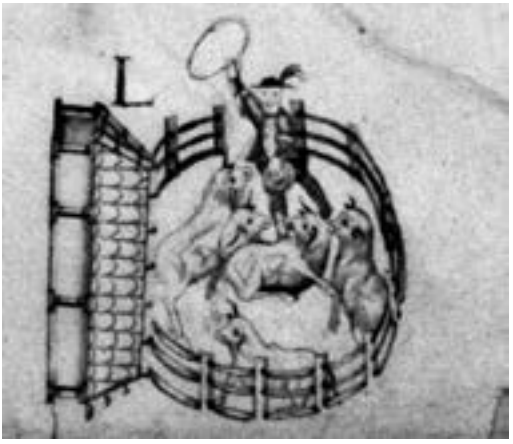


[80] Açude localizado atrás do cemitério de São João Batista. Detalhe da ilustração AGS-E.



[81] Foto aérea das ruínas do núcleo urbano de São João Batista. A mancha escura no solo, localizada atrás do cemitério pode sugerir a presença de um antigo açude no local, conforme representado na ilustração AGN-E. A coloração diferente seria resultado da umidade concentrada no solo. (Ver Capítulo 5 – 5.1.4.) Foto: Artur Barcelos (1996).





[82] e [83] Currais de madeira para cercamento de gado na Redução de São João Batista. Detalhe da ilustração BNP-F.



[84] Curral de madeira em desenho do Padre Florián Paucke. In: TENTACIÓN DE LA UTOPIA: la república de los jesuítas en el Paraguay. Biblioteca del Nuevo Mundo. Barcelona, Tusquets Editores y Circulo Leitores, 1991, p.157.



[85] Tipo de curral que poderia haver junto aos núcleos urbanos, segundo interpretação gráfica de Moacyr Flores. In: FLORES, Moacyr. Colonialismo e Missões Jesuíticas. Porto Alegre, Nova Dimensão, 1986, p.89.



[86] Área escavada durante o I Sítio-Escola Internacional das Missões – São Miguel Arcanjo, RS_Brasil, 1992. Esta sala poderia corresponder à um tambo ou depósito de produtos da Redução. Foto: Artur Barcelos (1992).

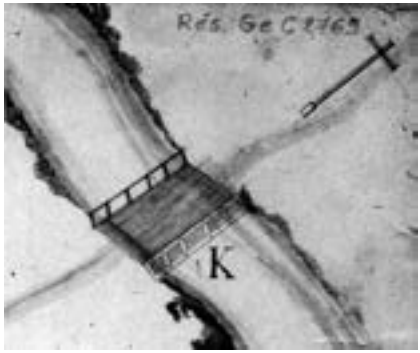


[87] Área de afloramentos basálticos, distante aproximadamente 3,5 km do núcleo urbano de São João Batista, próximo ao arroio Lajeado do Moinho. (Ver Capítulo 5 – 5.4.). Foto: Artur Barcelos (1996).

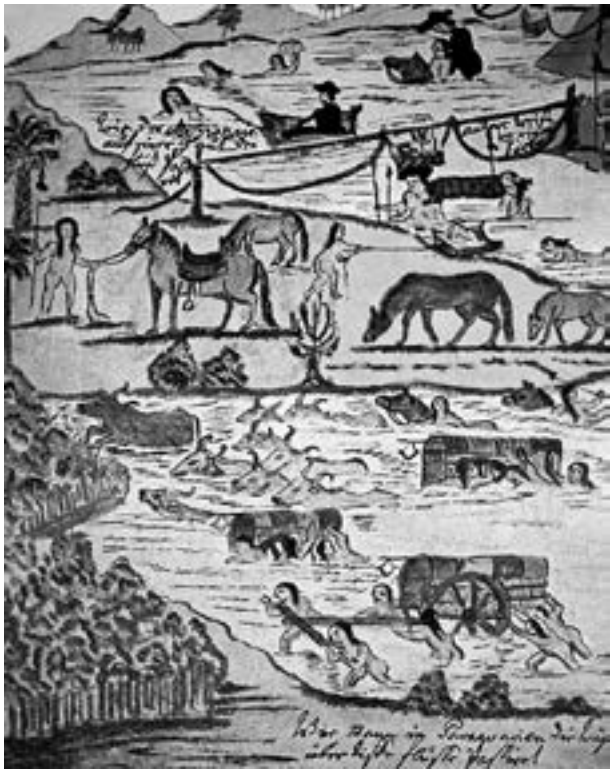


[88] Pedreira de arenito localizada à aproximadamente 30 km de São Miguel Arcanjo, próximo ao arroio Santa Bárbara. Foto: Klaus Peter Hilbert.





[89] Ponte sobre o arroio Lajeado do Moinho. Detalhe da ilustração BNP-F. [90] Ponte sobre o arroio Urubucaru. Detalhe da ilustração BNP-F.



[91] Várias formas de cruzar rios. Ilustração de Florián Paucke. In: TENTACIÓN DE LA UTOPIA: la república de los jesuítas en el Paraguay. Biblioteca del Nuevo Mundo. Barcelona, Tusquets Editores y Circulo Leitores, 1991, p.63.



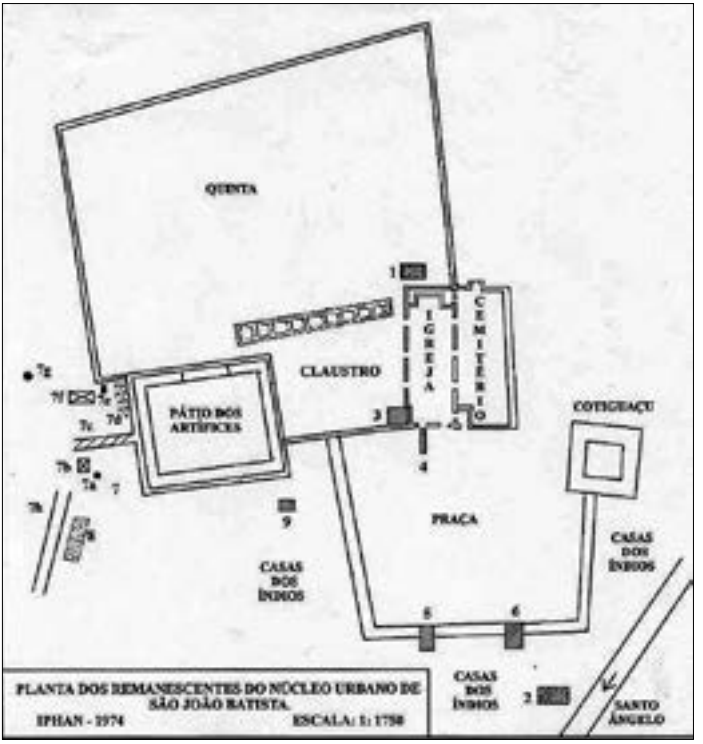
[92] Tipo de ponte pencil utilizada pelos guaranis. É possível que este tipo de ponte tenha sido utilizado para cruzar arroios e rios de pequeno porte. In: TENTACIÓN DE LA UTOPIA: la república de los jesuítas en el Paraguay. Biblioteca del Nuevo Mundo. Barcelona, Tusquets Editores y Circulo Leitores, 1991, p.165.



[94] Coleta e processamento de erva-mate nos ervais nativos. Estas atividades significavam longos deslocamentos através de caminhos abertos em meio à mata e a montagem de estruturas temporárias, tais como indica esta ilustração.

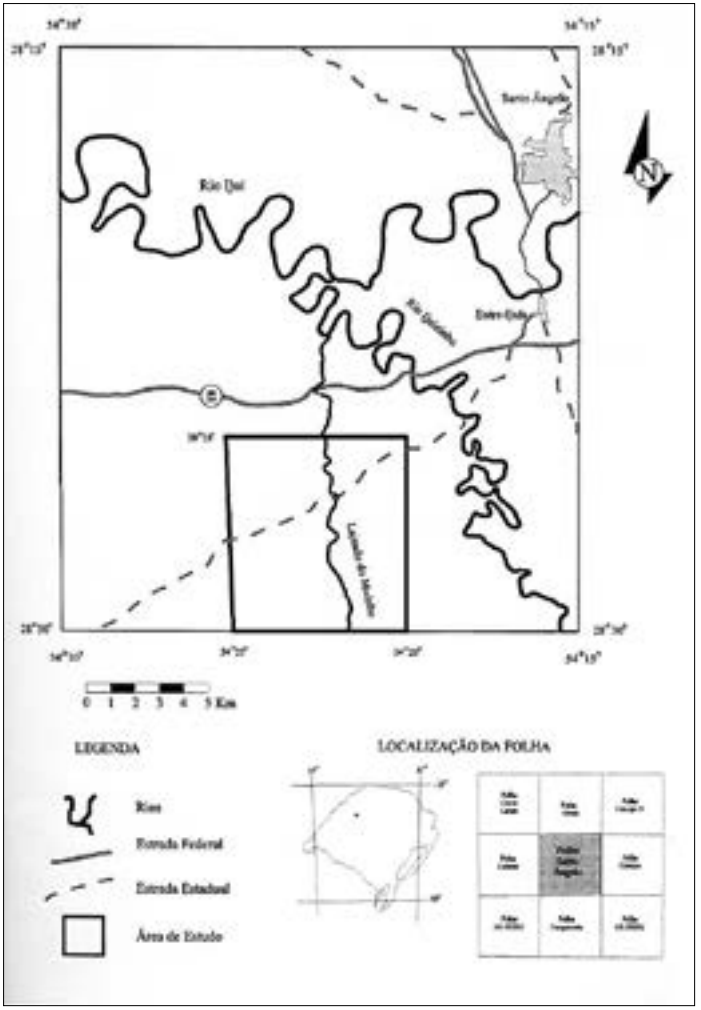


[93] Tipo de embarcação em madeira utilizada por guaranis e jesuítas para navegação nos rios da Bacia Platina. In: TENTACIÓN DE LA UTOPIA: la república de los jesuítas en el Paraguay. Biblioteca del Nuevo Mundo. Barcelona, Tusquets Editores y Circulo Leitores, 1991, p.179.

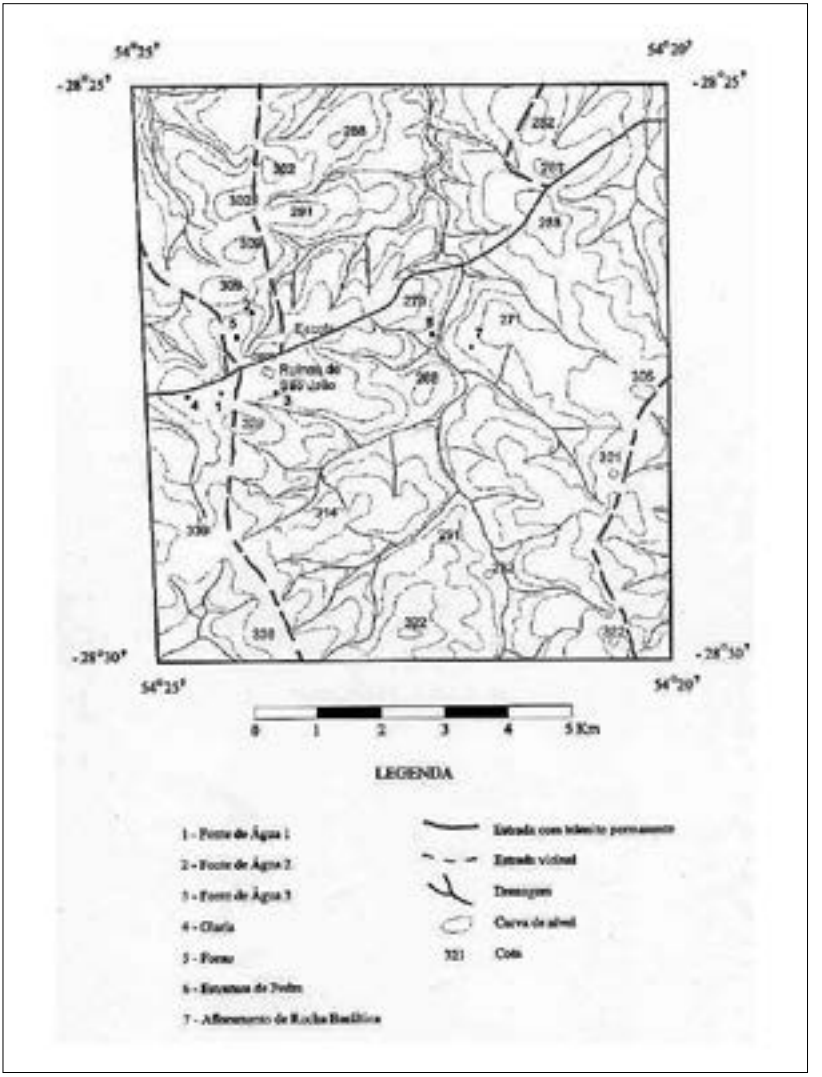


[95] Planta dos remanescentes do núcleo urbano de São João Batista, IPHAN-1974. Identificação das áreas escavadas nas campanhas de Brochado (1967-1990) e Souza (1991). As posições identificadas são aproximadas devido a falta de croquis mais precisos e problemas de escala.

1- Escavações de Brochado (1967-69).
2- Escavações de Kern (1989), quando da construção da Guarita.
3- Escavações na base torre da Igreja, Kern (1990).
4- Esacavações no átrio da Igreja, Kern (1990).
5- Escavações do cabildo, Kern (1990).
6- Escavações do cabildo, Kern (1990).
8- Área de coletas superficiais (1990.
9- Escavações em uma casa dos índios, Souza (1991).
7- Áreas identificadas durante a campanha de Kern (1990).
7a: Poço de água.
7b: Vestígio de antiga habitação.
7c: Vestígio de antigo muro de pedras.
7d: Local provável de antiga ferraria.
7e: Poço da família de antigo morador.
7f: Vestígios de antiga habitação.
7g: Buraco de uma possível fundição.
7h: Vestígios de uma estrutura com 100m de comprimento.



[96] Cartografia digitalizada da área da Redução de São João Batista.
Base: Levantamentos EB – Folha Santo Ângelo.



[97] Identificação de vestígios arqueológicos na periferia do núcleo urbano da Redução de São João Batist



[98] Mapa do território dos Trinta Povos Jesuítico-Guarani e suas estâncias. In: MAEDER, E. & GUTIERREZ, R. Atlas Histórico y Urbano del nordeste argentino. Resistencia, IIGH, 1994.



[99] As Reduções Jesuíticas devem ser pensadas através das distintas estruturas que compunham sua organização espacial em áreas amplas. Os núcleos urbanos, embora se configurassem como um centro a partir do qual a organização espacial era projetada e estruturada, representavam apenas uma fração do espaço ocupado pelas Reduções de Guaranis. A ampliação dos estudos para estas unidades interligadas existentes na periferia imediata aos núcleos ou em áreas mais distantes, poderá esclarecer melhor a dinâmica da organização espacial promovida pelos jesuítas na Antiga Província Jesuítica do Paraguai.



[100] Estância Jesuítica de Alta Gracia, Córdoba – Argentina. Ilustração de Juan Kronfus. In: DELTROZZO, Maria. & NANZER, Tereza. Estancia de Alta Gracia. Arquitetura Colonial Argentina: documentos para una história de la arquitetura argentina. Buenos Aires, Ed. Summa, 1980.



[101] Estância Jesuítica de Santa Catalina, Córdoba – Argentina. Ilustração de Juan Kronfus. In: DELTROZZO, Maria. & NANZER, Tereza. Estancia de Alta Gracia. Arquitetura Colonial Argentina: documentos para una história de la arquitetura argentina. Buenos Aires, Ed. Summa, 1980.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AMBROSETTI, Juan B. *Dos estudios sobre Misiones,* Documentos de Geohistoria Regional. Resistencia, Inst. de Invest. Geohistoricas, Nº 2, 1983.

AVÉ-LALLEMANT, Robert. *Viagem pela Província do Rio Grande do Sul (1858),* Belo Horizonte, Ed. Itatiaia Ltda, 1983. AZARA, Félix de. Descripción General del Paraguay. Madrid, Alianza Editorial, 1990.

BACHI, Luiz Carlos. FALCADE, Ivanira. *O Espaço do índio na província jesuítica do Paraguai antes das reduções*. In: Anais do VIII SNEM, Fac. Dom Bosco, 1990

BARCELÓ, Miguel. *Arqueologia Medieval: En las afueras del "medievalismo"*. Barcelona, Ed. Crítica, 1988

BARCELOS, Artur H. F. *Espaço e Arqueologia nas Missões Jesuíticas: o caso de São João Batista.* CPGH – PUCRS, Dissertação de Mestrado, 2 Vol., 1997.

BARRIOS, Adriana. *Relatório do trabalho de campo*, Arquivo do Projeto Arqueologia Histórica Missioneira - 1984-1993, Volume IX -CEPA-PUCRS, 1990.

BELLOTTO, Heloísa L. *O espaço missioneiro e a geopolítica pombalina.*In: Anais do V SNEM, Santa Rosa, Fac. Dom Bosco, 1983

BERNARDI, M. *O governo temporal das Missões e o Padre Antônio Sepp.* Pesquisas, vol.2, IAP, Porto Alegre, 1958.

BINFORD, L. R. *For Theory Buildingin Archaeology.* New York, 1977.

BRABO, Francisco J. *Inventarios de los Bienes Hallados a la Expulsion de los Jesuitas*. Madrid, Imp. Rivadeneyra, 1873.

BROCHADO, José J. P. *A cerâmica das Missões Orientais do Uruguai*. Pesquisas, nº 20, São Lepoldo, IAP, 1969a.

_____. *Pesquisas arqueológicas nos vales do Ijuí e Jacuí In: Simões, M. (Ed) Programa Nacional de Pesquisas Arqueológicas 3, resultados preliminares do terceiro ano. 1967-1968.* Museu Emílio Goeldi, publicações avulsas nº 3, 1969b.

_____. *Alimentação na Floresta Tropical,* Revista do IFCHU-FRGS, nº02, 1977.

BROWN, Anthony. *Fieldwork for Archaeologists and Local Historians.* London, B. T. Batsford, 1987.

BRUXEL, Arnaldo. *O sistema de propriedade das reduções guaraníticas.* Pesquisas, Nº 03, São Lepoldo, Inst. Anchietano, 1959.

BUTZER, Karl W. *Arqueologia: una ecologia del hombre*. Barcelona, Ed. Bellaterra, 1982.

CARDIEL, José. *Compendio de la Historia del paraguay (1780).* Buenos Aires, Fundacion para la Educacion, la Ciencia y la Cultura (FECIC), 1984

_____. *Breve Relación de las Misiones del Paraguay*, Buenos Aires, Ed. Theoria, 1994.

CARDIM, Fernão. *Tratados da Terra e Gente do Brasil*. São Paulo, Cia. Ed. Nacional, Col. Brasilina, vol.168, 1939.

CARLE, Cláudio B. *O Material Metálico de São Lourenço Mártir e São João Batista, RS - Possibilidades de conformação e uso*. Anais do IX SNEM, Santa Rosa, Fac. Dom Bosco, 1991.

_____. *A Metalurgia nas Missões: uma introdução.* Porto Alegre,

CPGH-PUCRS, Dissertação de Mestrado, 1993.

CARRIERI, R. *et al. Action des pouvoirs pour la conservation des centres et lieux historiques. In Archeologie du Paysage* - Actes du colloque, Paris, 1978.

CLARKE, David. *Spatial Archaeology*. London, Academic Press, 1977.

COIMBRA, Isabela. *História e Arquitetura nas Reduções Jesuítico-Guaranis: Um estudo de caso no núcleo urbano da Redução de São Miguel Arcanjo.* CPG - História, PUCRS, Dissertação de Mestrado, 1992

CORTESÃO, Jaime. *Do Tratado de Madri a Conquista dos Sete Povos.* RJ, Biblioteca Nacional, 1969.

COUTO E SILVA, Golbery do. *Geopolítica do Brasil*. Rio de Janeiro, José Olimpio, 1967.

DE CURTIS, J.N.B. *O espaço urbano e a arquitetura produzidos pelos*

Sete Povos das Missões. In: WEIMER, G. A Arquitetura no Rio Grande do Sul. Porto Alegre, Mercado Aberto, 1983.

DE MASY, Rafael Carbonell. *Las reducciones guaraníes: una experiência ecológica acumulada.* In: Anais do VII SNEM, Santa Rosa, Fac. Dom Bosco, 1983.

_____. *Las reducciones como estratégia del desarrollo rural.* Folia Historica del Nordeste, nº 06, 1984.

_____. *La génesis de las vaquerías de los pueblos tapes y guaraníes de la banda oriental del Uruguay a la luz de documentación inedita, apenas conocida.* Santa Rosa, Fac. Dom Bosco, 1989a.

_____. *Tecnica y Tecnologia Apropriadas en las Misiones Guaranies.* In: Estudos Ibero-Americanos-Revista do Departamento de História. Porto Alegre, Pós-Graduação em História. Vol. XV, no. 1, PUCRS, 1989b.

DOMINGUES, Moacir. *A Conquista das Missões: um enigma histórico*.In: Anais do I Simpósio Nacional de Estudos Misioneiros, Santa Rosa, Fac. Dom Bosco, 1975.

ESCOBAR, Aline. *et. al. Relatório do trabalho de campo*. Arquivo do

Projeto Arqueologia Histórica Missioneira - 1984-1993, Volume IX, CEPA-PUCRS, 1990.

FALCADE, Ivanira & BACHI, Luiz Carlos. *A cartografia da ocupação européia no espaço platino - séculos XVI a XVIII.* Anais do X SNEM, Santa Rosa, Fac. Dom Bosco, 1994.

FLORES, Moacyr. *A Expulsão dos Jesuítas*, Anais do I Simpósio Nacional de Estudos Misioneiros, Santa Rosa, Fac. Dom Bosco, p. 51-60, 1975.

_____. *As Vacarias e as Estâncias Missioneiras. Anais do II Simpósio Nacional de Estudos Missioneiros*, Santa Rosa, Fac. Dom Bosco, p. 107-112, 1979.

_____. *A Colônia do santíssimo Sacramento e suas relações com as Missões.* Anais do IV SNEM, Santa Rosa, Fac. Dom Bosco, p. 102-110, 1981.

FUNARI, P. P. A. *Arqueologia*. São Paulo, Ed. Ática, 1988.

FURLONG, Guillermo S.J. *Cardiel y su Carta-Relación (1747)*. Buenos Aires, Lib. La Plata, 1953.

_____. *Misiones y sus Pueblos Guaranies*. Buenos Aires, Imprenta Balmes, 1962.

_____. Guillermo, *Los jesuitas y la cultura Rio Platense*. Ediciones Universidad del Salvador, 1984.

GADELHA, Regina, M. D. F. *Ata da 4ª sessão plenária*. Anais do III SNEM, Santa Rosa, Fac. Dom Bosco, 1979.

GAY, João P. *História da República Jesuítica do Paraguai*, Rio de Janeiro, Tipografia Domingos L. dos Santos, 1863.

GALLICCHIO, Gisele S. *Missões Jesuítico-Guaranis: um levantamento arqueológico temático das informações históricas.* Projeto AHM, CEPA-PUCRS, 1994.

GUERRA, A. T. *Dicionário Geológico - Geomorfológico*. 4ed. Rio De Janeiro, Inst. Brasileiro de Geografia, 1972.

GUIDOTTI, Fernanda G. *A implantação de bancos de dados informatizados na pesquisa histórica das Missões*. Anais do X SNEM, Santa Rosa, Fac. Dom Bosco. ps.507-514, 1994.

GUILLE, E. *et al. L'integration des archives de l'espace dans les etudes d'environnement. In Archeologie du Paysage* - Actes du colloque. Paris, 1980.

GUTIERREZ, Ramón. *Estructura socio - política, sistema productivo y resultante espacial en las misiones jesuíticas del Paraguay durante el siglo XVIII*. Asunción, Estudios Paraguayos, vol. II, nº 2, 1974.

_____. *Evolución urnbanística y arquitetonica del Paraguay.* Resistencia, Univ. Nacional del Nordeste, 1978.

_____. *Apuntes sobre la Doctrina de Juli y su influencia en la genisis de las Misiones de Guaranies.* In: Anales del Primer Simposio sobre las tres primeras decadas de las Misiones Jesuiticas de Guaranies, Buenos Aires, Ed. Montoya, p. 53-64, 1986.

_____. *Las Missiones jesuíticas. In Arquitetura Colonial Argentina: documentos para una historia de la arquitetura argentina*, Ed. Summa, Buenos Aires, 1987.

HARDOY, Jorge E. *Ciudades Precolombinas.* Buenos Aires, Ediciones Infinito, 1964.

HAUBERT,Maxime. *La Vida Cotidiana de los Indios y Jesuítas en las Misiones del Paraguay*. Madrid, Ediciones Temas de Hoy, 1991.

HERNANDEZ, P. *Organización Social de las Doctrinas Guaranies de la Compañia de Jesús*. Barcelona, 2 vols, 1913.

HIGGS, E. & JARMAN, M. *Paleoeconomy,* Cambridge Univ.,1975.

HODDER, Ian. *Reading the past. Current approaches to interpretation in archaeology.* Cambridge University Press, 1986.

HUONDER, Anton. S.J. *Die Ordenzprovinz Paraguay*. In: Die Missionsgeschichte der Jesuiten in der Provinz Paracuaria. München, 1979.

JAEGER, Luis G. *A cata dos tesouros jesuíticos*. Revista Pesquisas, Nº 3, Inst. Porto Alegre Anchietano de Pesquisa, 1959a

_____. *Pesquisas Históricas em Lavras do Sul*. Revista Pesquisas, Nº2, Porto Alegre, Inst. Anchietano de Pesquisa, 1959b.

JARQUE, D. Francisco. *Insignes misioneros de la Compañia de Jesus en la Provincia del Paraguay: estado presente de sus Misiones en Tucuman, Paraguay y Rio de la Plata, que compreende su distrito.* Pamplona, 1687.

KERN, Arno A. *Missões: Uma Utopia Política*. Porto Alegre, Mercado Aberto, 1982.

_____. *Arqueologia Histórica Missioniera.* Anais do VII SNEM, Santa Rosa, Fac. Dom Bosco, p.184-194, 1988.

_____. *et al. Notícias prévias sobre a intervenção arqueológica de salvamento na Missão de São João Batista-RS.* Anais do VIII SNEM, Fac. Dom Bosco, Santa Rosa, p. 280-286, 1989.

_____. E*scavações Arqueológicas na Missão Jesuítico-Guarani de São Lourenço (RS-Brasil)*. Revista Estudos Ibero-Americanos, Porto Alegre, EDIPUCRS, Vol. XV, Nº 1, p. 111-133, 1989b.

_____. *A Arqueologia Histórica, a História e os Trinta Povos das Missões.* Revista Estudos Ibero-Americanos, vol.XV, nº02, Porto Alegre, EDIPUCRS, 1989c.

_____.(org.) *Missões Jesuíticos-Guaranis: Fontes Bibliográficas.* Sphan, 1990.

_____. *Arqueologia Histórica nas Missões Guaranis*. Anais do IX SNEM, Santa Rosa, p.95-102, 1991.

_____. *Aspectos teóricos e metodológicos da Arqueologia Histórica do Rio da Prata.* Artigo apresentado no 8º congresso Nacional de Arqueologia Uruguaia, Maldonado, Policopiado, 1994.

_____. *A Carta Internacional da Arqueologia e os critérios básicos para a intervenção em sítios históricos.* Artigo apresentado no IV 383

Congresso Latino-Americano sobre a Cultura Arquitetônica e Urbanística - Curitiba, Policopiado, 1994b.

_____. *A arqueologia e o Sítio-Escola do Pós-Graduação em História da PUCRS*. Revista Sociedade Brasileira de Pesquisa Histórica, vol. 9, ,p.77-81, 1994c.

_____. *Antecedentes Indígenas*. Porto Alegre, EDUFRGS, Col. Síntese Universitária, 1994d.

_____. *Método e Teoria no projeto Arqueologia Histórica Missioneira.* Coleção Arqueologia, Porto Alegre, EDIPUCRS, nº1, p. 181-202, 1995.

_____. *Pesquisas Arqueológicas e históricas nas Missões Jesuítico-Guaranis (1985-1995)*. Arqueologia Histórica na América Latina, University of South Carolina, Columbia, EUA, 1996.

_____. *Análise do Plano Urbanos das Missões Jesuítico-Guaranis: um estudo comparativo com os mosteiros medievais.* Anais das VI Jornadas Internacionais sobre as Missões. Cascavel, Edunioeste, p.127-150, 1998.

KLAFKE, Mauro Luiz. *O Espaço Missioneiro: uma tentativa de estudo*. In: Anais do VI SNEM, Santa Rosa, Fac. Dom Bosco, 1985.

LA SALVIA, Fernando. *A Arqueologia nas Missões e uma Perspectiva Futura*. In Anais do V Simpósio Nacional de Estudos Missioneiros, Santa Rosa, Fac. Dom Bosco, 1983.

_____. *Remanescentes das atividades agro-pastoris dentro do espaço missioneiro*. Anais do VII SNEM, Santa Rosa, Fac. Dom Bosco, 1988.

_____. *O sítio urbano da Missão de São Nicolau.* In: WEIMWER, G. Urbanismo no Rio Grande do Sul. Porto Alegre, EDUFRGS, 1992.

LEVINTON, Norberto. *La arquitetura del Pueblo de San Juan Bautista: tipologia y regionalismo*. Buenos Aires, Faro Editorial, 1998.

LLURÓ, Josep M. Nuevas Tendencias en Arqueología y la historia del Feudalismo. In BARCELÓ, Miguel. 1988 *Arqueología medieval. En las afueras del "mediavalismo"*. Barcelona, Ed. Crítica, 1988.

MAEDER, Ernesto, J. A. *La Población de las Misiones despues de la expulsion de los Jesuítas*, Anais do IV SNEM, Santa Rosa, Fac. Dom Bosco, p. 127-155, 1981.

_____. *Misiones del Paraguay: conflicto y disolución de la sociedad guaraní.* Madrid, Ed. MAPFRE, 1992.

_____. *Analogias y diferencias entre las reducciones guaranies de franciscanos y jesuitas. Un ensayo de evaluacion demografica de sus resultados.* In V Jornadas Internacionales - Misiones Jesuíticas - Anais, Montevideo, p. 91-109, 1994.

MAEDER, E., & GUTIERREZ, R. *Atlas histórico y urbano del nordeste argentino*. Resistência, IIGH, 1994.

MAEDER E., & GUTIERREZ, R. *Atlas Hitorico del Nordeste Argentino*. Resistência, IIGH, 1996.

MAEDER, E. & J.A. BOLSI, S.C. *La población guaraní de las misiones jesuiticas. Evolución y caracteristicas (1671-1767).* Cuadernos de Geohistoria Regional, nº. 4, 1980.

MARTINEZ, F. & ZAPATERO, R. *El análisis de territorios arqueológicos: una introducción crítica. In Arqueologia Espacial* - Coloquio sobre distribuición y relaciones entre los asentamientos. Teruel, 1984.

MEDRANO, Ricardo H. *O Projeto Jesuítico e a Organização do Espaço nas Missões do Paraguai*. USP, Faculdade de Arquitetura, (Trabalho de Conclusão.), 1992.

MELIÁ, Bartomeu. *Las reducciones jesuiticas del Paraguay: un espacio para una utopia colonial*. Estudios Paraguayos, nº06 (1), 1978.

_____. *La demografia del Tape: una evaluación*, In: Anais do IV SNEM, Santa Rosa, Fac. Dom Bosco, 1981.

_____. *El Guaraní Conquistado y Reducido: ensayos de etnohistória*. Biblioteca Paraguaya de Antropologia. Vol. 5. Asunción, CEPAG, Univ. Católica, 2º ed.,1988.

MELIÁ, Bartomeu & NAGEL, Liane. *Guaraníes y jesuitas en el tiempo de las misiones: una bibliografía didáctica*. Santo Ângelo, URI, Asunción, CEPAG, 1995.

MENTZ RIBEIRO, P. A. *O Tupiguarani e o Tupi-guarani no sul do Brasil e a Redução Jesuítica de Jesus Maria*. Anais do III SNEM, Santa Rosa, Fac. Dom Bosco, p. 75-106, 1979.

_____. *O tupiguarani no Vale do Rio Pardo e a influência missioneira*. Anais do V SNEM, Santa Rosa, Fac. Dom Bosco, p. 188-207, 1983.

_____. *et al. Escavações Arqueológicas na Missão de São Lourenço Martir, São Luís Gonzaga, RS, Brasil.* Revista Estudos Ibero-Americanos, Vol. XV, nº1, p. 135-154, 1989.

MIORIN, Vera M. F. *Determinação do sítio urbano nas Reduções.* Anais do I SNEM, Santa Rosa, Fac. Dom Bosco, p.157-166, 1975.

MONTOYA, Antonio Ruiz. *Conquista Espiritual.* Porto Alegre, Martins Livreiro Editor, 1985.

MURIEL, Domingo. *Historia del Paraguay desde 1747 hasta 1767*. Madrid, 1918.

NEUMANN, Eduardo. *O trabalho guarani missioneiro no rio da Prata colonial 1640-1750*. Porto Alegre, Martins Livreiro, 1996.

_____, *et al, Sítios arqueológicos missioneiros: contribuições para um intercâmbio.* Arquivos do Projeto AHM, CEPA-PUCRS, inédito, 1990.

NOELLI, Francisco S. *Sem tekohá não há tekó. Em busca de um modelo etnoarqueológico da aldeia e da subsistência Guarani e a sua aplicação à uma área de domínio no Delta do Jacuí-RS*. Porto Alegre, PUCRS. Dissertação de Mestrado, 1993.

OLIVEIRA, Beatriz, S. de. *Espaço e estratégia: considerações sobre a arquitetura dos jesuítas no Brasil*. Uberlândia, Ed. José Olympio, 1988.

OLIVEIRA, Lizete D. de. I*conografia Missioneira: um estudo das imagens das Reduções Jesuítico-Guarani*. Porto Alegre, CPGHPUCRS, dissertação de Mestrado, 1993.

OLLERO, Héctor Sainz. *et al. José Sánchez Labrador y los naturalistas jesuitas del Río de la Plata*. Madrid, MOPU, 1989.

ORSER Jr., Charles E. *Introdução à Arqueologia Histórica*. Belo Horizonte, Oficina de Livros, 1992.

PALACIOS, Silvio. *Gloria y Tragedia de las Misiones Guaranies.* Bilbao, Ed. Mensajero, 1991.

PERAMÁS, José. *La República de Platón y los Guaranies.* Buenos Aires, 1947.

PLATINI, Santos A. & POENITZ, Alfredo J.E. *El Puesto y la Capilla de San Alonso, de la Reducción de Apostoles.*In: Anais das V Jornadas

Internacionales de Misiones Jesuiticas, Montevideo, p. 395-404, 1994.

PORTO, Aurélio. *História das Missões Orientais do Uruguai*. Porto Alegre, Ed. da Livraria Selbach, 2 vols.,1954.

POUJADE, Ruth. *Arqueología Historica en la Reducción de Santa Ana*. Arqueologia Historica de América Latina. University of South Carolina, Columbia, USA, 1995.

RABUSKE, Arthur. *A Doutrina de Juli, do Peru, Como Modelo Inicial das Reduções do Antigo Paraguai,* Anais do I Simpósio Nacional de Estudos Misioneiros, Santa Rosa, Fac. Dom Bosco, p. 10-32, 1975.

_____. *O Modelo das Reduções Guaranis: Brasileiro ou Peruano?* In: Anais do II Simpósio Nacional de Estudos Misioneiros, Santa Rosa, Fac. Dom Bosco, p. 87-98, 1977.

_____. *A Carta-Magna das Reduções do Paraguai*. Anais do II SNEM, Santa Rosa, Fac. Dom Bosco, 1977b.

_____. *O modelo educacional das reduções jesuíticas guaranis*. In: Anais do IV SNEM, Santa Rosa, Fac. Dom Bosco, p. 58-79, 1981.
RAHTZ, Philip. *Convite à Arqueologia*. Rio de Janeiro, Imago, 1989.

RISSOTTO, Luis Rodolfo G. *Importancia de las Misiones Jesuiticas en la Formación de la Sociedad Uruguaya*.In: Estudos Ibero-Americanos-Revista do Departamento de História. Pós-Graduação e História. Porto Alegre, Vol. XV, no. 1, PUCRS, Junho, 1989.

RISSOTTO, Luis Rodolfo. & GONZALES, Susana de. *Los últimos pueblos de guaraníes en la Banda Oriental del Uruguay entre los años 1820 y 1862*. In: ANAIS do VIII SNEM, Santa Rosa, Fac. Dom Bosco, p. 202-237, 1990.

RISSOTTO, Rodolfo G. & GONZALES, Susana de. *La Campaña de las Missiones de 1828 y la desinegración de los Siete Pueblos de las Missiones Orientales.* In: ANAIS do X SNEM, Santa Rosa, Fac. Dom Bosco, p. 208-230, 1994.

RHODEN, Luiz F. *Consolidação das Ruínas de São Miguel: uma análise preliminar*. Anais do VII SNEM, Santa Rosa, Fac. Dom Bosco, 1987.

RUTLAND, Jonathan. *Abadias.* Lisboa, CELBRASIL, 1979.

SAINT-HILAIRE, Auguste de. *Viagem ao Rio Grande do Sul*. Belo Horizonte, Editora Itatiaia, 1974.

SALA, Dalton. *Os caminhos das Missões do Prata*. Anais do X SNEM, Santa Rosa, Fac. Dom Bosco, 1994.

SANTOS, Milton. *Espaço e Método*. São Paulo, Nobel, 1992.

SANTOS, Pedro M. dos. *São João Batista 1697-1986*. Santo Ângelo, Pref. Mun.,1986.

SCARAMELLA, Giovani. *et al. Reconstituição arquitetônica hipotética e parcial da igreja jesuítica de São Luíz Gonzaga - RGS - Brasil.* Arqueologia Histórica na América Latina, nº 13, University of South Carolina, Columbia, USA. p.99-114, 1996.

SCHAAN, Denise P. *A Linguagem Iconográfica da Cerâmica Marajora: um estudo da arte pré-histórica na ilha de Marajó-Brasil.* (400-1300 AD), Coleção Arqueologia, nº 3, Porto Alegre,EDIPUCRS, 1997.

SCHMITZ, Pedro I. *O Guarani no Rio Grande do Sul: A Colonização do Mato e as Frentes de Expansão*. Anais do III Simpósio Nacional de Estudos Missioneiros, Santa Rosa. Fac. Dom Bosco. p.55-74, 1979.

SEMPÉ, Moarci, M. *O Padre Francisco Garcia e a Fundação de São Francisco de Borja*. In: Anais do III SNEM, Santa Rosa, Fac. Dom Bosco. p. 161-185, 1979.

_____. *São Francisco de Borja - O primeiro dos sete povos*. In: Anais do IV SNEM, Santa Rosa, Fac. Dom Bosco, p. 91-99, 1981.

_____. *O oitavo povo das Missões Orientais do Uruguai*.In: Anais do IV SNEM, Santa Rosa, Fac. Dom Bosco, p. 190-196, 1983.

SEPP, Antônio. *Algumas Instruções Relativas ao Governo Temporal das Reduções em sua Fábricas, Sementeiras, Estâncias e outras fainas.* Pesquisas, São Leopoldo, Inst. Anchietano, nº 2, p. 47-53, 1958.

_____. *Continuación de Los Labores Apostolicos*. Buenos Aires, Editorial Universitária, 1973.

_____. *Viagem às Missões Jesuíticas e Os Trabalhos Apostólicos.* Belo Horizonte, Ed. Itatiaia Limitada Brasil, 1980.

SILVEIRA, Hemetério, J. V. da. *As Missões Orientais e Seus Antigos Domínios*. Porto Alegre, Cia. União de Seg. Gerais, 1979.

SNIHUR, Esteban A. *Relevamiento de los establecimientos de campo aledaños a la reducción de Apóstoles*. Anais do VII SNEM, Santa Rosa, Fac. Dom Bosco, 1988.

SOARES, André L. R. *et.al. Relatório do trabalho de campo*, Arquivo do Projeto Arqueologia Histórica Missioneira - 1984-1993, Volume IX - CEPA-PUCRS, 1990.

SOARES, André L. R. *Guarani: organização social e arqueologia.* Porto alegre, EDIPUCRS, Col. Arqueologia, nº4, 1977.

SOUZA, José O. C. de. *Relatório de Pesquisa - 1991*. Arquivos do IPHAN-12ª Coordenadoria Regional, Porto alegre, 1991a

_____. *Cultura material, assentamento e ambiente natural no sítio missioneiro de São João Batista* - Rs. Relatório de pesquisa, Arquivo do IPHAN, Porto Alegre, 1991b.

SUSTERSIC, Bozidar, et al. *El pleito entre Jesús y Trinida por la Calera de Itaendy.* In: Anais das V Jornadas Internacionales de Misiones Jesuiticas, Montevideo, 1994.

TABACZYNSKI, S. *Tradizione positivista e nuova archeologia*. In: Archeologia Medievale, XI, p.7-33, 1984.

TELLES, Leandro S. *Manual do Patrimônio Histórico*, Rio Pardo, Pref. Mun., 1977.

TOCCHETTO, Fernanda B. *A cerâmica do guarani missioneiro como símbolo de identidade étnica*. Arqueologia Histórica na América Latina, University of South Carolina, Columbia, EUA, 1996.

VIEIRA, Euripedes F. *Rio Grande do Sul: Geografia Física e Vegetação*. Porto Alegre, Ed. Sagra, 1984.

WEIMER, Günter. (org.) et al. *A Arquitetura no Rio Grande do Sul*. Porto Alegre, Mercado Aberto, 1983.

WEIMER, Günter. *A Arquitetura*. Síntese Rio-grandense, Porto Alegre, Ed.UFRGS, 1992.

WEIMWER, Günter. *Urbanismo no Rio Grande do Sul*. Porto Alegre, EDUFRGS, 1992b.

ZARTH, Paulo A. *A região missioneira após as Missões*. In: ANAIS do X SNEM, Santa Rosa, Fac. Dom Bosco, p. 458-471, 1994.

Publicações especiais

FORUM et PLAZA MAYOR: *dans le monde hispanique*. Publicaciones de la Casa de Velazquez, série Recherches en sciences sociales, fasc. IV, colloque, 1976.

TENTACIÓN DE LA UTOPIA: *La república de los jesuítas en el Paraguay*. Biblioteca del Nuevo Mundo. Barcelona, Tusquets Editores y Circulo Leitores, 1991.

Documentos:

PROJETO INTEGRADO DE VALORIZAÇÃO DOS SÍTIOS ARQUEOLÓGICOS MISSIONEIROS DO BRASIL. Ministério da Cultura, 12ª Coordenadoria regional - IPHAN, 1994.

RELACIÓN DE LO ADELANTADO A BENEFICIO DE ESTA COMUNIDAD EN ESTE AÑO. SAN JUAN,31 DE DEZEMBRO DE 1791 E 2 DE FEVEREIRO DE 1792. Administrador Nicolas de Atienza. AGN, sala IX, 17-3-6.

CARTA DO PADRE BERNARDO NUSDORFFER À REDUÇÃO DE SAN JUAN BAUTISTA. 1/01/1754 - AGN, sala IX 6-10-1.

INVENTARIO ORIGINAL DE LA ENTREGA QUE SE HA HECHE DE LA IGLESIA DE ESTE PUEBLO AL REV. P. JUAN IGNACIO PEREL COMO CURA DE ELLA. PUEBLO DE SAN JUAN BUATISTA AÑO DE 1792 E 1794. AGN, sala IX, 18-1-5

INVENTÁRIO DE SAN JUAN BAUTISTA 1784
AGN Sala IX, 22-8-2

COMPUESTA DE LOS AUTOS ORIGINALES DEL INVENTARIO DEL PUEBLO DE SAN JUAN BAUTISTA. 4/08/1798. ANC. Fondo Jesuítas. Vol. 40

Os povoados que foram construídos pelos índios Guaranis junto aos missionários da Companhia de Jesus na região platina entre entre os séculos XVII e XVIII significaram uma experiência ímpar na colonização europeia da América arqueológicos do Sul, Estes antigos povoados, denominados Reduções, ocuparam uma extensa área em regiões que hoje compreendem os territórios do Sul. Estes antigos povoados, denominados Reduções, ocuparam uma extensa área em regiões que hoje compreendem os territórios do sul do Brasil, do nordeste argentino e leste do Paraguai, bem como parte do território uruguaio. Os sítios arqueológicos de remanescentes destas Reduções jesuíticas vem sendo objeto de estudos dos arqueólogos a várias décadas. O duplo aspecto, urbano e rural, da ocupação do espaço nestas Reduções tem estimulado estudos referentes a organização espacial. Neste livro, o autor realiza um estudo da ocupação do espaço nas Missões Jesuíticas, tendo como referência o caso da Redução de São João Batista, cujo sítio arqueológico encontra-se na região noroeste do Rio Grande do Sul. Apresenta uma abordagem espacial. que leva em conta as contribuições das informações geográficas, topográficas, cartográficas, bibliográficas, iconográficas, etc. Desta forma, busca uma visão mais abrangente e interdisciplinar do espaço missioneiro.

(texto da primeira aba)



Artur Henrique Franco Barcelos é licenciado e bacharel em História pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul, mestre em Arqueologia e doutor em História pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Pesquisa História da Evangelização Jesuítica na América, Arqueologia Histórica Colonial das Missões Jesuíticas, Patrimônio Histórico e Arqueológico e Cartografia Histórica da América. Suas pesquisas destacam a desterritorialização e a reorganização espacial dos territórios dos Guarani e outros grupos da Região Platina através do uso de cartografia histórica, fontes textuais e dados arqueológicos.

É Professor Associado da Universidade Federal do Rio Grande no curso de bacharelado em Arqueologia e no Programa de Pós-Graduação em Geografia (PPGGEO-FURG). Também é coordenador do Laboratório H.E.C.A.T.E.U. — História e Cartografia Americana: Espaço, Territórios e Urbanismo.



ISBN 978-655464078-1